

Vite de Compostela

a comunidade
(auto-)construída

Joel R. Gómez

Joel R. Gómez exerceu o jornalismo em Santiago de Compostela, na redacção de *La Voz de Galicia*, entre os anos 1981 e 2022.

Em 2009 defendeu na USC a tese de doutoramento *A trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário*, que realizou no Grupo de Estudos nos Sistemas Culturais Galego, Luso, Brasileiro e Africanos de Língua Portuguesa (Galabra), onde o orientou o Professor Doutor Elias J. Torres Feijó, e que esse ano publicou a instituição académica compostelana.

VITE

VITE
DE
COMPOSTELA:
A COMUNIDADE
(AUTO-)CONSTRUÍDA

Joel R. Gómez

Serie Anaina 8, INCIPIT, CSIC,
Companha Editora,
Santiago de Compostela 2023

Vite de Compostela: a comunidade (auto-)construída

1ª Ed. 2023

© 2023 Joel R. Gómez

CC BY-NC-SA 3.0: O contéudo deste libro está liberado baixo a licenza Creative Commons Atribución-NãoComercial-Compartilhaigual 3.0.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/deed.es>

Editoras científicas:

Paula Ballesteros-Arias e Cristina Sánchez-Carretero

Anaina, 8. Serie de monografías didácticas e de divulgación do Instituto de Ciencias do Patrimonio (INCIPIIT), Conselho Superior de Investigacións Científicas (CSIC), Santiago de Compostela, 2023

DOI:

Edita: INCIPIIT, CSIC, Sacauntos.

ISBN: 978-84-126479-5-2

D.L.: C 644-2023

Deseño de colección, maqueta e impresión:

Departamento de Design

Sacauntos Cooperativa Gráfica

www.sacauntos.com



ViteArquiva conta co apoio do Ministerio de Ciencia e Innovación e da Axencia Estatal de Investigación a través do proxecto «HabitPAT. Os coidados do patrimonio» (PID2020- 118696RB-I00), MCIN/AEI/10.13039/501100011033



CSIC



incipit



Para a Redação de *La Voz de Galicia*.

Para todas as pessoas, profissionais, entidades públicas e privadas, e instituições, que apoiam, defendem e promovem o jornalismo de proximidade.

Mas os nomes som mentira.
Som congelaçom de um rio
que está, líquido, a fluir
em incessante aventura.
Segundo a rede que usemos,
será umha ou outra a redada.
O caso é pescar, caçar,
para comer, para amar,
e que Stendhal ou Linneo
nos codifiquem o mundo.
Qualquer rede é bem capaz
de infundir-nos a ilusom
de que isto é aquilo e isso,
catalogaçom doméstica
dumha realidade indómita.
Baixo um teto de papel
sente-se o home mais seguro
que baixo um céu de verdade.

Ricardo Carvalho Calero;
de *Cantigas de Amigo e outros poemas (1980-1985)*,
ed. 1986, p. 162.

ÍNDICE

Vite de Compostela e (é) ViteArquiva.....	11
Antelóquio útil.....	13
Vite: Da lenda negra à lenda rosa.....	15
Siglas utilizadas nesta monografia.....	19
I. Um bairro nas hortas de Guadalupe.....	21
II. Novas respostas sociais.....	29
III. A organização vicinal.....	35
IV. As manifestações da conflitividade.....	41
V. Um Plano para prevenir a delinqüência.....	49
VI. Primeiros passos para a mudança.....	69
VII. Catástrofe social.....	87
VIII. Luz no final do túnel.....	107
IX. Heranças do passado.....	125

X. Vite, olímpico.....	149
XI. Os heróis.....	173
XII. O declive do Burgo.....	179
XIII. A luta polo centro sociocultural.....	187
XIV. Na Rede contra a pobreza.....	205
XV. Iniciativas para o emprego.....	217
XVI. Um novo espaço próprio.....	229
XVII. Tempo para premiar.....	235
XVIII. Repensar e reformular o projeto.....	241
XIX. Democracia participativa para o novo século.....	245
XX. Recolher os frutos.....	251
XXI. Um futuro para ganhar.....	261
Avaliar o feito, continuar para a frente.....	265
Em modo de conclusom.....	291
Imagens.....	295

**VITE DE COMPOSTELA
E (É)
VITEARQUIVA**

O feito de que o libro de Joel R. Gómez vexa a luz na colección de divulgación do INCIPIT, CSIC é unha alegría e un momento de celebración. É un libro que esperou vinte anos para ser publicado, pero que non por iso deixou de ser consultado e utilizado en diferentes investigacións. Cando en ViteArquiva se piden referencias sobre Vite, o primeiro consello que se dá é «non deixes de ler o texto de Joel». É un libro de Vite, feito desde Vite, a través dun xornalismo de proximidade que é tamén un relato vivencial. Ademais, é un libro que literalmente cobrou forma de libro no barrio. Sacauntos é unha cooperativa gráfica do barrio de Vite que ten deseñado, maquetado, impreso e feito todas as tarefas técnicas para que esta obra vexa a luz. É un libro «made in Vite» na súa totalidade, por iso é unha celebración e un orgullo que sexa coeditado entre o INCIPIT e Sacauntos.

Tratar de simplificar o proceso polo que este libro se vincula a ViteArquiva e ao INCIPIT non é fácil. Como todo bo relato, ViteArquiva poderíase dicir que empezou «fai moito, moito tempo». Porque ViteArquiva non é simplemente un proxecto que axudou a armar o INCIPIT a través de dous proxectos anteriores (GEOARPAR e HabitPAT); é moito máis. Nin ViteArquiva son unicamente os materiais da Coordinadora de Barrio; é moito

máis. Nin ViteArquiva son os armarios e o local no que está do Centro Sociocultural de Vite; é moito máis. ViteArquiva son as persoas que fixeron e fan barrio; as que foron conscientes das pegadas que deixan os cambios e as que son conscientes do que queren que esas pegadas fagan na actualidade.

ViteArquiva é un proxecto colectivo que nace da vontade de coñecer e de contar a historia dun barrio desde o propio barrio. Partimos dun proceso colaborativo dos diferentes axentes veciñais, que –xunto co INCIPIT– levan a cabo unha inmersión na súa historia a través da posta en común das trazas do seu patrimonio, organizándoo de maneira autoxestionada na infraestrutura ViteArquiva. Pretende ser un espazo onde a memoria da veciñanza poida quedar depositada e salvagardada creando así unha infraestrutura social de coñecementos compartidos e perdurábel no tempo. Agradecemos a colaboración e o apoio do Concello de Santiago a ViteArquiva e tamén á publicación do libro.

Esperamos que *Vite de Compostela: a comunidade (auto-)construída* sexa unha ferramenta para seguir facendo barrio, tecendo memorias e poñendo –como non pode ser doutro xeito– á veciñanza no centro.

Mediados de marzo de 2023

Paula Ballesteros-Arias e Cristina Sánchez-Carretero
INCIPIT, CSIC

ANTELÓQUIO ÚTIL

Este trabalho recolhe acontecimentos e opiniões a respeito dos inícios de Vite, nos primeiros anos da ocupação das vivendas que integram este espaço de Santiago de Compostela desde 1978, e de como foi construída a sua comunidade. O relato finaliza em dezembro de 2002. É o resultado de uma proposta da Coordenadora de Vite, para dar a conhecer as mudanças experimentadas. Refere-se como, após um início muito conflitivo e de descontentamento, a reivindicação e a implicação da vizinhança em iniciativas educativas, de saúde, judiciais, socioculturais, desportivas..., além de obras públicas e melhoras habitacionais e de infraestruturas desde diversas Administrações, exercêrom como impulsos positivos e afortunados, que favorecêrom uma transformação das condições de vida e da convivência. É um modelo a ter em conta, que atingiu projeção mesmo internacional. Trata-se também de um reconhecimento para o jornalismo de proximidade e de como testemunhou a atualidade e as mudanças, e o seu apoio para conseguir uma maior prosperidade.

A monografia que difunde agora a coleção Anaina, do INCIPIT, CSIC, em coedição com Companhia Editora, redigiu-se após consultar documentos e publicações, oficiais e de investigação; jornais e outros meios de comunicação, e do diálogo com pessoas envolvidas no dia-a-dia do bairro. Trata-se de um texto em construção; uma

versão que se pensava completar com as achegas da leitura de um grupo de pessoas, que ajudariam para preparar as últimas entrevistas, ainda pendentes.

Uma editora da cidade oferecia a possibilidade de publicar um livro, projeto que finalmente não prosperou. O Instituto de Ciencias do Patrimonio (INCIPIT) do Conselho Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), que promove nos últimos anos um Arquivo da Memória de Vite, considerou valioso dar a conhecer agora aquela versão. O escrito inicial foi apenas modificado para incorporar alguns de aqueles contributos após a leitura do rascunho inicial, e emendar erros e gralhas. Tendo-se utilizado para a sua elaboração a normativa da Autoridade Ortográfica da Associação Galega da Língua (Agal, na altura com sede em Vite), esta foi também atualizada, e nesse empenho devo reconhecer as contribuições dos professores Bernardo Penabade Rei (nos inícios deste século presidente da Agal) e Carlos Garrido Rodríguez (que integrava a Comissom Lingüística da Agal e agora preside a da Associação de Estudos Galegos).

Todas as ausências e problemas são da minha inteira responsabilidade, e rogo me desculpem quem, na leitura, não vejam cumpridas as suas expetativas. Agradeço as colaborações, atenções e o tempo de todas as pessoas que me ajudárom; e ao INCIPIT, muito em especial a Paula Ballesteros-Arias, Cristina Sánchez-Carretero e Felipe Criado-Boado, a oportunidade para que agora se divulgue.

Santiago de Compostela, outubro de 2022

**VITE:
DA LENDA NEGRA À LENDA ROSA**

Quem visita nos inícios do século XXI o bairro compostelano de Vite encontra-se com umha zona tranqüila, em que impactam positivamente as muitas áreas verdes e parques, bem cuidados e com tanto gosto que convidam para o passeio, e a boa presença dos edifícios. Se indagar um pouco, verificará que ali tenhem a sua sede o Auditório de Galiza; faculdades universitárias com numerosos serviços para o seu alunado; a Escola Oficial de Idiomas, um centro de ensino secundário, outro de infantil-primário e um infantário; um bom estabelecimento de saúde; um edifício sociocultural com biblioteca e outras prestaçons, dedicado ao escritor José Saramago; um polidesportivo coberto; umha igreja de credo católico; e umha Coordenadora de entidades de base, promovida pola associaçom de vizinhos, com dous locais, nos quais se organizam atividades tam díspares como iníciaçom laboral da mocidade, aulas para pessoas adultas, informaçom juvenil, e outros serviços orientados para o bem-estar da vizinhança, que participa ativamente.

Assim o soubêrom perceber o próprio José Saramago, ou Felipe González quando souberom de Vite, segundo manifestava em datas recentes o presidente da Câmara Municipal de Compostela, Xosé Sánchez Bugallo. O Prémio Nobel de Literatura português queria que o seu nome ficasse associado a um bairro humilde, de operários; e o

ex-presidente do Governo de Espanha, ao visitar o Auditório de Galiza, perguntou se se encontrava na «zona residencial» da cidade. Perante estes dous ilustres interlocutores, Sánchez Bugallo esclareceu as vicissitudes experimentadas por Vite e as suas muitas transformações.

Para quem chega novo, é difícil entender como nom há muito tempo nos meios de comunicação se identificava Vite como zona da maior marginalidade. Comparou-se com o bairro madrilenho de Vallecas ou o norteamericano de Bronx, nas suas conotações mais negativas. Houvo até casos de taxistas que se negárom a ir às suas ruas polo perigo que percebiam. Hoje nom acontece: antes polo contrário, há orgulho de ser de Vite, e parecem muito longe os graves problemas sociais que, desde finais da década de setenta do século XX, convertêrom este lugar numha espécie de reserva de excluídos, com muito escassa qualidade de vida.

Vite: Da lenda negra à lenda rosa. Quer dizer: o percurso desde aqueles tempos cinzentos até a realidade presente é o que pretende explicar esta monografia. Trata-se de um intenso processo em que se envolvêrom numerosas instituições, que agírom quase sempre como resposta à pressom social e à continuada mobilização. Vite deixou de ser um «polígono» de vivendas e consolidou-se como um espaço com forte personalidade. E nom só: também como um exemplo de como se constrói umha comunidade a partir da base, com o envolvimento da toda a população, e que chama a atençom em muitos lugares da Galiza, e do exterior, com requerimentos para que relatem o trabalho realizado e para darem a conhecer como funcionárom as iniciativas que levárom para a frente, como um espeelho cuja imagem reclamam para si. Recolhe-se deste modo o fruto de um labor difícil, mas digno de ser muito valorizado nesta estreia da nova centúria,

quando, por um lado, de novo retornam velhos problemas de delinquência a muitos lugares (que nom a Vite), e se assume a necessidade de avançar para umha mais efetiva democracia participativa, dando maior poder de decisom à cidadania, como justamente se tentou fazer neste bairro compostelano.

A presente investigación está alicerçada em diferentes publicaçons, mas também no testemunho de protagonistas que, em muitos diversos ámbitos, están relacionados com o labor desenvolvido. Tentou-se dar nome e voz a pessoas, nom só relatar factos, para explicar esse processo transformador. Aos que respondêrom quero agradecer especialmente o seu contributo, com que tanto aprendim, e sem o qual este volume nunca atingiria a atual dimensom. O reconhecimento é muito especial para Rosa Álvarez Prada, Alfredo Santomil e, sobretudo, Gori (Xosé López Gómez), polas muitas horas e esforços que me dedicárom, e polos continuados esclarecimentos, ajudas e contactos que propiciárom.

Merece a experiênciam de Vite, com certeza, abrir umha colecçom de umha nova editora, como é o caso. Isso fai com que nom poda finalizar esta introduçom sem deixar constância da imensa satisfaçom, e responsabilidade, que representou esta encomenda: prestei-lhe o maior esforço e dedicaçom possíveis, e muito almejo ter acertado, e que sirva para que a Galiza reconheça e valorize um trabalho pensado a partir da Galiza para solucionar umha realidade própria, e aplicada com sucesso, sem dependências desnecessárias.

Santiago de Compostela,
dezembro de 2002

**SIGLAS UTILIZADAS
NESTA MONOGRAFIA**

A/AA. VV.	Associação/Associações da Vizinhança
AMPA	Associação de Maes e Pais do Alunado
CAF	Comités Abertos de Faculdade (organização de estudantes da USC)
IGVS	Instituto Galego da Vivenda e Solo (Junta de Galiza)
INEM	Instituto Nacional de Empleo (Governo de Espanha)
Insalud	Instituto Nacional de la Salud (Governo de Espanha)
MOPU	Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo (Governo de Espanha)
PPDS	Plano de Prevenção da Delinquência de Santiago de Compostela
Sergas	Serviço Galego de Saúde (Junta de Galiza)
UMAD	Unidade Municipal de Atenção a Drogodependentes (Concelho de Santiago de Compostela)
Meios de comunicação:	
ANT	<i>A Nosa Terra</i>
D16	<i>Diario 16</i>
ECG	<i>El Correo Gallego</i>
EIG	<i>El Ideal Gallego</i>
LVG	<i>La Voz de Galicia</i>
TVG	<i>Televisom de Galiza</i>

I.
UM BAIRRO
NAS HORTAS DE GUADALUPE

Passei por Vite de Abaixo
e fum a Vite de Arriba
Se o de Abaixo tem cancelas
o de Arriba caravilhas

Esta quadra popular, registada por Edelmiro Seoane, presidente da associação de vizinhos de Guadalupe, lembra um passado anterior do atual bairro, caracterizado por propriedades muito fechadas, quintas dedicadas à agricultura mais tradicional. No imaginário persiste um antigo castelo, em Vite de Abaixo, e lembra-se como o Monte de Deus, que deu nome a umha entidade de Vite de Arriba e que hoje se identifica com facilidade, foi assim designado porque ninguém sabia a quem pertencia.¹

Guadalupe linda com Vite e nom esquece os inícios do novo bairro. Os edifícios modernos ocupam as suas

1 Há referências a esta zona de Compostela muito antigas. José António Souto Cabo, docente e investigador da Faculdade de Filologia da USC, afirma ter visto citações de Vite em textos medievais. E encontram-se alusões jornalísticas há mais de um século; entre elas é valiosa v. gr. uma de Bernardo Barreiro de V. V. [Vázquez Varela], na informação «La salud pública en Santiago», no *LVG*, em 18 de abril de 1885, onde relatava umha intervenção do doutor [Maximino] Teijeiro quem, em 1878, reclamava como principal prioridade para a cidade que «es menester variar por completo el sistema y modo de distribución de aguas. La circunstancia de proceder la mayor parte de las que bajan a esta población, del monte de Vite, punto muy elevado respecto a ella, facilita la reforma», para assim melhorar nesse âmbito.

antigas leiras. Além disso, ao lado da igreja de Guadalupe estava a fábrica de cortiços de Harguindey, uma grande empresa, que se estendia até Sam Caetano. «Meu pai trabalhou nela», relata Edelmiro, em cuja memória continua igualmente uma velha carvalheira, que desapareceu para deixar lugar à zona residencial que agora vemos. «Isto eram as hortas de Guadalupe», insiste; onde se colheavam patacas, milho, centeio, verduras e outros alimentos, para as pessoas e para o gado. Uma realidade que nada tem a ver com a atual, pois «desde há anos não resta nem uma só vaca».

Aquela extensão de terreno foi expropriada, para lamentação de muitos, que ainda hoje não cobraram «nem se cobrará já mais», diz resignado Edelmiro. Outro dirigente vicinal de Guadalupe, José Fandinho, também não recebeu nem a mínima quantidade pelas suas propriedades: «éramos seis herdeiros e nenhum cobrou», assegura. Por quê aconteceu isso? Os dois coincidem em assinalar os problemas burocráticos colocados na altura, por residirem alguns herdeiros com direitos na emigração, e outros semelhantes. O caso é que foi passando o tempo, mudou o século, e agora a ninguém ocorre reclamar.

Fandinho rememora as velhas corredeiras e um tempo em que não existia consciência de pertença à cidade: «havia que ir a Santiago em socos ou botas e levar uns sapatos que púnhamos para passear». Ao pé da sua casa está Ponte Mantible, onde se conserva um marco do Caminho Inglês a Compostela, indicador de que restam 1,5 quilómetros para atingir a Praça do Obradoiro, distância considerável na altura da sua mocidade, pelas más comunicações. Daquele tempo, o testemunho mais vivo acontece todos os setembros quando, por ocasião da procissão em honra da padroeira católica, a santa é transportada da casa dos Harguindeys, na Rua Nova, até

Guadalupe, e aos oito dias volta a baixar-se para a residência dos proprietários da antiga fábrica de curtimentos.

O professor João Carmona Badia, da Faculdade de Económicas de Santiago, afirma que a fábrica de curtimentos surgiu em 1920 e foi, com Picusa de Padrom, umha referência para este ramo de negócio, chegando mesmo a ser a mais importante da Galiza. A sua chaminé, que foi dinamitada ao desaparecer a fábrica, era muito carismática da cidade. A porta principal estava à altura de onde agora se encontra a estátua de Pablo Iglesias, e trabalhavam para ela operários muito especializados de Sigüeiro, Touro, Ámio e outros lugares, que lhe forneciam a casca de carvalho em que se baseava o processo produtivo na altura. Os empregados do quadro de pessoal nom eram muito elevados, e os curtidores residiam na zona de Guadalupe.

Carmona, que é coautor de um livro sobre esta indústria, em processo de edição, afirma que a família Harguindey, de origem basco-francesa, adquiriu a fábrica por volta de 1870. Durante a Guerra de Espanha de 1936 tivo umha certa prosperidade, como fornecedora do Exército de Franco. Desapareceu para dar lugar ao polígono de vivendas. Segundo este especialista em história económica de Galiza, está também por fazer umha investigação sobre as transformações urbanísticas da cidade de Santiago, muito relacionadas com umha entidade de aforro e umha imobiliária, que tinham clara influência nos governantes locais e impunham os seus interesses segundo lho permitia o momento político. Vite merece um estudo nessa dinâmica, em que primavam interesses económicos muito claros, acrescenta.

O crescimento continuado e a concentração da população obrigavam a procurar novas zonas de expansão de Compostela. A cidade passou de 57.000 habitantes em 1960 para 70.000 dez anos mais tarde, e

precisava mais solo para construir. Após esgotar-se a opção do Ensanche, Vite foi o lugar escolhido para urbanizar. Num trabalho sobre a história do Concelho, publicado na década de 80 na *Gran Enciclopedia Gallega*, o professor da USC José Ramon Chantada Acosta assinala que em 1900 Santiago tinha 24.120 habitantes, aos quais há de acrescentar 7.398 de Conxo e 4.192 de Enfesta, concelhos independentes que se anexáram depois. Após um período de escasso crescimento, por falta de atração nos anos do pós-guerra, começa a aumentar de forma significativa desde 1960, até ao ponto de que os 67% das vivendas existentes em 1981 foram construídas a partir desse ano, e no período 1965-1981 cresceu em 28.913 habitantes, quantidade similar aos 29.072 de aumento registados nos 65 anos anteriores do século.

Estes dados som de relevo para entendermos a transformação urbana verificada. No final da década de 50 o arquiteto Julio Cano Laso recebeu a encomenda de redigir o projeto de Vite. As expropriações iniciáram-se nos princípios dos anos 60 e a construção dos blocos de vivendas foi realidade sobretudo a partir da segunda metade da década de 70. A ocupação efetiva dos novos moradores dá-se progressivamente desde 1978. Vite terá muito a ver com o facto de que, em 1981, Compostela contasse com 93.695 habitantes de feito, frente a 70.893 de 1970 (os dados de população de direito som 82.404 e 65.270, respetivamente), e que continuasse o crescimento a um ritmo de mil mais (tanto de feito como de direito) em cada um dos anos do triénio seguinte, segundo regista a publicação *O noso Concello*, editada em 1986 pola Cámara Municipal de Compostela.

Dentro do polígono de vivendas projetado em Vite, nas proximidades do Auditório de Galiza levantara-se, nos primeiros anos da década de 60, a antiga residência

do Burgo das Naçons, para acolher os peregrinos no Ano Santo de aquela década.² Eram tempos de certa prosperidade, favorecida polo dinheiro que chegava ao país procedente da emigração exterior. Isso levou a um desenvolvimento nas cidades, progressivamente mais atrativas para quem residiam nas zonas rurais, que se deslocavam na procura de melhores condições de vida. Um pouco mais para cima edificárom-se posteriormente os blocos de edifícios. Miguel Vilarinho, na altura residente na zona, lembra como nas imediações de Ponte Mantible se habilitárom, provisórios, uns pavilhões para acolher expropriados de outros lugares: fôrom baptizados como «La Ponderosa»; e pouco depois deu-se-lhe a outra zona semelhante o nome de «Gran Chaparral». Duas denominações que aludiam a umha série de *western* emitida na altura pola televisom, e com que a sabedoria popular assinalava como todo aquilo lembrava a desorganização de um péssimo «território vaqueiro».

A ocupação de Vite foi em parte também quase um espetáculo. Pessoas de muito díspares proveniências, sem vínculos prévios, ocupárom aquelas habitações sociais, mal construídas e com deficiências que nom tardárom em manifestar-se. Pessoas de outros lugares da cidade, de diversos municípios, e de etnias, chegavam a um lugar sem os serviços e as dotações requeridas para

2 A Administração do Estado, que promovia as obras, salientava a zona central do Burgo «donde se encuentra el gigantesco edificio de cafetería-bar y servicios de 8.000 metros cuadrados que lo hacen ser en su género el edificio de mayor extensión superficial de Europa», segundo noticiava LVG em 25 de maio de 1965, ao informar de uma visita oficial para conhecer o desenvolvimento dos trabalhos, na véspera, de altos cargos de Madrid. O levantamento do Burgo viu-se dificultado polas chuvas e polos «400.000 metros cúbicos de tierra que hubo que remover en un terreno poco adecuado para el trabajo de las pesadas máquinas», acrescentava o jornal. Porém, o Estado considerava que o projeto «cumple con creces el cometido que con su explotación piensa desarrollar en el Burgo de las Naciones el Ministerio de Información y Turismo», segundo se manifestava na ocasiom.

umha qualidade de vida adequada. Produziram-se situações patéticas e que hoje levam à incredulidade. As mais significativas dizem respeito em especial a pessoas que vinham de situações de casas de lata e que passavam a ocupar um piso sem serem informadas do mais elementar, o que levou a quererem trasladar para as novas residências animais domésticos, mesmo um asno; ou que não lhes vissem utilidade a elementos de canalização e outros materiais das vivendas e procedessem à sua sucata para a venda ambulante. A vida em comunidade não era fácil e surgiam situações penosas: vizinhos que não pagavam a quota que lhes correspondia, pelo que outros deixavam também de pagar e isso levava a que não se limpasse ou não se repugesssem as luzes das zonas comuns, e a outras deficiências de grande incómodo.

Era uma população nova, com muitas famílias numerosas, alguma até com dezasseis membros. Realidades como o desemprego ou o elevado consumo de álcool eram comuns em numerosos lares. Em muitos deles localizavam-se membros analfabetos ou que não conseguiram a mais elementar titulação escolar, e a sobrevivência de cada dia supunha todo um desafio.

Vite não representava uma ilha isolada. Muitos outros lugares atravessavam situações semelhantes. Os planificadores tomaram o nome dos antigos núcleos de Vite de Arriba e Vite de Abaixo,³ e estenderam-nos indiscriminadamente a uma ampla zona periférica, que compreendia desde os bairros de Vista Alegre e Os

3 A Câmara Municipal de Santiago pensou em denominá-lo «Polígono de la Paz», segundo se conclui do discurso do seu presidente, Francisco López Carballo, no ato em que se lhe concedeu a Medalha de Honra e se designou Filho Adotivo de Compostela, em 6 de julho de 1965, a José María Martínez Sánchez-Arjona, na altura Ministro de Vivenda de Espanha. Esses títulos deviam-se aos projetos habitacionais promovidos pela Administração estatal para a cidade, noticiava *LVG* em 7 de julho de 1965.

Pelámios, até lugares encravados em Sam Caetano ou A Almáciga. Um grande ermo e terreno de lavradio passou, em muito poucos anos, a ser ocupado por 96 famílias nos edifícios de Sam Caetano, 264 em Belém, 296 nos denominados «blocos marrons» e 504 mais entre os de Guadalupe, Irmandinhos, Carlos Maside e García Lorca. O único que se lhes exigia para serem aceites eram uns determinados ingressos económicos e/ou características da composição familiar e justificarem a necessidade de vivenda.

II.

NOVAS RESPOSTAS SOCIAIS

Nos anos finais do franquismo, e para fazer frente a essas situações e outras de vulnerabilidade social, emergem respostas como as associações da vizinhança e novos coletivos que aspiravam ao profissionalismo no trabalho social para transformar essas realidades. Pessoas maioritariamente de ideologia progressista discutem alternativas para enfrentar a pobreza através da intervenção direta.

Em Compostela, o movimento vicinal começa a organizar-se por volta de 1974, nas zonas do Castinheirinho e Conxo, nas quais a deficiente infraestrutura e os problemas urbanísticos levam os residentes a buscarem fórmulas de pressão na procura de soluções. O Governo Civil reage permissivo perante a atividade destes primeiros grupos, que se multiplicaram nos anos da transição política. Em 1977 principiam a atuar em forma de Coordenadora, o que lhes dará certa pujança até 1979, ano em que têm lugar as primeiras eleições municipais, com mobilizações e atividades em favor de demanda de participação, que terão eco nos meios de comunicação. Em junho de 1978 um grupo de vizinhos invade o salão de plenos, para pedirem a demissão do Governo Municipal e uns meses depois convoca-se uma manifestação contra o incremento do preço do autocarro, com ampla resposta popular. No dizer de Marcos Lorenzo

e restantes investigadores no volume *Unha historia con futuro*, publicado em 2001 e que fai historia da evoluçom do movimento vicinal, trás as primeiras eleiçoms locais «a coordinadora perderá protagonismo en favor duns representantes da oposiçom que recollerán o seu ideario participatorio e o elevarán á institución». O trabalho e a pressom da oposiçom contribuirá também para que comecem a respeitar-se algunhas das suas demandas, como as concernentes ao controlo da especulaçom, acrescenta este estudo.

A respeito dos novos profissionais, na Galiza observam-se dous grupos com estratégias bem diferenciadas: um mais relacionado com a esquerda estatal, sobretudo o Partido Comunista e o Partido Socialista Obrero Español, e outro com o nacionalismo galego. Ambos coincidiam na necessidade de ultrapassar o modelo de beneficência do franquismo. Mas, enquanto os primeiros visavam alcançar a sociedade de bem-estar e umha maior justiça social através da individualidade como eixo de trabalho e procurando a inserçom ideológica e social no sistema; o segundo aparecia mais diretamente ligado ao trabalho de base, de desenvolvimento comunitário, defendia a introduçom de novos métodos de intervençom a partir da própria organizaçom da sociedade. Os primeiros som devedores da doutrina social-democrata, e os segundos da Pedagogia da Libertaçom de Paulo Freire e de outras ideologias de progresso latino-americanas. Mais próximas a estes últimos estava a metodologia propugnada polo italiano Marco Marchioni, que aparecia no franquismo como muito avançada para os pressupostos vigentes no regime, e que foi tomada como referente de relevo para progredir na transformaçom social. Marchioni terá relaçom direta com os planos sociocomunitários de Vite e outros da Galiza, como se verá.

Entre as novas profissões que buscam o seu lugar e que serão aquelas a que preferentemente caiba aplicar esses modelos, figuram as especialidades em psicologia, pedagogia e trabalho social, que se formam em instituições de ensino oficiais, que se adaptavam às novas matérias e conhecimentos exigidos por essas disciplinas. Uniram-se, na década de 80, educadoras/es com especialização em marginalização social, para quem foi criada uma escola específica em Compostela, que iniciou a sua atividade em 1983, será reconhecida pela Junta de Galiza em 1985 e desaparece no final dessa mesma década por falta de apoio institucional. Atrás desse centro, que apesar da sua escassa vida terá atividade de relevo, estavam o Colectivo Galego do Menor e pessoas relacionadas com movimentos cristãos de base, que ansiavam uma renovação social. Um dos seus professores, Luís Cuntín, afirma que «a filosofia que guiava o projeto era conseguir que as comunidades fossem protagonistas da sua própria história. Na Escola promoviam-se projetos de intervenção comunitária e começaram a fazer-se alguns ensaios nas práticas nos bairros de Santiago, procuravam-se “estratégias de enganche”, para desvendar as possibilidades aos vizinhos e ao próprio Concelho». Cuntín destaca a figura do pároco do Castinheirinho, Pepe Ferreiro, e de que houvesse um líder vicinal como Lois Ferradás nessa zona, o que propiciaria o surto do Plano de Prevenção da Delinquência de Santiago (PPDS, ver infra), que qualifica como «um plano digníssimo para aquela altura».

Vite apresentava-se como um espaço idóneo para profissionais emergentes no âmbito social, pelas características da sua população. A problemática social era comum a todos os grupos: desde a juventude, que não tinha nada para fazer depois da escola, e muito alunado mesmo faltava às aulas em parte pela situação que viviam no lar; a mocidade no desemprego e sem expectativas; mas

também pessoas adultas, de ambos os sexos, com dificuldades laborais e sem serviços para atender bem as suas necessidades vitais mais parentórias.

Em 1979, os residentes nas vivendas de Belém registam umha associação de vizinhos, com o número 968, perante o Governo Civil. Em setembro do ano seguinte começam a organizar as festas. Som os primeiros passos na procura de umha maior coesom, mas que arrancam resultados modestos.

Para atender a crescente demanda de escolares habitárom-se uns pavilhons, provisórios, enquanto se construía o colégio público, em funcionamento desde o curso 1980-81. A inauguração oficial decorreu a 21 de novembro de 1980, com presença do presidente da Câmara Municipal, José António Souto Paz; o arcebispo Ángel Suquía Goicoechea, e mais autoridades. O centro principiara com carências, denunciadas nos inícios desse mês polo claustro. Cruz Vázquez foi a primeira diretora, durante três anos, e rememora que

«houvo um apoio total do bairro, a resposta da vizinhança foi fenomenal. Ao princípio havia deficiências na obra e faltava um trabalhador para vigilância, conservação e limpeza, e foi o primeiro conserje que se dotou em Santiago por parte do Concelho, proposto polo claustro, que, depois, polo interesse e dedicação, ficou definitivo. No primeiro ano éramos todo o claustro provisório, exceto aqueles que lecionavam nos pavilhons, que pertenciam ao colégio público Apóstolo Santiago. Mas apesar disso foi um claustro muito reivindicativo, que chegou a estar constituído até às 22.00 ou as 23.00 horas para conhecer decisons sobre o centro e dar respostas em consequência. A Associação de Maes e Pais do Alunado (AMPA) também se formalizou rápido, inicialmente como umha gestora, e preocupava-se mais por pôr a funcionar o centro que por organizar atividades. O

último ano que estiverem como diretora conseguiu-se que começasse já o novo colégio, o Vite II».

Para Cruz, o mais salientável de aquela etapa foi «a participação dos pais e as maes. Eram gente com muita vontade de ter serviços e de que fosse considerada a sua existência. O alunado era de classes diferentes, e notava-se, com efeito, a presença de escolares com problemática no lar. Foi um instante em que a comunidade escolar plantou árvores e de alguma maneira ajudou a fundar o bairro, pois quando o centro começou havia blocos de vivendas que ainda nom funcionavam, que se ocupárom depois».

Aquele empregado para vigilância do centro educativo, José Lodeiro, participou na construção do edifício e depois ficou nesse posto. Lembra que as instalaçoms começaram com só 160 escolares, porque ainda nom se entregaram parte das vivendas, e nos três pavilhões pré-fabricados escolarizavam-se entre 60-70. Em janeiro de 1981 inauguram-se novas unidades de pré-escolar. No ano 1982 será quando se dê a eclosom: o colégio multiplica a sua matrícula e ultrapassa os mil discentes, o que levou a que funcionasse em horário de manhã e tarde. Fizo-se urgente a construção de um novo edifício, que foi o Vite II, para acolher párvulos de cinco anos a alunado do terceiro ano de EGB (8-9 anos). O Vite I chegou a albergar 1.040 escolares, e uns 400 mais o Vite II. Lodeiro ressalta o enorme volume de atividades extra escolares promovidas pola AMPA, pois «chegou a haver 15 equipas de futebol de salom e basquetebol, 7 de karaté, um coro de dança tradicional galega...». e tempos em que no centro era habitual escolarizar «4 ou 5 irmaos ao mesmo tempo; agora há contados casos de 2». Lembra os problemas do polidesportivo, por se construir num lugar inadequado, o que provocou demoras para

começar a ser utilizado, e mesmo foi estreado para acolher peregrinos no Ano Santo de 1993, «depois houve que fazer pressom para utilizá-lo para a atividade do centro»; e instantes em que dependências de laboratório, biblioteca, tutorias, sala de atos... se habilitárom como salas de aula para 38/40 escolares; ou quando houve que partir polo meio algumha sala para ganhar espaço. Na sua memória permanecem casos de escolares pequenos «que ficavam no centro sem ir comer, porque nom tinham ninguém na casa. Eu e a professora Manola Porta temos repartido muitos *bocatas*. Essa professora, que agora leciona em Ponte-Pedrinha, foi excelente, excelente para com esse alunado mais necessitado».

III. **A ORGANIZAÇÃO VICINAL**

Essa imensidade de gente nova carecia, fora do horário lectivo, de espaços onde fazer desporto, reunir-se, ou qualquer oferta sociocultural do seu interesse. A rua era a alternativa mais fácil, e nela aconteciam pejejas e atividades de grupos de colegas. A associação da vizinhança de Belém esmorecia. Emergia para questons pontuais, como o protesta contra a contribuiçom, que a vizinhança julgava abusiva, no ano 1983. Mas nom se convocavam nem as assembleias regulamentares marcadas nos seus Estatutos.

Isso vai levar a que, em março de 1985, quatro sócios começassem a recolher assinaturas para forçar a convocatória de umha assembleia, como atitude de protesto pola inoperância da entidade. Isto coincide com um inquérito entre os 32 blocos de vivendas de Belém, para conhecer a situação dos pisos, que tivo como resultado que 100% reconheciam problemas vários, sendo os piores de todos as humidades ou filtraçoms de água, que denunciavam 98% dos residentes.

No sábado 13 de abril de 1985, na sala de atos do colégio Vite I, em assembleia extraordinária, elege-se nova diretiva da A. VV. de Belém, com Alfredo Santomil como presidente, José Luís Rua Lamas vice-presidente, Júlio Parente secretário, Valeriano Prieto tesoureiro, e como vogais Manuel Quintela, Julián Sande, Elisardo Regos,

Jesús Aldemunde, Benjamín Carrillo, José Castro, Manuel Castro, Ramón López Gasamáns e José Presedo. A atividade de estreia consistiu em organizar umha excursom de crianças a Bunho, acolhida com imenso interesse por ocupantes doutros blocos de vivendas, que se queriam aderir, mas ficou restrita só a Belém. Aí principiaria a ver-se a necessidade de atuar conjuntamente, para toda a vizinhança.

As primeiras gestons fôrom com o delegado provincial do Ministério de Obras Públicas e Urbanismo (MOPU), na Corunha, a quem competiam responsabilidades sobre as vivendas; e com o alcaide, Xerardo Estévez. Ao presidente da Cámara Municipal pedírom-lhe um local, um recurso que julgavam prioritário para se poderem reunir e trabalhar, e assim deixar de fazê-lo nas tabernas, no portal de algum edifício ou nas escadas, e assinalárom como alternativa um espaço disponível próximo do centro de saúde. Respondeu-se-lhes que o primeiro que deviam fazer era unirem-se e realizar umha petiçom conjunta.

Estévez fora informado em 15 de abril polo delegado do MOPU de que tinham sido aprovados diversos projetos de reparaçom de vivendas do Polígono de Vite. O investimento previsto eram 121 milhons de pesetas, umha quantidade que a vizinhança avaliava como muito insuficiente para resolver os problemas, que se agudizavam com as chuvas.

Em 17 de maio, representantes de Belém reúnem-se com outras gestoras para propor umha associaçom única representativa de Vite. Os das fases Carlos Maside e Federico García Lorca reagem favoravelmente. Da gestora da segunda fase nom conseguem resposta. É o primeiro sinal do que será umha divisom, que se confirmará em breves datas.

Em junho de 1985, a Associação de Vizinhos (A.VV). de Belém manifesta publicamente a oposição à proposta de censura contra Xerardo Estévez. Em informação publicada no *LVG* o dia 22, Alfredo Santomil refere-se à iniciativa política dos grupos Popular e Liberal como «de conha» e assinala ser a gestom do regidor socialista motivo de «apoio» mais que de censura, pola sua política urbanística, que entendia principal motivo da atuação censora.

Polo Sam Joám, em Vite organiza-se umha «sardinhada gigante», na rua Carlos Maside. O local foi escolhido por o considerarem equidistante de toda a vizinhança, pois com a celebração queria-se fazer notar mais o sentimento de unidade de todo o Polígono de Vite. Também nesse mês começam as obras de reparação nas vivendas.

Em julho, Compostela acolheu favoravelmente o prémio Europa. Num inquérito da jornalista Carme Cotelos publicado a dia 14 no jornal *LVG*, Alfredo Santomil manifestava que a distinção ia beneficiar sobretudo a zona monumental da cidade e afirmava que Vite «a esses níveis já nom somos Santiago porque estamos nos arredores e, em todo o caso, somos o desastre ou o desmadre». Como acontecia décadas antes com a vizinhança de Guadalupe, ainda nom existia suficiente identificação com a cidade, apesar da proximidade à zona monumental, e sim um forte sentimento de periferia e de exclusom das vantagens que representava Compostela.

Em setembro, e como prelúdio das festas, organizou-se a primeira Semana de Cinema ao Ar Livre, nas praças de Belém, com grande assistência, até ao extremo de ficar escassas as 200 cadeiras cedidas polo Concelho. Tratou-se da primeira experiência desse tipo na cidade, segundo noticiou a imprensa. O *LVG* publicou no dia 5 umha fotografia de Tino Viz que mostra a

grande presença da vizinhança nas projeções. A primeira não pôde ver-se completa, por causa da chuva. As fitas foram cedidas pelo Arquivo da Imaxe. No programa de atividades, a Comissão Organizadora sublinhava que as festas desse ano, que começaram em 6 de setembro, podiam ser «a chispa» que se precisava para conseguir uma associação de vizinhos «forte». Nessa mesma publicação, Xerardo Estévez assinala Vite como experiência «pioneira» por ter sido «o primeiro polígono de vivendas que se criou em Santiago», o que provocou problemas que arrastaram várias corporações municipais. Nas festas havia uma «comissão infantil», integrada por treze jovens com idades de 13 a 15 anos, presidida por Jorge Jesús Iglesias e com José Luís Sande como vice-presidente, os dois de 15 anos, que reivindicavam espaços para desportos e para a convivência, para se conhecer melhor a mocidade do bairro e ultrapassar situações de violência, como as pelejas. No programa religioso, o domingo 8 de setembro celebrou-se a procissão do Rosário, e levou o estandarte o Reitor da Universidade de Santiago, José María Suárez Núñez.

Em 28 de setembro, *ECG* informava de que a associação de Belém ponderava paralisar as obras que realizava a empresa Dragados em vivendas de Vite, por não concordar com a atuação. A assembleia vicinal aprovou, com efeito, paralisar as reparações.

O novo curso educativo trouxe a importante novidade da inauguração do Instituto de Bacharelato Gelmírez II. Tomava o nome da divisão do antigo centro Gelmírez em dois: um com novas instalações no campus universitário Sul e outro o de Vite, na zona norte da cidade. O edifício que antes ocupavam, em Sam Caetano, passava a ser sede do Governo da Junta de Galiza. O Gelmírez II edificou-se num tempo de recorde: 87 dias, pois existia urgência em que principiasse a funcionar para atender a

crescente procura de alunado, o que propiciou que começasse com sérias carências de meios e infraestruturas, que tardariam em se solucionar. No colégio de EGB incorporou-se Laura Illobre, que aquele curso era a docente mais nova do claustro, e com os anos teria um protagonismo importante no centro. Relata:

lembro a cifra de 1.296 escolares como a matrícula da escola naquele primeiro ano. No bairro via-se gente enganchada na droga, e havia senhas que o alunado conhecia, como a colocação de um pano vermelho em lugares de venda e outras. Porém, no centro nom repercutia essa conflitividade: eu tenho esquecido o carro aberto e nunca notei a falta de nada. Por vezes vinha a polícia na procura de algum escolar como responsável de alguma falcatruada, mas evidentemente nom o podiam apanhar no interior do centro. E nom notei especialmente o absentismo na minha aula; por vezes faltava alguém, mas isso dá-se também hoje.

Para Laura, Vite «representou quase o meu primeiro e único centro, pois antes só estivera um pouco tempo em Bertamiráns. O bairro experimentou umha transformação importante: lembro que quando ao princípio vinha a pé via ratos imensos polas ruas e outros problemas por causa de umha urbanização deficiente, que já nom se dam».

Em 11 de novembro, Santomil e o vogal da A.VV., Manuel Castro, entrevistárom-se com o alcaide: reiterárom a prioridade de um local social e abordárom as necessidades e carências de Vite. O sábado 23 desse mês realizou-se umha reuniom da A. VV. de Belém com vizinhos das ruas Carlos Maside, Garcia Lorca, Irmandinhos e Celso Emílio Ferreiro. Falárom da reclamação de um local social e programárom reunions para os dous sábados seguintes, para avançar na constituição de umha só A.VV.

Esse 1985 foi histórico para Compostela, pois em 15 de março foi outorgado à cidade o Prémio Europa, atribuído pelo Conselho da Europa, polo contributo à cultura europeia; e o 4 de dezembro foi declarada Património da Humanidade pola UNESCO, o que acrescentava a sua universalidade. Foi também um ano de relevo para Vite, que principiava a organizar-se e a buscar fórmulas participativas para solucionar os seus problemas; e onde surgiam as primeiras formulações para ultrapassar os polígonos de vivendas isolados e formar um bairro, com vida comunitária e dinamismo social. A A. VV. será o centro em redor do qual se movimentarém as atuações precisas para avançar na sua consecução.

IV.
**AS MANIFESTAÇÕES
DA CONFLITIVIDADE**

A associação vicinal insiste nos primeiros dias de janeiro de 1986 em requerer soluções para melhorar a deteriorada qualidade de vida de Vite. Queixa-se de problemas dos autocarros urbanos e manifesta-se em favor da municipalização do serviço. Em 23 desse mês, no quotidiano *LVG*, Carmen Cotelo informa que a polícia registou um «barracón» de Vite onde se faziam presumivelmente compras de drogas, e denuncia como apareciam seringas nos jardins e sangue nos lavabos dos bares. Indicava que as AA. VV. de Belém e Vista Alegre gestionaram soluções, pelos riscos que representavam essas condutas.

Entre essas duas associações, de zonas limítrofes, havia bom entendimento na altura, por partilharem problemas comuns de conflitividade social e qualidade de vida, e por entenderem que a ação conjunta era mais efetiva. Assim, o diário *ECG* informava em 27 de fevereiro de como o dia anterior dirigentes de ambas se reuniram com o alcaide para denunciarem a existência de venda de drogas. Estévez informou que contactaria com a Polícia e com o Governo Civil para que se procurassem soluções.

Estas atuações alertavam de como no bairro residia mocidade que, finalizada a etapa escolar, e ao carecer de perspectivas para maior formação e/ou laborais,

dedicavam parte do seu tempo a atividades delitivas, em parte relacionadas com o consumo e tráfico de droga. Atuavam preferentemente no centro da cidade e no Ensanche, mas também se notavam as suas façanhas nos bairros em que residiam, por mais que tentassem evitar enfrentamentos com os convizinhos. Tal mocidade, de Vite e de outros lugares, operava cada vez mais desde 1980. Essa situação recolhiam-na os meios de comunicação repetidamente, com reiteradas notícias que espelhavam a conflitividade que geravam. Em Vite lembram especialmente um trabalho de Carme Coteló, publicado no *LVG*, onde se aludia ao temor a que, se a delinquência juvenil continuava a crescer, poderia derivar no «Vallecas de Santiago», em alusom ao bairro madrileno na altura mais estigmatizado por situações de marginalidade. O diretor do centro escolar, Pablo Roibás, referia-se, em declarações à jornalista, aos muitos escolares inadaptados em Vite; e na reportagem apareciam diálogos de alunado de 12 a 14 anos sobre roubos a carros, a bares, a pessoas pelo procedimento do puxom, etc.

Em 9 de abril, Vite aderiu à convocatória para a comunicação social em que se anunciou que 40 AA.VV. de Santiago recolheriam no mercado municipal, na Praça do Toral e na zona do Ensanche assinaturas de apoio a Xerardo Estévez e em contra da sua censura como presidente da Cámara Municipal. Em apenas duas semanas reunírom 13.392 adesons. Em 22 de abril, em novo inquérito no *LVG*, Santomil reiterava a sua oposição à proposta de censura.

Em 23 de abril, Xerardo Estévez inaugurava, na Igreja de Guadalupe, onde ocupava a sacristia e um local no primeiro andar, o primeiro centro social de base de Santiago, promovido pola Escola de Educadores Especializados em Marginalização Social e a Escola de Trabalho Social, com o fim de dar serviço às zonas de Guadalupe e

Vite. Assistírom o presidente da A. VV. de Belém e todas as gestoras do bairro, que manifestavam estar pendentes de receber o «amplíssimo local» prometido para a A.VV. de Vite para se instalar nele esse serviço, que começou com 25 jovens.

No dia seguinte discutiu-se na Câmara Municipal a moçom de censura contra o presidente da Câmara Municipal de Compostela. Pola tarde tivo lugar umha concentraçom na Praça do Obradoiro das AA. VV. em apoio a Xerardo Estévez, e entregárom as assinaturas recolhidas, às 19.00 horas. Estévez, ainda alcaide, ao recebê-las manifestou que «nunca se juntárom tantas assinaturas na cidade». Às 20.00 horas realizou-se o muito polémico pleno da censura, com incidentes durante a sessom e ao finalizar. Ficou como regedor em funçons Jaime Castiñeiras, até que poucos dias depois véu a ser eleito o candidato dos censores, Ernesto Viéitez.

Em 15 de setembro, Vite foi o único centro público da cidade que nom começou as aulas do novo curso esse dia, mas no seguinte. Tinha 1.400 escolares, 120 mais que no ano anterior, e habilitou o laboratório, a biblioteca e a sala do professorado como salas de aula; porém, nom havia massificaçom, segundo manifestava na comunicaçom social o diretor, Pablo Roibás.

No dia seguinte, *LVG* publicava umha reportagem com este significativo título: «Siete años después de su estreno, el Polígono de Vite sigue arrastrando problemas de infraestructura y dotación». Referia que poucos dias antes, nas vésperas das festas do bairro, a A. VV. de Belém recebera os documentos para se fusionar com as restantes fases, exceto a segunda, que contava com associaçom própria, Rio do Corvo, e decidira manter-se independente. A nova entidade chamaria-se «Associaçom de Vizinhos Polígono de Vite». Anuncia-se a próxima inauguraçom de umha escola infantil promovida pola

Junta de Galiza. Reivindicava-se mais umha vez o local social: julgava-se que a mudança no Concelho interrompera a cessom de um andar que ia ficar livre no centro de saúde, que se edificava na altura. Afirmavam que enviaram umha carta recordatório do assunto ao novo governo municipal (com data de registo de 11 de julho; e um novo escrito, em 30 desse mês, ao edil de bairros). Na informaçom saem os problemas da droga e o desemprego, e indica-se como os dous edifícios escolares para EGB se revelavam insuficientes para a procura do bairro. Lamentam que as projeçons de cinema nom tivessem lugar ao ar livre, porque já nom existia o Arquivo da Imaxe que colaborara com a iniciativa no ano anterior, e lembrava-se o sucesso atingido, que se qualificava de memorável. Anunciava-se umha campanha de captaçom de novos sócios entre as diferentes fases que se incorporavam à A. VV. Se o Concelho lhes cedia o local, esperavam levar para a frente «los programas de actividades que se guardan, llenos de polvo, en algún cajón».

Algumhas dessas atividades chegavam para a gente mais nova por meio das propostas extra escolares que organizava a AMPA da escola de ensino primário (EGB, educaçom geral básica) pois oferecia um generoso leque para escolherem os discentes e as suas famílias. Segundo comunicava aos pais em 23 de setembro, por meio de um escrito, podiam optar à prática de cinco desportos (basquetebol, futebol, futebol de salom, karaté e atletismo), e a dança tradicional do país, música, pintura ou desenho. Nesse curso, a AMPA iniciara umha prática que provocará forte polémica nos anos seguintes ao se generalizar nos centros educativos do resto do país: a compra de livros de texto, com desconto para os associados sobre o preço de venda ao público, o que levou as livrarias a protestarem por competência desleal. No

fundo desta dinâmica estava o ajudar a famílias com menos recursos, pois as 200 ajudas de 8.000 pesetas para compra de livros e material escolar que subsidiava a Cámara Municipal para todo o Concelho nom atendiam todas as necessidades.

Em 16 de outubro ecoava na comunicação social um comunicado das A. VV. Vista Alegre, Polígono de Vite, Romanho, Monte de Dios (esta, de Vite de Arriba), Alexandre Bóveda (de Guadalupe) e da AMPA do colégio de Vite, em que denunciavam o problema das drogas e o facto de que o consumo e o tráfico aumentavam, a par da delinqüência. Assinalavam a culpabilidade de um «barracón» junto do colégio Vite II, de cenas contempladas por alunado do colégio público: situaçons de violência e ameaças ligadas à droga. Reivindicavam equipas sociais de base e centros culturais, recreativos e profissionais para a mocidade, além de potenciar o associacionismo juvenil; e derrubar o polémico «barracón».

Em 20 de outubro, no *ECG*, Ángeles Freire publica umha reportagem sobre o Gelmírez II, com entrevistas às equipas diretivas docente e da AMPA. Coincidem nas críticas ao escasso orçamento, e assinalam as dificuldades e perigosidade de acessos e a ausência de instalaçons desportivas. Matriculárom-se 200 alunos mais que o curso anterior e José Luís Hospido, diretor do instituto nomeado pola Administraçom, com lugar docente no centro havia três meses, confiava em que nom houvesse problemas de espaço se a Conselharia de Educaçom lhes entregava a zona nova, ainda em obras. Reprovam que a entrada se fizesse polo Centro de Inseminaçom Artificial. Nesse ano letivo pola primeira vez havia docentes definitivos, nom prvisórios como no anterior. Faltava também mobiliário e zonas de recreio. A AMPA, que presidia Manuel Codesido Barreiro, entrevistara-se com o delegado provincial

para expor as deficiências, que atribuía à rapidez com que se tinha construído o centro.

Em 18 de novembro a comunicação social informava de que oito associações vicinais e escolares pediram à polícia que atuasse contra a droga em Vite. Enviáram escritos ao delegado do governo, aos conselheiros de Educação e Sanidade, ao governador civil, ao presidente da Deputação e ao Alcaide. Reivindicavam que se derrubasse um «barracón» situado ao pé da escola pública, ao qual inculpavam do 90% dos delitos. Denunciavam um «alarmante» aumento do consumo de drogas e delinquência. Informavam de detenções de jovens drogados e de situações de violência e ameaças para os pais. Aludiam como causas à «masificación salvaxe da zona, o baixo nivel cultural, a falta de servicios sociais, etcétera». Reclamavam equipas sociais de base, pois a que havia tinha deixado de funcionar por falta de apoios, e lugares para formação cultural e profissional, apoio à criação de centros recreativos-culturais, e fomentar o associacionismo juvenil e as atividades para a mocidade.

Em 29 de novembro, no LVG, José Luís Alvite publicava um trabalho intitulado «A punto de cerrarse el cerco policial sobre el negocio de estupefacientes existente en el Polígono de Vite». Indicava que das 2.400 famílias de Vite 20% eram numerosas e meio cento de etnia cigana, e residiam umhas 12.000 pessoas que:

fueron llegando de todas partes. Muchas de ellas dejaron atrás las ratas de la chabola; otras se van los fines de semana al chalet que no figuró nunca en las hojas para la solicitud de una vivienda social. Hay pobres que maldicen la inteligencia que les hace conscientes de su patética situación y hay «pobres» que cambian de coche cada dos años. Vite es un poco de todo, con hegemonía de las gentes de clase

media-baja y destellos de fortunas encubiertas y de vidas que se han sabido desdoblar y parecer necesitadas a los ojos del Estado y ricas en las mesas del bingo. Por la noche a nadie sorprende ya el frecuente destello azul de los “zetas” [carros da policía]. Vite está construído sobre una necesidad y genera una dosis de angustia, incertidumbre y delincuencia que ya era previsible e incluso puede parecer trágicamente «razonable».

Em 5 de dezembro os meios de comunicação anunciam umhas jornadas sobre serviços sociais em Santiago. Nelas ia-se apresentar um relatório sobre juventude e marginalização, com participação de Maria Viz (do bairro de Vista Alegre), Salvador Bará (da Xuventude Obreira Cristiá Galega, do bairro de Sam Pedro, que esse ano desenvolveu iniciativas de formação laboral à procura de emprego com mocidade de diversos bairros) e Xavier Ferreiro (da associação vicinal do Castinheirinho). Também se indicava a presença de Luis Cuntin, Daniel Romero e Moisés Lozano, docentes da Escola de Educadores Especializados en Marginalización Social de Compostela; Asunción Leiceaga, como representante da AMPA de Vite; o mestre e sindicalista Xosé Manuel Iglesias, e diferentes representantes de AA. VV., entre eles Alfredo Santomil, de Vite, que nesse mês fora eleito presidente da A. VV. Polígono de Vite. Com ele estavam na diretiva da nova entidade José L. Rúa Lamas, Luis Lado Martínez e Amancio Touriño de la Fuente, vice-presidentes; José Bello Vázquez, secretário; Alfredo Beiras, tesoureiro; e Manuel Castro Blanco, Elisardo Regos Ferreiro, José Presedo Domínguez, María Jesús Otero Pazos, Santiago Tomás Blanco Fernández, José Manuel Moure Parga, Severino Suárez Noya e Miguel García Ramos como vogais. Deste modo visavam dar representatividade a toda a vizinhança.

Em 19 de dezembro, no colégio Vite I, a AMPA organizava um festival de Natal, dando preferência nos convites a quem participavam nas atividades extra escolares e às pessoas que tinha associadas. Atuárom grupos de dança tradicional galega, karaté e música, além de expor trabalhos dos assistentes às aulas de Desenho-Pintura e um palhasso. O grupo de dança tradicional participará também nas festas de Vista Alegre e Vite e noutras atividades.

Em 28 de dezembro, a comunicação social informava de um escrito enviado pola nova A. VV., em que pediam ao alcaide um local social e umha entrevista; e denunciavam a atitude do Concelho, de querer manter Vite no mais completo abandono.

Nesse ano, pois, acusam-se mais problemas de conflitividade social, relacionados com a falta de serviços e de dotaçons para a vizinhança, que foram agravando a situação progressivamente. Nas jornadas de dezembro emergiam alguns dos principais nomes que, pouco tempo depois, se implicarám na procura de soluçons com perspectiva social. As tensons que transpareciam com clareza no final desse ano iam eclodir em breve e provocar a reação social mais contundente, o que por sua vez levará à procura de alternativas diferentes ao modelo policial e repressivo em vigor, que se julgava fracassado.

V.
**UM PLANO PARA PREVENIR
A DELINQUÊNCIA**

O ano 1987 revelará-se fulcral para Vite. Por pressom da vizinhança, a polícia intervém para despejar do centro da cidade a mocidade mais conflituosa. Isso leva a que se retirem para os seus bairros de residência habitual e cometam neles as ações para conseguirem dinheiro, o principal objetivo que perseguiam. Os sucessos mais graves concentram-se no Castinheirinho onde, após um assalto, a vizinhança pondera a possibilidade de tomar a justiça pela mão, perante a ineficácia que manifestavam observar nas instituições, e «libertar» a zona de aquela juventude, que julgam como indesejáveis. Que essa situação se desse no Castinheirinho favoreceria a procura de alternativas àquela crise. Porque nesse bairro existia um movimento vicinal organizado, com pessoas de coletivos cristãos progressistas, nacionalistas e de esquerdas, que conseguem parar as vozes de descontentamento e viabilizar outras atuações que não partissem da violência contra a violência.

Essas atuações eram sentidas por outras associações da cidade e estavam em consonância com demandas que já realizaram, como se indicou, entidades de Vite e de outros bairros em escritos perante as instituições.

Em meados de janeiro, em Vite principiaram as palestras organizadas pela AMPA da escola pública de

infantil e primária, que demorárom um mês, e atendêrom questons como planificação familiar, orientação profissional, ócio e tempo livre, informática e droga. Além de conhecidos profissionais dos respetivos assuntos, entre os conferencistas merecem destaque Luís Cuntín, professor da Escola de Educadores Especializados em Marginalização Social, que em breve assumiria importante relevo na cidade pola sua participação no Plano de Prevenção da Delinquência de Santiago (PPDS, ver infra), e que falou de ócio e tempo livre; e ainda o inspetor Nebot, de Departamento de Estupefacientes da Polícia da Corunha, quem se centrou nos problemas da droga. A sua intervenção era apresentada deste modo, no escrito anunciador da programação:

Quizás una de las preocupaciones mayores que tengamos los padres sea la de hacer que nuestros hijos no se dejen «enganchar» por esta terrible lacra que azota en los últimos tiempos a la Sociedad. Esta conferencia puede que nos ayude un poco a prevenir los males que la droga provoca. A esta sesión no se permitirá la entrada a ningún niño [nas outros indicavase a idade recomendada dos escolares para poderem assistir], es única y exclusivamente para los padres.

Os pais e as maes demonstravam aqui a sua preocupação por um problema que inquietava em Vite e empecia umha melhor qualidade de vida da vizinhança, como acontecia noutras zonas da cidade; umha problemática que estava próxima de provocar reações dos residentes nas zonas conflitivas muito contundentes, como se verá.

Em 24 de janeiro, no *ECG*, Nieves González publicou umha ampla reportagem na qual as AA. VV. Polígono de Vite, Vista Alegre e Romanho defendiam que a solução à delinquência nom consistia só em maior vigilância policial. Pedem vontade política e soluções contra a

marginalizaçom, com a abertura dos estabelecimentos municipais que permaneciam fechados, para que se destinassem «a promover actividades de todo tipo». Desse modo entendiam que «muchos de los que hoy pasan el día en la calle encontrarían un motivo para no dejarse arrastrar por la drogodependencia, o por alcoholismo, que registran un alto índice entre las gentes de mayor edad». Alternativas, acrescenta a informaçom, que «pasarían por potenciar los equipos sociales de base, con apoyo real y oficial; la puesta en marcha de centros de formación cultural y profesional, que ocupen a los jóvenes y les dé posibilidad de aprender un oficio; el apoyo a los centros recreativos para la juventud, como una forma de defensa contra la violencia, un lugar de encuentro que evite el que los muchachos deambulen por las calles. Y, por último, una mayor vigilancia policial». Para além de melhorias sociais e de infraestruturas, contando com os vizinhos, acrescenta.

Porém, essa receptividade nom se conseguia. Alfredo Santomil, em nome da associaçom vicinal de Vite, denuncia em 17 de fevereiro, no *LVG*, como após pedi-lo meia dúzia de vezes, o governo municipal que presidia Ernesto Viéitez nom os recebia. Salienta o descontentamento com as obras no bairro e reclama umha reunioem de representantes dos afetados com a comissom tripartida que tinha a encomenda do seu seguimento, integrada polo Concelho, a Junta de Galiza, e a empresa construtora MZOV. Reitera a reivindicaçom de um local social e afirma que, perante a sugestom de que se aprovasse o acordo a que tinham chegado com Estévez, a equipa de Viéitez Cortizo nom só nom aceitara, mas mesmo lhes indicara que nunca reclamaram formalmente esse local.

Ao dia seguinte, nesse mesmo meio indica-se que, como resultado da demanda de 18 de novembro de 1986 a respeito da conflitividade e o tráfico de drogas, se concluíra

que a Delegação do Governo por escrito, e o Concelho através da comunicação social, informaram de que passavam o assunto ao Governo Civil. Também se indica que se abriria um centro para tratamento de drogodependentes no bairro de Vite e mesmo se convocam as vagas. A A.VV. Polígono de Vite promove um ateliê de máscaras de cara ao Entruido e pede á Administração sanitária, na altura o Insalud estatal, que dote de pessoal e meios e ponha em funcionamento o centro de saúde, concebido para o atendimento da zona Norte de Compostela.

Em 4 de março, perante Sam Caetano, tem lugar umha manifestação de alunado e docentes do Gelmírez II, para reclamar dotação do centro. Várias salas de aula, entre elas as de Informática e Audiovisuais, nom tinham ainda nem cadeiras, nem outro material.

Em 10 de abril derruba-se um pavilhão, situado frente ao Burgo, sobre o qual pesavam acusações de tráfico de droga. Acontecem cenas de violência, e umha mulher mesmo tentou agredir o alcaide. A família levava vivendo seis anos, segundo recolhia no dia seguinte o *ECG*, e com luz e água dotadas polo Concelho em 1984. Na seqüência da derruba, um empregado elétrico foi agredido por umha mulher, que começou a lançar pedras e dizer que ficava e nom abandonava o lugar.

Este clima de violência culminou com os factos do Castinheirinho relatados anteriormente, que se somavam ao descontentamento por situações de venda de drogas ilegais ou pequenos roubos ao alunado e à mocidade do bairro, que também se atribuíam aos mesmos delinqüentes. Soledad González, Agustín Gómez e Carmela Capeáns Leis lembram que o movimento de solidariedade com a mocidade envolvida no assalto partiu de que eram conhecidos de anos antes como assistentes à catequese. Sabiam dos graves problemas sociais e económicos das suas famílias e que nom era a caça e

captura o tratamento que mereciam. Capeáns lembra que na segunda fase de Ponte-Pedrinha também se instalaram no bairro pessoas expropriadas de outros lugares, que assim perderam as suas raízes, o mesmo que acontecia em Vite de maneira mais acusada. Portanto, a má estruturação social era a causa dessa violência, que não se resolvia só com polícia. O que acordárom foi falar com os jovens que provocaram o problema, e proporcionar a presença no bairro de pessoas cuja experiência julgavam de relevo para procurar umha alternativa diferente à repressom. Assim, decidiram falar com os jovens mais conflitivos, e começaram a criar um estado de opinião favorável a outras atuações, para o qual organizárom ceias, em que participárom Moisés Lozano e Luís Cuntín, docentes da Escola de Educadores Especializados em Marginalização Social. Lozano também fora diretor de um centro de menores e conhecia de primeira mão a conflitividade juvenil: «as alternativas que oferecia a Administração baseavam-se no internamento dos menores conflitivos, que com frequência escapavam e continuavam na mesma. Até que chegavam aos 16 anos, idade em que era possível o seu internamento definitivo, no cárcere».

Em Ponte-Pedrinha atingira-se umha certa coesom social porque um grave problema unira a vizinhança: os accidentes de trânsito na perigosa estrada de Ourense, com várias pessoas mortas e atropeladas, o que tinha favorecido umha forte sensibilização e mesmo provocárom umha manifestação, antes da morte de Franco, em que quem se mobilizárom chegárom à Casa do Concelho escoltados por personagens de Fuerza Nueva, organização ultradireitista com presença na cidade na altura. Também recolhêrom assinaturas casa por casa, que enviárom ao ministro da Governação, na altura Manuel Fraga Iribarne. Aquilo favorecera diálogo com o

alcaide e que se produzisse umha mudança de relevo no trânsito, com a instalação de semáforos intermitentes de imediato, umha das reivindicações.

No diálogo propiciado pola associação do Castinheirinho, à qual se unírom as de Vite, Vista Alegre e Sam Pedro, e que envolveu técnicos e profissionais, surgiu a redação do Plano de Prevençom da Delinqüência de Santiago (PPDS), que estava pronto em junho, e constava de 50 páginas. Soledad González, Agustín Gómez e Carmela Capeáns consideram que os juízes D'Amorín Viéitez e Carlos López Keller tivérom um papel de relevo polo seu apoio à iniciativa nos seus inícios. «Havia umha falta de conhecimento do que era o trabalho social. Nós sabíamos que a delinqüência era a ponta do icebergue, que escondia situaçons de alcoolismo, drogodependência e outros problemas sociais», afirma Agustín González. O documento alicerçava-se na legislação autonómica de Serviços Sociais e na Lei de Bases de Régimem Local e, após diagnosticar a conflitividade, assinalava umha série de propostas, que orçamentava inicialmente em 11 milhons de pesetas, para atuar. Sugere que se ponha em andamento umha equipa interdisciplinar, coordenada com o Concelho e contratada pola instituição municipal, para promover um Serviço Ocupacional Juvenil, e que se habilite como mínimo um centro de acolhimento para menores. Segundo Moisés Lozano:

Tratava-se de um desenho de intervençom socio-comunitária e de incidir num conceito na altura ainda pouco estendido, mas de primordial importância: a prevençom. É de justiça destacar o labor de Luís Cuntín, pola experiência organizativa que tinha dos scouts, com intervençons para propiciar atividades de ócio, que também tinham como objetivo a prevençom. O PPDS tinha novos posicionamentos, sobretudo preventivo-comunitários, e nom descartava, antes contemplava, umha adequada atençom

aos casos particulares de delinqüência e drogas. Concebia-se como um labor que implicasse todos os estamentos, desde a vizinhança a associações, centros de ensino, coletivos profissionais, e diferentes administrações, com gestom do Concelho como organismo político-administrativo mais próximo. Recolhia-se a necessidade de contar com novos profissionais, como educadoras e educadores especialistas em marginalização, trabalho social, psicologia e animação sociocultural. O plano funcionou pouco tempo, enquanto lhe deu oxígeno o relator municipal de Educação, Vitor Ferreira; os seus sucessores ignorárom a importância de colaborar com aquelas ideias renovadoras e dedicárom esforços a outras atividades mais folclóricas, de escassa ou nula efetividade.

Lozano também alertava na altura da necessidade de umha melhor política de adopções, e manifestava-se em favor da vida em convivência com famílias de pessoas marginalizadas, em lugar do seu internamento, umha alternativa «que só admitia para casos excepcionais», afirma. «A chave era educar, nom reprimir; levar os menores à escola, nom interná-los», conclui Lozano.

En finais de junho constitui-se no Castinheirinho umha Coordenadora do Movimento Cidadán, com representantes de AA. VV. e Ampas (associações de maes e pais do alunado), e umha Comissom Social do PPDS, integrada por especialistas. O dia 29, no Paço de Benda-nha, tivo lugar um encontro, em que estivérom os juízes Paulino Vega e López Keller, e porta-vozes de PSG-EG, BNG e PG, três partidos que nom conseguiram representação nas ainda recentes eleições locais, e de Unidade Popular Republicana, mas nom dos partidos que integravam a Corporação Municipal. O moderador foi Alfredo Santomil, quem salientou que se o Concelho destinava até dez milhons de pesetas a colocar rótulos castelhанизados e outros dez a retificá-los, como assim acontecera,

nom devera pôr obstáculos a umha alternativa como o PPDS. *LVG* e *ECG* informárom do acontecido ao dia seguinte, com destaque a manifestaçõs de Paulino Vega: o magistrado afirmou que o corpo judicial estava hipersensibilizado com a delinqüência juvenil e pediu prioridade para o assunto indicando que, se se faziam greves para outras cousas, também podia haver mobilizaçõs pola insegurança cidadá. O lançamento público do PPDS nesse ato do Palácio de Bendanha foi «um instante em que muitos decidimos somar-nos à iniciativa», indica Salvador Bará, quem depois assumiu um importante papel, integrando mesmo a comissom negociadora formada para reclamar financiamento e contrataçõs do Concelho. Bará finalizara a carreira de Física em 1982 e em 1985 fora durante um ano aluno da Escola de Educadores Especializados em Marginalizaçom Social. Nos princípios da década de 80 participara em experiências de autoorganizaçom das associaçõs juvenis.

Em 29 de junho a Comissom Social do PPDS também se reuniu com o alcaide, de novo Xerardo Estévez após as eleiçõs locais do mês anterior, e apresentárom-lhe o PPDS, elevando o orçamento necessário a 16,6 milhõs de pesetas. A comunicaçom social noticiou no dia seguinte que o movimento cidadám e a Cámara Municipal colaborariam na prevençom e tratamento da delinqüência. Em 2 de julho constituiu-se a Junta Local de Segurança de Santiago. O alcaide anunciou no ato que se negociaria a proposta vicinal de prevençom da delinqüência, o PPDS.

Entretanto, os problemas da vivenda continuavam como preocupaçom prioritária em Vite. Em julho, as 264 famílias de Belém apresentárom recursos contra a contribuiçom territorial urbana, reclamando bonificaçõs que entendiam lhes correspondiam por lei. Posteriormente presentaria um recurso sobre o assunto a própria

A. VV, que pouco antes se entrevistara com o delegado do MOPU para conhecer se os edifícios de Vite pertenciam à Junta ou ao Estado, e o vice-presidente da entidade vicinal, Amancio Tourinho, falava de um prazo até final de mês para que começassem as obras de reparação previstas, pois em caso contrário valorizariam a possibilidade de promover mobilizações.

Em setembro, com ensejo das festas, celebrou-se a segunda semana de cinema ao ar livre, organizada pela A. VV. na zona desportiva As Vaguadas. O material do Arquivo da Imaxe fora detetado na subdirecção geral de Promoção Cultural. O cartaz foi desenhado por Francisco Fernández del Buey, Fran, um jovem do bairro, com a denominação «Metro Vite Mayer» e custou 45.000 pesetas. O Concelho cedeu a pantalha e pagou a eletricidade. Máis de 4.000 espetadores reuniram as projecções, segundo valorização final de Santomil recolhida na imprensa.

Em 11 de setembro informava-se que o Concelho editaria um díptico sobre o programa de prevenção da delinquência. *ECG* fazia-se eco da preocupação dos comerciantes do centro «por la ola de atracos que se vienen dando en sus establecimientos». O dia 23, os empresários de máquinas recreativas inseriam um anúncio na imprensa em que indicavam inquietude polo «preocupante incremento del número de robos en máquinas recreativas en el sector hostelero». Desde maio, afirmavam, registaram-se roubos por 25 milhões de pesetas e 40 máquinas recreativas, polo método de reventar portas com vehículos

Em 28 de setembro, no *ECG* publicava-se umha entrevista da jornalista Nieves González com o juiz Carlos López Keller, com ensejo de esse mesmo dia iniciar a sua carreira como magistrado na Audiência Provincial, após a passagem por Compostela. Era apresentado

como membro de Juízes para a Democracia e manifestava que a burguesia estava sentando as classes populares no banco dos acusados. A cidadania de Compostela que mais padecia essa situação eram, segundo o seu depoimento, vizinhança de Vite ou Ponte-Pedrinha, e sublinhava que «no es una casualidad que siempre sean los mismos». Lamentava a falta de polícia judicial.

Em 2 de outubro de aquele 1987, José Luís Alvite publicava no *LVG* novo trabalho, em que salientava que «el trapicheo del tráfico de drogas se realiza en el Ensanche a plena luz del día», e que empresários hostaleiros temiam prejuízos nos negócios, ao tempo que muitos comerciantes diziam estar fartos. A Polícia, por sua vez, criticava a falta de colaboração da cidadania, que denunciavam na comunicação social mas não em Comissaria. Demonstração do cansaço da cidadania era um anúncio sobre um ponto de venda de droga publicado na imprensa por comerciantes da, naquela altura, denominada Calle Nueva.⁴

Entretanto, os promotores do PPDS apresentavam-no à cidadania e às diferentes entidades e associações de Santiago, em locais vizinhos, culturais, centros de ensino e outros. Como ainda não conseguiram que a Câmara Municipal editasse o díptico informativo, em 13 de outubro, *ECG* informava de que estavam a repartir os 50 fólios do documento por toda a cidade. Para esse mesmo dia, às 20.30, convocaram uma reunião aberta a todas as entidades de Santiago no local vicinal do Castinheirinho. Previam-se realizar debates, mesas redondas e apresentar o plano para «concienciar a la población de la complejidad de un tema como el de la delincuencia juvenil, que “requiere soluciones serias y duraderas”

⁴ Para esta rua, situada no Ensanche, utilizava-se esse nome para diferenciá-la da Rua Nova da zona monumental. Depois a do Ensanche passou a ser conhecida como Rua Nova de Abaixo.

“basadas fundamentalmente en la prevención y en la cooperación vecinal, para lo que se propone la creación de un equipo interdisciplinar a cargo del Ayuntamiento y la mejora de las condiciones de vida de todos los ciudadanos, especialmente de aquellas familias y jóvenes en situación de riesgo», indicava a informaçom. Este mesmo jornal, o dia 20, incluía a fotografia de um cartaz com o lema «quen poida interesarlle... eiquí véndese ¡¡¡droga!!!», colocada na rua por um grupo de comerciantes da rua Alférez Provisional, contra a «desidia policial», segundo noticiava. Afirmava essa denúncia que nas Galerias Goya concentravam-se até 20 traficantes e consumidores de drogas, conhecidos por todo o mundo, e cuja presença prejudicava a economia da zona. Lembravam como, no Ensanche, já se tinha formado umha polícia paralela contra a delinquência em 1981, e questionavam se era precisa umha nova atuação semelhante.

A crescente conflitividade propiciou umha reunião da Junta Local de Seguridade o dia 20 desse mês, presidida polo Governador Civil, Andrés Moreno Aguilar. Afirmou que a média de delitos em Santiago estava por debaixo da espanhola e que a segurança em Compostela era cada vez maior. Informou que se denunciaram 1.876 delitos gerais e 1.738 mais contra a propriedade (navalhazos, tirones, etc.) e referiu-se a umha «inseguridad psicológica existente en la ciudadanía de Santiago». Valorou positivamente o Governador Civil o PPDS e pediu colaboraçom, em lugar de montar polícias paralelas. Prometeu mais agentes, de paisano e em veículos camuflados, para atuar nas ruas e diminuir a insegurança, adiantando que seria criada umha brigada de 11 pessoas para lutar contra a delinquência.

Em 4 de novembro, mais umha vez José Luís Alvite no LVG assinalava Belém (Vite) e Ponte-Pedriña como os principais pontos negros polos seus

índices de criminalidade. Admite no artigo as queixas dos residentes em Belém pola frecuencia com que se fala da zona nas crónicas de sucesos, mas atribui-o à estatística policial. Afirmar: «Nuestra Señora de Belén no es intrínsecamente un ghetto marginal y distintas operaciones de regeneración y dinamización cultural han acarreado sanas consecuencias», por mais que a atividade dos «apóstoles de la droga» despertasse mais eco que o trabalho decente da sua vizinhança.

Esse mês Vite estreava um centro de saúde, em que exercia a primeira Equipa de Atenção Primária da cidade. Era umha aposta do Insalud (ainda nom tinha a Junta de Galiza as competências transferidas) por um novo modelo assistencial, que encontrava sérias resistências na comunidade autónoma. O centro principiara com um atraso acrescentado por protestas de 32 famílias de Vite que em princípio nom figuravam incluídas como beneficiárias, apesar de que a Administración falava de que prestaria assistência a 17.000 pessoas da zona Norte. António Álvarez, o médico que exerceu como o seu primeiro coordenador («designado por Enrique Castellón e Antolín Rodríguez», afirma, lembrando estes dous cargos do Insalud galego), assinala que a abertura foi possível polo empenho de Luís Jeremías, na altura máximo responsável de atención primária do Insalud na cidade, e polo decidido apoio de quem o relevou no cargo, Rocío Mosquera. A unidade docente que formava profissionais na nova especialidade de Medicina Familiar e Comunitária, e que funcionara com problemas em Bembibre (Val do Dubra), deslocou-se ao pouco tempo para Vite. Os inícios fôrom duros: só o próprio coordenador e umha médica tinham um cupo de pacientes, o resto começaram de zero, e para eles tentou-se captar usuários através da distribuição de dípticos ou programas sanitários. As inovações da

nova atenção primária, que abria histórias clínicas e dedicava maior tempo aos usuários, também se receberam com surpresa. Juana Cruz, que desde a estreia exerceu como trabalhadora social, afirma que «o estar situado em Vite era negativo para os que nom residiam no bairro que, ainda que tivessem direito a serem atendidos no centro de saúde nom iam, por temor a serem assaltados e cousas assim». Os profissionais trabalhárom para integrar a população, contactárom com a associação vicinal; por isso, quando uns anos mais tarde se constituiu a Coordenadora do bairro, nom tivérom problema em se integrarem nela, na Comissom de Saúde e apoiar o programa de participação comunitária ativamente.

Também nesse mês de novembro o Concelho aprovou umha dotação de relevo que colmava umha importante aspiração de Vite: construir um polidesportivo cuberto, com um subsídio de 55 milhons de pesetas que outorgava a Deputação Provincial, e anunciava novas atuações urbanísticas para o bairro.

Em 6 de novembro, representantes municipais e a Comissom Social do PPDS chegárom a um acordo para desenvolver o plano de prevençom da delinqüência. O Concelho, representado por cinco edis, afirmava assumir o programa sobretudo a fase de sensibilizaçom, mas nom a contrataçom de pessoal; e avançava que reforçaria serviços municipais, com mais pessoal técnico. Na semana seguinte constitui-se a Comissom Mixta para o seguimento do PPDS, com 5 concelheiros e técnicos do departamento de Bem-estar Social, além do pedagogo municipal, por parte do Concelho, e representantes vizinhais, entre eles Alfredo Santomil, de Vite. Continuava igualmente a apresentação ativa do documento em Compostela. Em 11 de novembro, no jornal *El Ideal Gallego* (EIG). Ángel Varela saudava num

artigo de opinião o princípio de acordo Concelho-vizinhaça sobre o PPDS. E em informação sobre o assunto destacava que a equipa interdisciplinar estaria composta por dous educadores especializados dedicados ao trabalho de prevençom, dous mais ao trabalho de reinserçom, dous trabalhadores sociais dedicados à gestom de recursos, e um psicólogo para assessoramento técnico, seguimento individual de casos e terapia familiar, além de um pedagogo para seguimento escolar. Seis dias mais tarde, *LVG* informava que o Concelho dotava o PPDS com 3 milhons de pesetas e anunciava-se um estudo sociológico sobre a marginalidade em Compostela. O plano, acrescenta, contemplava 3 etapas: sensibilizaçom, prevençom e reinserçom.

Nesse mesmo dia, *ECG* ressaltava a reiteraçom e impunidade que «marcan los numerosos robos que se producen en los comercios compostelanos» e afirmava que «la Justicia protege más al delincuente que al ciudadano», ocupando-se da rotura de vidro como método delitivo. Este mesmo meio inclui o dia 21 um artigo assinado por José Rutilio, «padre de família», que salienta o acerto do PPDS e o facto de que se atuasse na prevençom, polo carácter social da delinquência. O plano ocupa nova informação do *EIG* do dia 22, que assinala como objetivo do mesmo um serviço ocupacional juvenil, para facilitar o acesso laboral a jovens de 16 a 29 anos.

Diferentes informações dos meios detalham como o PPDS se apresentava em vários lugares: centro juvenil Dom Bosco, Ponte-Pedrinha, claustros do liceu de FP de Conjo e Gelmírez I... e insistem em que o Concelho é quem deve contribuir com o principal financiamento. *ECG* e *LVG* desmentem o 25 de novembro que o Concelho destinasse 3 milhons de pesetas já para o PPDS, pois correspondem a outros programas; e de que os promotores do documento decidem tramitar perante a Inspeçom de

Educación a posibilidade de informar do plano nos centros. Falan tamén en presentá-lo aos grupos municipais e à Consellería de Traballo. Na cidade recóllense abaixo-assinados de apoio ao documento, con un texto em que se indicava

Cada día síntese con máis forza entre os veciños a necesidade de atallar o problema da delincuencia xuvenil. Isto significa mirar as causas que poden levar a un rapaz a delinquir. Estas causas son de tipo familiar, social, económico, e só dándonos conta delas e buscando solucións poderemos atallalas entre todos.

Por iso, os abaixo asinantes, expresamos o noso apoio social ó PPDS promovido polas AA. de VV., entendendo que as institucións públicas, especialmente o Concello de Santiago, deben adoptar as medidas nel contidas, o cal supón ir avanzando na liña de compromiso e co-responsabilidade social.

Esse mesmo día o Concelho apresentou em reunión com os dirigentes vizinhais a prometida publicación sobre o PPDS, para o que se tinham recolhido mais de 1.800 assinaturas de apoio na cidade. Vítor Ferreira definiu o documento como «salto qualitativo perante as institucións» e indicou que se explicaría a todos os grupos municipais. Nesse ato, Alfredo Santomil reivindicou a equipa multidisciplinar. Ferreira anunciou unha próxima reunión com a Consellería de Traballo para procurar recursos. Falou-se igualmente de cursinhos para a policía municipal, de explicar o documento em colégios de EGB, e realizar um estudo da zona de Vite. No tríptico publicado indica-se que o PPDS intenta «unha ACCIÓN CONXUNTA do CONCELLO e a CIDADANÍA en xeral. Nel está implicada a comunidade, os expertos, os afectados, as institucións... A súa realización será rentable e evitará moitos sufrimentos, á vez

que volverá a vida máis gratificante para todos». Encontram-se especificadas em quatro epígrafes as fases principais: «Un nivel esencial: Prevención», «Un Nivel Urxente: Reinserción»; «Recursos: Coordinación» (desde o Concelho, com colaboración de outras institucións, segundo se assinalava), e «Periodización do plan» (com dúas fases de dous anos e unha última de avaliación xeral, em que se valorizaria continuar por outro período de catro anos). No final assinalava-se que o documento fora redigido «por un grupo de expertos en marxinação social», através de um traballo desinteresado e que representava «o primeiro en Galicia neste estilo», respondendo a unha encomenda das AA. VV. do Castinheirinho e Polígono de Vite, da «Comunidade de Propietarios de Polígono de Vista Alegre» e da Paróquia de Fátima.

Em 7 de dezembro, Vitor Ferreira, relator municipal de Educación, fala da necesidade de construír un novo centro educativo em Salgueirinhos, ao pé do Gelmírez II, para cubrir as necesidades da zona. Já fora aprobado polo Consello da Junta, afirma. Dous días máis tarde, *ECG* publica a terceira entrega da serie «Biografía de un polígono», em que salienta que «La mayor parte de los jóvenes de Vite se manifiestan insatisfechos de su entorno y los adultos revelan resignación», segundo um inquérito da Escola de Traballo Social. Como propostas para o bairro, entregadas ao Concelho, recolle a necesidade de oferta de iniciativas lúdico-culturais, fomento do asociacionismo, descentralización e dotación de servizos para aliviar a «tensión social», e atender as expectativas laborais da mocidade.

Em 15 de dezembro o «Grupo de Abogados Jóvenes» organiza unha palestra sobre a delinqüência juvenil em Compostela, com éxito de asistencia, moderada por Isabel Castillo. Participáron Xerardo Estévez; o magistrado

do Julgado número 1, Javier D'Amorín; o Diretor Geral de «Acción Social» da Junta de Galiza, Carlos Etchevarría; o comissário de Polícia, Juan Manuel Sardiña; o educador Moisés Lozano, promotor do PPDS; e José Ignacio Prieto Lois, diretor do centro de menores de Palavea. A intervenção mais impactante foi a do juiz D'Amorin, segundo noticiou *LVG*, ao indicar que a judicatura vivia muito encerrada em si e dedicava todo o seu tempo de debate a assuntos domésticos, esquecendo o meio social a que pertencia e ao que se devia. Afirmou que o 90% dos delinquentes que compareciam cada semana de guarda regulamentária em Compostela eram menores de 18 anos. O comissário confirmou, e dixo ser o problema da delinquência juvenil mais grave que o derivado de outros tipos de delinquência, pois impactou nas capas sociais da alta burguesia.

No *ECG* Nieves González recolheu ampla informação do debate. Da intervenção do alcaide destaca que salientou a criação do departamento de Bem-Estar Social e a Unidade Municipal de Atenção a Drogodependentes, um programa de emprego juvenil como a Escola-talher, e infraestruturas como a Casa de Acolhida e, para breve, a Casa de Juventude.

Em 18 de dezembro *LVG* informa que um grupo de residentes denunciavam uma crescente oleada de insegurança no Burgo, que qualificam como o «novo Bronx de Compostela», e ameaçavam com tomar medidas. O problema dava-se em 5 pavilhões, ameaçados de demolição, sobre os quais não havia controlo, pelo que eram um foco de delinquentes alheios à vida universitária. Julgam que se deteriora a imagem e pode levar ao fecho dos pavilhões. Pedem assistência social para Vite e Vista Alegre, para prevenir a delinquência e o consumo de drogas. Para o regresso do Natal anunciam um ciclo de conferências sobre questões preventivas. Em

22 de dezembro *LVG* e *ECG* recolhem o apoio do Conselho de Governo do Burgo ao PPDS por valorizar que nele «plasma-se a nosa ideia do que deve ser un tratamento de prevención axeitado da delincuencia». Anunciam contactos com as AA.VV. de Vite e Vista Alegre para organizar atividades. Era um instante de efervescência na residência universitária, que em 16 de aquele dezembro celebrara as primeiras eleições para o Conselho de Governo, e onde se queria manter um funcionamento assembleário e de autogestom que viam ameaçado polos novos projetos da USC, entre os quais estava derrubar os pavilhões.

O 25 de dezembro *ECG* informa do convénio entre o INEM (Instituto de Emprego, de âmbito estatal) e a Conselheira de Bem-Estar Social e Trabalho para contratar três profissionais encarregados de pôr em andamento o PPDS. Atuariam coordenadamente com o movimento cidadám, acrescenta. Indica estar-se rodando um vídeo para ajudar à difusom do PPDS, e que a Comissom Social aspirava a que apoiasse o Concelho e formar umha equipa interdisciplinar de 8 profissionais para desenvolver todas as atuaçons previstas. Dous dias mais tarde, *LVG* indica que os três contratos som por 6 meses e corresponderám a umha psicóloga e dous titulados de grao meio. A Comissom Social ressalta a positiva resposta cidadá. O mesmo jornal informa nos dous dias seguintes que dous viandantes detiveram un delinquente roubando na livraria Follas Novas, no Ensanche; e que um jovem de 13 anos identificara os seus assaltantes, de Ponte-Pedrinha, que foram detidos pola policía ao dia seguinte. E igualmente de que a UMAD decidira organizar a primeira escola de pais na cidade, para formar as famílias sobre toxicomanias e trabalhar na prevençom.

Agustín Gómez e Soledad González, do Castinheirinho, valorizam que aquele apoio da Junta de Galiza

deveu-se à sensibilidade de Xavier Batán, psicólogo e alto cargo no governo tripartido, presidido por Fernando González Laxe. Na equipa técnica da conselheria figurava também o sociólogo Ramón Muñiz de las Cuevas, um dos nomes mais decididamente implicados na metodologia de matiz nacionalista em que se trabalhava nos últimos lustros, e com experiência no sindicato agrário nacionalista Comisións Labregas antes da sua passagem para a Administraçom.

Finalizava assim um período intenso, em que a delinqüência parecia ter tocado fundo, e começavam a pôr-se em andamento atuaçoms alternativas à represom para solucionar o problema. A pressom da cidadania, através das suas organizaçoms mais representativas, resultara decisiva nas atuaçoms aprovadas, que nom atingiam a dimensom almejada, mas representavam um primeiro avanço.

VI.
**PRIMEIROS PASSOS
PARA A MUDANÇA**

As três pessoas contratadas para o PPDS, com subsídio do INEM e a Junta de Galiza, fôrom Pilar Cobián como psicóloga, e as também psicólogas Rosa Álvarez Prada e Magda Meléndrez como auxiliares administrativas. Repartiam os salários que lhes abonava a Junta de Galiza com duas trabalhadoras mais, ambas educadoras: Teresa Vilaseco e Maria Viz Otero. Destas cinco continua hoje Rosa Álvarez Prada, quem em junho de 1987 completara os estudos de Psicologia na Universidade de Compostela e quem, quando se conheceu o projeto de PPDS, decidiu que a sua vocação estaria num trabalho social comunitário como o que se propunha. Participou na difusom e na fase de sensibilizaçom do documento e lembra aqueles seis primeiros meses como especialmente duros, por falta de um local em que trabalhar. Magda Meléndrez chegara a Compostela em 1985; instalara-se no bairro de Sam Pedro e participava na sua dinâmica. Em 1987, com Salvador Bará e outros vizinhos acode às reuniões do Castinheirinho sobre o PPDS «só com afám de aprender», pois ainda nom finalizara Psicologia. Conhecia Rosa Álvarez Prada e participou também na difusom do documento. Quando começa o trabalho efetivo centrou-se em Vite e Vista Alegre, em estreita colaboraçom com Maria Viz, residente neste último bairro. Afirma Magda:

Rosa e Teresa centravam-se mais no âmbito educativo; Maria e mais eu no social; e Pilar atendia um pouco a todo. Maria e mais eu usávamos locais de Vista Alegre, porque em Vite nom havia; também utilizamos um local de Cáritas. Em Vite trabalhamos para dar a conhecer o PPDS e procurar apoios, fomos casa por casa, para pedir que nos assinassem folhas de apoio. Ajudou-nos muito o Che [alcunha de um dirigente vicinal de Vite], sobretudo na parte de Belém. Tentamos de promover algumha alternativa de ócio para adolescentes, primeiro na biblioteca de Vista Alegre; depois, em Belém, entramos em contacto com a mocidade, desocupada; íamos aos bares para que soubessem de nós, e lá conhecemos Fran [Fernández del Buey], que nos serviu de apoio, e avançamos algo. Através de Maria [Viz] conseguimos que se lhes oferecesse levar os cabeçudos nas festas do Apóstolo de aquele ano. Seguimos um tempo, colaborando em atividades como saídas ao Pedroso, as jornadas de cinema; fomos ganhando confiança. Por volta de setembro-outubro deixamos o labor e véu outra gente. Para mim foi importante fazer equipa com Maria, polo seu bom conhecimento do bairro. Mas o balanço de aquela experiência é que nom servia para um trabalho tam duro, que me ultrapassou; vim os meus limites.

Assim o lembra, ao ser perguntada por aquela experiência. Enfrentárom «algumha situação conflitiva, sobretudo de moços que buscavam chamar a atençom e que nom sabíamos bem como lhes parar os pés, mas fôrom mais bem anedóticas. Quem dirigia todo era o Conselho Social». No entanto, Magda nom se afastou. Nos anos seguintes, na rua Batalha de Clavijo, onde tinha a sua residência, celebrárom-se muitas reunions com Vite como assunto focado, para procurar alternativas. Assistiam pessoas como Manuel Barreiro, Teresa Vilaseco, Salvador Bará, Alfredo Santomil, Rosa Álvarez e Gori, como mais assíduos. «Eu som a única que ainda resido em Batalha de Clavijo», indica.

O novo ano principiava com mais protagonismo da delinqüência e da alarme social que gerava: em 8 de janeiro de 1988, *ECG* publicava umha carta de Maria del Carmen Leirós de la Peña, quem enunciava textos e fotos sobre delinquentes. Falava na «magnitude» do problema em Compostela, porque «moitas son as persoas que viven con medo e anguria agardando un atraco ou un roubo. Moitos son tamén os mozos que, máis ou menos libremente, chegan a delinquir e comenzan a súa carreira de xuízos e cárceres. E moitísimos son tamén os nenos que con seguridade atópanse no camiño de chegar a ser delinquentes por falta de escolarización, vivenda, familia, etc».. Reclamava na missiva melhor traballo dos meios de comunicación e respeito para as persoas drogodependentes e delinquentes.

Quatro dias mais tarde, no *LVG*, José Luís Alvite assinava a información «Comerciantes de la Calle Nueva cerrarán hoy en protesta por la inseguridad ciudadana» e recollía fortes críticas ao Concelho. No dia seguinte confirmava-se que a Calle Nueva fechou os seus negocios e residentes nela marchárom en manifestación até ao Palácio de Rajói. Nessa jornada, a imprensa noticiava que Xosé Sánchez Bugallo, relator municipal de Seguridade Cidadám, concluía que Santiago precisava de 100 policías mais e das gestons realizadas nos dias anteriores para os conseguir, em Madrid. Criticava que nom se cumpria o pacto para patrulhar as ruas da cidade por falta de efetivos, pois a comissaria tinha 200 policias e precisava 300.

Em 14 de janeiro, mais umha vez em traballo de José Luís Alvite, *LVG* noticiava de que umha jovem de 19 anos fora vítima de outro atraco a man armada na Calle Nueva. No dia 15, Xerardo Estévez assinava os decretos de apercibemento de feche de três bares da Calle Nueva, considerados focos de delinqüência. Esse dia, no *LVG*, o

jornalista Xosé Manuel Cambeiro assinava um longo artigo de opinión, intitulado «El camino de la jeringuilla». Indica que «el dolor no está únicamente en los comerciantes y vecinos, sino especialmente en quienes padecen la marginación y son reducidos a la mísera existencia, y a quienes se les niega un hueco en la sociedad». Afirmo que só mais policía non é suficiente, pois diminuirán os delitos mas «siempre estará vigente la semilla delictiva, la marginación y la “mala imagen”». Revela que Sánchez Bugallo lle indicou a disposición de demitirse se non vinham máis recursos para a cidade. Lembra que poucos rincons de Santiago estaban libres de seringas, que mesmo se encontraban nos soportais do Palácio de Rajóu ou na igrexa de Sam Domingos, «y entre tanto las tiendas, comercios y coches están a merced de una ratearía desocupada». Salienta o PPDS promovido polas AA. VV., «las grandes olvidadas» e concluí: «Es increíble que las autoridades hayan dudado inicialmente de este plan de prevención, muy bien diseñado y tremendamente practicable, que destierra la represión en la medida de lo posible, proporciona un cauce social para la juventud y se erige como una clara solución de futuro. Es urgente consolidar su proceso, y cualquier vacilación institucional que retrase esa consolidación adquiere tintes de gran responsabilidad. Mientras, cuando la Calle Nova quede “liberada”, otra vendrá a sustituirla».

Os membros da Comissom Social do Programa de Prevençom e Tratamiento da Delinqüência Juvenil de Santiago también opinan na imprensa, em 16 de janeiro num artigo intitulado «Un reto para os cidadáns de Compostela». Manifestavam preocupación polo deterioramento da convivência, sobretudo na Calle Nueva, por delinqüência e tráfico e consumo de drogas. A solución real e duradoira viría, segundo prognosticavam, só com unha ajeitada política de prevençom que atingisse o

ensino, família, oportunidades laborais, alternativas de ócio, participação nos bairros através de associações de vizinhos, juvenis, bibliotecas e atuações semelhantes. «¿Soluciona algo o cárcere, os malos tratos, a represión? Deixá-los em liberdade, pero sen ningún tipo de apoio social nen educativo é condená-los a delinquir de novo», indicavam. As soluções passavam por medidas sociais solidárias e por oferecer a esses moços e moças oportunidades para refazerem as suas vidas. Julgavam «non aceptable a postura de inibición que está mantendo o Concello. Só con 100 polícias mais non se vai solucionar o problema». Nom obstante, as reclamações de Sánchez Bugallo pareciam ter repercussom e, segundo noticiava esse mesmo dia *ECG*, detetara-se maior presença policial na Calle Nueva. A Comissom Social do PPDS solidarizava-se com os vizinhos e pedia prevençom, como figurava no documento.

Luís Castañeda informava em 17 de janeiro no *EIG* que 15 polícias vinheram para reforçar a dotação de Santiago. Assinala como bairros conflitivos Vite, Conxo, Carme de Abaixo, Santa Marta, Vista Alegre, Belvís e Castinheirinho, com delitos como roubo de relógios, pulseiras e dinheiro na saída dos colégios. Afirma que umha dotação como a UMAD era também importante na intervençom «pero en un segundo momento».

Aqueles dias, Victor Ferreira, relator municipal de Educaçom, entrevistou-se com várias instituiçoms para atingir cofinanciamento para o PPDS pois, segundo explicava aos meios, o Concelho nom podia assumi-lo em solitário, embora o apoiassem os departamentos de Educaçom e Serviços Sociais. Esse dia tinha umha entrevista com a Conselharia de Juventude e Desportos da Junta de Galiza, e anunciava outras já marcadas com o Reitor, Carlos Pajares, e com o diretor geral de Assistencia Social da Conselharia de Trabalho.

As notícias sobre sucessos nom se detinham e eram do teor de quatro detidos por roubo e venda de haxixe numhas galerias comerciais; detençom de um estudante como suposto autor de vários atracos e abusos desonestos; ou dous atracos a mao armada num só dia a sucursais de Caixa Galicia em Vista Alegre e no Castinheirinho.

No *EIG*, em 13 de março, umha reportagem de Mirenko García Careche tratava dos problemas do bairro de San Pedro. Afirma que a A. VV. A Xuntanza propujo ao Concelho desenvolver o PPDS, elaborado por 9 AA. VV., com assessoramento de psicólogos, pedagogos e outros especialistas. As AA. VV. reclamam maior participaçom, para estabelecer prioridades na atuaçom municipal. O mesmo jornal, no dia 26, informa de umha roda de imprensa, em Ferrol, para apresentar os «I Encontros Galegos de Traballo Social», a celebrar em Fene do 22 ao 24 de abril, com apoio do Concelho, regido polo BNG. Apresentam as atividades Xosé López Gómez «Gori», um educador especializado em marginalizaçom social no centro que aquele ano esmorecia em Compostela, quem anteriormente trabalhara para o sindicato agrário nacionalista Comisións Labregas, e ao finalizar os estudos se especializara com um trabalho em Catalunha, onde tivo um contacto importante com o argentino Hélios Prieto⁵, e na altura profissional em Fene, onde apurava o projeto fim de carreira com um subsídio de 600.000 pesetas da Junta de Galiza; e Salvador Bará. Na altura indicam haver já 85 pessoas interessadas apontadas.

No programa dessas jornadas de Fene, subordinadas ao tema *Participación e cambio social. Análise de Experiencias*, estava marcada para o último dia a exposiçom e

⁵ Este sociólogo era considerado um referente da cultura de esquerdas, segundo o *Diccionario biográfico de las Izquierdas Latinoamericanas*, e tinha experiéncias de relevo no Chile e outras realidades.

debate do relatório: «O PPDS. Unha iniciativa do movemento veciñal», apresentado por Salvador Bará Viñas, secretário de A. VV. A Xuntanza, de Sam Pedro e membro da Comissom Social do PPDS. Outros relatores que se anunciavam eram Luis Gustavo Cuntín Docampo, também promotor do PPDS; Ramón Muñiz de las Cuevas, técnico de Serviços Sociais da Junta de Galiza; Branca Rodríguez Pazos, presidenta do Colegio Oficial de Diplomados en Traballo Social e Assistentes Sociais de Galiza; Daniel López Muñoz, da Escola de Educadores Especializados em Marginalização Social de Santiago; Domingos Dosil, porta-voz das associaçoms de pessoas com discapacidade; Pastor Alonso Paz, médico e alcaide nacionalista de Noia; Xan Lois Medín Roca, secretário do «Colectivo Galego de Promoción do Menor» e dirigente da Escola de Educadores de Santiago... Entre a assistência ao Encontro figurava Rosa Álvarez Prada, na altura trabalhadora contratada do PPDS.

Nas sessons transparecêrom as diferenças entre as duas metodologias sobre o trabalho social que vigoravam no país: umha de carácter estatalizante e a nacionalista galega defendida por Daniez López Muñoz, Muñiz de las Cuevas ou Salvador Bará, os três relacionados com o trabalho realizado em Vite.

Daniel López Muñoz, sociólogo e educador, expujo «A Alternativa comunitaria: Propostas para un cambio necesario». Afirmava nesse estudo que o modelo de trabalho social tecnocratizado, alicerçado na filosofia do Estado de Bem-Estar, que se propiciou no Estado Espanhol a raíz da transiçom política (o que defendiam Branca Rodríguez Pazos, como representante do Colégio de Trabalho Social, e outros coletivos) fracassou, e advogava por um novo, o de trabalho social comunitário, surgido desde experiências de base desde bem anos antes do final da ditadura. Defendeu López Muñoz a teoria de

Wilding George, de 1984, segundo a qual o Estado de Bem-Estar nom conseguiu reduzir as diferenças, abolir a pobreza e forjar umha nova unidade social; pois surgírom novas formas de pobreza que nom encontrárom nele resposta. Defendia que os serviços sociais comunitários fossem umha ferramenta de inserçom social, no sentido que lhe dava o pedagogo brasileiro Paulo Freire, o que supunha num país como Galiza partir da paróquia, promover plataformas vizinhais, dispor de locais, e atingir un reconhecimento e coordenaçom institucional. «A Comunidade adquire flexible e dinámicamente o control sobre os procesos de participaci3n, inserci3n social e mellora da qualidade de vida para todos», assinalava este especialista, que era referênciade deste modelo, e consolidaria-se ainda mais como tal nos anos seguintes.

Salvador Bará Viñas, ao apresentar o PPDS, aludiu ao reconhecimento da UNESCO de Compostela como patrim3nio da Humanidade, com o qual a vida nos bairros nom tinha mudado, pois muitos vizinhos e vizinhas nem se inteirárom da nova, sobretudo entre a mocidade. Abordou a crise econ3mica e a delinqüência juvenil em Compostela e assinalou que o PPDS surgiu com o apoio inicial das AA VV de Castinheirinho, Vite e Vista Alegre, às quais se sumárom posteriormente as de Sam Pedro, O Romanho, Ponte-Pedrinha, Conxo e Almáciga. Em redor do plano fôrom-se criando condiçoms que alicerçariam com posterioridade a Federaçom de AA VV de Santiago, com existênciade legal como tal desde outubro de 1987. Ressaltou também o relacionamento com os comerciantes da Calle Nueva, sobretudo nos instantes de máximate nsom pola delinqüência, em janeiro de 1988, com o que se conseguiu moderar a reivindicaçom de maodura, favorecer a formaçom de umha nova A. VV., e a reivindicaçom de melhoras sociais que acompanhassem à preocupaçom polo mantimento da seguridade cidadá.

Relatou Bará os problemas para contratar pessoal, pois dependia só temporalmente da Administração. Apon-tava a possibilidade de convénios Concelhos-Movimento vicinal e concluía como o problema da formação dos trabalhadores sociais e da homologação dessa forma-ção era também umha questom ainda aberta.

Som de salientar especialmente estas duas interven-ções, apesar do interesse de todas as que se produzírom: a de Daniel López Muñoz polo resumo sintético dos modelos em enfrentamento e por desenhar as linhas mestras do programa nacionalista, que era o que se estava a aplicar já em Vite; e a de Salvador Bará polo resumo que fazia da experiência de Compostela. Em aquelas jornadas surgiu a Associação Galega de Traba-lho Social Comunitário, que tivo Salvador Bará como primeiro presidente. Eram instantes de grande dina-mismo: «Daniel López Muñoz, Salvador Bará e eu viamo-nos cada 15 dias em Fene para abordar questons de metodologia; e por vezes também Muñiz de las Cuevas», relata Gori.

O movimento vicinal retomava em Compostela o pro-tagonismo de dez anos antes, e aquele 25 de abril a Federação de AA. VV., que se constituíra com o apoio da de Vite e outras da cidade, e que tinha como cabeça visível a Ramón Prol, de Vista Alegre (entidade que na altura colaborava estreitamente com Vite) solicitava umha proposta de Regulamento de Participação Vicinal ao Concelho. Em setembro insistirá com novas propos-tas: o pedido de um Registo de associações, e de infor-mações sobre obras e atuações urbanísticas programa-das polo Concelho.

A A.VV. de Vite, ao tempo que se implicava no PPDS e na Federação, continuava com atençom a problemas básicos de infraestrutura, e em maio solicitou pontos de luz e outras instalações básicas ao Concelho.

Em 19 de agosto, X. Gómez informa no *LVG* que no centro de saúde de Vite finalizava esse ano a formação de cinco especialistas em medicina familiar e comunitária, e de que começou com um programa de hipertensão arterial para a população do bairro, ao tempo que preparava outros para a bronquite crónica ou para a vacinação antigripal. Havia também ideias para alcoolismo, drogas e outros, mas dependendo de que aumentassem as pessoas beneficiárias, pois na altura só acudiam a ele um 25% da população adscrita. A formação de especialistas era consequência de dispor de uma unidade docente, que trabalhava estreitamente em colaboração com o hospital, como ainda faz hoje. António Álvarez, na altura coordenador do centro, salientava que se realizáram programas preventivos de saúde pública pioneiros em Galiza, que só anos mais tarde se generalizariam por parte da Junta de Galiza para todo o país, como a vacinação antigripal. Também se realizáram estudos, por parte dos especialistas em formação, que se adiantáram anos a outros efetuados para Galiza, como um sobre consumo de fármacos por derivação de especialistas dos hospitais, no qual os resultados fôram semelhantes aos que conseguiu a Divisão de Farmácia do Sergas dez anos mais tarde. A trabalhadora social, Juana Cruz, lembra o intenso trabalho que se fazia para captar usuários: «Muita gente não queria saber nada com o centro de saúde, apesar das boas prestações que oferecia, por estar em Vite; a má fama do bairro representava um sério prejuízo», manifesta. Entre os programas que se realizavam figurava o de saúde infantil, para o qual trabalhavam em estreito contacto com o Hospital Geral, que informava dos nascimentos na zona de influência do centro, e procuravam as famílias, embora não tivessem o médico em Vite, enfatizando os benefícios que podiam ter se optavam por adscrever-se ao

centro de saúde. Pouco a pouco, o volume de pessoas afiliadas foi em aumento, afirma.

Em setembro desse ano celebrou-se a III Semana de Cine ao Ar Livre, umha atividade que se institucionalizava no bairro nas datas prévias às festas, e que se repetirá nos anos sucessivos. Também nesse mês, e organizado pola A. VV., celebrou-se um cursinho de eletricidade básica no lar para donas de casa, ministrado por U-Fenosa: desde explicação dos recibos da luz a pequenas reparações, melhor uso da energia, congelados, etc. As participantes reivindicárom mais atividades semelhantes, e para o resto da vizinhança, além de um local social para as celebrar. A A. VV. anunciou o pedido de um subsídio ao Concelho para outro cursinho, de «repujado de metais». Começava a ver-se o trabalho promovido desde o PPDS.

Em 23 desse mês, a AMPA solicitava mais colaboración e participación aos pais, advertindo num escrito que «non pode seguir funcionando con tan poucos membros» e fazendo um chamado para «os pais e tutores cuias inquiredanzas sean as de loitar por unha comunidade escolar dacordo cos tempos que corren e que en definitiva o esforzo de todos redunde nunha mellor escola para os nosos fillos [...] O que está claro é que o traballo faise moito para tan poucos diretivos, e así non se pode seguir».

Em 4 de outubro era legalizada a Asociación Juvenil de Vite. Os seus membros tiveram de esperar até aos 18 anos, idade exigida para formalizar a legalización. Juan Luís Sande (Jon), Xesús Igrexas (Luqui) e Aureliano Villalonga (Lano) lembram que desde bem tempo antes reuniam-se nas escadas dos blocos e a base da entidade remete para quando tinham 15 anos e começárom quando integravam a comissom de cinema infantil das festas, em que participárom na organización. Depois

passárom a celebrar campionatos nos pátios. A asociación juvenil contou com umha publicación propia, *Nós os Ben Ditos*, com impressom a gelatina e exemplares gram-pados. «Dava muito chollo», lembram, pois nom havia dinheiro, e distribuíam uns 200 exemplares. Nas suas atividades surgiu a figura do Capitán Cebola, ideia de Fran Fernández del Buey. Muitas ideias só as pudêrom levar para a frente com posterioridade, quando se integrárom na Coordinadora do bairro. Foi um grupo especialmente ativo, pois nos anos posteriores, além de se integrarem na Comissom de Tempo Livre da Coordinadora de Vite, promocionárom o Ponto de Informação Juvenil Triquiñola, a asociación ecologista Choupín ou a asociación de tempo livre Ollomol. «Divertiamo-nos organizando atividades», afirma Jon. Luqui ressalta que «buscávamos ressaltar o nosso, orgulhar-nos do bairro». Lano lembra o «bom rolho» com a gente da residêcia universitária do Burgo das Naçons, em cujas instalaçons organizárom festas como a de «Vite Nazón». «Havia gente do bairro que ia viver ao Burgo se tinha problemas na casa», indica Jon. Entre aquela mocidade surgírom iniciativas como o grupo rock Os Trebóns. Lembram umha letra, que dizia:

Polígono de Vite
chabolismo em vertical.
Polígono de Vite
a tua fama é imortal

ou atitudes do grupo, como tocar de costas. «Desfrutávamos com o que fazíamos, e isso transmitia-se», indica Lano. Era a única opção, pois nom se organizavam atividades. Luqui relata como «normal» ver pessoas injetando-se droga no dia-a-dia. Ele, desde três anos antes, colaborara com a asociación de tempo livre Paxariños, de Pelámios, que trabalhava para toda Galiza organizando atividades de ócio. Aí surgiu a ideia de formalizar

em Vite Ollomol, que tinha como fins «servir como umha alternativa de trabalho para a mocidade, organizar atividades desportivas e de cultura em geral, e a defesa do idioma galego e da natureza», afirma. O pulo final foi umha oferta do Concelho de Narom para organizar um acampamento, que ninguém queria «e os de Vite que estávamos em Paxariños decidimo-nos». Depois, durante sete veraos seguidos organizárom colónias, mas também atividades de inverno, em que participárom centos de rapazes e raparigas de Vite; nom se tratava de fazer umha atividade isolada, como os acampamentos de verao que se ofertavam desde instituiçoms e diversas entidades, mas que surgissem como continuidade do trabalho de todo um ano e aproveitar esse período de descanso para detetar problemas e programar umha dinâmica que ajudasse à procura de soluçoms. Jon assinala que com aquela juventude começou o orgulho de ser do bairro: «Quando se nos perguntava, “És de Vite?”, nós respondíamos, convencidos, “Sim, som de Vite naçom». Lembra igualmente a participaçom nos programas de Rádio Kalimero, uma rádio livre que dedicava especial atençom a Vite.

Outro facto a salientar de aquele mês de outubro foi a incorporaçom de Gori a Vite. Este educador trabalhava em Fene, mas decidiu-se a mudar por duas circunstâncias, segundo ele próprio relata «o relacionamento com Salvador Bará e o poder trabalhar com Rosa Álvarez Prada, a quem conhecera pouco antes do Encontro de Fene, numa reuniom de pessoas que participávamos em iniciativas comunitárias». Além disso, apresentara um projeto para desenvolver em Carança, aquele mesmo ano, que nom lhe fora aceite. É por isso polo que afirma que «Vite é, na realidade, a primeira experiência comunitária galega», embora a primeira reconhecida institucionalmente como tal, e subsidiada, seria a de Ferrolterra.

Gori rememora que chegou muito iludido e mesmo quijo residir em Vite «mas nom me deixárom. E ainda bem, foi um acerto, porque a prática demonstrou que se passavam muitas horas no bairro, houve jornadas de vinte horas seguidas. Alfredo Santomil dixo-me que procurasse outro lugar que me permitisse poder desligar». Apesar da atividade, naquele tempo o movimento associativo era muito vulnerável, estava ainda nos inícios, e a coordenação como tal era inexistente.

Em 16 de outubro, X. G. informava no *LVG* que a AMPA de Vite, com outras seis de centros de EGB e a do instituto Eduardo Pondal responderam à primeira convocatória da «Escola Activa de Pais», promovida polo Departamento Municipal de Educaçom. Compostela era o segundo Concelho galego em que se realizava esta experiênciã, que só tinha precedente em Vigo. Como relatora atuara Maria Villalta, pedagoga de Hospitalet de Llobregat. O objetivo era ensinar a participar os pais e as maes nos colégios, que fossem cientes de serem usuários de um serviço público e, como tais, deviam fazer os seus contributos para que funcionasse bem. Na AMPA do colégio de EGB de Vite, que se integrará desde o início na Coordenadora do bairro, estavam como dirigentes Júlio Parente e Maria García Vázquez, que lembram as excursões (cinco anos seguidos com o mesmo itinerário, a Madrid, Andaluzia e Castela, com monitores e monitoras especialistas procedentes do dinamismo do bairro) e outras iniciativas conjuntas. Os dous guardam fotografias que testemunham as muitas atividades extra escolares organizadas, e Maria orgulha-se especialmente da dança tradicional galega, pola elevada participaçom, e a implicaçom das famílias para que a atividade corresse bem, com os trajes e mais elementos precisos; dessa atividade emergiriam futuros integrantes de coros como os da Colegiata de Sar ou Cantigas e Agarimos.

Alfredo Santomil aparecia em novembro no *ECG* intervindo no conflito de Drogueria Central, na sua qualidade de sindicalista nacionalista. Em 27 desse mesmo mês, Xoel Gómez informava no jornal *LVG* que o centro de saúde de Vite, no primeiro ano de funcionamento, atendera 24.000 consultas, e já ampliava instalaçõs. Fora projetado para 20.000 residentes e o Insalud previa ampliar um novo andar. O quadro de pessoal estava formado por seis médicos gerais, dous pediatras, umha trabalhadora social, nove profissionais de enfermagem, um de auxiliar de enfermagem, dous de celador, dous de administraçom, além de umha unidade docente que dependia do Hospital Geral, com cinco residentes e um coordenador. Trabalhavam coordenados com a Unidade de Saúde Mental e mais com o Centro de Orientaçom Familiar; e assinaram um convénio com a Faculdade de Odontologia. O centro considerava-se bem dotado de material sanitário. Dos programas em andamento, salientava o de atençom à infância, que consistia na captaçom de recém-nascidos, e assistênça a lactantes, preescolar e escolar. Realizara-se um programa de vacinaçom contra a gripe, com o envio de cartas aos residentes considerados de risco, dos quais mais da metade responderom. Na altura trabalhavam no desenho de um novo programa para a diabete, e outro para doenças broncopulmonares: quantas mais pessoas beneficiárias tivessem, mais serviços haveria. As maiores consultas no ano de estréia foram gripes, catarros, amigdalites, hipertensom, problemas de articulaçõs (joelhos, costas e cervicais). A diário a demanda ultrapassara as cem consultas. Umha das principais mudanças do novo modelo de atençom primária que se aplicava era que se falava mais com o doente e diminuía o volume de receitas.

Aquela dinâmica continuou nos anos posteriores. O médico António Álvarez e a trabalhadora social Juana

Cruz lembram numerosas reuniões de trabalho, um estudo da potabilidade das fontes, palestras para a cidadania e nas escolas, participam em atividades... «Algumas iniciativas resultaram pioneiras, como a primeira campanha de vacinação antigripal gratuita que se realizou na Galiza, antes de se institucionalizar esta atuação preventiva; o programa de atenção domiciliar de doentes crónicos, também antes de ser institucionalizado pelo Sergas; ou atividades sobre alcoolismo. O quadro de pessoal do centro formavam-no um grupo de profissionais de procedências muito díspares e com vontade de trabalhar. A filosofia da participação comunitária favorecia que a população assumisse um papel ativo respeito à sua saúde. Não se tratava só do conceito de doença-sanar, mas também de participar, da prevenção. A iniciativa de uma Coordenadora do bairro resultou especialmente interessante, por partir da própria comunidade e oferecer às instituições que se integrassem», indica António Álvarez. Os dois profissionais lembram a colaboração com o instituto de bacharelato e a resposta que dão para casos concretos. Juana relata algum caso de apoio da A. VV., as experiências com famílias ciganas para que se acostumassem a pedir cita e a utilizar os recursos do centro como os restantes usuários, a participação em atividades como o Dia da Árvore ou as Olimpíadas (ver infra), a programação de atenção domiciliar; o plano de cuidados médicos, de enfermagem e sociais, em que ela como trabalhadora social procurava recursos e mecanismos para solucionar problemas pontuais... Para a trabalhadora social, uma iniciativa de enorme interesse foi o programa de captação de recém-nascidos, que tinha como objetivo procurar pessoas não afiliadas para o centro: «trabalhava de colaboração com as enfermeiras e, segundo dados que nos facilitavam no hospital, programávamos

umha visita ao lar onde havia umha nova criatura. Havia pediatras colaboradores, o que permitia promocionar a lactância materna ou facilitar no domicílio a prova de metabolopatias. Aquilo era como ir vender a *Bíblia*, ainda que nom havia comissom; tratava-se de procurar trabalho. Os profissionais de trabalho social nom eram conhecidos, sobretudo no campo sanitário; eu buscava trabalho, tentava fazer-me útil e necessária, e penso que o conseguimos», refere Juana Cruz.

Entre os médicos que estreárom o centro de saúde estava o atual coordenador, Manuel Bacariza, quem lembra que «inicialmente nom se cubrírom todas as praças ofertadas polo Insalud, os médicos tinham medo ao novo modelo, por desconhecimento». Ressalta as consultas programadas, as atividades de promoçom da saúde, a consulta de enfermagem, o controlo de receitas médicas e a falta de apoio posterior desde o Sergas, após a transferência do Insalud à Junta de Galiza, ao Conselho de Saúde da zona «que tentava responder às demandas das pessoas usuárias».

Além do dinamismo interior, no exterior o bairro ganhou umha batalha importante: quebrar a barreira com quem residiam no Burgo das Naçons. O Conselho de Governo desse centro universitário delegou em Jaime Subiela e em Ana Trigo para que contactassem com os representantes vizinhais, e assim o fizérom. «Até que se produziu aquele diálogo, a grande maioria da gente do Burgo tinha a respeito de Vite a ideia de ser um bairro marginal; com mocidade problemática, que se ia injetar droga aos banhos coletivos, aproveitando que tinham as portas abertas, o que provocava rechaço; e que mesmo em certos momentos entravam a roubar», afirma Ana Trigo. Após a entrada na Coordenadora e a informação fornecida aos residentes, por cartazes e polo boletim interno, a percepçom mudou por completo «mesmo

participamos como monitores voluntários em atividades e houve estudantes que oferecêrom aulas de apoio de graça a alunado com problemas de Vite, com umha atitude solidária digna de ressaltar, porque nom tinham muitos meios», indica Jaime Subiela. Admitírom como mesmo em occasions os factos delitivos nos pavilhons eram responsabilidade de gente de outros lugares, mas as culpas levavam-nas os de Vite. E nom só: colaborárom na ludoteca, e outras atuaçõs fôrom facilitar sessõs de Disco-Ligth aos sábados, partilhar festas e atividades culturais, programas de Rádio Kalimero, e a assistência a reunions com as entidades do bairro e nas comissons de trabalho da Coordenadora. Patrícia Pena, outra residente no Burgo com protagonismo na vida da residência, manifesta que «em parte aquilo foi favorecido porque nós, os residentes, também nos sentíamos marginalizados a respeito da Universidade, viamo-nos ameaçados». No Burgo houvera muita mobilizaçom estudantil, o que favorecia aquela solidariedade, admite Subiela.

Vite, esse ano, ficou fora da exposiçom sobre brinquedos educativos que promoveu o Concelho em bairros de Santiago polo Natal. Essa marginalizaçom será umha ideia para a Coordenadora, que em anos seguintes (ver *infra*) promoverá campanhas solidárias, orientadas a que nengumha criança de Vite fique sem presentes nessas datas de mudança de ano.

VII. CATÁSTROFE SOCIAL

Em janeiro de 1989 o Colégio Oficial de Diplomados em Trabalho Social e Assistentes Sociais de Galiza valorizou numhas jornadas em Compostela a presenza do seu coletivo na sanidade. A entidade fundara-se em 1982, e a profissom cobrara impulso desde que a promocionara a Junta de Galiza nos concelhos, desde 1984 e sobretudo desde 1987, para fazer cumprir a sua própria legislaçom. Em Galiza havia em 1989 uns 600 trabalhadores e trabalhadoras sociais, e por volta de 560 pertenciam ao Colégio Oficial, que presidia Branca Rodríguez e era secretária a compostelana Luz Verde. Esta especialidade, que tinha entre os seus ativos as intervençons em Vite de algunhas das pessoas associadas, tentava progredir e afiançar-se socialmente em diferentes âmbitos.

Em fevereiro celebrou-se a I Assembleia da Federaçom de AA. VV. de Compostela, com assistênciam de representantes de outros lugares do país. Será um ano de crise na entidade, que levará a que Vite e outras, entre elas as de Sam Pedro e Castinheirinho, a abandonem, por desavenências. Também nesse ano se efetivizará a segregaçom universitária, com novos câmpus na Corunha-Ferrol e em Vigo-Ourense-Ponte Vedra, decisom política de relevo com repercussom em Compostela.

Em 26 de fevereiro, X[oel]. G[ómez]. informava no jornal *LVG* da atividade da trabalhadora social do centro

de saúde de Vite durante o ano anterior. Atendera «importantes problemas sociales» de 879 famílias. Em janeiro acrescentáram-se os núcleos beneficiários do centro de saúde, que passáram a mais de 90, com importante incremento na zona rural, com o fim de que o estabelecimento sanitário ganhasse em número de pessoas usuárias. A população de Vite era muito jovem: segundo dados do Concelho, o 25% tinha de 0 a 14 anos, o 66%, de 15 a 65 anos; e só o 8,7% ultrapassava os 65 anos. O Insalud preparava um programa para donas de casa, para combater a depressão e a ansiedade provocada pela solidão e pela pressão que recaía sobre elas por causa da sua muita responsabilidade, segundo Rocío Mosquera, diretora do centro de saúde Concepción Arenal (situado no Ensanche) e máxima responsável da atenção primária na cidade. Estudos de outros lugares que serviam de referência indicavam um consumo de muitos psicofármacos por estas mulheres, mesmo sem controlo médico. Em 1988 a atividade do centro de saúde de Vite crescera: 26.000 consultas médicas (22.000 de medicina geral e 4.000 de pediatria) e 10.500 de enfermagem. Tinha abertas 3.000 histórias clínicas. Na vacinação antigripal participaram 360 maiores de 65 anos. De 77 recém-nascidos, captaram menos da metade, para os atender desde o primeiro instante. E 120 menores do bairro beneficiáram-se do programa de saúde bucodental gratuito em colaboração com a Escola de Estomatologia. A população beneficiária estimava-se, notwithstanding, que não era inferior aos 20.000 habitantes, pelo que restavam muitos usuários potenciais por captar.

Em finais de fevereiro, um grupo de jovens de Vite, com apoio dos técnicos do PPDS, promovem a Comissão de Moços contra o Desemprego. Buscava ser uma alternativa para a formação, ter a mocidade ocupada, e aproveitar as suas potencialidades para demonstrar que

podiam ter saída laboral. Realizavam pequenas reparações e labores modestos, mas que geravam enorme ilusão entre o coletivo.

Em 14 de março, Rosa Álvarez Prada e Gori, que decidiram continuar trabalhando apesar de ficarem no desemprego, apresentam umha «Memoria do Proxecto» do PPDS para aplicar «no bairro de Vista Alegre-Vite». Continha iniciativas encaminhadas para melhorar a qualidade de vida de toda a população, desde a infância às pessoas de idades mais avançadas, com intervenções em diferentes âmbitos. Era uma proposta de relevo para mudar e melhorar as condições sociais. Porém, o PPDS nom prosperará em Vite segundo aquele projeto, ao nom dispor do pessoal apropriado, e a partir de 1990 [ver infra] o bairro contará com um plano sociocomunitário apoiado pola Conselharia de Sanidade, que resultará muito positivo.

Em 23 de março, num especial de segurança cidadá do jornal *ECG*, entrevistam Alfredo Santomil, como membro da Federação de AA. VV., na altura integrada por 17 entidades e 4 mais que tramitavam sumar-se. Demandam apoio para o PPDS. O dirigente de Vite afirma que a repressom policial nom é umha saída: levavam-se centos de anos com esse sistema, e se nesse tempo nom se tinha solucionado o problema havia que procurar alternativas, manifestava. Se no Palácio de Congressos de Santiago se investírom 1.200 milhons de pesetas, com esse dinheiro fai-se muita cousa, acrescentava Santomil. Nesse mesmo lugar, o relator municipal de Segurança, Sánchez Bugallo, admitia que Santiago precisava reforçar serviços, pois «El 90% de los detenidos son drogadicotos y el origen de la delincuencia se centra en determinadas zonas muy deprimidas y sobre las que resulta prioritario actuar desde el punto de vista social».

Em finais desse mês Vite é atualidade que ultrapassa o âmbito local por causa de um conflito educativo. Em 30 de março, no *LVG*, Xoel Gómez informa que a AMPA da escola de EGB impedira a 700 escolares de Vite I acudir às aulas para evitar mudanças de docentes e horários. Havia divisom sindical sobre a situação provocada por umha docente, Isabel Martínez Álvarez, que desde os inícios do curso mantinha umha demanda laboral, por discrepar com as disciplinas que devia ministrar, e que nessa altura, na semana anterior às férias de Páscoa, fora atendida pola Conselharia de Educaçom. O presidente da AMPA, Manuel Rey Méndez, comunicou a sua oposiçom à resoluçom favorável à docente por parte da conselharia. Dous dias mais tarde qualificava o acontecido de «chapuza» num comunicado de imprensa, em que se assinalava que as mudanças prejudicariam a qualidade de ensino de 200 discentes de 6º e 7º cursos de EGB. Convocada polos pais, celebrou-se umha manifestaçom até Sam Caetano, em que se pedia a demissom do diretor geral de EGB, José Luís Novo Cazón, e mais do conselheiro, Aniceto Núñez. Cazón culpava à direçom do centro por nom cumprir a normativa em vigor sobre adscriçom do professorado e ameaçava que enquanto nom regressasse o alunado às aulas nom haveria diálogo. Os pais responderom com que ao dia seguinte também nom haveria aulas em Vite II, polo que o alumnado afetado seria de 1.200 escolares. Desde o PPDS apoiou-se esta mobilizaçom. O Conselho Escolar estava em contra de mudanças com o curso tam avançado, umha questom que dividia igualmente o claustro. Houvo mesmo telegramas anónimos. A primeiros de abril cessou o conflito ao aceitar Educaçom negociar com os pais: o dia 3, segunda-feira, reanudárom-se as aulas, com novos horários, depois do paro de três dias da semana anterior. No diálogo

posterior pais-conselharia nom houvo acordo, e a AMPA acordou apresentar umha queixa à Valedoria do Povo polo conflito. Manuel Rei, presidente da AMPA, indicou que acordaram pedir que nom se votasse CG, partido do diretor geral, de quem se insistia em pedir que demitisse. A Federaçom de Ampas de Compostela apoiou a de Vite e aproveitou-se a ocasiom para criticar que continuassem os pavilhons prefabricados utilizados para a atividade escolar.

Pilar García Quintáns, na altura docente do centro, assegura que aquele conflito «marcou um antes e um depois, pois provocou umha forte divisom entre o claustro». Valoriza como «desafortunada a intervençom dos meios de comunicaçom». Pilar lembra que no centro havia muita pressom, «eu tivem muitas aulas de 40 alunos. Lembro muitos enfrentamentos verbais no centro e sérias dificuldades de adaptaçom dos que chegavam de todos os sítios». Para esta profissional do ensino, um acontecimento que resultou marcante foi o trabalho coordenado por Manuel Armas «e antes resultara muito decisivo o labor da primeira diretora, Cruz Vázquez, num período especialmente difícil e em que se conseguírom avanços consideráveis».

O trabalho de Manuel Armas foi apresentado a Educaçom e intitulava-se *Deseño do Proxecto Educativo do centro, no contexto da reforma, a partir da avaliación de necesidades*, segundo a memória final. Armas lembra que em realidade o trabalho iniciou-se em 1988

e todo girou em redor de conseguir umha maior autonomia. O projeto educativo tentava analisar as necessidades do bairro, e consensuar com os pais, docentes e associaçoms do bairro as linhas de atuaçom. O trabalho contou com um subsídio da Conselharia de Educaçom e tentava marcar objetivos a 10-12 anos. Participárom ativamente colegas do claustro

como Genoveva Díaz, Pilar García Quintas e Pablo Roibás; mas também a AMPA, o PPDS e a Coordenadora de Vite, que contribuírom com relatórios; e Luísa Silvela, umha profissional do plano de integraçom da etnia cigana. O alunado, o professorado e o restante pessoal responderam questionários e, após avaliar as necessidades, concluírom-se umha série de propostas. Muitas delas resultárom inovadoras e ainda nom se conseguírom hoje totalmente no ensino galego, como a de constituir um Departamento de Orientaçom integrado por docentes, psicólogo/pedagogo, um representante dos pais e outro da AMPA, médico escolar, logopeda, trabalhadora social do bairro, com presença também de pessoas do PPDS e da Coordenadora de bairro e do Concelho. Tratava-se de umha visom muito completa. Hoje está-se a experimentar algo semelhante, mas nom tam integral, em alguns centros. Também se propunha contar com um departamento de formaçom do professorado, favorecendo a investigaçom e introduzindo métodos para melhorar a forma de ministrar as aulas; propunha-se a criaçom de um Departamento de Normalizaçom Lingüística, hoje já reconhecido nos centros, mas inovador na altura; participar no projeto Abrente, que introduzia a informática no ensino, também com escassa presença nas escolas galegas quando se realizou o trabalho. Outras propostas eram facilitar práticas de alunado de último ano de Magistério. Também se recomendava que o centro participasse no plano de integraçom, a incorporaçom de novas tecnologias, fazer jornada única com atividades complementares pola tarde, e intensificar a relaçom e abrir instalaçoms do colégio à comunidade.

A grande novidade era introduzir gente do bairro na estrutura organizativa do centro, como umha espécie de plano integral em que colaboravam os diferentes agentes da comunidade, «potenciando a participaçom e o consenso, e evitando o caráter burocrático», resume este docente e orientador.

Em 28 de abril, no *LVG*, Xoel Gómez informava que sete crianças com discapacidade integravam-se em aulas de Vite e 10 mais recebiam atençom especializada. Acudia ao colégio alunado com discapacidades de vários lugares da cidade, por ser o único que contava com um transporte especializado. Desde o 8 de fevereiro, Educação tinha enviado umha cuidadora, que colaborava com o pessoal do PPDS, e para o próximo curso receberam-se várias solicitudes, entre elas de um escolar com síndrome de Down. Porém, o centro ainda tinha barreiras arquitetónicas. Genoveva Díaz, docente de educação especial, ressalta as muitas horas de dedicaçom de muitos docentes no centro, numha situaçom de massificaçom

com aulas na biblioteca, na secretaria, no laboratório; ou os pavilhons provisórios que se mantinham nos novos cursos. Nos anos que passei nesse colégio nunca lembro droga no interior, nem navalhas, nem situaçoms que se pudessem considerar de delinqüência em horário escolar. Os pais sempre respondiam de maravilha. Em educação especial estivemos oito cursos sem cuidadores, apesar de haver escolares em cadeira de rodas. Nesta questom há um nome próprio que merece todas as honras: Asunción Leiceaga, umha lutadora incansável que, com apoio da direcçom, foi conseguindo que se eliminassem as barreiras, mais pessoal, mesmo um transporte especial que ainda continua na atualidade para escolares com necessidades educativas especiais. Para o labor dessa mae eu nom tenho palavras, hoje a sua filha é advogada, isso é impressionante.

De aquele transporte beneficiou-se muita gente, mesmo um professor universitário, salienta Genoveva. A Administração foi descobrindo muitas cousas pola experiênciam de profissionais de Vite, que foi um colégio sempre muito receptivo, escolarizou sem problemas alunado

com discapacidade de Lavacolha, de Vedra, de diferentes zonas de Santiago que nom correspondiam à sua zona de influência», acrescenta esta docente.

Em 29 de abril culminava a festa ecológica em Vite, iniciada no sábado anterior. Participárom 150 menores e 40 maiores, com umha marcha a pé ao Pedroso e atividades diversas. Foi «una experiencia inédita en la historia del movimiento ciudadano de Compostela, ya que participaron la AA. VV. del Polígono, la asociación juvenil, la Apa [AMPA] y la residencia universitaria Burgo das Naciones», segundo informava LVG. Eram os primeiros passos para aunar esforços numa Coordenadora do bairro. Colaborou o Departamento Municipal de Educação. Para a jornada organizou-se umha plantação de árvores, jogos comunitários e maratonas de fotografia e pintura, com festa final com música e atuações diversas. Esse mesmo dia, umha reportagem no mesmo jornal salientava que no Gelmírez II persistiam deficiências «herdadas» da sua acelerada construção: maus acessos, falta de passeios e de transporte, nula sinalização, aulas massificadas, deterioros do edifício e carências de mobiliário. Faltava dotação de laboratório e armários. Nas quartas-feiras havia sérias dificuldades pola celebração do mercado de gado de Salgueirinhos, e o muito trânsito que movia. A zona do instituto também se inundava quando chovia. O diretor, José Luís Hospido, admitia um fracasso escolar elevado. Para paliá-lo, vinte docentes tinham assistido a dous cursos, em fevereiro, organizados de colaboração com o Departamento Municipal de Educação.

Em 25 de maio, umha notícia de César Casal no LVG indicava que umha forte tormenta provocara inundações na cidade. Afetou muito a Vite e havia vizinhos que se queixavam de nom ter onde dormir. Denunciava-se a demora dos bombeiros para intervir e assinalava a

existência de casas convertidas numha espécie de estanque. Alguns vizinhos tivérom de valdear mais de 50 cubos de água. Em dez anos vivendo lá, nunca pensárom que a situação se ia complicar tanto, afirmavam. O Polígono de Vite, «famoso por las innumerables carencias que sofre», segundo o jornalista, quem perguntava o leitor como se sente um quando lhe pedem que pague 20.000 pesetas de contribuição pola vivenda e vê como o tecto da casa parece um coador para o leite.

Os meios de comunicação noticiavam em junho da distribuição, por parte da AA. VV. de Vite, de papeletas para as eleições europeias, onde se recolhiam as carências do bairro. A papeleta pedia que «queremos ser Europa también en viviendas sociales» e denunciava que sofriam «recibos europeos para umhas vivendas terceiro-mundistas». Nos jornais destacava-se que a originalidade da ação passará à história das eleições. Os «recibos europeos» referiam-se à contribuição, que em 25 desse mês provocou umha manifestação, com mais de mil vizinhos, nas ruas da cidade. O sucesso atingido favorecerá que repitam práticas semelhantes em eleições posteriores. Naquelas europeias incluírom umha papeleta, em que se lia:

Eu voto para que os partidos políticos con representación nas Administraciones con competencias no tema fagan esfuerzos, cando menos os mesmos que fan durante as campañas electorais, para solucionar definitivamente os problemas existentes nas viviendas, na urbanización e na dotación de infraestructura e servicios sociais no Polígono de Vite.

Assinalavam deficiências generalizadas nas vivendas e na urbanização do bairro, a inexistência de locais sociais, bibliotecas, centros ocupacionais, serviços sociais, as zonas desportivas sem equipamento e «un longo etcétera

para o que se necesitaría un bon montón de folios para enumeralos. Como parece ser que só se fan obras, se realizan proxectos e se fan inauguracións cando hái eleccións, decimos: QUEREMOS MÁIS ELECCIÓNS, PARA QUE HAXA MÁIS INAUGURACIÓNS».

Datada em junho, Francisco Xavier Álvarez, Xosé Manuel Teijeiro Bello e María C. Viz Otero, que eram o pessoal contratado polo Concelho, presentan umha memória das actividades e incidências da intervención que realizaram no Castinheirinho, na seqüência do PPDS.

Em 27 de junho a Comissom Social do PPDS avaliava criticamente nos jornais os dous primeiros anos de desenvolvemento do mesmo. Exigia que o Concelho recobrasse o papel ativo; reclamavam apoio da Conselharia de Trabalho e Bem-estar Social; salientavam o traballo realizado nos bairros os últimos seis meses, de interesse preventivo e de sensibilización, solucionando casos de alto risco e delinqüência e superando «en moito ó realizado polas alternativas institucionais na última década na nosa cidade». Concluían com a exigência de que se contratassem de novo os 5 educadores que já participaram nos labores, e 5 mais para completar umha equipa interdisciplinar ajeitada, garantindo a continuidade por uns três anos para seguir demostrando que «estas vías alternativas teñen máis eficacia que as clásicas de represión, internamentos masivos, plantexamentos paternalistas, tal como é recoñecido pola xente dos barrios, polas súas asociacións, centros escolares, xuíces, etc».

Em 28 de junho o Colégio Oficial de Psicólogos fizo público o respaldo ao PPDS valorizando que «no era solamente deseable socialmente sino correcto técnicamente en el momento actual», segundo noticiava a imprensa. Criticava o estancamento do projeto. Também nessas datas o colégio público de Lamas de Abade

apoiava que seguisse a equipa do PPDS. Os últimos contratos finalizaram entre o 28 de fevereiro e o 31 de março. A equipa trabalhara neste colégio e no de Vite. O Concelho respondia que propugera à Junta de Galiza prorrogá-los, mas nom tivo resposta positiva.

Rosa Álvarez Prada lembra que naquele tempo trabalhárom mesmo sem contrato, pois aproveitavam as prestaçõs do desemprego para continuar para a frente. Esta psicóloga já nom deixou o seu relacionamento com Vite, é a empregada mais veterana e será depois a diretora do plano sociocomunitário iniciado em finais de 1990 com o apoio da Junta de Galiza (ver infra). Naquele 1989 principiárom as tarefas de orientaçom no colégio de EGB ela e Gori, com colaboraçom da trabalhadora social do centro de saúde, Juana Cruz, e Inma Peleteiro, trabalhadora social do Concelho. Em junho, Rosa Álvarez Prada e Gori, que trabalhavam no âmbito do PPDS em Vite, redigírom um relatório, que apresentárom à Conselharia de Assuntos Sociais, com a descriçom de quinze casos significativos de menores com problemas, e umha síntese da sua intervençom em cada caso. Pediam ajuda para um projeto de atuaçom, que nom foi concedida. Aquele documento espelhava a catástrofe social que atravessava o bairro. Exceto umha de 16 anos e outra de 18, as restantes eram crianças entre 8 e 15 anos. No relatório forneciam dados da família e da situaçom escolar. Pais separados com situaçõs de maos tratos, ou com um dos cabeças de família que levava meses ingressado no hospital; abandonos de família por parte de um dos esposos, ou que nom chegavam a isso mas apenas se lhes via pola casa; outros residiam com os avós e com vários primos; economias dependentes da venda ambulante; situaçõs de desemprego prolongado e mendicidade; menores que deviam assumir responsabilidades no lar, como as tarefas domésticas ou cuidado

de irmãos de idade inferior; fracasso escolar, com cursos repetidos, frequente absentismo às aulas ou mesmo abandono, alguns escolarizados por vez primeira aos 8/9 anos; crianças que sofreram maos tratos e que se dedicaram a roubar por conselhos da família, por necessidades de sobrevivência; alcoolismo; atrasos madurativos e deficiências de alimentação e/ou higiene; maes e irmãs dedicadas à prostituição; maes solteiras; famílias numerosas que deviam arranjar-se com umha pensão de invalidez; alguma situação de orfandade de pai, e ficava a família a cargo de umha mulher que só trabalhava no lar; menores conflituos, que apresentavam fobia consigo mesmos; pais no cárcere, o que repercutia em problemas de relação dos filhos com os companheiros; pais agressivos; crianças que deviam ir por temporadas para a aldeia conviver com os avós por exigências do emprego eventual do pai; antecedentes judiciais por delinquência...

Perante estas situações, tramitaram através do PPDS ajudas e prestações quando era possível, reclamaram apoio a docentes, ofereceram aulas extraordinárias, gestionaram ingressos temporais em residências como a das freiras Oblatas, favoreceram a inserção nas atividades extra escolares... Gori lembra como especialmente forte a etapa entre 1989 e 1991, em que controlavam o absentismo, negociavam com as famílias para que as crianças não faltassem à escola, acudiam a discotecas da cidade para controlar o que faziam alguns jovens especialmente conflituos. Rosa Álvarez, psicóloga do plano, lamenta com raiva que não tivessem mais sucesso as suas gestões em favor de aquela juventude: num primeiro momento falou-se a possibilidade de habilitar pisos de acolhimento; ou um centro de menores em Compostela, mesmo se indicou que estaria num edifício de Sar a que se lhe deu outros usos oficiais por

parte da Junta de Galiza em anos posteriores, mas nom prosperou esse projeto: «ainda que nós pedíamos pisos de acolhida em Vite, pois havia-os livres, e outras alternativas que víamos de interesse e sabíamos existiam, e que redundaria numha política de prevençom mesmo barata, nom nos fizêrom caso, e o 95% de aquela mocidade caírom na heroína, algum ainda está em programas de desintoxicaçom com metadona», refere. A psicóloga relata casos de andar à procura de algum jovem pola meia noite. Parte de aquela mocidade tinha relacionamento habitual com delinqüentes do bairro e de outros lugares da cidade, e valiam-se deles para dar com o resultado de alguns roubos, pois averiguavam polo geral com rapidez quem o realizara e o que fizera com os objetos subtraídos. A Gori, esta atividade mesmo lhe valeu umha detençom pola polícia: «Um dia vinha de procurar um rapaz que faltara às aulas e a polícia, ao ver-me sair do seu domicílio, onde se vendia droga, pensando que eu vinha de comprar, detivo-me. Da vizinhança saírom na minha defesa: “Que ese no es, que es el Gori”, diziam-lhes pessoas de etnia cigana aos polícias». Por fim esclareceu-se o acontecido.

Isso explica que, em julho, os jornais recolhessem o apoio da AMPA de Vite ao desenvolvimento do PPDS «subrayando la importancia de la tarea realizada por estos trabajadores en dicho barrio», e no centro escolar, segundo noticiava *ECG* em dia 7 desse mês. Também a AA. VV. do Castinheirinho pediu que continuasse o trabalho da equipa, destacando a gravidade do problema social no caso de se suspender.

Naqueles dias, *LVG* informava de que «un trailer llega cada semana a Vite con plantas para el parque de la hondonada. Digno ejemplo de preocupación vecinal por cuidar lo suyo: los propios vecinos establecen turnos de vigilancia en la zona (para prevenir posible acción de

gamberros), en la que serán demolidas dos casas viejas para mejorar la imagen». Aquele parque tinha perto de 30.000 metros quadrados, segundo a Brigada de Parques e Jardins, que realizava os trabalhos. Plantavam-se choupos, palmeiras, camélios e outras espécies. A incredulidade inicial da vizinhança por aquela inesperada atenção deixou passo a satisfação. Fazia-se um bosque bem estudado, pois tivo-se em conta a imagem paisagística do horizonte desde Sam Caetano. Luís Toxo, edil de parques e jardins, manifestava que esse parque representaria umha espécie de pulmão verde para a zona norte da cidade. Em outubro anunciava-se a abertura do Auditório de Galiza. Para essas datas o bairro estaria «humanizado» segundo dixerá Xerardo Estévez.

Apesar disso, desde a A. VV. exige-se do Concelho que cumpra as promessas e desenvolva o PPDS; e coincide em valorar positivamente o labor dos profissionais. Em 9 de julho, LVG publica umha «Tribuna Pública», um artigo de opinião de Alfredo Santomil, intitulado «Carta aberta ó alcalde en torno a “humanización” de Vite». Pergunta o quê significava isso e interessa-se para quando vai estar pronto o centro social, se inaugurará o polidesportivo, ou se vām dotar de material as pistas polidesportivas para as poder usar, ou os parques infantis, ou consolidar a equipa do PPDS, ou quando se vām atender outras zonas verdes do bairro. Questiona igualmente por quê devem vigiar os vizinhos e nom a polícia municipal no bairro. E rejeita o que entende de demagogia: usar polígono de Vite como sinónimo de marginal se nom se fai nada para remediá-lo.

Era esse um tempo em que se consumava a ruptura entre as AA. VV. de Vista Alegre (Vista Alegre e Álvaro Cunqueiro), que repercutiria pouco depois em quebrar o relacionamento entre as associações de Vista Alegre e Vite.

Em setembro conseguiu-se mais uma vez organizar a Semana de Cinema, na IV edição, com a passagem dos filmes na pista polidesportiva da Vaguada.

Em 2 de outubro, X. G. informava no *LVG* que a Comissão de Moços contra o Desemprego via ameaçado o seu futuro em Vite por falta de um local. Os primeiros meses utilizáram um da A.VV. de Vista Alegre; depois, até meados de julho, o pavilhão social do Burgo; e ultimamente um baixo ruinoso entre o polidesportivo e o centro de saúde. Aquela Comissão integrava moços com idades entre 14 e 30 anos, dinamizados pela psicóloga Rosa Álvarez e o educador Gori. Começaram por elaborar cunchas de peregrinos, que se esgotaram quando a visita à cidade do papa João Paulo II; além de objetos de adorno, lâmpadas e outros, que não tiveram tanto sucesso, pois osromeiros queriam lembranças com significação católica. Montaram depois um posto de venda junto da Praça do Obradoiro, de onde foram expulsos pela Polícia Municipal. Havia o «Grupo Chapuzas», que se encarregava de pequenas reparações domésticas. Pediram um subsídio da Junta de Galiza para um curso ocupacional de serigrafia, e deu-lhes muito menos do que tinham pedido; e o INEM negou-lhes a petição, mas ofereceu-lhes que parte dos moços fossem a cursos de fontaneria, pintor e outros. Rosa Álvarez e Gori reivindicavam um estudo para determinar quantos jovens havia em desemprego em Vite, pois não se sabia o dado, para poder oferecer alternativas diferenciadas.

Também em outubro a Federação de Ampas da cidade criticava num comunicado que não principiasse a construção do polidesportivo do colégio de Vite nem de outros previstos em centros de Compostela. E o 17 desse mês, a Coordenadora do bairro, que se tinha constituído meses antes [infelizmente não se conseguiu averiguar a data certa], integrada pela associação de vizinhos

Polígono de Vite, associação juvenil, AMPA do colégio de EGB, centro de saúde, associações desportivas e Conselho de Governo do Burgo, reivindica publicamente um local para Moços contra o Desemprego, ao tempo que o Concelho anuncia a inauguração do polidesportivo, que levava meses construído, mas que se demorava por problemas de pessoal e de dotação.

Em 19 de outubro, Luís Cristobo informa no *LVG* que os contratados do plano contra a delinquência levavam desde abril sem cobrar. Também *ECG* se fai eco desta situação. Denunciam-se os problemas do bairro e insiste-se na necessidade de um local, mesmo propõem ocupar umha casa expropriada nas imediações da rua Joám XXIII. Assinala-se a intenção de voltar, em próximas eleições, como acontecera nas europeias, a incluir no sobre de voto petições para o bairro.

Em dia 24, no *ECG*, J. António Núñez ocupa-se da inauguração do polidesportivo de Vite. Houvo presença de numerosas crianças, além das equipas de basquetebol do Obradoiro, Peleteiro e La Salle, e de futebol do Compostela e Vista Alegre, e numerosa representação política. A banda municipal interpretou o hino galego. Distribuírom-se panfletos para alertar dos problemas do bairro: vivendas dignas, um local e meios para que prosperasse o PPDS. A Coordenadora de Vite criticava que o polidesportivo (usado para acolher visitantes quando a visita do Papa) se inaugurasse coincidindo com período eleitoral, e reclamam mais eleições para que haja mais inaugurações. Esse mesmo dia o mesmo jornal anuncia que o Concelho vai estudar a aprovação de um crédito para levar a cabo melhoras, entre elas construir a Casa de Cultura de Vite.

Em novembro, o Departamento Municipal de Educação subsidia o «talher de educação ambiental», que funcionava desde o ano anterior nos liceus Gelmírez I e

II. Também anuncia a colaboração com a Associação para a Integração do Neno Diminuído (Aind) para organizar uma jornada de integração escolar nos colégios de Vite, Lamas de Abade e Quiroga Palácios.

Entre os dias 20 e 23 desse mês, Rosa Álvarez e Gori verificarão em Madrid o interesse que desperta fora aquele PPDS tam discutido polo Concelho. Participáron no *I Congreso Internacional Infancia y Sociedad. Bienestar y derechos sociales de la infancia*, organizado polo Ministerio de Asuntos Sociales. Apresentáron um trabalho, publicado dous anos mais tarde nas *Actas* do evento, subordinado ao título «Plan de prevención y tratamiento de la delincuencia juvenil en Santiago de Compostela», em representação da «Coordinadora del barrio de Vista Alegre-Vite. Santiago de Compostela». Era um instante crítico, lembra Gori, pois «vivíamos graças às ajudas dos nossos pais e estávamos no borde do abismo, pois levávamos meio ano sem nada. Inteiramo-nos das jornadas e decidimos acudir». Explicam no relatório apresentado em Madrid:

El Plan de Prevención debe entenderse como una intervención contra los factores que tienden a desestructurar la comunidad, a consagrar un reparto desigual de la participación y del bienestar, y a segregar a los sectores “menos aptos” para adaptarse al ritmo social. En este sentido, el objetivo general es estructurar la vida social de los barrios, de forma que permita ir mejorando cualitativamente la situación de marginalidad vivida por un sector importante de la población de los mismos, posibilitando la prevención de situaciones de riesgo social y realizando paralelamente un labor de reinserción de los casos ya detectados.

Descrevem intervenções com a comunidade, no meio escolar, com infância e mocidade em situação de risco

social, e individualizada e familiar; e referem a estruturação social do bairro. Concluem ser o PPDS:

una de las iniciativas solidarias más llamativas surgidas de las entidades vecinales de los barrios de Compostela en los últimos años. Pocas veces con anterioridad se intentó llevar adelante una acción basada no sólo en la reivindicación y demanda a las instituciones de una intervención diferente y decidida en el campo social, sino también en el esfuerzo y compromiso activo de las Asociaciones y personas que promovieron el Plan y de las que siguen haciendo posible en cada barrio que este proyecto dejase de ser una idea para convertirse en una práctica diaria.

É por isso que reclamam um «marco adecuado de relación entre las Asociaciones de carácter local y la Administración», e criticam a falta de apoio da Administração á atuação. A comunicação indica-se que se redigiu por acordo da Comissom Social do PPDS, que agradece os contratados que trabalhárom no projeto: além de Rosa e Gori eram Francisco Xabier Álvarez, Pilar Cobián Varela, Magda Meléndrez Fassbender, Tereixa Rodríguez Velasco, Xosé Manuel Teixeira Bello e María Viz Otero. Rosa Álvarez, Gori e Moisés Lozano informáram ao regresso do bom acolhimento dessa intervenção, ao tempo que reivindicam mais meios económicos. Era aquele um tempo em que trabalhavam para redefinir o projeto do PPDS, para o concentrar mais no bairro, tendo em conta as características de Vite e os resultados das análises que realizavam observando a situação e participando diretamente com a vizinhança. E coincidia com dificuldades de relação com o Concelho, que procurava umha intervenção diferente, mais orientada desde a Administração e o pessoal técnico.

No final do ano, os responsáveis do PPDS pedem ao Concelho que tome a iniciativa no projeto, com controlo

da Comissom Social. A pressom provoca que desde a Administraçom Local se convocassem praças para contratar especialistas de pedagogia, psicologia e dous educadores/as. Propom-se que podam optar a elas os titulados na Escola Galega de Educadores Especializados em Marginalizaçom Social. Em 11 de dezembro, a Comissom Social do PPDS, num escrito assinado por Salvador Bará, assim o reivindicaram por escrito. No entanto, nom conseguírom a presença dos representantes vizinhos na selecçom, nem sequer que lhes respondessem. Isso provoca um novo escrito, datado em 27 de dezembro, esta vez assinado por Alfredo Santomil, da A. VV. de Vite, em que se rejeitam os critérios aplicados para a selecçom e solicitam que se fagam públicos, indicando que as provas realizadas lhes pareciam «un instrumento absolutamente inútil para avaliar a idoneidade no traballo social».

Polo Natal distribuiu-se o *Boletín Informativo do Burgo das Nacións*, na residência universitária, que valorizava os três anos de funcionamento do Conselho de Governo, um órgão diretivo que era «unha conquista dos residentes», que aspiravam à autogestom e reconheciam a assembleia como «órgano máximo de participación e decisión». Dedicam um artigo à «Coordinadora de barrio», na qual levavam mais de ano e meio de trabalho, e indicam que «a Universidade non pode ser un lugar illado do resto do mundo» e que por isso decidiram integrar-se. E nele explicam:

No Bairro problemas como a drogodependencia, a «delincuencia», a desintegración social dos mozos están á orde do día, claro que todo isto aparece nun ambiente socio-económico e socio-cultural francamente desolador; pero nós entendemos que a solución non pasa por acabar con todos os drogadictos e delincuentes como nos contan as versións oficiais,

coisa que ademais de imposíbel, non ataca a raíz do problema e polo tanto non acaba con él; este só podería rematar-se se se combatesen as causas da mesma, paro, marxinação, etc.

Salienta esse traballo iniciativas como a de «Mozos Contra o Paro en Vite con resultados francamente gratificantes». Informa que entre os técnicos que comezaron com o PPDS no bairro, que lhes propugneram traballar coordinadamente com as AA.VV. de Vista Alegre e Vite, as asociacións juvenis e a AMPA do colégio de EGB «botamos a andar. Logo sumou-se tamén o Centro de Saúde e tamén a dirección do colexio despois de que se elexira un novo director», referindo algunhas actividades em que participaram.

Finalizava assim um ano especialmente duro, pois por um lado o traballo de diagnóstico promovido desde a Coordenadora de bairro em colaboração com o PPDS conseguira verificar a enorme dimensão do problema social de Vite; no entanto, aquele documento, que tanto interesse tinha despertado na primeira apresentação realizada no exterior, em Madrid, nom contava com o apoio das administrações, apesar de reclamá-lo insistentemente e do respaldo atingido em numerosos setores da cidade, que insistiam no positivo da experiência. A convocatória das quatro praças nom colmava as expectativas existentes, e via-se com pessimismo polo procedimento escolhido para a selección de aquele pessoal.

VIII.
LUZ NO FINAL DO TÚNEL

Se 1987 foi um ano importante, por se alicerçar o trabalho de base comunitária em Vite, 1990 representará um ponto de inflexom e umha referência inevitável para o futuro. Será um período em que persistam convulsions e desencontros, devidos aos problemas e conflitos sociais que se mantinham vivos, mas em que se vam encontrar soluçoms para dous dos principais problemas do bairro e dar um giro beneficoso e positivos à qualidade de vida da vizinhança: as deficiências habitacionais das vivendas e, sobretudo, o início do Plano Sociocomunitário de Vite, que suporá nos anos seguintes mudanças de muito relevo para ganharem em bem-estar, convivência e integraçom social e para mudar a percepçom de aquele espaço residencial, como se verá.

Em janeiro, na assembleia da A. VV., decide-se retomar o desesperante assunto das deficiências nas vivendas sociais. Constituiu-se umha comissom de relaçoms com o Concelho para tentar desencravar a situaçom, pois desde maio tinham pedida umha entrevista, e nom lhes respondiam. A Junta de Galiza tinha as competências para abordar as obras necessárias, mas o Concelho devia pressionar, perante a mudança que se ia produzir na Administraçom autonómica, após a maioria absoluta conseguida por Manuel Fraga Iribarne e polo PP. A junta diretiva presidida por Alfredo Santomil apresenta

a demissom, que nom lhe é aceita, e decide-se umha aproximaçom com os novos gestores autonómicos e manter reunions cada 15 dias para avaliar os avanços e a estratégia de atuaçom. Na assembleia critica-se que o pessoal contratado polo Concelho para o PPDS nom fosse polo bairro para trabalhar com os problemas da mocidade. Também se decide estudar a possibilidade de informar à Fiscalia da situaçom das vivendas, e pedir um relatório do Concelho respeitante às condiçoms de habitabilidade. A situaçom era patética: existiam edificios reforçados por vigas de ferro de estaçoms do trem, 24 vivendas careciam de esgotos e a fossa séptica era esvaziada polos serviços municipais e os piores de todos eram os números 26 e 28 da Rua Carlos Maside. Transparece o enfrentamento entre as associaçoms Polígono de Vite e Rio do Corvo e manifesta-se que a conselheria da Junta de Galiza com competências em vivenda ficou em avaliar as deficiências, mas nom se apresentou.

Em 18 de janeiro, no colégio de EGB constituiu-se o Departamento de Orientaçom, numha reuniom que convocou o diretor, Xosé M. Arca Pichel, para procurar uma melhor resposta aos problemas do alunado, em especial o mais vulnerável. O 24 de janeiro, o Concelho data a resposta a um escrito de Santomil de 27 de dezembro, e os representantes municipais insistem em defender o processo seguido para a contrataçom temporal do pessoal do PPDS e assinala que «a idoneidade para o posto de traballo han de demostrála na práctica, que é o modo mais seguro e imparcial de avaliación». Dias depois, o Colégio Oficial de Psicólogos criticou através da comunicaçom social a forma de selecçom de aquele pessoal por parte do Concelho, propondo que se mantivesse e se potenciase tal como fora desenhado.

Nos finais desse mês a A. VV. Polígono de Vite reclama das de Rio de Corvo e da 12 de Agosto da Almaciga (esta

tinha incidência em alguns dos blocos de Vite) umha atuação conjunta, ultrapassando personalismos, para tentar solucionar as deficiências das vivendas. As gestons perante os novos cargos autonómicos vam ter um surpreendente sucesso. Alfredo Santomil relata que «por um casual inteiramo-nos do telefone de José Cuíña Crespo, o conselheiro com competência em vivenda, e contactamos com ele. Na verdade, nom tínhamos muita esperança numha boa recetividade. E, para grande pasmo, o conselheiro atendeu a nossa chamada e prometeu umha visita em breve para tentar soluçons aos nossos problemas». A visita nom demorou: o 7 de fevereiro o conselheiro, acompanhado de pessoal técnico, acudírom a Vite e, segundo noticiavam no dia seguinte os jornais, comprometeu-se a valorizar as deficiências. Qualificou o estado das vivendas de «lamentável e perigoso para a saúde dos vizinhos», segundo um comunicado enviado pola Junta de Galiza. Apontou para a realização de um informe técnico, seguido de projetos de melhora e orçamentos. Durante umha hora, o conselheiro estivo em vivendas, observou deficiências de humidades, filtraçons e o mal estado da carpintaria, que se agravaram com os últimos temporais. Nom fixou prazos. Os vizinhos valorizárom positivamente a visita, polo que representava de «novidade» no relacionamento com a Administração autonómica. «Um dos mais velhos, ao ver o panorama, exclamou em alto, cuidando-se de que o escuitasse bem Cuíña, algo assim como “outro mais a prometer”. E Cuíña respondeu-lhe que em oito dias comunicaria os tempos necessários para valorizar as deficiências que verificara personalmente e as que encontrarem os técnicos que iam visitar as vivendas», relata Santomil, que atribui em parte a visita ao resultado das gestons com todos os grupos parlamentares após as eleiçons autonómicas. O conselheiro

cumpriu, embora desde a conselheria pedírom uns dias mais de prazo para avaliar bem as muitas necessidades, acrescenta Santomil.

A situação parecia encaminhada sobretudo quando, nos primeiros dias de fevereiro o Concelho e as três associações vizinhais que atuavam em Vite (Rio do Corvo, 12 de Agosto e Polígono de Vite) acordam uma comissão sobre o bairro, para tratar aqueles problemas das vivendas. Aconteceu numa reunião que contou com a presença de Celestino Garcia Brañas, o arquiteto responsável da urbanização do bairro⁶.

Porém, enquanto as deficiências de habitabilidade tomavam um bom andamento, os problemas sociais continuavam iguais. A Comissão Social que promovera o PPDS, pedia a demissão de Manuel Peleteiro, relator municipal de Serviços Sociais, e rejeitava o uso que o Concelho pretendia dar a uma ajuda de cinco milhões de pesetas recebida em base a um convénio Junta de Galiza-Ministério de Assuntos Sociais, reclamando da Conselheria de Trabalho um seguimento rigoroso da execução do PPDS. O movimento vicinal desliga-se das atuações do Concelho em nome do PPDS diferentes do projeto que se tinha elaborado para realizar em 3 anos, acrescentam. Em 19 de fevereiro, a Comissão Social assina um comunicado de imprensa que evidencia o desencontro: «O Movimento Veciñal manifesta publicamente o seu desligamento das actuacións que o Concello poida facer co nome de Plan de Prevención da Delincuencia Xuvenil», concluía o documento.

O dia 25, *LVG* e *ECG* publicam uma «Carta aberta ao alcalde de Santiago» assinada pola «Comisión Social do

⁶ Por essas datas, a A. VV. Polígono de Vite, perante o conflito dos trabalhadores de arrecadação municipal, que levavam mais de um mês de greve, proponhem que se solucione através da sua municipalização, que suporia um «aforro considerable», segundo noticiava *ECG* o dia 15.

Plan de Prevención e Tratamento da Delincuencia Xuvenil de Santiago». Aí afirma-se:

Os veciños que compartimos a vida de cada día nos barrios de Compostela estamos asistindo a un progresivo deterioro da situación dos mozos e rapaces que nela viven. Estamos vendo como algúns deixan de asistir á escola para pasar as horas vacías do día de rúa en rúa, como outros buscan inutilmente na heroína a tranquilidade que o seu ambiente lles nega. Como, enfin, os hai que se cren donos do mundo cando despluman ao incauto veciño que se aventura por un calexón mal alumeadado. [...] vistas as cousas con calma, hai que recoñecer que os principais perxudicados con estes comportamentos son os rapaces. Unha vida así nom parece moi prometedora. E a nosa mocidade se merece un futuro millor que este. Fixemos un plan, sobre todo, porque sabemos que a maioría destes casos non chegarían a elo se alguén lles puidese botar unha man no momento oportuno; moitas veces os males teñen a súa raíz nunha familia que non sabe ou non pode cumprir a súa función, nunha escola que marxina aos diferentes polo simple feito de selo, nuns barrios infradotados e con escasas ofertas para a convivencia e a participación» [...] Estimamos que é necesario que as entidades sociais (asociacións veciñais, xuvenís, Apas) tomemos parte nas accións para millorar os nosos barrios e escola.

Insistem em pedir a colaboración da Administração, criticam o posicionamento do Concello, reivindicam um melhor Departamento de Bem-Estar Social, reclamam diálogo e apoio, e alertam que nom surjam «infructuosas accións paralelas» que vem de difícil justificação, além de supor um esbanjamento de dinheiro público.

Em 26 de fevereiro, Vite celebra a segunda edição do «Campeonato da Filloa Re Roída». Organizam os Moços contra o Desemprego e a Associação Juvenil, como final do entruido, em que organizara atividades a

Coordenadora. O precedente fora, no ano anterior, o da «Filloa Roída». Participárom 16 equipos de futebol de salom, na Vaguada, de 10.00 a 22.00 horas. Reivindicavam assim desporto para toda a vizinhança, campionatos nom competitivos. A Residência do Burgo participou com a equipa «Todo te lo puedo dar menos el amor, Barby Sporkluf».

Uma nova açom de pressom para mudar a situaçom do PPDS aconteceu em 5 de março no Colégio de Psicólogos, que organizou umha mesa redonda sobre o tema. Participárom o seu presidente, Miguel Anxo García, umha juiz, o concelheiro Manuel Peleteiro e representantes das associaçoms vizinhais e do ensino. Rejeitárom a seleccom de pessoal e reprovárom o Concelho, assinando que o plano antes funcionava e agora nom. Criticárom que nom se avançasse em soluçoms para o plano de delinquência quando a Conselharia de Trabalho e o Concelho eram da responsabilidade política do PSdeG-PSOE, na etapa anterior do governo tripartido da Junta de Galiza, sobretudo por o plano estar inspirado em vários documentos deste partido político.

Moços contra o Desemprego, perante a falta de ajudas nas administraçoms mais próximas, apresenta um pedido de bolsas a umha fundaçom de Madrid. A Junta de Galiza outorga subsídios para atividades de serigrafia e alfararia em Vite, para inserir o coletivo de gente jovem no mercado laboral ou formar umha cooperativa. Também buscam constituir umha brigada de jardins para oferecer ao Concelho, que continuava com projetos para mais zona verde em Vite. Encarregar-se do mantimento dos dous colégios era outra aspiraçom. O Grupo Chapuzas valorizava positivo o seu primeiro ano, em que chegaram a acordos com umha imobiliária para trabalhos de limpeza e pintado de pisos.

Desde o centro escolar de EGB remetem aos meios de comunicação um escrito informando de um primeiro balanço do Departamento de Orientação, que se apresenta como «experiencia pedagógica innovadora considerada de gran importancia por toda a Comunidade Educativa», com o objetivo geral de «traballar na prevención e redución do fracaso escolar, a través da orientación cos pais, actuación cos alumnos e cooperación co profesorado». Nos últimos días do mês, *LVG* e *ECG* frisam que ultimava umha investigación sobre o alunado. Estava integrado nesse Departamento pessoal da Coordenadora de Vite, em concreto a psicóloga Rosa Álvarez e mais o educador Gori, com apoio de professorado e da AMPA. Em 31 de março programa-se a Festa ecológica, no Pedroso, organizada pola Comissom Cultural da Coordenadora de Vite, com o apoio dos colégios de EGB, liceu Gelmírez II, A. VV. e residentes do Burgo. Publicam um cartaz para a anunciar. A Festa começaria às 10.00, com a concentração dos participantes perante o colégio Vite II para subir ao monte, e finalizou por volta das 20.00 horas, após umha massiva recolhida de lixo como um jogo final, com participação de um cento de pessoas, a maioria mocidade, que assim continuava umha iniciativa ideada no ano anterior. Nesta ocasiom estavam pendentos de que lhes confirmassem a ajuda que pediram ao Concelho.

Além disso, em 29 e 30 de março, com colaboração da Associação Juvenil de Vite, a Vice-Reitoria de Estudantes da USC e a Conselharia de Cultura, a Residência Universitária do Burgo comemorava os 25 anos (1965-1990) do centro, com a sexta edição das sessons de «Vídeo cinema serán», com 17 filmes, entre eles um res-
peitante aos 25 anos, que se repetiu várias vezes, e outros de Bernardo Bertolucci, Tim Burton, Marco Ferreri, Francis Ford Coppola, Robert Redford, Charles Chaplin, Harold Becker e outros conhecidos vultos do

cinema. As projecções eram no «Pavillón Social (11)» (sic) da Residência. Também se editou um novo boletim informativo intitulado *¡La Residencia de los Dioses!*, no qual se pedia apoio para a luta em favor de manter a residência universitária e se alertava do perigo de «un proxecto especulador amenaza a aldea de irreductibles estudantes». Incluía ampla informação da participação da residência na «Festa ecolóxica», mas também aludia a outras atividades, como o entruido no bairro ou as jornadas de vídeo. Um trabalho intitulado «Vite: Burgo» informava das diversas comissões creadas na Coordenadora «desde xaneiro, para funcionar con maior eficacia» e de como na reunião de 29 de março, e apesar da falta de apoio do Concelho, aprovaram um calendário de atividades certamente ambicioso. Assim, a Comissão de Ensino marcara reuniões, na sede da Coordenadora de Vite, nas praças de Belém, para a primeira quinta-feira de cada mês, estava integrada polo Colégio de EGB e a sua AMPA, além da A. VV. e o Gelmírez II, e decidira estudar as causas do fracasso escolar e outros problemas; a Comissão de Desportos reunia-se na primeira terça-feira mensal no local social, integravam-na a Escola de EGB e a AMPA, a Associação Juvenil e a Comissão de Moços contra o Desemprego, previa organizar um campeonato de Liga e umha corrida pedestre e defendia um deporte popular em que todos participassem; a Comissão da Cultura, que marcava reuniões a primeira e terceira quarta-feira de cada mês, integrada pola A. VV., a associação juvenil, a AMPA de EGB, o Gelmírez II e o Burgo; e a Comissão da Saúde, que se reunia na primeira segunda-feira de cada mês no centro de saúde, integravam-na o Colégio de EGB e a AMPA, a A. VV., o centro de saúde, a associação juvenil e a residência do Burgo. Além disso anunciava-se para maio o número um do jornal *Nós, os Benditos*.

Em 30 de abril de 1990 celebrou-se o júízo contra um grupo de residentes do Burgo, por incidentes acontecidos na Faculdade de História no início do curso 1987-88: a sentença nom reconhecía delito de desordens públicos como solicitava a Reitoría da USC, mas condenava-os por uma falta de orde pública a dez dias de arresto menor ou dez mil pesetas de multa. Informavam da sentença num novo *Boletín*, em que incluían fortes críticas ao Reitor, Carlos Pajares, e ao Vice-Reitor, Cortizo Nieto, e insistiam na luta para conseguir que o Burgo ficasse como um foro participativo e solidário, como o demonstraram na colaboración da catástrofe do Cason ou num mais recente «Peche dos Labregos na Praza do Obradoiro». Nesse espaço informativo incluían o seguinte parágrafo:

O Burgo consegue conectar co entorno, integrándose nas diferentes organizacións veciñais de VITE, poñendo en práctica o axioma de que a Universidade está cara a Sociedade Galega e non se trata dun club pechado e selectivo, non facemos semán colexiais, nen damos bandas nen comidas aos ilustres de non se sabe qué. O Burgo ten o horizonte nunha sociedade máis xusta e igualitaria –quizáis sexa unha utopía, pero máis vale soñar e imaxinar que aceptar y engulir–.

Em 1 de abril LVG informou da situación dos problemas que preocupavam em Vite: a Comissom de Governo do Concelho estudiaria o PPDS, que na altura nom respondía às necesidades do bairro. E nesse mês reunírom-se representantes da A. VV. e do Instituto Galego de Vivenda Solo (IGVS), para abordar a reparaçom de vivendas. Lembra-se o compromiso do conselheiro Cuiña e indicava-se que também tratárom sobre gestom de cobro dos recibos.

No final do curso escolar, a AMPA e a Coordenadora celebrárom um festival no polidesportivo. Também se

editou o primeiro número da revista escolar *Muxicas*, em cujo editorial o diretor da Escola de EGB assinalava que resumiam as atividades «que imos levando a cabo día a día os alumnos e mestres, coa colaboración da A.P.A. [AMPA] e Asociación Veciñal POLÍGONO DE VITE e Xuvenil de Vite cara a conquistar o primordial obxectivo que é facer dos nosos alumnos, os rapaces deste colexio, uns bons cidadáns».

Eram instantes especialmente duros e solidários: un grupo de vizinhos contribuían para pagar salários aos traballadores da Coordinadora de Vite. Tratava-se de cantidades modestas, que permitían continuar para a frente. O Goberno Municipal, entretanto, decidira prorrogar o contrato da equipa polemicamente seleccionada para o PPDS, e que traballava sem o apoio das asociacións que promovían o PPDS.

Con data de «Xullo de 1990», mas assinado em novembro, a Coordinadora de Vite difundiu o documento *Plan Socio-Comunitario de Prevención e Reinsección do Barrio de Vite*, em que se indica como no mês de febreiro desse ano, após verificar a falta de apoio do Concelho, «os veciños decidimos asumir a responsabilidade total da continuidade da experiencia, afrontando cos nosos cartos os gastos durante o presente ano 1990», e em concreto dúas contratacións «mentras intentamos conseguir subvencións para facerlle frente a súa continuidade, pois, evidentemente doutro xeito non poderá seguir por mais tempo». Criticavam o Concelho por «impedírnos utilizar o local, intentos de dividir as entidades sociais, intentar boicotear as nosas actividades negando calquer subvención, etc., etc».. O tal *Plan Socio-comunitario de Prevención e Reinserción de Vite* será realidade no final do ano, como se verá.

Antes, naquele verao houvo mudanža na Reitoría da USC. Manuel Rei Méndez, presidente da AMPA do colégio

de EGB, resulta eleito novo Vice-reitor, na equipa de Ramón Villares, Reitor eleito pola Plataforma Nacionalista. Vite-reitor, será chamado no bairro. E o grupo de baile galego e pandeiretas, como homenagem-surpresa, atuárom na ceia para celebrarem os resultados organizada pola Plataforma Nacionalista, a que pertencia Rei. Umha das suas gestons como presidente da AMPA fora gestionar subsídios para que às famílias lhe resultasse mais barato o traje de dança tradicional galega. Também lhe correspondera afrontar situaçons conflitivas no centro educativo.

Em agosto publicava-se umha das novas mais esperadas: um anúncio do IGVS, organismo público da conselharia de José Cuíña, sobre obras para melhoras nas vivendas de Vite. E em outubro noticiava-se a adjudicaçom de reparaçons, por 300 milhons de pesetas, para abordar as deficiências mais graves, um avanço de relevo segundo reconhecía Alfredo Santomil. E 100 milhons mais para finalizar a urbanizaçom do polígono.

No Burgo, o novo curso principiou aquele outono com problemas e com maior inquietaçom dos residentes por verem ameaçado o seu modelo. Manuel Ferreiro, que fora nomeado polo anterior Reitor, Carlos Pajares, deixou de ser diretor da residência e foi substituído por Xoán Ramon Doldán, da nova equipa reitoral. «A USC insistia em promover um novo sistema de residências integrado que passava por derrubar todos os pavilhons, e para isso aproveitavam sempre que podiam para desprestigiar o Burgo. No entanto, naquele princípio de curso, desde o Reitorado aprovou-se um orçamento mais generoso para a residência, para que organizássemos atividades e nom fizessemos barulho», afirma Ana Trigo, quem era residente. Porque, em versom de Patricia Pena, também residente, «o estudantado o que queria era manter o que havia, mas mudando os edificios

dos pavilhões, melhorando-os». A opção nacionalista e de esquerdas que presidia Ramón Villares promoveu, com efeito, um novo modelo, que se concretizou no período 1990-1994 no Sistema de Residências Integrado (SRI), umha experiência em que se empenhárom muito ativamente pessoas da equipa reitoral como Xerardo García Mera, Vice-reitor entre 1990-91; Salvador Bará, que o relevou desde 1991 até julho de 1994; e Elias Torres, quem foi diretor da residência Monte da Condesa. Salvador Bará esclarece:

previa-se que, a medio prazo, as praças dos pavilhões deviam ser substituídas por outras de melhor qualidade, primando o acesso do estudantado com menores recursos económicos, e assim se fizo. No curso 1989-1990 a USC tinha em total 1.268 praças públicas de alojamento, 548 delas nos pavilhões do Burgo. E em julho de 1994, quando deixamos a Reitoria, eram 1.345, sem contar as 418 que ainda quedavam nos pavilhões. As novas praças creárom-se para compensar a futura perda das dos pavilhões, quando se construíssem as faculdades de Filologia e Jornalismo. No curso 1993-1994 a imensa maioria do alunado universitário com menores recursos económicos escolhérom já as novas residências do Monte da Condesa e o Burgo Novo.

Bará acrescenta que «o período de governo de Villares foi o de maior colaboração entre o Burgo e Vite; colaboração que foi alentada, e facilitada, sem estridências, desde o Reitorado da USC».

ECG informou, em 11 novembro, de que o plano socio-comunitário que nascera havia 8 meses em Vite, após discrepar com o Concelho polo pessoal seleccionado para continuar com o PPDS, contava com comissions de Ensino, Sanidade, Cultura e Desportos. No entanto, o importante era que se anunciava a notícia mais esperada: a assinatura, no dia seguinte, do convénio de colaboração com a

Conselharia de Sanidade, que aprovava subsidiar a experiência de trabalho comunitário no bairro. Será o *Plan Sociocomunitario de Prevención e Reinsección do Barrio de Vite*, que culminará as aspirações da vizinhança e que se consolidou e continua o seu trabalho na atualidade.

Alfredo Santomil nom dissimula imensa satisfação ao lembrar aquela data. A Administração autonómica fizera umha convocatória meses antes, à qual apresentaram um projeto, o antes citado, «com o convencimento de que nom nos apoiariam». Era conselheiro de Sanidade Manuel Montero. E, de início, assim aconteceu. No entanto «depois falkou umha das iniciativas seleccionadas, e foi quando nos chamárom. Perguntárom-nos se seríamos capazes de justificar dous milhons de pesetas no que restava de ano. Nós respondemos que isso nom era problema; e pujemos como condiçom para aceitar que se garantisse a continuidade no ano seguinte». Aquele desafio desde o nada foi um atrevimento. A experiência comunitária de Vite estava a ponto de fracassar, pois a vizinhança nom dispunha de meios para suportar o contributo económico para pagar o pessoal muito tempo mais. E em lugar de apanhar o que se lhes oferecia, punham condiçoms. Aquela atitude surpreendeu nos interlocutores de Sanidade, que prometêrom a continuidade. E, como fizera antes José Cuíña, cumprírom, e o apoio continuou até a atualidade.

O convénio assinou-se, com efeito, em 12 de novembro, para dous anos. Além dos dous milhons de pesetas, para justificar a Sanidade, contavam com um milhom mais de subsídio da Conselharia de Trabalho, que também lho aprovara naquelas datas. Insistiam no problema da carência de um local e em pedir apoio do Concelho, e Santomil reiterava que no bairro desconheciam o labor das quatro pessoas contratadas pola atuação que promovia o Concelho para o PPDS, que desde essa

altura deixou de ser referente em Vite, em favor do novo plano sociocomunitário.

A primeira atividade do plano sociocomunitário que anunciam, já no dia seguinte, é a posta em andamento de umha escola de pessoas adultas, para ajudar a ultrapassar situações de analfabetismo e ajudar para umha melhor formação de pessoas do bairro interessadas em conseguir titulações educativas. Também organizárom um magusto. Jesús Morán, chefe do Serviço de Prevenção de Drogodependências da Conselharia de Sanidade, afirma:

à proposta de Vite viu-se-lhe interesse desde o primeiro instante, e assinou-se tam rápido como foi possível. Foi o terceiro plano sociocomunitário de Galiza, após os de Carança em Ferrol e o de Marim. Ao igual que os cinco aprovados posteriormente, tenhem em comum partilhar a metodologia de Marco Marchioni, um especialista italiano que foi contactado por Manuel Araújo, psicólogo e coordenador do Plano Autonómico de Drogodependências da Conselharia de Sanidade, de que dependiam os planos sócio-comunitarios, conhecedor das suas experiências em Andaluzia. O primeiro que se aplicou foi em Ferrol, onde havia umha conflitividade muito forte e, tras dialogar com a A. VV., começaram as atividades por volta de 1987, tentando oferecer alternativas integradoras para afrontar o problema das drogas, em lugar da violência. Aquela experiência pioneira recebeu mesmo o prémio Rainha Sofia. Depois foi-se expandindo até chegar à situação atual. Marchioni tem um contacto anual com todos os planos, e vem a Galiza umhas três vezes por ano, em estadas de uns 15 dias.

Nesses encontros, acrescenta Morán, Marchioni reúne-se com os diferentes planos, com o fim de avaliar a situação e estudar novas propostas e modos de intervenção.

O 28 de novembro, LVG interessa-se sobre as atividades organizadas polos quatro contratados do Concelho

para o PPDS, que chegavam a 50 moços/as de Vite, segundo se assinalava. Na informação, o movimento vicinal queixa-se de existir dous planos e até um mesmo patrocinador: a Junta de Galiza. Os porta-vozes vizinhais reclamam que esse trabalho se fizesse desde a base, coordenado pola Administración, mas com um contacto estreito com o bairro. Reprovam que o Concelho pretendesse um trabalho «teledirigido» e dim que «nom estamos dispostos a que eles organizem os cursinhos e nós tenhamos que repartir panfletos». Os vizinhos acusam o Concelho, mais uma vez, de ter mudado a filosofía inicial do PPDS.

Em finais de novembro, um novo relatório da Coordenadora de Vite salientava os subsídios confirmados na altura polas dúas conselharias da Junta de Galiza, reiteravam a petición de colaboración e entendimento com o Concelho, ao tempo que indicavam objetivos concretos a conseguir nos ámbitos escolar, com a mocidade em situación «de risco social» e «na intervención individualizada e familiar», funcionando efetivamente como Coordenadora e tentando implicar todas as sensibilidades do bairro. Em 29 de novembro, a Coordenadora convidou, no pavilhom social do Burgo, a «pasar un rato con nós, arredor dun viño e unhos pinchos» para agradecer o apoio às actividades até aquela altura; considerando a integración no Plano Autonómico sobre Drogodependencias como «recoñecemento da laboura que se está a desenvolver nos últimos anos, e que tí levas apoiado».

Em 3 de dezembro, no *ECG*, Miguel Lamigueiro publica a reportagem «La resistencia de un barrio a ser “getto”». Indica que, apesar do acordo com Sanidade, em Vite iam continuar com o machado de guerra a respeito do Concelho. Segundo Alfredo Santomil, o importante dos projetos era que fossem a nível de bairro, para que a gente se implicasse. Os planos teledirigidos nom

funcionavam e em Vite tinham essa experiência. Os profissionais preferem seguir o exemplo de Carança (Ferro). Deve existir coordenação com o Projeto Home, Unidade de Drogas do Hospital Geral e com a UMAD. Reitera o malestar pela existência de dois planos no bairro, subsidiados com fundos públicos e sem contacto nenhum. E indica como atividades do plano subsidiado por Sanidade organizar palestras sobre uma boa alimentação, campanhas sobre alcoolismo, sida e drogas, promover desportos, editar um jornal, aumentar a oferta de educação, aulas pré-laborais: o caso era que as pessoas se ocupassem em algo útil e saudável. Gori indica nessa informação que em ocasiões conseguiram acordos com juizes, que concediam a liberdade vigiada a alguns moços do bairro sob o compromisso de que se integrassem no plano comunitário, e isso era melhor que enviá-los diretamente ao cárcere. Santomil assevera nessa informação que Vite não era uma cidade sem lei, como se ouvia por aí, embora haja muito caldo de cultivo pelas carências de algumas famílias. Salienta mudanças nos dois últimos anos, em que conseguiram que nenhum aluno abandonasse a escolarização do EGB, algo que não se lembrava antes no bairro, e mesmo algum chorou ao finalizar o EGB. Admite que continuava o problema da droga, como no Castinheirinho ou em Conjo. No entanto, já não se viam turmas juvenis como dois anos antes em Vite, pois a mocidade já era diferente e quem continuam envolvidos na droga já eram maiores.

Em 7 de dezembro, o jornalista Manolo Fraga entrevista a Alfredo Santomil para *LVG*. Afirma que de não chegar o acordo com a Junta de Galiza perderia-se o trabalho dos anos anteriores e que «o barrio agora deve buscar novos referentes e tratar de perder a mala sona que ten».

Outra entidade do exterior que começou a implicar-se com Vite naquele ano foi Chavós, que trabalhava com população de etnia cigana, tentando melhorar as suas condições de vida. Duarte Crestar era dos membros mais destacados, que conhecera o PPDS quando da apresentação na USC, durante a sua etapa de estudante de Pedagogia, na especialidade de Intervençom Socioeducativa; e quando se apresentara no Burgo, onde residiu. No curso 1989-90 começou a trabalhar, reforçando a Aula de Educaçom Compensatória que propiciava o Concelho para crianças ciganas. «Em 1990 Chavós nom tinha local de referênciã e começou a usar o da Coordenadora de Vite, que facilitava o nosso trabalho», afirma.

Finalizava assim um ano decisivo, em que se colocárom os alicerces para o futuro do bairro, com o compromisso e efetivizaçom do arranjo das vivendas, e o subsídio para um projeto tam almejado como era o plano sociocomunitário. Alfredo Santomil, Gori e Rosa Álvarez, os três principais protagonistas, indicam que nunca valorizárom até que ponto influiu naquele apoio da Junta de Galiza, em especial de departamentos da órbita de José Cuíña, quem era também o secretário-geral do PP, a convocatória de eleiçoms municipais no ano seguinte, em que se apresentava como candidata desse partido político para presidir a Câmara Municipal de Compostela María Jesús Sainz, pola escassa diferença existente naquela altura entre o PSdeG-PSOE, que governava o Concelho, e o PP como principal partido da oposiçom. Santomil assinala que o importante foi poder consolidar umha dinámica de ocupaçom do tempo livre pensando nas necessidades de cada coletivo, que começara a instaurar-se anos antes e que se acelerou com o apoio de Sanidade. Assim, mesmo nas celebraçoms tradicionais, como o magusto, apesar de manter a tradiçom «reconduziu-se e favoreceu-se que os mais novos

fizessem um infantil, sem pais, onde eles se ocupassem de todo; ou à sardinhada de Sam Joám também se lhe deu outra orientação, não como algo excepcional, pois já havia atividades todo o ano».

Em todo o caso, afirma Santomil, Vite merecia aquele tratamento, pois era injusto que a sua vizinhança sofresse mais tempo a lamentável situação das suas vivendas, e que não se apoiasse uma experiência tão exitosa como a promovida pela Coordenadora do bairro. Os meios atingidos estavam bem justificados e o bairro, tão castigado, dispunha-se a aproveitá-los, com a esperança num futuro mais próspero.

IX.
HERANÇAS DO PASSADO

O amparo da Conselharia de Sanidade incutiu umha nova dinâmica e deu cobertura e continuidade a numerosas iniciativas. Algunhas mantêm-se no novo século, como a escola de pessoas adultas, para a qual nos inícios de 1991 desde a Coordenadora se procurava mais ajuda oficial. No curso escolar anterior pediram o apoio da Conselharia de Educação, apresentando um projeto em que explicavam que se desenvolveriam nela cursos de alfabetização, educação de base e graduado escolar. Por falta de local, as atividades celebravam-se no centro de saúde e no centro escolar.

Em janeiro de 1991 a Coordenadora de Vite apresentou o orçamento para a atuação do plano sociocomunitário à Junta de Galiza. Assinala necessidades de 5,1 milhões de pesetas para a contratação de pessoal, 9,5 milhões para atividades (Escola de Pessoas Adultas, Aula Aberta e educação meio-ambiental, e programação para o resto do ano), 2,2 milhões para infraestruturas (aluguer e materiais diversos) e 800.000 pesetas mais para «Gastos xerais de imprenta»; em total algo mais de 17,7 milhões.

Em 30 de janeiro, a Comisson Cultural da Coordenadora somava-se ao Dia Mundial pola Paz, com outras 33 organizações da comarca de Compostela. Promovêrom umha manifestação contra a guerra, na Praça

Vermelha, entre outras atividades. No dia seguinte, na escola de EGB, celebrárom umha palestra sobre o fracasso escolar para pais e maes do alunado, com Moisés Lozano e Rosa Álvarez.

Em 1 de fevereiro, mais umha vez no colégio de EGB, celebrou-se umha reuniom de um grupo de mulheres de Vite, que promoviam umha associaçom, para participar mais na vida do bairro. De ai surgiu A Lagoa, nome que adotou do lago do Auditório, esclarece Felícia Estévez, docente no Gelmírez II e organizadora do ato. Prosperou e organizou numerosas atividades. Integrou-se na Coordenadora do bairro, ainda que acabou por sair dela «para poder conseguir subsídios do Concelho», indica Felícia Estévez. Lembra ter assistido a «algumha reuniom muito tensa com Xerardo Estévez, para pedir-lhe um local e deixar de pagar aluguer».

Poucos dias depois, em entrevista com Manolo Fraga para LVG, Felicia Estévez explicava:

a cultura deste concello vai dirixida às elites, polo que nos barrios temos que facer a nosa propia cultura [...] A mala sona de Vite vai esmorecendo a base de moito traballo. A xente en Vite é tan legal como en A Rosa ou Santiago de Chile, non é un “barrio de navajeros” como me dixeron a min cando fun traballar para o instituto dali. [...] Queremos sacar às mulleres da casa para participaren en todo tipo de actividades, non só para falar co mestre.

Esclarece Felicia Estévez que nom foi fácil crear a associaçom A Lagoa «porque a gente tem medo que isto soe a politica, mas o importante é que nascemos com 60 mulheres associadas de Vite, Vista Alegre e Sam Caetano. Queremos integrar as mulheres da zona norte».

A primeira assembleia de A Lagoa celebrou-se num dos pavilhons do colégio de EGB. Escolheu-se um grupo

para formalizar a associação. «O objetivo era conseguir mulheres participativas e ativas, que saíssem do lar, o qual nom era fácil, pois muitas limitavam-se a labores domésticos e familiares e nom se questionavam ter outras atividades. Conseguiu-se que um grupo importante se implicasse na dinâmica do bairro, vejo muito positiva a experiência. Para algumha, com 50 ou mais anos, representou um verdadeiro acontecimento chegar pola noite mais tarde que o esposo, ou deixar a casa à noitinha para acudir a umha reuniom ou a umha atividade», afirma Felícia. Organizárom saídas à Casa de Rosalia de Castro, em Padrom, ou a Laxe; e mesmo na cidade a museus, a monumentos como a Catedral e Sam Francisco, à Casa da Tróia; algumas em colaboraçom com a escola de adultos. «A alguns destes lugares havia mulheres que pensavam que nunca poderiam entrar. Também houve algumha primeira vez ao teatro, ou ao cinema», acrescenta.

A Lagoa recebeu um magnífico acolhimento, segundo se conhecia o projeto «e já na assembleia constituinte, no Gelmírez II, havia 120 mulheres», relata Felícia, que foi eleita como primeira presidenta. Atividades como ginástica de mantimento ou relacionadas com alfabetizaçom funcional tivérom especial sucesso. Mas também outras «como a participaçom numha marcha reivindicativa, desde Lavacolha até à praça de Cervantes, um 8 de março, dentro das atividades do Dia da Mulher», indica. Ou mais tarde os 25 de novembro, para comemorar o Dia da Nom Violência. Verificava-se como «a gente, ao se associar, sente-se mais útil». Foi a primeira associação propriamente de mulheres do bairro, que mesmo chegou a pertencer, mais tarde, ao Conselho Municipal da Mulher; mas nom a única: Felícia Estévez lembra como, pouco depois, surgiu desde Vite a associação Estrela, de maes de Santiago contra a droga,

que realizou atividade especial na Unidade Municipal de Atenção a Drogodependentes, ou umha etapa especialmente dura, de visitas aos cárceres: «aquí há famílias que sofrêrom muito, que perdêrom dous e três filhos, mortos. Pode-se falar de umha verdadeira geração frustrada. Encontravas mocidade que che dizia aquilo, tam terrível, de “total, para um ano que me resta de vida”, e cousas semelhantes. Como noutros lugares, as maes sacavam mais o problema à rua, os pais ocultavam-no», indica esta docente, que foi vizinha do bairro, e assegura nom ter sentido nunca medo, «nunca me passou nada».

Em fevereiro de aquele ano o plano sociocomunitário organizou atividades no centro de EGB e em Rádio Kalimero, com participação de alunado, como cinema, conferências e mesmo umha exposição de material cedido pola Casa da Juventude de Oleiros. Manolo Fraga volta ao bairro e entrevista para LVG a psicóloga, Rosa Álvarez, a quem interroga sobre o fracasso escolar em Vite: «As causas hai que buscalas na familia, no seo dos barrios sen alternativas e na propia escola, xa que hai mestres que non son capaces de dicirle ós rapaces por que suspenden», responde. Afirma que em Vite fazia-se seguimento de alunado que abandonava a escola, e existia umha Comissom de Moços contra o Desemprego que os acolhia.

Pouco depois a Coordenadora, numha roda de imprensa, acusava o Concelho de boicotar as suas atividades no bairro. Indicam que só lhes tinha concedido 50.000 de 640.000 pesetas que pediram para o entruido, quando a outras associaçoms subsidiou-nas com 200.000 pesetas, mesmo sem atividades programadas, polo que falam de «enchufismo» das associaçoms menos críticas. Por isso a Coordenadora desconvocou os atos previstos, como um obradoiro de máscaras e um baile de disfarces. Negou-se-lhes também material e utilizar a Vaguada para um concerto, em que iam participar oito grupos.

Denunciam que o Concelho nom incluíra o projeto de escola de pessoas adultas para participar na convocatória de subsídios da Junta, apesar de terem-lho apresentado. Afirmavam que coletivos do bairro tinham dificuldades para usar os locais municipais. Nom entendiam as resistências que encontravam com o Concelho.

Roberto Lorenzo, no *EIG*, informa das quatro comissions da Coordenadora constituídas a princípios de ano: Cultura, Desportos, Ensino e Saúde. Fala de três níveis de intervençom do plano sociocomunitário no bairro: «Un primer nivel basado en la sensibilización de la población en general. Un segundo de prevención, centrado en un trabajo de dinamización del barrio. El tercero, de reinserción, que implica una intervención individualizada con las personas, y con su entorno familiar y social, en situaciones de inadaptación social». Noutra informaçom no mesmo diário, Roberto Lorenzo recolhe aspiraçoms como que a biblioteca escolar se abra ao bairro fora do horário letivo. Fala da intervençom individualizada e familiar, trabalhavam porque a comissom de ensino da Coordenadora tivesse voz nos conselhos escolares. Da integraçom no projeto de Sanidade salientava que representava o reconhecimento oficial e possibilitava garantias de futuro, segundo Rosa Álvarez.

No diário *ECG*, C. E. Vázquez observa que se começava a notar o descenso da natalidade, pois só havia já duas aulas de preescolar. Continuavam duas aulas de educaçom especial, e um serviço especial de microbús para dez escolares com necessidades educativas especiais.

Em março deu-se a conhecer umha nova iniciativa de Vite, que também se integrava na Coordenadora: Axuda aos presos A asociación gestava-se desde havia quatro meses e estava integrada por umhas dez pessoas «la mayoría ex presidiarios», indicava César Casal o dia 7, no *LVG*. Salientava a colaboraçom da associaçom juvenil

e da Coordenadora de bairro, e que tinha em andamento umha campanha local, através de Rádio Kalimero do Burgo das Naçons. Tratava-se, segundo o relato do jornalista, da primeira associaçom galega para ajudar a melhorar as condiçons de vida dos presos, e estavam à espera da legalizaçom dos estatutos polo Ministério do Interior. Surgiam com a intençom de atingir a situaçom de Euskadi, onde Saltlaketas já tinha mesmo pisos de acolhimento. Trabalhavam de colaboraçom com o grupo Formigueiro, polo interesse na reinserçom laboral a que se dedicava este coletivo, e faziam esforços por conseguir apoio dos Advogados Jovenes. Tinham vez pedida para dar palestras em Bonxe, e iam ir à Escola Social de Santiago «a explicarles a los futuros asistentes sociales el enorme grado de minusvalía social que acarrea ser un ex-presidiario». Explicavam como no cárcere mesmo aprenderam a afiar seringas numha caixa de fósforos, pois a seringa estragava-se depois de muito uso partilhado. Interesava-lhes melhorar as condiçons de habitabilidade e trato nos centros penitenciários, e preocupar-se também porque quando os reclusos saíssem tivessem mais facilidades de inserçom. Participaram na fundaçom do comité anti-sida de Santiago. Passavam para o interior das cadeas fitas com programas gravados de Rádio Kalimero «como se fossem casetes de música ou cursos acelerados de inglês», e verificavam o resultado positivo destas mensagens para o decaído ánimo dos reclusos que «desta maneira sabiam que alguém fora estava pendiente deles». Outra notícia no mesmo jornal e nesse mesmo dia indicava que a associaçom «inicia una campaña por correo para darse a conocer».

Fran Fernández del Buey, atual porta-voz de PreSOS Galiza, estivo no nascimento da associaçom. Residia em Vite «como todos». Vivía num edificio «onde havia seis famílias numerosas». Lembra os tempos iniciais de

abandono do bairro, sem serviços, em que a mocidade se cansava de não fazer nada, «houvo de esperar três ou quatro anos até que abriu o primeiro bar. Em Vite juntáram-se todos os fracassados de Santiago», afirma. A partir de 1985, com Alfredo Santomil, a A. VV. atua mais ideologicamente «vê os problemas e procura soluções». Valoriza como «generosidade» o ceder protagonismo em favor da Coordenadora, «a mudança da A. VV. foi importante, ao comprometer-se gente politicamente de esquerdas e sindicalista, acostumada a ir a assembleias, a levar umha agenda para apontar». Do PPDS afirma que «primeiro houve um apoio do Concelho e depois umha traição; dedicáram os fondos para outros fins. Se se impulsasse, teriam saído muitas cousas, hoje seria um referente importante».

Fran Fernández del Buey participou ativamente na Associação Juvenil e na Comissom de Moços contra o Desemprego: «botáram-nos de um local de Vista Alegre para meter nele uns cubos de pintura», lembra. Relata como conseguiram umhas bolsas da editora SM, de como se distribuía o dinheiro assembleariamente, os diferentes locais utilizados, da colaboração com o Burgo (onde cita «O Trincado, que nos ensinou muitas cousas»), a aprendizagem do antimilitarismo... como protagonista direto e privilegiado que foi de todo aquilo. «Desde 1980 ao 87 todo o que víamos eram detenções, problemas, conflitividade. No 1987 foi umha explosom, sentamo-nos para organizar atividades de ecologismo, objeção de consciência, cultura, viagens..., tentar de eliminar o sentimento de inferioridade de ser de Vite. Reuniamo-nos na rua, nos pátios, nas escadas. Os primeiros apoios fôrom da A. VV., mesmo nos dêrom dinheiro para um carimbo, havia muitas dificuldades económicas. Foi importante o Carnaval de 1988, o fazermos as máscaras, assim como o apoio do pessoal contratado do PPDS e

da A.VV., começava-se umha dinâmica diferente, depois surgiu a Comissom de Moços contra o Desemprego, o reparto de panfletos polo bairro. Muito trabalhei, com jornadas das 10.00 às 22.00 horas», afirma Fran.

Respeitante a PreSOS, surgiu de súbito: Toné, Nacho e outros regressavam do cárcere «e os que éramos os moços de Vite tínhamos como vergonha perante eles das atividades que fazíamos nas associaçoms, pareciam cousas de gilipolhas respeito a eles, acostumados a levantar automóveis, a ter pistola... De repente víamos como interessante a discussom, nom as ideias. Voltavam a discutir-se questoms como se se era capaz de dar umha navalhada a alguém, e assim. Tivemos um primeiro encontro, no bar Apolo. Falámos, vimos que lhes interessava o que se fazia de novo. E ao dia seguinte, em questom de quatro horas, organizou-se PreSOS. Depois fomos a Rádio Kalimero. Lembro Nacho a falar da sua experiência no cárcere. Devia pensar que o escuitava toda Espanha, era impressionante. Voltou outro dia; e depois outros. Aquelas eram as fitas que enviávamos às cadeias».

PreSOS integrou-se na Coordenadora de Vite, entidade que favoreceu «autoorganizarmo-nos em Vite, nom deixar que nos vinhessem organizar desde fora; para consegui-lo foi importante a existência dos diferentes coletivos. Para manter-se em pé houve de resistir muito». Também tivo relacionamento muito importante com os residentes do Burgo, que os apoiárom em diversas ocasioms, mesmo acolhêrom Toni e Toné quando estiverom fugidos (ver infra) «e houve lugar para eles no pavilhom 17», lembra o residente Jaime Subiela. Também Chavós tivo relacionamento com PreSOS «para casos concretos de ciganos com problemas judiciais», assinala Duarte Crestar, que lembra como os ciganos «se integrárom nas atividades de orientaçom laboral para tentar solucionar problemas laborais comuns com a

mocidade de Vite. Isso favorecia-o que em Vite residisse muita população cigana».

Em 1 de abril de aquele ano da fundação de PreSOS, perante a falta de resposta do Concelho, a Coordenadora decidiu alugar um local, mas frisando que aspirava a dispor de espaço na Casa da Cultura de Vite, em construção. Com tal ensejo apresentou à imprensa projetos como editar um jornal, continuar com um programa de rádio sobre o bairro desde o Burgo, e umha campanha sobre a sida. Indicam também atividades para mulheres, organizadas por A Lagoa, e para mais breve, umha nova edição da festa ecológica, com deslocação à comarca da Ulha e sem subsídios; umha festa em que a associação juvenil participou com um programa de jogos sob o lema «tomemos a rua»; e também se celebrou umha exposição. Para o 27 tinham programados jogos comunitários. Afirmam que seguem sem conseguir uma entrevista com o alcaide; criticam declarações suas por referências pejorativas a Vite e julgam que o Concelho «ven a por nós, xa que non se admite que un barrio considerado como marxinal, comence a ter iniciativas», segundo declarações de Santomil recolhidas no ECG.

Em 6 de abril constituiu-se o Conselho da Mocidade de Santiago, con cinco associações a integrarem o seu comité permanente: a juvenil de Vite (representada por Aureliano Villaronga), Itaca, Don Bosco, Eira Nova e Arco da Velha. A entidade participativa nom chegou a funcionar «porque nom lhe deixárom», afirma Fran Fernández del Buey.

Em finais de abril Xerardo Estévez anuncia que a Casa de Cultura de Vite se inauguraria em 4 de maio, com equipas profissionais para promover o emprego entre os jovens de Vite e Guadalupe, profissionais de trabalho social e outro pessoal especializado em combater as drogodependências.

Em 30 de abril sete membros da Coordenadora reuniram-se com Luís Toxo e Xosé Sánchez Bugallo, do Governo Municipal, e com o responsável da Agência de Desenvolvimento Local, Enrique Vázquez, para negociar sobre o «local social-centro de cultura de Vite». Os representantes do bairro propunham que o edifício estivesse a serviço exclusivo do bairro entre as 9.00 e as 23.00 ou 24.00 horas. Interpretam que o edifício tardaria em funcionar pelo menos um mês, por falta de mobiliário, e que o motivo da convocatória era sondar a disposição da Coordenadora perante o ato de inauguração, e evitar problemas antes das eleições.

Em maio a Coordenadora informava do projeto de publicar *Curriculum Vite*, e ECG destaca ser o primeiro jornal de bairro de Compostela (diz-se que será mensal, gratuito, com tiragem de 1.000 a 2.000 exemplares, 4 páginas, dependente de ingressos publicitários); mas a edição ainda demorará mais de um ano. Anunciava-se que na mesma reunião em que se decidiu a publicação, também se acordou lançar um programa com o mesmo nome em Rádio Kalimero, e que «ambas aventuras informativas pretendem ser plurales y centradas de forma especial en el barrio de Vite». Realizam umha convocatória aberta para participar.

Em maio tivo lugar a festa *Vite Nazón*, no pavilhão central do Burgo, para «celebrar» a autodeterminação do bairro, «que xa está canso de ter un protagonismo no mundo da delincuencia e a droga, queremos ter un impacto a nível social, reivindicar as nosas carencias e movernos para conquistar milloras para a xente que habita este barrio algunhas veces olvidado», segundo salientavam. O pregón foi lido polo Capitán Cebola, que desta forma realizou a «sua presentación en sociedade, o personaxe mítico de Vite Nazón e superhéroe da nosa nazón». Eram instantes difíceis para os residentes do

Burgo: em 9 de abril a USC apresentara um segundo rascunho sobre o Sistema de Residências Integrado, polo que a procura de um novo modelo parecia que nom se deteria; e em 20 de maio, o rascunho fora modificado. «Era umha maneira de avançar para a integração dos centros residenciais privados, que nom queriam perder os privilégios», afirma Patrícia Pena: «O estudantado, naquela altura, já tinha umha vida mais integrada com Vite através da Coordenadora, e com Vista Alegre, aonde se ia fazer a compra, pois em Vite nom havia onde; Vista Alegre tinha melhores condições para a vida de associação», acrescenta. O novo sistema de residências, o SRI, começaria, com efeito, no curso seguinte. Salvador Bará, Vice-reitor de estudantes na altura, assinala no entanto que «o SRI nunca tivo como objetivo favorecer as residências privadas, mas promover um sistema público solidário, o maior do Estado Espanhol naquela altura».

Ainda em maio, a vizinhança paralisou o dia 6, segunda-feira, as obras de reparação das vivendas, por estimarem que as atuações nom subsanavam as deficiências. Apresentam um escrito assinado por 18 presidentes de comunidades e entregado o dia 3 ao IGVS, antes de anunciarem a mobilização como modo de pressom para que se solucionassem definitivamente os problemas. A paralização notou-se nas ruas Garcia Lorca, Celso Emilio Ferreiro e avenida Castelao. Avançavam a intenção de concentrar-se perante a Conselharia de Obras Públicas, de que dependia o IGVS, e mesmo a acudir a protestar em atos públicos convocados com ensejo das eleições.

Após a pressom, o conselheiro José Cuíña promete destinar mil milhons de pesetas para obras de urbanização e reparações em Vite, que estariam prontas no prazo de um ano. No dia 22 reuniu-se com dirigentes

viziniais, junto com representantes do IGVS. Os adjudicatários de vivendas comprometiam-se a regularizar a situação económica, segundo nota difundida pela Consultoria. Cuíña e María Jesús Sainz falarám pouco depois com a vizinhança, no encerramento da campanha eleitoral. Era essa umha época propícia, pola convocatória eleitoral: Vite era o lugar escolhido para atos centrais da campanha, ao ser o bairro que concentrava mais votos; nessa ocasião foi especialmente conflitivo o encerramento que realizou a candidatura de Xerardo Estévez, polas protestas que organizou a Coordinadora, que assim deixava constância do mau tratamento que consideravam lhes dera o Governo presidido polo candidato socialista nos últimos anos. Santomil, ao lembrar aquela «telderetada», afirma que pretendiam fazer-se notar e reclamar apoio «que se nos tivesse em conta, porque existíamos e precisávamos colaboração para afrontar os muitos problemas que tínhamos ou, em todo o caso, se nom queriam colaborar, que nom colocassem obstáculos ao nosso trabalho de integração da gente de Vite».

Em 19 de maio *LVG* informava para toda Galiza da detenção de Antonio Iglesias. Recolhia um comunicado de PreSOS, secundado por vários coletivos, que exigiam a sua liberdade, valorizando que «Antonio cumpliu xa polos seus supostos delitos na cadea [...] estaba a desenrolarse como unha persoa “reinsertándose” nunha sociedade que nunca lle axudou, traballando na base da problemática social e acadando saídas á sua problemática e á dos demais e plantexando traballo de futuro».

Em 30 de maio, *ECG* informa da visita de Xerardo Estévez a Vite e a outros bairros. Anuncia que os parques da Almáciga e Festivais se inaugurarían na festividade do Apóstolo, e que na semana seguinte entraria em funcionamento o novo centro social e cultural. Nos inícios de junho cohecía-se que o Governo Municipal aprovara

um orçamento de 350.000 pesetas para cursos e actividades a celebrar no Centro Social de Vite. E em 19 desse mês, num comunicado de imprensa, para informar do festival de final de curso da escola de EGB de Vite, indica-se que as actividades organizadas «son unha mostra do bo entendimento e camaradería existentes entre as distintas entidades do Barrio a raíz do seu traballo conxunto na Coordinadora do Barrio»; e destaca-se igualmente a colaboración de casas comerciais de Vite e Vista Alegre, com doaçõs para um sorteio.

Em 17 de junho, Miguel Lamigueiro dedica no *ECG* a Antonio Iglesias o primeiro artigo da série «La marginación en Santiago», sob o título «Una carta para “Tony”». Refere como «55 colectivos de Santiago y municipios de la comarca, además de varios centenares de particulares, suscriben el documento de petición de libertad para este joven, encarcelado desde el pasado 13 de mayo en la Prisión Provincial de A Coruña por un delito contra la propiedad cometido hace cinco años». Entre os apoios cita «siete entidades vecinales, las unidades de desintoxicación de Noia, Ribeira, Monforte y Santiago, el BNG, Adegas, CXTG, FPG, Rompanfilas, Abogados Xóvenes, la asociación Xusticia e Sociedade, y organismos oficiales como el Consello da Xuventude de Galicia». Recolhe um depoimento de Fran (Fernández del Buey) segundo o qual, quando Iglesias saiu do cárcere, após um período de três anos «los jóvenes del barrio más pequeños que él que habían ocupado su lugar en las calles se quedaron quietos, esperando a ver qué hacía, y Tony comenzó a hablarles de desengancharse, de charlas sobre el SIDA, de la reinserción y de la necesidad de buscar una salida». Apresenta Iglesias como «el preso más visitado de la cárcel de A Coruña, donde recibe semanalmente a ocho personas, y ya hay un calendario de vistas para todo el verano», além de receber «um millar de tarjetas

de apoio» que se editaram e se repartiram pola cidade. Lamigueiro qualifica Iglesias de «ex delincente» e especifica três alternativas que PreSOS pensava propor no día seguinte ao Juíz de Vigilancia Penitenciaria, com quem tinham marcado un encontro; além de ter pedido outros com a Valedoria do Povo e com o Fiscal de Vigilancia Penitenciaria.

Nos escritos que lhe dirigiam ao cárcere, e nos que se indicava ser «Presidente da Asociación de Axuda aos Presos/as PreS.O.S». incluía-se este poema:

KADEAS

Estando coas Kadeas da VIDA
ollabas por riba,
loitando un FUTURO.
Estando coas cadeas da DROGA
ollabas pra o chan,
perdido, sin rumbo
eskapando ao FUTURO.
Estando coas Kadeas do Cárcere,
se xuntan as demais Kadeas
na soidade da tua celda,
onde es Impotente,
onde non te deixan ser nada,
porque nada eres,
diante deles.
Estando coas Kadenas do SIDA
casi estabas roto,
ollabas húmido, choroso e dicías:
falta pouko para o REMATE.
Estando coa Kadea da Amistade
ollas pra fora,
berras alto,
e alguen te escoita.
Para ti, todo son Kadeas, Tony,
todo son problemas,
todo tormentas de Vrao,
pero tesme a mín,
tes alguén que te apoie
neste Inverno.

Naquela altura, a Coordenadora tinha muitos frentes abertos. Porque, além da dinamização do bairro com atividades, a luta com o Concelho na procura de um local, ou os problemas das vivendas, estavam muito presentes em Vite os efeitos da delinquência, das drogas e da síndrome da sida de anos anteriores, umha herança terrível que mantinha pessoas ainda dependentes, outras no cárcere, conheciam-se casos de situações terminais e outras de extraordinária emergência que se padeciam no dia-a-dia nos lares do polígono de vivendas. Em maio ressurgia um assunto que ultrapassava as barreiras de Vite: aquele caso de António Iglesias. Em 1 de junho, 42 entidades de carácter cívico, social e político de Santiago exigiam a sua liberdade. Tratava-se do presidente de PreSOS, e membro da Coordenadora de Vite. Indigitavam-no como toxicómano desde os 16 anos, que cumprira várias condenações por roubos e atracos. Após dous anos e meio no cárcere enveredara polo caminho da reinserção social, e iniciara um tratamento de desintoxicação e outro com especialistas na sida. Pertencia também ao Comité Cidadán Galego Antisida, que trabalhava em Santiago. Na Coordenadora, trabalhava nas áreas de cultura, saúde, desporto e educação. Um dia, durante a sua atividade no grupo ocupacional foi detido e levado para o cárcere da Corunha. Sobre ele pesava umha pena de 4 anos e um dia por umha sentença de 1986, do Tribunal Supremo, em parte atribuída a umha possível negligência administrativa do advogado de ofício. Jóvenes Advogados, Coordenadora de Vite e UMAD denunciárom perante os meios de comunicação a situação, exigindo o direito à sua reinserção social. Iniciárom umha campanha para enviar-lhe centos de cartas, e levar o caso perante altas instâncias europeias. A associação de profissionais progressistas do âmbito da Justiça, Xusticia e Sociedade, aprovou também em

Ourense umha resolución favorável à petiçom da sua liberdade, ao igual que o Colégio Oficial de Psicólogos.

Em 8 de junho, *LVG* publicava umha «Tribuna Pública» da Coordenadora, intitulada «Nin local social nin para o barrio». Indicava-se que a reuniom no Concelho para expor as reivindicaçoms fora em 30 de abril. Chegara-se a um compromisso de negociar o regulamento de uso na semana do 20 ao 25 de maio. O 23 de maio, após adiamentos em dias anteriores, Estévez inaugurou, «medio camuflado, como se dun fuxido se tratara» as instalaçoms. Apareceram trípticos polo bairro explicando as atividades a realizar (descentralizaçom de serviçoms municipais e do INEM, sem contar com a vizinhança) e fazer-lhe ver à opiniom pública que a Coordenadora pretendia apropriar-se do local. Perante isto remeteram de novo a proposta de consensuar um regulamento com o Concelho. Explicam que o 24 de maio concentrárom-se em resposta a umhas declaraçoms de Estévez, segundo as quais nom precisava dos marginalizados para ganhar as eleiçoms. Confirma-se que nom é nem um local social nem para o bairro: «Agardamos que cumpra a promessa de dotar o barrio de un local social. Entretanto seguiremos aboando 45.000 pesetas de aluguer. Que saiba que entretanto o consideramos “persoa non grata”», manifestavam.

Os responsáveis municipais do centro sociocultural respondem, na mesma página: «este é un centro municipal ó servicio de tódolos cidadáns que non acepta criterios exclusivistas». Acrescentam que nascia para cobrir as demandas de umha ampla zona deficitária em equipamentos sociais, como Vite, Vista Alegre e Guadalupe, e que «o centro está a disposición de tódolos colectivos, sen cortapisas».

No *EIG*, o dia 9 de setembro publica-se umha entrevista com Alfredo Santomil, quem sintetiza com umha

frase feliz as aspirações da Coordenadora «Queremos que el polígono de Vite se convierta en un barrio». Anuncia que terá jornal próprio, *Curriculum «vitae»* (sic) e rádio própria, Rádio «Calimero» (sic). Indica que os projetos da A. VV. eram muito ambiciosos, que enquanto outros bairros ainda tinham problemas, em Vite estavam em vias de solução. Refere-se às melhoras aprovadas pela conselheira de José Cuíña e que deveriam finalizar em junho de 1992. O jornal do bairro, projeto especialmente caro, anuncia que será editado antes de janeiro, nom se pudo antes por problema orçamentário. Insiste que Vite nom é umha cidade sem lei: nom há mais problema de droga que em bairros como Conjo ou a Choupana, o que acontece é que está mais população concentrada. Salienta os 3 milhons percebidos dos dous subsídios da Junta (Sanidade e Trabalho).

Em 27 de setembro, no LVG, Nacho Mirás salienta mais umha vez como o colégio de Vite era pioneiro em integração escolar. Relata como a maioria do alunado cigano nom chegavam a ciclos superiores. Afirma que o nome de Vite «siempre se ha asociado a la Compostela marginal», mas o diretor do centro educativo, José Manuel Arca, assegura que «es el momento de ir enterando viejos fantasmas». Nesse novo curso o centro escolarizava 800 escolares, 20 deles de etnia cigana. O diretor fala de «Yoni», um chaval de quinto que aproveitava descuidos da docente para fugar-se da aula. Refere-se a igualdade dentro imposta polo avental. E hai críticas pola demora na construção do polidesportivo.

Por essas datas, a Coordenadora solicita um subsídio à Conselheira de Educação para o Projeto Educativo, orientado para pessoas adultas, que elaboraram em 1989. Fora apresentado em maio de 1990 ao Departamento de Educação do Concelho, e em setembro a concelheira relatora da área respondeu ser muito interessante, mas

que nom dispunha dos recursos necessários para apoiá-lo. Pediam algo mais de três milhons de pesetas para atividades a desenvolver em dous anos. Proponhem contar com professores com dedicaçom de dez horas diárias e um animador sociocultural.

Em 12 de novembro, na véspera da primeira assembleia do curso, o Conselho de Governo do Burgo distribuiu um boletim, onde informavam de orçamentos, locais e atividades. Incluía o artigo «O Burgo na Coordenadora de Vite», em que informava a «todos aqueles que eiquí chegades por vez primeira» do facto de estar integrada a Residência Universitária na Coordenadora de Vite, especificando as comissoes em funcionamento, entidades que a formavam e convidando os que quigessem colaborar ou ter mais informaçom a passar polo local da rua Domingo Andrade ou polo do próprio Conselho de Governo; ou em todo o caso telefonar.

Em 13 de novembro, PreSOS anunciava mobilizaçoes para reclamar a liberdade de António Iglesias, que se demorava. Desde havia semanas, a sua situaçom parecia estar próxima a solucionar-se, pensava-se que estaria pronto para recobrar a liberdade. Para facilitar a sua libertaçom, a Coordenadora de Vite ofereceu-lhe um contrato como educador⁷.

E ao dia seguinte, os jornais informavam de um recurso da Coordenadora contra a negativa de subsídio do Concelho para organizar o Dia das Letras, o San Joám, o Magusto e o Natal, argumentando o Concelho ter-se apresentado fora de prazo, razom que a A. VV. nega e diz reclamar que se respeite a legalidade. Critica que o Concelho promovia umha política vicinal «baseada no mais puro amiguismo e comadreo» ao tempo que

⁷ Essa iniciativa valera, entre outros reconhecimentos, para que recebesse, em 2 de setembro, umha «Magnolia», do jornal *ECG*, que tentava salientar o que considera de destaque mais positivo.

tentava «desarticular iniciativas vizinhas de caráter social progressista». Reclamava 1.800.000 pesetas polo trabalho programado. Aludem aos subsídios do Plano de Drogas e da Direcção Geral de Serviços Sociais da Junta de Galiza.

Em novembro, a organização de estudiantado CAF, de orientação nacionalista, organizava na Faculdade de Psicologia, Filosofia e Ciência da Educação de Compostela umhas jornadas sobre racismo e marginalização. Numha mesa redonda sobre «Contra-marginação em Compostela», o dia 26, participárom Fran Fernández del Buey, da associação juvenil, como representante da Coordenadora de Vite; Magdalena Oro, de Chavós; e Germám González Paradela, de PreSOS. Nas jornadas indica-se que em lugar da repressom policial e violéncia contra as pessoas marginadas «a solidariedade e a tolerância seriam bons ingredientes para umha solução mais justa» dos problemas, por entender o compromisso com a realidade como «um deber ético».

Em 27 de novembro a Coordenadora exige que acabem as obras de ampliação do centro de saúde. Ameaça à conselharia que se nom responde adotarám medidas de pressom. Cumpriu-se o prazo das obras, paralisadas desde antes do verao, e agravando-se com problemas de goteiras, ruídos, falta de espaço, e outros. Salienta-se a atitude de colaboração dos profissionais do centro de saúde para solucionar a situação de precariedade, agravada polas obras. Manuel Bacariza, atual coordenador, lembra aqueles momentos como especialmente difíceis: «em condições normais nom se devia consultar, mas faziamo-lo, apesar das incomodidades, deficiências na limpeza e outros incómodos. Os problemas derivavam-se em parte porque a estrutura do centro nom estava ideada para um novo andar, mas também houvo problemas com a construtora, foi realmente um tempo difícil.

Depois, com o espaço ganhado resultou muito melhor: havia consultas individuais para todo o pessoal e resultava o trabalho mais fácil».

Em dezembro aparecem ainda algumas resistências polas obras de reparação das vivendas: em dia 12, no *ECG*, assinado como S. E., aparece um escrito que denuncia problemas nos bloques 26 e 28 da rua Pintor Maside, e critica que a conselharia só se reúna com a Coordenadora, mas nom com estes afetados. A Administração responde ao dia seguinte, comprometendo-se a iniciar quanto antes as obras nesses dous blocos de Vite. E a continuação a A. de VV. Polígono de Vite, no mesmo meio, pontualiza que a conselharia estava a cumprir com o bairro ao tempo que critica atuações individualistas dos dous blocos e ressalta diálogo com a conselharia e com o IGVS. Lembra que a filosofia era: quando estivessem resolto os problemas começar a pagar.

Em dezembro, PP e PSOE manifestam-se «“dispuestos” a apoiar la revisión de la denegación de indulto de Antonio Rial», segundo noticiava *ECG* o dia 17. Era Toné, outro jovem emblemático de Vite. Afirma a informação que ambos os partidos defendiam ajudar a Asociación de Axuda aos Presos, de Vite, que contava já com o apoio de Xóvenes Avogados, Consello da Xuventude de Galicia, Cruz Vermelha, diversas associações feministas e alguns partidos políticos. Também há chamadas de apoio de alguns magistrados da Corunha e de entidades de Madrid e Euskadi. Pedírom entrevistas com a Valedoria do Pobo e, através do Tribunal Superior de Justiça de Galiza, esperavam chegar ao Constitucional, para que se revisasse a denegação de auxílio. O caso asemelha-se ao de Antonio Iglesias, que sim conseguira o almejado indulto. Rial tinha 23 anos, o delito polo que se lhe pediam quatro anos e dous meses de prisão remontava-se a 1984. Agora colaborava com o

Comité Anti-Sida e com a Coordenadora de Vite, e realizara cursos de reciclagem na Agência de Desenvolvimento Local do Concelho.

No Dia de Noiteboa, *Diario 16* salienta que a Coordenadora de Vite felicitava o Natal a António Rial, a quem estava buscando a polícia, ao ter-lhe sido denegado um indulto por reinserção social. A felicitação tratava-se de um postal realizado pela própria Coordenadora. Nele salientava-se a sua participação nos processos sociais do bairro, embora legalmente não se quisesse reconhecer a sua integração; mostravam também a solidariedade da Coordenadora e a esperança de que em breve pudesse estar de novo integrado. Criticavam a Justiça, por não ver além do Código Penal e estar desconetada da realidade social. Rial dera-se à fuga para não cumprir a condenação.

Fernando Seoane Pesqueira, agora magistrado no Tribunal Superior de Justiça de Galiza e na altura juiz de Primeira Instância e Instrução em Compostela (em finais de 1991 deslocou-se para a Audiência Provincial da Corunha) assinala António Rial Gasamáns como um caso paradigmático de reabilitação. O problema com pessoas como ele era a falta de regulação legal. «Decretar prisão numa situação como aquela parecia uma barbidade», afirma. Seoane Pesqueira lembra os contactos de António Rial com a associação Traperos de Emaús, para se reabilitar, «sendo uma pessoa que, tendo tudo em contra, punha toda a vontade para se reinsertar». Lembra ter celebrado reuniões com o alcaide Xerardo Estévez, em que se estudou este assunto, e julga que «era pena a descoordenação existente entre a UMAD e a representação de Vite; por vezes acodiam a falar da mesma pessoa e do mesmo problema, com propostas diferentes». Para Fernando Seoane, «o caso de Toné era delicado, sobretudo nos

momentos mais duros em que passou de roubos com força a roubos com intimidação. A gente conhecia-o e identificava-o fácil por como era, mesmo umha vez em Carnaval, apesar do disfarce, foi denunciado; nom era consciente, estava como teledirigido a conseguir dinheiro. Mas via-se que era umha pessoa que, de ter oportunidade, seria diferente». O magistrado observa «interesses encontrados entre a seguridade pública e as necessidades de subsistência de certas pessoas».

Finalizava assim um ano capital, em que por um lado principiaram a desenvolver-se os projetos comunitários pensados desde 1987, em consonância com o PPDS, com a perspectiva dos planos sociocomunitários da Administração Autonómica; mas um início problemático, por falta de meios, o que levou à Coordenadora a utilizar parte do subsídio em alugar um local. Também se manifestavam com toda a intensidade os efeitos dos problemas sociais que vivia Vite desde os seus inícios, dos quais os casos de António Iglésias, já resolto, e o de António Rial, em processo de solução, eram especialmente paradigmáticos, por se tratar de dous moços especialmente representativos no bairro, por se terem reinsertado e passar da delinquência à colaboração social. Aquele 1991 evidenciou umha comunidade viva, que lutava por se consolidar e por ultrapassar o seu passado.

O subsídio da Conselharia de Sanidade propiciou o contacto com Vite de Marco Marchioni, o especialista italiano que supervisava os planos de trabalho comunitários galegos. Este reputado referente do trabalho social e da intervenção comunitária, com reconhecimento internacional, lembra o impacto positivo que recebeu a primeira vez que acudia a Compostela: coincidiu com umha reunião da Coordenadora, que discutia como intervir num caso de venda de droga («trapicheo»), e verificou como havia participação assembleária ativa

de umhas 50 pessoas, como se discutiam pontos de vista com argumentos coerentes e de peso, como existia mesmo apaixonamento em redor do projeto comunitário. Aquela sociedade ativa coincidia com o que ele defendia, em que fossem muitos a falar, a propor e a decidir e nom só umha elite; isso era o que ele queria, segundo lhes comentou na ocasiom, e confirma em 2002 ao rememorar o acontecido, numha entrevista com ensejo do presente trabalho.

X.
VITE, OLÍMPICO

A energia com que em 1991 começara a trabalhar a Coordenadora para pôr em valor os recursos recebidos da Administração Autonómica acrescentou-se em 1992. Tentava implicar à maior parte da sociedade, para que se sentisse identificada no projeto, o que se conseguia principalmente com a sua participação ativa. Xosé López Gómez, Gori, aplicava a experiência que tinha aprendido na Escola de Educadores Especializados em Marginalização Social de Compostela, na prática em Ferrolterra ou nas jornadas de Fene. Além disso, implicavam-se para apoiar muito em especial Salvador Bará, Luis Cuntín, Moisés Lozano, Magda Meléndrez ou Daniel López Muñoz, com contributos valiosos do ponto de vista metodológico, afirma Gori. Eram cinco pessoas com um papel central na Comissão Social promotora do PPDS.

Em 20 de janeiro de 1992 continuou-se o projeto educativo de formação de pessoas adultas e de aula aberta. Principiáram 25 mulheres, com idades entre 25 e 60 anos, que assistiam a atividades nas segundas e quartas-feiras. Segundo reportagem publicada no *EIG* diferenciavam-se três níveis, em função do grau de alfabetização, e só duas pessoas não tinham qualquer conhecimento elementar de lecto-escritura. O objetivo era a formação básica para poder atingir um emprego e inserir

no alunado o desejo de aprender. A duração do curso pretendia-se que fosse permanente em próximos anos. As aulas eram num «barracom» do colégio de Vite, oferecido pola AMPA. Assinala a informação que se ultimava já um jornal do bairro.

No dia seguinte, o advogado de António Rial, Rafael Bárez, apresentava na Audiência Provincial a segunda petição de indulto, pois estava acusado de um atraco em 1984 a umha sucursal bancária de Traço. Desde novembro, Rial permanecia em paradeiro desconhecido. O letrado acompanhava relatórios do doutor que o assistira no Hospital Médico-Cirúrgico de Conjo e da trabalhadora social do Concelho. Indicava que o tratamento anti-sida que seguia seria muito difícil de manter no cárcere. Para Bárez, que António entrasse de novo na prisom seria aproximar-se ao caminho da morte. Em manifestação recolhidas por LVG, qualificava os toxicómanos de doentes e solicitava o seu ingresso em centros de reinserção ajeitados.

Em 23 de janeiro, a AMPA apresentou ao Conselho Escolar do colégio de EGB umha proposta de Rosa Álvarez Prada, em que pedia a colaboração do professorado para assuntos referidos a marginalização; seguimento de escolares que apresentavam problemática social e que abandonavam o centro educativo, independentemente do resultado da sua escolarização; e reuniões conjuntas para valorizar situações problemáticas.

Em finais de janeiro, *D16* informava de 2 novas ordens judiciais de busca e captura de António Rial Gasamáns; e de como Encarna Otero, edila do BNG, apresentara umha proposta para que o Concelho de Compostela pedisse o seu indulto. Também o Conselho Escolar do liceu Gelmírez I adire à petição de indulto para ele, que fai extensivo a outros jovens que se encontram na mesma situação.

Em fevereiro, no *ECG*, num trabalho de Enrique Carretero Pasín indica-se que um Vite parecido a um gheto social ajusta-se cada vez menos à realidade. Antonio Iglesias, como porta-voz da Coordenadora, explica que a mocidade, ao sair do colégio, ia para a rua, por falta de outras alternativas e assim, ao aparecer a heroína, começou o círculo vicioso jovem-heroína-cárcere-drogasida, o que favoreceu que o bairro se associasse ao sinónimo de droga. O consumo e a dependência das substancias tóxicas começava muito cedo entre a juventude, na adolescência e mesmo antes, e a única relação da gente era casa-droga-casa. Mas verificava-se que o consumo descendera muito e estava-se passando de ser um bairro marginal a um bairro modelo. Também salientava o descenso da delinquência, que atribui ao consumismo que caracteriza a sociedade: «Todos los días ver lo que es el consumismo y no poder consumir». Alude igualmente à quebra da barreira racista com a poboação cigana, que ascendia a um 10-15%, segundo indica. A Coordenadora organizava atividades de manualidades, desenho, jardinaria a encontros de revitalização da cultura popular, assim oferecia alternativas para a vizinhança. Destaca a Escola de Pessoas Adultas e PreSOS, salientando como objetivo desta última entidade trabalhar pela integração laboral de quem estiveram na prisão, por ter mais dificuldades.

A peça jornalística, no início, faz referência aos arquitetos que trabalháram no bairro, questiona-se se poderiam prever a conflitividade e marginalidade que em poucos anos ia afetar a Vite, e assevera: «La población reunida poseía todos los rasgos sociológicos necesarios para convertirse en caldo de cultivo ideal para el brote de la droga. La agrupación de distintas familias de clase social media-baja, con nulos vínculos de solidaridad debido a procedencias locales distintas con el

desarraigo afectivo que ello implica, junto a unos alarmantes índices de paro y alcoholismo pueden explicar la implantación de la droga y sus consecuencias en la convivencia vecinal».

Em meados de fevereiro, a Coordenadora acorda organizar, para o verao, umhas colónias infantis, aulas de formação ocupacional para a mocidade e umha «oficina de informação múltipla». As atividades para as crianças fôrom destacadas na capa de *LVG*, que no interior informava de que se celebrariam de colaboraçom com a associaçom Ollomol. Também a A. VV. decidiu tratar do pagamento dos recibos das vivendas que nom pagavam, um assunto para abordar em próxima entrevista entre representantes vizinhais e a Junta de Galiza, polo cumprimento das promessas de melhora efetuadas pola conselheira de José Cuíña. Embora se insistisse na necessidade de dar o último pulo para a melhora das vivendas, pois se bem a relação da A. VV. com o Concelho era muito difícil e problemática, com a Junta continuava «fructífera», polo que se acordou negociar o pagamento dos recibos das vivendas que faltavam, como os das ruas Pintor Maside, García Lorca, e outros.

O conflito com o Concelho mantinha-se, e indica-se que decidiram apresentar um contencioso-administrativo contra a negativa de subsídios para atividades. Constata-se o reinício das emissoens em Rádio Kalimero, e mais umha vez fala-se de editar um jornal para o bairro e de atividades para as festas de Entruido, Sam Joám, e outras; e de palestras de Sanidade ou Ensino. Criticavam que o centro sociocultural nom se inserisse no bairro e que servisse só para descentralizar serviços e acolher reunions de associaçons de fora, e expom-se o descontentamento vicinal porque se proibiu a uns moços do bairro surpreendidos fumando que aparecessem polas suas instalaçons em três meses. A A.VV. diz

nom resignar-se à marginalizaçom. Indica-se que a negativa de subsídios para atividades inicialmente se argumentou que se apresentara fora de prazo e depois num modelo de instância nom válido, quando outras vezes, sem escrito, atendiam-se petiçoms. «É umha perseguiçom em toda regra», conclui Santomil, e aponta que o Concelho apoiava outra associaçom do bairro. Apesar disso nom quer guerra «porque estas guerras son inúteis». A assembleia tivera elevada assistênciã, 130 pessoas, segundo *EIG*, que recolhia o depoimento de Santomil, preocupado também polos efeitos de chuvas recentes no bairro. Indica-se que o curso 1991 caracterizou-se polo assentamento do programa do plano sociocomunitário, apoiado por todas as instituiçoms exceto polo Concelho; e reconhecido por muitos grupos da cidade.

Em finais desse mês, *D16* publicava um depoimento de Sánchez Bugallo, como porta-voz do Governo municipal, segundo o qual «hay ciertas asociaciones, como la Coordinadora de Vite que se sienten discriminadas al no recibir subvenciones, pero no se le conceden porque consideramos que los ámbitos de sus actividades trascienden los propios de una asociación de vecinos». Admitia que «quizá sea necesario revisar pautas de concesión de subvenciones a las asociaciones vecinales».

Numha réplica da Coordenadora, no *EIG*, afirmam que o Concelho boicotava o seu trabalho e que nos dous últimos anos quase 50 propostas e petiçoms foram rejeitadas. Bugallo dizia que o Concelho nom subsidiava o plano de Vite por ter um igual. A Coordenadora, em roda de imprensa, esclarecia que nunca solicitárom subsídio para esse plano, mas sim para outras atividades. A Coordenadora entregou um listado de 47 propostas e petiçoms nos dous últimos anos: só umha, de ajuda às festas populares, do ano anterior, fora atendida, o resto

continuavam sem resposta. Também informam de umha carta para magistrados da Corunha pedindo o indulto para António Rial (Toné) e que se considerasse a sua posição sobre a sua reinserçom.

Em 5 de março, *D16* publica umha reportagem de Javier López, de duas páginas, intitulado «El injusto retraso de la justicia. Penas que llegan cuando llevan años reinsertados son la espada de Damocles para ex drogodependientes». Relata casos de Ramón Sánchez Ferreira (8 anos sem delinquir, confirmados por *Pre-SOS*, acabava de sair absolvido de um juízo em janeiro em que se lhe pediam 2 anos e 4 meses por um antigo delito). Detem-se na história António Iglesias e Manuel Juanatey, que saírom da droga e agora trabalhavam para que outros se reinsertassem, em Vite e Noia. Também cita Javier, igualmente de Vite, que acabava de ingressar em Asfedro, para reabilitar-se, e explica preferir passar o dobre de tempo na comunidade terapéutica desse lugar que a metade no cárcere, salientando umha juíz compostelana que estivo mais de umha hora falando com ele e por fim deixou-no em liberdade. Carmen Avendaño, da associação de maes contra a droga Érguete, pede que entre em vigor o novo Código Penal e assinala que alguns magistrados faziam malabarismos para nom enviar a prisom a ex drogodependentes e delinqüentes que tinham empreendido o caminho da reinserçom, enquanto outros negavam-se em redondo, polo qual o reconhecimento da reinserçom era umha questom demasiado subjetiva.

Em 9 de abril, Antonio Rial, em roda de imprensa, indica que a sala 2 da Audiência da Corunha suspendera a condena por um delito de havia 7 anos e tinha retirado a ordem de busca e captura. Também a Sala tramitaria a petição de indulto, com o que as preocupaçoms de *Pre-SOS* pareciam estar bem encaminhadas. A sua situação

foi analisada poucos dias depois numha reuniom da Coordenadora de Vite.

Em 27 de abril foi inaugurada a Faculdade de Filologia, que começara a funcionar esse curso. Assim, aquele espaço de Vite, ocupado desde 1978 sem qualquer dotação de ensino, oferecia novas possibilidades para a sua gente que, depois de 14 anos, podia completar todo o processo formativo, desde escola infantil a titulação universitária, em centros edificados desde que começara a habitação e a posterior (auto-)construção do bairro.

Em maio celebrou-se a IV Festa Ecológica, com visita à foz do rio Anlhons, com materiais de trabalho e colaboração da associação naturalista Adegá. Era outra atividade que mantinha assim umha desejada continuidade.

Os jornais salientam naquela altura que a vizinhança de Vite se poderiam converter em proprietários, pois o dia 14 de maio aceitárom a proposta que lhes entregou o conselheiro José Cuíña, recolhendo o regulamento dos pagamentos e os critérios para amortizar as vivendas. Segundo a conselharia, era a primeira vez que se realizava umha iniciativa assim na Galiza. Indicava-se que entre 1990 e 1991 investírom-se em Vite 912 milhons de pesetas, e 9 mais nos últimos meses por deterioros. A urbanização estava por fim finalizada e pendente de receber. O conselheiro visitou vários grupos de vivendas e entrevistou-se com representantes vizinhos. Também visitou Vite o diretor geral do IGVS, Antonio Couceiro.

Em meados de mês, os 57 docentes do claustro do Gelmírez II enviam um escrito ao conselheiro de Educação e à imprensa desmentindo que existissem seringas nas instalaçons do centro, como indicara umha informação jornalística, em que se afirmava tê-las encontrado abandonadas mesmo nas cisternas. Em 29 de maio, em entrevista no diário *LVG*, José Luís Hospido, diretor do Gelmírez II, declara estar satisfeito dos resultados do centro:

«As fornadas de COU⁸ son de éxito diverso segundo os anos; hai quen abandona a idea de ir á Universidade e marcha para FP, pero a maioría continua para adiante», afirma. À pregunta de se é conflitivo o empraçamento, responde: «En absoluto. Temos unhas excelentes relacións coa asociación de veciños de Vite; agora quedaron resolvidos algúns problemas de acceso, e no propio centro, todo o persoal pretende unha boa convivencia».

Em junho, Gori e Rosa Álvarez coordenam um grupo de trabalho sobre intervenção sociocomunitária, em Valência. Respondiam a um chamamento de Marco Marchioni, que os reclamava para participar num curso organizado pola conselharía da Saúde de aquela Comunidade Autónoma.

Confirma-se que as colónias de verao serán do 1 ao 12 de julho no colégio de Laxe, para 50 jovens do bairro (afinal seriam 52), de 8 a 12 anos, em colaboración com 12 monitores e monitoras do bairro, da asociación de tempo libre Ollomol. A Cooperativa Feiraco contribuiu com produtos lácteos.

No final do curso escolar, o colégio de Vite editou um novo número da revista escolar *Muxicas*. Oferecia dados importantes sobre a evolución da matrícula, a Logse, Santiago, profissões dos pais, e a campaña de limpeza e hixiene realizada o último curso para mentalizar do cuidado do meio ambiente. Um aluno da escola, de 12 anos, Enrique Barcala Mallou, ganhara o terceiro prémio num concurso convocado polo Ministerio de Agricultura em defesa dos *pezqueñines* [assim denominavam os peixes pequenos, de tamanho inferior ao que se recomendava idóneo para a sua comercialización] polo lema «Os peixes pequenos hai que deixalos medrar, senon despois a ver que imos merendar». O

⁸ O COU era o Curso de Orientación Universitaria, que se realizava após finalizar o bacharelato e como preparación para o ingreso na Universidade.

galardom entregou-lho o Delegado do Governo, Domingo García Sabell, e supunha também outro prémio para o centro educativo: 100.000 pesetas em livros, entregue por Carlos Posadas, delegado do Ministério. Acompanhárom o premiado para recolher o galardom os seus pais, o diretor do centro José Manuel Arca Pichel, e a professora de galego Guadalupe García.

Nesse mês, a conselheria de José Cuíña e a A. VV. de Vite assinárom um pacto sobre as vivendas. Consistia em que, ao finalizar as obras de melhora que se realizavam, a vizinhança começaria a pagar as quantidades que deviam desde que começaram a ocupá-las.

Em 1 de julho, os jornais informam que um cartaz de José Núñez para a campanha *Non inVITE ás drogas* ganhou o concurso convocado para anunciar essa iniciativa. O segundo prémio foi para Catalina Guede. No ganhador vê-se um grande corvo negro carregado de seringas e pastilhas alucinógenas, enquanto em redor dele vam morrendo dúcias de pequenos corvos por causa do venenoso rego que deixa na sua passagem. No póster aparecem vários símbolos, distorsionados, da cidade: Auditório, Palácio de Rajói, Apóstolo, peregrinos... Apresentárom-se a concurso 21 originais. O lema dessa campanha era: «Non inVITE as drogas. Se ti non queres axudarte, non fagas dano ós demais. Sabes como atoparnos, si decides cambiar». Assim procuravam contribuir para que o bairro fosse mais saudável, sem drogas.

Em 12 de julho, com ensejo do final da colónia infanil, umha informaçom do LVG salientava que a Coordenadora recebera da Conselheria de Sanidade quatro milhons de pesetas em 1991 e sete milhons em 1992, para as atividades sócio-comunitárias, encaminhadas preferentemente para a prevençom e à inserçom social. Anunciam umha ampla campanha contra a droga para setembro. Salienta-se o voluntarismo nas atividades de

Vite, de quase toda a vizinhança. «El barrio sigue albergando focos puntuales de tráfico o trapecheo de drogas, aunque sin la intensidad de etapas anteriores. No obstante, la preocupación está latente y de ahí la campaña de sensibilización prevista para el mes de septiembre», assinala a informação. Vê-se como Vite já era percebido como um bairro, o que nom muito antes representava umha aspiração.

Setembro, com efeito, será um mês marcante. A A. VV. e a Junta de Galiza ratificavam o acordo sobre as obras nas vivendas de Vite e o início do pagamento das quantidades que deviam os seus ocupantes, chegando assim a um acordo muito esperado, fruto das atuações dos últimos meses. No entanto, apesar do pacto nom finalizariam os problemas e nesse mês houve enfrentamentos, com paralise de trabalhos com que nom concordava a vizinhança, e o IGVS assegurou mesmo na imprensa que a morosidade observada em alguns residentes nom era justificável, e que se despejariam os vizinhos de Vite que nom pagassem, após os anos que levavam usando vivendas levantadas com dinheiro público.

No aspeto preventivo e de intervençom social, a Coordenadora organizou com enorme sucesso a I Olimpíada de Vite, com grande repercussom nos meios de comunicação, com atividades desportivas durante vários dias. Era mais umha iniciativa para trabalhar a prevençom das toxicodependências e favorecer a vida saudável e o bem-estar da vizinhança.

Umha das claves dava-a E. Gallego, no *ECG*, numha reportagem publicada em dia 10 sobre a V Semana de Cinema ao Ar Livre, onde escrevia: «El éxito radica en la labor de todos para todos [...] Iniciativas como la de Vite tienen el mérito de reunir a todo un vecindario en torno a un proyecto común, de lograr –cosa infrecuente en la actualidad– unificar lo disperso. Y cada año más.

Enhorabuena». A semana de cinema celebrou-se tam-
bém de novo, sob o lema *Vite, boa terra*.

Em dia 13 principiou a campaña «Non Invite ás drogas», com a distribución de uns 1.000 cartazes, 10.000 bolsas para a compra e a realización de 14 murais. E tam-
bém se apresentou un proxecto longamente traba-
lhado: o número 0 de *Curriculum Vite*, o anelado xornal
do barrio, de que se editáron 2.000 exemplares, que
repartíron poucos días despois. Para publicá-lo, al-
ém de constituir un Comité de Redacção, aconselháron-se
com unha xornalista amiga, ex directora do seman-
ário *A Nosa Terra*, escritora, docente de Xornalismo, e nome
importante para o nacionalismo: Margarita Ledo. Ela
recomendou o formato e deu-lhes indicacións de como
maquetar e presentar as informacións. «Resultou unha
grande axuda aquele asesoramento, pois nós non
tínhamos idea. O problema foi concretizar os trabalhos,
“encaixar” cada noticia, pois había que cortar liñas
num lado, estirar noutros... un labor com certeza moi
trabalhoso», lembra Gori.

Debaixo do título lia-se o lema «A expresión dun bar-
rio con futuro». Em 4 páxinas, na capa incluían, a cinco
colunas, unha reprodución do cartaz de Pepe Núñez
para a campaña «Non inVITE ás drogas», onde tam-
bém se lia que «Se ti non queres axudarte non fagas dano ós
demais. Sabes como atoparnos se decides cambiar» e o
nome da Coordinadora, com o pé «En setembro, non te
esquezas: se algo queres lograr hai que participar». Num
editorial indicava que «Unha das cousas que xustifica a
posta em marcha deste periódico é precisamente que
serva de medio de comunicación entre a Coordinadora e
os Veciños e viceversa». Na páxina 2, «Deportes» anunci-
ava o programa da I Olimpíada; «Ecoloxia», indicava a
intención de constituir un grupo de actividades meio-
ambientais, que funcionasse de xeito continuado todo o

ano. Anunciavam que «A túa cultura terá lugar» na publicación, e incluían un autocolante da campaña «En galego é fácil» da Mesa pola Normalización Lingüística. Na páxina 3, relatavam como surgiu e se desenvolvía o Plano Sociocomunitario, com umha foto em cujo pé indicavam: «a droga pecha as portas da vida. Rachemo-las cadeas». Salientavam como objetivo desta iniciativa, em andamento desde 1989, «conseguir un maior nivel de vida e prevenir todo tipo de marxinação social». Lembavam que o início «non foi doado», referem-se com destaque à «I Olimpíada» e finalizam criticando o Conselho porque «como xa ven sendo habitual» nom lhes concedera ajuda «nin siquera contestando ás nosas solicitudes. ¡Que pecado teremos cometido!». Na mesa páxina, um artigo sobre «Saúde» frisava a importância da prevenção, indicando no seu final, com destaque, que no centro de saúde do bairro nom estavam só para curar, mas também para prevenir, e aconselhando «Non ás drogas duras, ó alcohol, ó tabaco, á contaminación, ós basureiros incontrolados» e «Si á hixiene axeitada, á boa alimentación, ós espacios para o ocio, ás fontes controladas, a unha vivenda axeitada, ós nenos con escola, ós adultos ocupados». Outro artigo, sobre «Traballo», afirmava que «Seguiremos a escribir a nosa crónica laboral loitando por derrubar o muro da discriminación, e que se poida atopar algo polo que vivir, traballar». E apresentavam o espaço «Vecino», como um

apartado dedicado a ti, onde podes expoñer as túas ideas de como podería ser un barrio millor para todos, ou criticar as actuacións dos organismos oficiais, asociacións e dos mesmos veciños. Ten presente que este barrio será o que nós queiramos que sexa; se queremos droga, teremos vendedores e consumidores de droga; se queremos delincuencia, teremos delinquentes; isto é fácil de conseguir, só é necesario

“pasar” de todo; pero se queremos un barrio acolledor, teremos que traballar arreo, vivir como bos veciños, respectándonos e respectando o barrio. Para conseguirmos todo eso, só fai falla poñer un pouco de boa vontade e estar unidos, pois o primeiro é o barrio.

Nesse artigo convidavam a participar na Coordinadora e nas suas asociacións para mellorar Vite. Na última páxina incluían umha referéncia às colonias de verao de Laxe e anunciavam que já preparavam as do ano seguinte; na sección «Si... ou si?», assinada polo «Capitán Cebola», de quem incluían um desenho e presentavam como «o heroe do barrio», salientavam as frases «Vite xa ten un periódico» e «Vite xa ten un Curriculum», em que se ressaltava a importância de contar com a publicación e finalizava «desexandoche que a vida se porte ben contigo, un saúdo». Finalmente aparece um breve traballo de «Creación», assinado por Ramiro, e convida-se a quem desejar aparecer nesse lugar que leve «o teu traballo (conto, poema, debuxo, etc.)» ao local da Coordinadora; e a última sección, de humor, «Gargalladas», com a reprodución, segundo citam, de um traballo do livro *Carrabouxos a esgalla 2* de Xosé Lois González. Finalmente incluía publicidade do ECG, que possibilitava a publicación ao imprimi-la em troca do anúncio, e da «Conselleria de Saude: Plan Autonómico sobre Drogodependencias». O jornal espelhava, pois, muitas das principais aspiracións da Coordinadora e informava de actividades recentes ou em andamento.

O día 15 o traballo de Vite contra a droga ecoou com força no programa da Televisión de Galiza *Boa Saúde*, de Manuel Torreiglesias. Falou-se dos casos de Toni e Toné, com especial apoio a Toné, e dedicou-se especial atención aos problemas para se reinsertarem socialmente das pessoas que deixaram a dependéncia das drogas e conseguiram reabilitar-se, mas que tinham contas que

saldar com a Justiça, ao reclamar-se-lhes que cumprissem penas de condenaçõs por delitos de muitos anos anteriores. A associaçom cidadám Monte Alto, da Corunha, solidarizou-se publicamente com António Rial, a quem colocou como porta-voz «de todos los jóvenes que se enganchan a la vida». Alfredo Santomil, a psicóloga Pilar Bermejo (da UMAD de Santiago) ou o advogado Rafael Bárez fõrom algumas vozes que apoiárom Rial, e no programa mesmo se salientárom umhas declaraçõs do juiz Baltasar Garzón, favorável a substituir o cárcere por um tratamento num centro especializado para a reabilitaçom. António Rial, a quem se favoreceu que participasse desde onde estava oculto, sublinhou que de o condenarem nom só o condenavam a ele, mas a toda a sociedade. Durante o programa emitírom-se umhas imagens sobre Vite, filmadas aquela mesma tarde, nas quais se via umha perseguiçom policial polas ruas do bairro para deter um delincente que nom residia nele, mas era de fora, umha situaçom que provocou repulsa entre os representantes de Vite, por entenderem que essas situaçõs estavam ultrapassadas no dia-a-dia e já nom se davam. O apresentador prometeu enviar um vídeo do programa ao Tribunal que julgava Rial, para que o tivessem em conta, «como clamor social de toda Galiza».

A Coordenadora de Vite organizou no liceu Gelmírez II, às 21.00 horas do dia 17, umha palestra em que participárom Daniel Martinazzo, jogador de hóquei do Liceo da Corunha, com grande popularidade, e presidente da Associaçom Galega de Desportistas contra a Droga; e o futebolista Fran, do Desportivo da Corunha. As gestõs para conseguir esta atividade foram ambiciosas, e tiveram tam boa acolhida, que mesmo se lhes indicara a possibilidade de que participassem também outros conhecidos atletas, como Beбето, Álvaro Pino, José Manuel Alvelo e o jogador de basquetebol Romay,

segundo assinalava na véspera, no *LVG*, umha informaçom de Teresa Abuín, que recolhia mais umha vez críticas para o Concelho, ao assinalar que fazia muitas campanhas mas nengum trabalho na rua; acusavam a Câmara Municipal de dizer que há que dar protagonismo às comunidades, mas à única que fazia algo «que somos nós» nom lhe fazia caso. Explicam à jornalista que a campanha em andamento nom se devia a que no bairro existissem já na altura problemas sérios de droga, mas nos temas de estupefacientes e marginalizaçom necesitava-se um trabalho constante, e indicavam como objetivo sensibilizar a vizinhança e sobretudo a representantes da Administraçom responsáveis do tema, por estarem tentando acabar com as campanhas pontuais, queriam que fossem estáveis.

O mesmo dia, *D16* recolhia que o BNG demandava cursos de alfabetizaçom e formaçom para as mulheres compostelanas, indicando que por falta de organizaçom das instituiçons públicas assumiam o labor associaçons, e destacando a sua única representante na corporaçom, Encarna Otero, o trabalho da Coordenadora de Vite: salientava os bons resultados atingidos e pedia apoio para a sua proposta.

O dia 17, *ECG* outorgava outra «Magnolia», de bom fazer, esta vez polo programa Non InVite ás Drogas, para a Coordenadora de Vite, por ser «dinamizadora vecinal de veinte velocidades y grupo de gente con ganas de moverse y hacer algo [...] Colectivos como éste deberían crecer en las aceras, y las administraciones, regarlos todas las mañanas con billetes de a mil».

O 18 nos jornais ecoava, mesmo com fotografia na capa, o ato com desportistas no Gelmírez II, em que também participárom Alfredo Santomil, o docente do centro Moisés Lozano, e o médico e coordenador do centro de saúde de Vite Antonio Alvarez. No *LVG*, com

fotografias de Antonio Hernández na capa e no interior, o jornalista N(acho) M(irás) salientava a presença de Encarna Otero, e de que começou sem os dous desportistas, que se incorporárom perto das 22.00 horas. Fran, nervoso, indicou que os grandes problemas da droga começavam nas cidades, por nom haver lugares para praticar deporte. Martinazzo afirmou que «El Estado tiene la obligación de impedir que exista la marginación y de llevar el deporte hasta todos los niños». O médico António Álvarez dixo que sempre há exercícius para todas as idades, o caso é nom ficar parado. Em *ECG* Víctor Tobío, na secçom «La Berenguela», sob o título «La falta de apoyos a iniciativas populares», cita a mesa redonda e aconselha ao Concelho que tenda a mao e apoie a Coordenadora e nom a veja como um grupo hostil «sino como unos hombres que a base de imaginación y mucho trabajo están desarrollando una importante labor a favor de la juventud compostelana».

Do 23 ao 30 de setembro celebrárom-se as Primeiras Olimpíadas de Vite, com diplomas que se entregárom o último dia. Também houve dança tradicional galega. E anunciava-se um macroconcerto o sábado 26, de 14 horas de duraçom. O dia 23, *ECG*, *EIG* e *LVG* recolhiam o aviso da Coordenadora de que havia risco de suspender algunhas atividades da Olimpíada por nom contar com um recinto fechado. No encerramento, nas praças de Belém, indicavam que esperavam contar com membros da associaçom de desportistas contra a droga. Criticam a falta de resposta do Concelho sobre a petiçom de instalaçoms para as atividades, mesmo sobre que se enviase a Polícia Municipal para controlar a maratona contra a droga, que se consolidará para repetir nas ediçoms seguintes da Olimpíada, e umha corrida de bicicletas. Santomil salienta que a mensagem ultrapassou o bairro e chegou a outros lugares da cidade, com a

finalidade principal da conscientização popular sobre o grave problema da droga.

Em dia 23 celebrou-se a maratona contra a droga, com 200 participantes, como início da Olimpíada. O concerto, em que iam participar 15 grupos de rock, com entrada gratuita, adiou-se por causa do mal tempo. Nessa semana, a Coordenadora agradeceu publicamente a colaboração do Concelho ao ceder o Polidesportivo, confirmada com as atividades em andamento, e pede que essa resposta positiva inicie umha normalização de relações, que beneficiaria a toda a comunidade.

Ainda nesse mês, Alfredo Santomil, numha entrevista no *EIG*, rejeita que Vite fosse um gheto. Afirma que a delinquência era semelhante a outros bairros de Santiago, mas o que acontecia era que em Vite residiam perto de 15.000 pessoas. Assinala que se facilitava umha informação errónea, que nom se ajustava ao que quotidianamente acontecia, e aponta a que em occasions essa manipulação escondia interesses e que era possível que o Concelho pretendesse «tranquilizar» à opiniom pública do resto da cidade convencendo-a de que em Vite se aglutinava e centralizava a marginalização. Lembrava Santomil as ajudas das conselharias de Trabalho e Saniidade, e salientava que a iniciativa integradora do bairro já se conhecia em toda Espanha, insistindo no desinteresse da Cámara Municipal.

Um ato no Gelmírez II, em que se entregárom diplomas e camisolas a todas as pessoas que tinham participado; e umha ceia, em 2 de outubro, com representantes de associaçoms e numerosa vizinhança, foi o ponto final àquela I Olimpíada, que marcaria o início de umha atividade participativa para os anos posteriores.

Em dia 20 começou a segunda edição da escola de pessoas adultas, com colaboração do centro UNESCO galego, que desde finais de 1990 promovia atividades em

que alertava dos problemas do analfabetismo na Galiza. Em *LVG* Teresa Abuín, numha informaçom intitulada «Mamá va al colégio», com fotografia de Merce Ares, referenciou a participaçom de 25 alunas, de 30 a 60 anos, que se queixavam de que nom se apontasse nengum home. Cinco aprendiam a ler e a escrever, continuavam sete que no final do curso anterior aprovaram o exame do certificado de escolaridade, pois alguma queria conseguir o graduado. Rosa Álvarez, psicóloga e monitora da escola, salientava a sua dedicaçom ao estudo e a elevada motivaçom.

Nesse mês editou-se o número 1 de *Curriculum Vite*. Na parte superior da capa lê-se só o lema *Vite saudable*, sobre fundo branco e sem qualquer iconografia, com a assinatura da Coordenadora. Na inferior, no editorial, fã um chamamento à participaçom, indicando que se nom se fazia nada as cousas irãm a pior, mas era possível mudar, pois «Se queremos, podemos». Na página 2 incluem umha «Reportaxe» gráfica da I Olimpíada. Na página 3, no artigo «Ensinu» informavam sobre a escola de pessoas adultas, com o título «Os maiores tamén queremos ir á escola»; em «Deportes» indicavam que, após a Olimpíada, o Concelho deixou-lhes utilizar o Polidesportivo três dias por semana, de 12.00 a 14.00 horas, em lugar de tê-lo fechado, mas continuavam a gestionar maior horário e poder utilizá-lo de tarde, como fazia a vizinhança de outros lugares da cidade; e informam da constituicòm de um clube de basquetebol formado por gente do bairro, que treinava no centro de EGB. Referenciam as atividades de «Ximnasia para as mulleres» organizadas pola associaçom A Lagoa, no Gelmírez II; além de animar para apontar-se a participar em mais atividades. Na epígrafe «Saude» explicam a campanha de prevençom da gripe no centro de saúde de Vite. Na página 4 informavam de «Cursos» (um de manualidades,

organizado por A Lagoa); e em «Colaboracions» incluíam «Si...ou si?», sem assinar, com relato do dinamismo da Coordenadora com ensejo da Olimpíada. Acompanhavam um texto do grupo musical Os Trebons; e finalizava o humor de «Gargalladas», além da mesma publicidade do número anterior.

Tantos meses de atividade positiva e de entusiasmo terám de contraponto umha notícia terrível: a morte de António Iglesias na noite do 1 de novembro. Aquele moço, exemplo de reinserçom social, que derrotara as drogas e trabalhara como educador, e porta-voz de PreSOS, falecia por causa da sida.

A sua advogada, Isabel Castillo, foi das últimas pessoas que o visitou e lembra-o como um dos casos mais especiais que defendeu. Isabel Castillo relata que Toni, como era conhecido, começou a delinquir muito novo e ingressou no cárcere com 16 anos por vez primeira. Tratava-se de «um moço muito alto, muito moreno, que costumava portar umha fita na frente, com um aspeto de um jerónino revivido». Quando ela o conheceu e tratou tinha muitos antecedentes penais. Afirma Isabel Castillo:

contactou comigo com ánsias de reinserçom, estava muito afetado polo mal que viviam os presos nas cadeias. Assim se explica que apoiasse desde os inícios PreSOS e o Comité Anti-Sida de Santiago. Ele e Toné trabalhavam muito, levavam simultaneamente as duas cousas, eram muito optimistas. Nessa situação saiu-lhe um juízo, em que se lhe pediam seis anos. Eu defendim-no, apresentei atenuantes, queria que a Justiça aceitasse o arrependimento espontâneo de umha pessoa que procedia de um ambiente social que o levava a cair na vida delitativa, e a quem nom mudara para melhor a vida penitenciária. O juiz era Francisco Caamaño, quem depois passou para Lugo e agora está já jubilado. Foi um juízo muito longo, dêrom as três da tarde e eu seguia falando, insistindo em que estava em jogo a vida e a

liberdade de umha pessoa, que eram cousas que valiam mais a pena que a comida de um dia. Afinal Toni foi condenado. Entom, em lugar de recorrer a sentença decidim pedir um indulto, que lho concedêrom. Mas tinha outra causa pendente, que eu nom levava, e acabou por ingressar no cárcere. Entom intei-rei-me que se lhe descobrira a sida, e fum-no ver à prisom da Corunha. Parecia um espectro, mas tinha ilusons. Vim-no tam extremadamente mal que reclamei que o deixassem sair, em aplicaçom do regulamento penitenciário. Ao estar em liberdade, alugou um piso, junto com Toné. Fum vê-lo num sábado, avisara Toné de que pensava acudir a passar a tarde com ele. Quando cheguei, tinha-me umha dúzia de rosas vermelhas, umha caixa de marrón glacé, cousas que sabia que eu adorava, e mais outro presente. Utilizava umha botelha de oxigénio, estava esquelético. Vimos o filme *El silencio de los corderos*. Justo na semana seguinte morreu. Fum ao hospital pedir que lhe fizessem a autópsia, que era vontade dele. E também que avisassem o Instituto Anatómico Forense de Madrid, porque ele tinha interesse em que as análises pudessem servir para estudos, para avançar sobre a sida. Outro dos seus desejos, que se cumpriu, foi o da incineraçom e espalhar as suas cinzas polo mar; levamo-las a Vigo. Era umha pessoa com umha força impressionante.

Isabel Castillo lembra outros dous instantes importantes na sua relaçom com Vite: a sua intervençom para conseguir que um grupo de okupas, entre os quais estava Toné, desalojassem umha casa na rua dos Loureiros «um instante difícil, em que Toné chamara-me para que mediasse e tentasse umha saída digna. Houvo problemas com o juíz de guarda, e afinal conseguiu-se umha soluçom porque falei com eles com um megáfono, trás convencer a polícia. Lembro-me que depois tomárom-lhes declaraçom e, quando ficárom em liberdade, apareceu a sempre presente Encarna Otero, com uns bocatas»... O

outro instante foi a organização de um ato sobre o «tribunal popular» no Gelmírez II, que contou com muita gente de Vite, sobretudo mulheres, para respaldar aquela iniciativa, que partia de Xustiza e Sociedade.

Em 5 de novembro, Rober G, no *ECG*, escreveu o artigo «Balance Provisional. A Toni, a su cinta en la frente, a su café en vaso de plástico», como homenagem póstuma. Aí lembra o trabalho em PreSOS, na Coordenadora, no Comité Anti-Sida, a colaboração com Toné e a sua solidariedade para que nom ingressasse no cárcere. Afirma-se nesse lugar:

En el local de la Coordinadora era él quien ofrecía café y te lo ponía antes de empezar a hablar de reinserción, de la verdadera justicia, de la locura que es encarcelar de nuevo a quien ha salido y ha olvidado el callejón que le llevó hasta allí. No era un gran orador y las palabras le salían despacio y desordenadas. Pero te miraba y te estaba diciendo que le creyeses, que pensases en su caso, que él estaba fuera de todo aquello y que eso era una garantía para confiar en otros que lo intentaban. Yo le creí, algunos jueces también, y ahora Toné está fuera, y otros de camino. [...] Cinta en la frente y café en vaso de plástico, así de simples son las vidas útiles.

Com a sua morte desaparecia um verdadeiro emblema do bairro e a Coordenadora perdia um referente de relevo.

Em 20 de novembro *EIG* informava que, desde os primeiros dias desse mês, cinco desempregados participavam no primeiro «taller becado de Vite», após um convénio com umha empresa privada, que lhes enviava peças para os trabalhos e permitia ao alunado cobrar umha quantidade ao mês, umhas 600 pesetas diárias. O horário de trabalho era de 9.00 a 15.00 horas. Os primeiros dias nom houve falta nengumha, mesmo chegavam antes da hora. Os trabalhos complementavam-se com

umha sessão desportiva nas sextas-feiras. Tentava ser umha atividade ao estilo das organizadas polo INEM para as pessoas desempregadas e principiava mais umha atividade que se mantém na atualidade, sempre com colaboração de umha das empresas de tecnologia punta emblemáticas da cidade, a Televês. O objetivo principal, segundo explica Gori, quem era e continua a ser o responsável técnico de aquelas tarefas, era preparar a mocidade para a futura inserção laboral, de modo que se fosse acostumando a respeitar um horário e com outros hábitos imprescindíveis para se adaptarem ao mundo das empresas.

Em meados de novembro, *LVG* informou ser o instituto Gelmírez II o único da cidade que pedira participar no plano de integração de alunado com discapacidade. Dava assim continuidade ao labor realizado nesse campo no centro escolar de infantil e primária.

Também *LVG*, em 4 de dezembro, informava de como a maioria dos proprietários do polígono de Vite pagavam as vivendas. No mês anterior, o IGVS recaudara 18,5 milhons de pesetas por amortizações e quotas mensais. O convénio assinado atingia 1.062 vivendas e vigorava com efetividade desde o 1 de agosto. Anteriormente pagavam menos do 25%, e passara-se a um 80%. Em 13 desse mês, o jornal difundia umha «Tribuna Pública» de Juan Carlos Ulla Otero, intitulada «Vite, un polígono de parcheo»: Critica o acordo entre a conselharia com competências na vivenda e a Coordenadora, afirma que os vizinhos nunca se negaram a pagar, e que a Administração incumpria a normativa sobre informação ao consumidor de 1989, a Lei sobre Publicidade de 1988, ou o Acordo Europeu sobre Vivendas Sociais, no qual se indicava que os baixos das vivendas sociais deviam destinar-se a usos da comunidade e nom a vivendas. Afirma também que nom se

cumpria o direito a vivenda digna assinalado na Constitución e criticava aspetos das reparaçons efetuadas e o modo como se realizárom. Quem nos anos posteriores se significará como umha das principais vozes do movimento de Consumo no país, como principal dirigente da Asociación de Consumidores de Galicia, demonstrava nesse lugar o seu conhecimento da normativa na matéria e ofrecia umha perspetiva diferente da polémica questom da vivenda.

XI.
OS HERÓIS

O ano 1993 principiou de má maneira: para o dia 9 de janeiro programárom o concerto musical, suspenido durante a I Olimpíada, e de novo tivo de ser adiado, provocando outra situação conflituosa para com o Concelho. A atividade estava anunciada para começar por volta das quatro da tarde, com dura om aproximada de oito horas, entrada livre e a atuaçom de 15 grupos. Mas, quando parecia todo pronto, nom havia palcos. Santomil explica que dous meses antes o Concelho notificara que deixava o polidesportivo e fornecia os palcos, mas os organizadores deviam deixar o recinto limpo, e encontr rom-se com o imprevisto incumprimento municipal. Critica que gente jovem, chegada de toda Galiza, ficou sem o concerto, e a Coordenadora tivo que desembolsar o milhom de pesetas or amentado, polo que pensavam demandar contra o Concelho.

Este assunto transcendeu Compostela, e o relator de Mocidade de Noia, Manuel Codesido, ofereceu   Coordenadora palcos gratuitamente para o concerto, pois desde o seu Concelho queriam fomentar toda atividade em contra das drogas. Recebeu por isso umha «Magn lia» no *ECG*, que adverte que «esperemos que Codesido no sea de los que promete el oro and el moro y luego ahuecan el ala». Poucos dias depois, Encarna Otero, concelheira do BNG, qualificava de «grave» a atitude municipal com a

Coordenadora, ao nom lhe facilitar o palco prometido; isso motivou umha «Pólvora» de reprovaçom do *ECG* para a instituição municipal.

Em 12 de janeiro, *ECG* informava que os proprietários de pisos e locais do Polígono de Vite levavam pagados 175 milhons de pesetas desde a assinatura, em agosto, do convénio entre o IGVS e a Comissom de Vizinhos do Polígono. Segundo o IGVS, 135 milhons correspondiam a amortizaçoms antecipadas e o resto do pagamento de mensalidades; até o convénio, um 80% dos adquirentes desatendiam sistematicamente as obrigas de pagamento. Só um 10% dos proprietários, na altura, nom pagava. O IGVS ia informá-los e advertí-los do risco de perder a vivenda, de nom demonstrarem falta de recursos.

Em finais desse mês, a Coordenadora organizou umha aula para elaborar disfarces para o carnaval. Em fevereiro finalizárom as atividades de alfabetizaçom apoiadas pola UNESCO. Na memória do realizado, datada em março, indica-se que o alunado participante apresentava:

un nivel de descoñecimento practicamente absoluto das técnicas de lectura e escritura. En matemáticas, realizaban algún tipo de cálculo mental e intuitivo, motivado pola sua práctica na vida cotián. Estas persoas acudiron ó curso co ánimo de saber leer e escribir, adquirir coñecimentos xerais, etc. que lles permitan ir superando as carências que tanto lles limitan as posibilidades de desenvolverse na vida diaria. Este, sen dúbida, é un feito determinante da gran motivación que o grupo manifestou por acadar umha maior formación persoal.

Do 9 ao 11 de março, na salom de atos da Faculdade de Psicologia, Filosofia e Ciências da Educaçom, a Coordenadora participou numha mesa redonda sobre «Contra-marxinación en Compostela: Muller», na seqüência das

II Jornadas «Contra o Racismo e a Marxinación: Muller». Promoviam esse encontro a organización estudantil CAF de Traballo Social e da facultade que acolheu as sesións e polos Grupos de Mulleres da Universidade.

Em maio celebrou-se a Quinta Festa Ecológica, na lagoa de Junho (em Porto do Som), com paragem no regresso no Castro de Baronha. Esta vez, além da habitual colaboración da asociación de tempo libre Ollomol, participou a Liga de Educación e Cultura Popular.

Em 17 de junho, *LVG* informa que o 83% dos adjudicatários de Vite já pagava os pisos. O sistema de cobro aplicado evitará que se repita a morosidade em Fontinhas, o novo polígono da cidade, que influirá decisivamente na perda de população de Vite, pois parte dos residentes irão para ele. Indica a notícia que, em Vite, os recibos de aluguer ou compra oscilam entre 980 e 15.000 pesetas. Em total eram 1.447 as vivendas afetadas. Informa-se que faltavam blocos por reparar, o que aconteceria nesse verao.

Do 6 ao 26 de setembro celebrou-se a segunda Olimpíada «deportiva y cultural para lograr um “Vite saludable”», segundo noticiou *ECG*, com fotografía de Rosa Álvarez e Alfredo Santomil realizada por N. Santás. Na programación salientavam as jornadas de cinema ao ar livre, que completavam a sexta edição nas praças de Belém; ou, o dia 25, no polidesportivo de Vite, um festival com os grupos musicais locais, na véspera do encerramento da II Olimpíada. No festival participáron Apocalipsis Now, Indudables, Miskatones, La Red Blues Band, Invernia, Canibal Holocaust e Gitanos Componentes, nos estilos rock, blues, grean noise e salsa. No campo educativo, celebrou-se umha nova edição da escola de pessoas adultas, e o Gelmírez II protagonizou outra protesta, com suspensom das aulas, por falta de pessoal.

Em outubro, a advogada Isabel Castillo apresentou na Coordenadora de Vite o livro *Outros heroes*, do jornalista Xavier López Rodríguez. No volume ocupa-se de António Iglesias e Antonio Rial, de Vite; e Manuel Juanatey, de Noia. No muito interessante e recomendável trabalho, publicado por Edições Positivas naquele mês, relata-se como os três ingressárom no mundo das drogodependências, as vicissitudes de sucessivos ingressos no cárcere, e como finalmente luitárom e abandonárom a toxicodependência, e se reinsertárom com sucesso, ajudando mesmo outras pessoas a que os imitassem, por representarem exemplos de que era possível deixar a droga.

Xavier López, que se apoia de iconografia valiosa⁹, analisa as circunstâncias familiares, e outras, que favoreceriam o consumo de substâncias e acabárom numha toxicodependência, que por sua vez levou à delinqüência e a outros abismos para mantê-la. Relata o impacto que lhe produziu conhecer estes e outros casos, quando luitavam por alternativas que lhes evitassem regressar ao cárcere para nom frustrar a recuperação experimentada com muitos esforços. Afirma, na «Exposición de motivos» do trabalho:

(Antonio) Iglesias pasou de se-lo demo a convertirse nun moderno anxo da guarda que merece consideración. Cando morreu, este libro que recolle parte da súa historia estaba en proceso de edición. Aínda que non o puido ter nas mans, si tivo tempo de coñecer e aproba-lo seu contido, que sae como el o leu, como se estivese vivo, porque vivo vai seguir no recordo dos seus moitos amigos. Agora as súas cinzas están espaxadas entre Corrubedo e algún recuncho do Courel, os lugares a onde sempre volvia.

⁹ Entre as fotografías inclui umha, realizada por Xoán A. Soler, na página 59, de Antonio Iglesias, Antonio Rial e Fran Fernández del Buey, juntos; três jovens de Vite de especial relevo para o tema deste interessante livro.

No mesmo volume, na página 65, recolhe um depoimento do próprio Iglesias, que «asegura non se sente culpable de nada. Sente que toda a sociedade é a culpable, por non dar emprego e alternativas ós mozos, mais tamén recoñece sentir no aire o rexeitamento». Na página 83 reproduz-se umha carta autógrafa, enviada desde o cárcere, na qual, após relatar a má experiencia, insistir em que quer deixar a droga definitivamente e salientar apoios recebidos, afirma: «Agora estou preso. Levo dous meses e non sei canto resistirei. Non entendo nada, só entendo que non é xusto. O nome, o carnet, os datos, son os mesmos, pero EU non son o mesmo. ¿É tan difícil de entender? ¿Debe sé-lo?. E xa me despido só dizer-vos que isto é un berro dunha persoa desesperada que clama xustiza... como tantas outras...»

Era esta umha nova dimensom da história de Vite até aquela altura, um testemunho que contribuía a compreender melhor o acontecido neste bairro e o muito sofrimento de boa parte das suas famílias, e em geral de toda a vizinhança. A experiencia de trabalho comunitário mantinha a continuidade para melhorar a realidade e a situação da vizinhança. Esse ano um jovem do bairro, Xesús Igrexas, Luqui, foi contratado para implicar-se nas tarefas que se promoviam.

Em 27 de novembro, a experiencia e a realidade de Vite está presente e é valorizada no Encontro de Traballo sobre a Problemática de Teis, organizado pola Concellería de Relacións Cidadás de Vigo. O relator desta área do Governo Local viguês, o edil Lois Pérez Castrillo, encerrou as actividades. E Alfredo Santomil e a AMPA do colégio de EGB participárom em 17 e 18 de dezembro nas II Xornadas de Intervención Comunitaria, em Caranxa, organizadas polo plano comunitário desse bairro do Ferrol e patrocinadas pola Conselharia de Sanidade da Junta de Galiza.

O acontecido em Vite e a luta para conseguir um maior bem-estar e qualidade de vida para a sua vizinhança continuava a interessar no exterior. Servia mesmo como modelo para que outras comunidades com problemas semelhantes aprendessem, através do diálogo com pessoas que participavam na primeira linha na transformação social do bairro compostelano.

XII. O DECLIVE DO BURGO

Em 1994 principiará o declive da residência universitária do Burgo das Naçons. A finais de julho começou a etapa de Darío Villanueva, da Plataforma Universitária Progressista, como novo Reitor, após derrotar Ramón Villares nas eleições celebradas em junho. O derrubamento dos pavilhões aconteceu sendo Vice-reitor de estudantes Celso Rodríguez, da nova equipa reitoral.

Em 11 de janeiro de 1994 assina-se o convénio marco de colaboração entre o Concelho e a Federação de AA VV de Compostela, polo que esta entidade percebia 1,5 milhões de pesetas, e que iniciava umha nova política municipal vicinal. Xerardo Estévez, presidente da Cámara Municipal, e segundo noticiava no dia seguinte *LVG*, «rechazó iniciar cualquier tipo de relación con aquellas asociaciones vecinales que considera politizadas, en clara alusión a la Coordinadora de Vite y a la asociación Casco Antiguo “pois para iso xa temos representantes políticos no Concello” y afirmó que “quen queira facer política que a faga, pero non con nós”». O pacto recebeu críticas do movimento vicinal, que se considerava excluído, sendo Casco Velho e a Coordinadora de Vite as vozes mais críticas. Santomil declara na comunicação social que «o convénio é todo palha», afirma que a federação nom era reivindicativa e era ilegal, por levar dous anos sem celebrar assembleia geral. O presidente da Federação, Ramón

Prol, defende-se, e apoiam-no publicamente dirigentes como Carlos Abellán, da associação de Ponte-Pedrinha, ou Sánchez Bugallo, edil e porta-voz do PSdeG-PSOE.

Em 5 de fevereiro, em assembleia, foi ratificada a diretiva da A. VV de Vite, que apostava por umha linha continuista e crítica com o Concelho. O presidente, Alfredo Santomil, informou que no ano anterior tinham recebido 9 milhões de pesetas de subsídios da Conselheira de Sanidade e 800.000 pesetas mais de outro departamento da Junta de Galiza. Avançou que, de persistir a atitude de Concelho, estudariam possíveis atuações e indicou que, a título pessoal, mesmo estava disposto a pedir que nom se votasse ao partido do Governo Municipal, com o que lhes era dificultoso chegar a acordos.

Em abril, no LVG ecoava um programa de rádio realizado no Gelmírez II, em que participárom «paios e ciganos», dentro da *I Campaña de Sensibilización Xuvenil contra o Racismo*, com colaboração da associação Chavós. O programa foi emitido por Rádio ASCE, subsidiada pola Liga Española de Educación e Cultura Popular. Sobre os tópicos a respeito dos ciganos, afirma-se:

Y en la droga, al principio hubo algunos que vieron la forma de hacer dinero fácil. Pero al comprobar cuales eran las consecuencias negativas, muerte, cárcel y marginación, se fueron apartando. ¿Quién les da la droga? ¿Quién la maneja realmente? Los payos tienden a fijarse sólo en lo malo y a hacer generalizaciones. No podemos ir con un letrero en la espalda que diga «soy un gitano bueno».

Era outra iniciativa que, desde o âmbito escolar, contribuí para atingir um melhor clima de convivência entre a vizinhança.

Em 26, 27 e 28 de maio, a psicóloga do plano socio-comunitário, Rosa Álvarez Prada, com a professora do

Gelmírez II e dirigente da associação de mulheres A Lagoa, Felícia Estévez, apresentam o trabalho *A familia urbana marxinal* na seqüência dos *Encontros: Que familia queremos?*, celebrados em Compostela. Falam do caso de Vite, e concluem que «O noso barrio é exemplo da construcción de ghettos onde unicamente o traballo e a tenacidade dos veciños, e un forte movemento asociativo, fai posible que a vida aqui sexa mais agradable».

Em julho, os jornais recolhem críticas vizinhas ao programa festivo do Apóstolo 94, que previa cinema ao ar livre em 9 bairros e outras atuações. Alfredo Santomil reprova que, além da centralização, a programação era «demasiado elitista», onde a cultura própria ficava reduzida «salvo contadas exceções, a atuações enxebres e mais simbólicas que a outra cousa». A Coordenadora convocava nessa altura um concurso de desenhos para murais, que serviria de base para o cartaz da III Olimpíada.

Loli Barreiro, no *LVG*, realiza umha reportagem sobre o bairro, publicado em 11 de agosto. Afirma que «El plan preventivo es un arma eficaz contra la droga en Vite», e que a vizinhança rejeitava a designação de um polígono de vivendas e queriam que se lhes considerasse um bairro como os restantes, nom um conjunto de casas. Santomil declara que «Non hai moitos casos de drogas no barrio. Con esto tratase de prevenir este tipo de situacións frecuentes hai anos», e lembra a presença nas atividades programadas de desportistas conhecidos, como o ciclista Álvaro Pino.

Em setembro abriu-se o prazo de inscrição para a terceira edição da escola de pessoas adultas; e confirmouse a celebração da III Olimpíada. As atividades programadas abrangiam entre o 5 de setembro e o 1 de outubro, com cinema ao ar livre, ciclismo, umha maratona; campeonato de chave e exibição de alguns dos melhores

pares de Santiago. O Concelho autorizou esta vez o uso do polidesportivo e aceitou controlar o tránsito.

Nas Olimpíadas participárom esse ano mais de 1.000 vizinhos e vizinhas, com 60 equipas de futebol de salom (400 atletas), que jogárom sob nomes como Os Chuzo, Rayo Factureño, Sentencia Evasión, Os Peores, ¿RIP?, Olympic de Salustiano, Os Radicais, Cogumelos Venenosos e outros nomes, alguns de fortes conotaçons sexuais. O dia 24, em Ponte Mantible, celebrou-se umha jornada dedicada aos jogos tradicionais, e para os menos amigos do movimento houvo campeonatos de naipes, como tute e escoba.

Na valorizaçom das atividades, em roda de imprensa, a Coordenadora indicou que no polidesportivo celebrárom-se 177 jogos. Anunciou umha festa para o 8 de outubro, desde ass 16.30 horas, e umha ceia de confraternidade da vizinhança desde as 22.00 horas, no recinto do mercado de gado de Salgueirinhos, para pessoas adultas e crianças. Reiteram críticas à negativa de ajudas por parte do Concelho e salientam como o domingo, na jornada de encerramento, estivérom os futbolistas Fran, do Desportivo da Corunha, e Bellido, Goyo e Moure do Compostela.

ECG publica em 12 de outubro umha entrevista com Xosé López, Gori, assinada por A. I. e com fotografia de Nacho Santás. O educador afirma que, no trabalho desde 1988 em Vite «Lo más gratificante de la experiencia ha sido ver la transformación del barrio, un lugar muy castigado en el que ahora, la gente, se siente orgullosa de vivir. Además, hoy en día el sentimiento de unión es más palpable». Destaca que os grandes temas de atuaçom da Coordenadora eram a informaçom e o assessoramento, a educaçom e o promover iniciativas de formaçom laboral. Indica a existêncía de umha escola de xadrez ou umha discoteca light. Da oferta de formaçom para o

mundo laboral, que ele dinamizava, ressalta que visava que a mocidade do bairro aprendesse umha profissom, ganhasse dinheiro e sobretudo que experimentasse durante umhas horas com um trabalho. Avançar requer muito trabalho e muita calma. Sublinha que as campanhas também ajudárom a resolver problemas acuciantes, e qualifica de lamentável a atitude do Concelho.

Em 22 de outubro, no *ECG*, num artigo de José Antonio Pérez, intitulado «Realidad contra demagogia», critica-se a oposiçom de um grupo de estudantes a que se derrube um «barracom» de Vite onde se denunciou tráfico de droga, e situaçoms de insalubridade. Apoia a pretensom do Reitor da USC de querer eliminar essa residênciá e «limpiar la imagen de una parte de su Universidad y 500 años de historia no merecen un lugar semejante». No mesmo dia, o professor Anxo Tarrío, também num artigo intitulado «Adeus, Burgo, adeus», lembra a construçom do Burgo na década de 60, por ocasiom do Ano Santo de 1965, para solucionar um problema provisoriamente. Depois foi ficando, «como algo vergonzante». Cita os acontecimentos do 68, com as protestas dessa altura do alunado universitário da cidade: aquele ano a residênciá foi como um acampamento de resistênciá e um foro de debate clandestino, cultural, político e ideológico, cheio de vida: um espaço de vanguarda ideológica no regime de Franco, e muitos compostelanos sentiam umha certa inveja por nom poderem residir nele. Porém, com a democracia, «o sentimento de vergonza volveu invadirnos a moitos santiagueses e universitarios», evoluindo os pavilhons para «podres pendellos». Pede algum «monumento en lembranza do vello recinto no que, mal que ben, se loitou pola liberdade en tempos nos que andaba escasa», mas rejeita que na altura «pretenda alguén perpetuar tanta miseria e tanta vergoña, propias, precisamente,

de reximes totalitarios e terceiromundistas. Baixo o meu punto de vista, non ten sentido, a non ser, claro, que medien intereses inconfesables».

O alunado universitário residente nos pavilhões do Burgo tivo solidariedade de Vite numha concentración em favor de manter a residencia, apoiada por 17 organizacións, entre elas CC OO, CIG, CAF, Galiza Nova e BNG. Solicitavam umha alternativa para as praças habitacionais perdidas com o derrubamento dos pavilhões.

A polémica chegou às páxinas de *A Nosa Terra* (ANT), nas quais María Díaz Cabeza, residente no Burgo, respondeu aos textos de José Antonio Díaz e Anxo Tarrío, com um escrito intitulado «O factor humano no Burgo»: Nega tráfico e consumo de droga e afirma que, polo contrário, o ambiente era «moi limpo e moi san», em que destacava a «educación humana». Assinala que o 23 de outubro, no LVG, a Coordinadora de Vite indicara que nunca denunciara actividades no Burgo e agradecia a colaboración dos residentes na luta contra a droga, além da benéfica integración do alunado na vida do bairro. Critica o credo estético burguês de Tarrío. A questom, segundo ela, era que se destruíam praças para estudantes com poucos recursos económicos sem ofrecer alternativa; suprimia-se assim um serviço social da comunidade, um bem coletivo. As democracias autênticas baseam-se nom só na tolerância, mas na crítica constante ao próprio sistema, acrescenta. No Burgo aprendia-se a realizar tarefas em comunidade, outro modo alternativo ao consumismo para o tempo de ocio, e a pensar. Questiona o vice-reitor e os políticos que se opunham, por valorizar que eram quem teriam interesses escuros no derrubo dos pavilhões, nom o estudantado.

Também em ANT Gori opina do assunto, no artigo «Un exemplo de Universidade inserida no seu entorno». Salienta a colaboración dos universitários residentes no

Burgo com o bairro, na escola de pessoas adultas, em aulas de apoio, etc, sobretudo desde que começou o projeto social da AA. VV. nos anos 1988-89. Pergunta se no fundo do conflito pola demolição dos pavilhões havia duas conceições opostas de universidade. Afirma que parece querer voltar-se a barreiras entre a residência e o bairro. Contesta as teses de Tarrío e Pérez, com dureza. Demonstra indignação pola acusação, sem prova nenhuma, de tráfico de drogas, insiste no importante papel dos residentes na modificação de hábitos, do ambiente, das relações dos moços dentro do bairro. Lembra os casos de Toné e Toni. Pergunta a que se deve a presença, os últimos dias, de conhecidos ionquis da cidade polos pavilhões abandonados do Burgo, aos que lhes impedem a entrada os próprios residentes, e assinala «supoño que a este xente resulta doado en momentos determinados manipularlos, pero tamén sacarles información. Realmente é moita a movida que vostedes montaron tentando desprestixiar aos residentes do Burgo. Manifestan ter moito medo á resposta social ante os resultados da súa conceición da Universidade». Esta voz da Coordenadora defendia umha residência que tinha colaborado muito ativamente com Vite, mas que esmorecia.

Em dezembro, a experiência de Vite é relatada em Tui, nas *I Xornadas de Prevención Comunitaria e de Drogo-dependencias*, organizadas pola Cámara Municipal, orientadas de preferêncía para profesionais. Também explicaram o trabalho pouco antes em Ponte Vedra, no Teatro Principal, num ato organizado pola Federación de AA. VV. da cidade e de Poio.

Polo Natal, a Coordenadora organizou umha campaña de recolhida de brinquedos, para poder ofrecer a crianças de famílias com menos recursos do bairro, o que era mais umha iniciativa solidária, e participou na

campanha de *Rádio Voz* «Ningún niño sin juguete», com outras entidades da cidade. Também promoveu as jornadas lúdicas para crianças *Convite a xogar*, no Gelmírez II, do 2 ao 5 de janeiro, que contribuíam a favorecer a conciliação das famílias nessas datas de férias.

XIII.
**A LUITA POLO CENTRO
SOCIOCULTURAL**

Em janeiro de 1995, na *Memória* redigida para solicitar a renovação do subsídio ao Plano Autonómico de Drogas, a A. VV. Polígono de Vite indica um desfase de 2.145.303 pesetas em 1994: os ingressos foram de 8.355.000 e as despesas de 10.500.303. A A. VV. afirma ter 460 sócios, que contribuían com quotas de mil pesetas anuais. Esse ano outro departamento da Junta inicia os seus subsídios à Coordenadora: a Conselheria de Educaçom, que até o ano 2000 outorgou financiamento para a Escola de Pessoas Adultas; e através da «Dirección Xeral de Política Lingüística», até 2002, aprovou diferentes quantidades para apoiar as atividades, que sempre faziam em galego, e que destinavam para materiais impressos. O ano que mais dinheiro recibêrom por este meio chegarom-lhes 800.000 pesetas.

Em 5 de fevereiro, *EIG* e *LVG* informam que, por segundo curso, no Gelmírez II celebra-se uma atividade de Educaçom para a Saúde. Este ano focava a formaçom para a sexualidade e finalizava em maio. As sessons decorriam um dia à semana, dentro de horário lectivo, ministradas por professores do centro, a psicóloga Rosa Álvarez, da Coordenadora de Vite, e pessoal do centro de saúde. A ideia era continuar, mesmo incorporá-la no curso seguinte como disciplina transversal. A iniciativa fora

aprovada polo Consello Escolar, apoiada polo Plano Sociocomunitario de Vite. O ano anterior tivera muito bom acolhimento. O objetivo era aproximar às aulas asuntos como «la alimentación, las capacidades personales y sus alteraciones, desarrollo afetivo, social y físico o drogodependencias, educación para la sexualidad, higiene y medio ambiente, entre otros», segundo se assinalava.

Nesse mesmo dia, no *LVG*, Nacho Mirás ocupa-se da Disco Light, inaugurada a véspera. Anuncia que continuará todos os sábados e domingos, de 19 a 22 horas. Tratava-se de umha discoteca sem álcool nem tabaco («sin calorías», segundo o titular do jornal). Indica que querem repetir o êxito do ano anterior. Estava orientada para a mocidade, desde os 13 anos, mesmo mais novos, com colaboração de 40 Principales, Cadena Top Rádio, Daviña, Fundação Araganey, Cadena Dial de Ferrol e San Luís, que contribuem com material sonoro, lumino-tecnia, e outros elementos. «Nem um peso do Concelho», lembram. O ano anterior reuniram até 150 participantes, que esperavam superar. Como porta-voz dessa atividade exercia Xesús Igrexas, da Comissom de Tempo Livre da Coordenadora.

O Punto de Información Xuvenil Triquiñola apresentou-se o dia 17 desse mês, embora começasse a funcionar o 24 de fevereiro. Abrirá de segundas a sextas, de tarde. Era o primeiro da cidade gestionado por umha entidade juvenil. Integrava-se na Rede Galega de Información e Documentación Juvenil. Informará sobre viagens, bolsas de estudos, asociacionismo, objecção, emprego, campos de trabalho e outros serviços, além de oferecer a possibilidade de tramitar o carné jovem. O novo serviço devia-se a um acordo com a Direção Geral de Juventude, da Conselharia de Familia. Indicavam que nom tinham nada a ver com os PIX [pontos de información juvenil] do Concelho, que centravam a atuação em

escolas e liceus, mas manterám contactos. Isto abre-lhes a porta para colaborarem com o Conselho da Juventude.

Em finais de março, a Associação Juvenil de Vite apoiava o insubmisso Quico Lorenzo, cujo julgamento estava marcado para a sexta-feira, dia 31, em Santiago. Destacam nele, com outras entidades, o seu trabalho em favor do bem-estar social e para umha maior vertebração associativa da comunidade.

Em abril o jornal gratuito *Compostelán* dedicava o seu tema principal ao «Periférico» da cidade, umha via de comunicação impulsada polo Concelho para descongestionar o tránsito, e apresentada à cidadania como umha das infraestruturas de relevo do século. A Coordenadora é consultada e responde que a Vite afeta pouco essa obra, julgando de maior interesse ter destinado o orçamento a necessidades mais básicas. A psicóloga Rosa Álvarez afirma, segundo o relato jornalístico, estar « más preocupada de estirar el presupuesto disponible para todas las actividades socio culturales programadas en el barrio que de las napoleónicas obras de Xerardo Estévez», e lembra como o Concelho «les impide usar el amplio local municipal, en el que hay sitio para todos excepto para ellos». O conflito do centro sociocultural permanecia portanto vivo, como umha aspiração irrenunciável para a Coordenadora naquele ano de eleições.

Em maio celebrárom a VIII Festa Ecológica, o sábado 13, pola ria de Arousa, onde utilizárom o barco com casco transparente para ver o fundo marinho.

Em junho, a associação Xustiza e Sociedade premiava o trabalho desenvolvido no bairro compostelano de Vite, com menção especial para o Comité Cidadám Anti-Sida de Ourense. O prémio, a proposta da advogada Rosaura Brey Cerdeira, letrada dos serviços jurídicos da CIG em Compostela, apoiada por Isabel Castillo e outras vozes da associação progressista, foi entregue numa

ceia no restaurante Carretas. Consistiu na entrega de umha valiosa escultura do escultor Acisclo Manzano. Justificam-no pola sua planificaçom para a prevençom da marginalizaçom juvenil e o apoio para a melhora das condiçons sociais, culturais e assistenciais nos cárceres. Também participárom esse mês, na Corunha, nuns encontros organizados pola Associação Galega de Trabalho Social Comunitário, onde relatárom a experiéncia do bairro. Continuavam assim o reconhecimento e o interesse desde o exterior polo trabalho em Vite.

As colónias estivais recebêrom um «Cum Laude» no *ECG*, no mês de julho. Era a quarta ediçom, e delas informárom num novo número de *Curriculum Vite*, publicaçom que outra vez saia à rua, após a paréntese desde 1992, e iniciava umha «Segunda época». Na capa desse exemplar aparecia umha composiçom fotográfica de diferentes atividades realizadas desde a Coordenadora, e um «Editorial» em que atribuíam a «problemas fundamentalmente técnicos» aquela prolongada auséncia. Justificavam o «considerable esforzo» que se realizava desde o «Plan Sociocomunitário» para «manter este gran traballo que vimos a facer dende o barrio para o barrio, e percurar que se impliquen tódolos veciños e veciñas, entidades, servicios e administraciós que teñan un mínimo interese polo futuro», pedindo colaboraçom ativa no jornal do bairro para assegurar a sua continuidade, e porque assim «probablemente chegemos a conseguir todo aquilo que nos plantexemos para mellorar cada vez máis o noso entorno, o barrio, en tódolos aspectos da vida, provocando a sana envexa de moitos. Este futuro prometedor témo-lo nas nosas máns, nas de cada un dos veciños de Vite, homes e mulheres, vellos e vellas, mozos e mozas, nenos e nenas». Noticiam da sétima ediçom da festa ecológica, do clube desportivo Vite, da educaçom de pessoas adultas, do

Projeto Educativo (iniciado em novembro, em que se ofrecia a possibilidade de aulas de apoio para alumnado de todos os niveis, e actividades de manualidades, fotografia, música tradicional e outras); de jogos para a paz e nom sexistas no centro de EGB, iniciados a começos de ano; de «Triquiñola»; do prémio de «Xustiza e Sociedade»; da chegada ao bairro do gás cidade; um traballo de saúde sobre a necesidade de precaucóns para tomar o sol; a colaboración «Si...ou si?», sobre o problema dos locais; e umha poesia de Mabela Somosaguas, além do humor de Xosé Lois e publicidade da Conselharia de Sanidade. Um dos artigos informava igualmente da presenza de membros da Coordinadora em Ponte Vedra, Tui e A Corunha para relatar o traballo que se fazia em Vite.

Em agosto desse 1995 publica-se outro boletim *Curriculum Vite*. A capa estava dedicada ao cartaz da IV Olimpíada Deportivo-Cultural e ao logótipo de Choupiño. No «Editorial» indicam que nesta edición vai haver melhor, mais ampla e variada oferta na Olimpíada; e aludem à discriminación do Concelho, à que dizem estar já acostumbrados. Das restantes seccións, a de «Deportes» dedicam-na ao clube desportivo que, desde havia dous anos, levava o nome do bairro, reclamando maior participación dos pais; a de «Saúde» à obesidade, num traballo redigido polo centro de saúde, que indicava como calcular o Índice de Massa Corporal e outras questóns de utilidade. Um artigo relatava a sétima edición das «Colonias», em Laxe, no mês de julho, com adolescentes de 13 a 16 anos, e colaboración de Ollomol. Do «Taller Pre-Laboral» salientam que se mantivesse desde 1992, com horario de 9.00 a 15.00 horas. Outro traballo era sobre o instituto Gelmírez II e o «labor preventiva e de reinserción» que se promovia desde o Plano Socicomunitário nele, destacando:

a posta em marcha do Taller de Orientación Educativa, Vocacional e Profesional; asesoramento a profesores, alumnos e familias; o que ven a suplir a falla dun Departamento de Orientación no centro. Púxose tamén en marcha un taller de educación para a saúde, con carácter permanente [...] En toda esta labor compre destacar a sensibilización e participación por parte do equipo directivo e do profesorado do centro, que fixo posible acadar os obxectivos definidos no Consello Escolar ó comenzo do curso.

Avançam que se trabalhava na nova programación. Também se ocupan da «Semana de Cine», que chegava à oitava edición; da Olimpíada, com avanço do programa e normas; dos Concursos de «debuxo-pintura e fotografía», e um trabalho sobre a campanha de animação à leitura. A epígrafe de «Creación» é ocupada por P. Núñez, com um trabalho sobre a objeção de consciência; e a de «Humor» por X. Lois.

Em setembro celebráram, com efeito, a IV Olimpíada Cultural, desde o dia 11 até ao 1 de outubro. Todo era de graça. Organizavam as atividades desportivas em instalações da USC; o Concelho cedia-lhes o polidesportivo e a piscina por um dia. As Olimpíadas apresentáram como novidade a mascota Choupiño. Também incluirám um percorrido didático polas zonas de maior interesse artístico da cidade, umha semana de aproximação às Letras Galegas, umha campanha de leitura, e concursos de fotografia, desenho e pintura. Nom faltou a semana de cinema ao ar livre, já na oitava edición. O início foi com um ato de colar cartazes, e entre as primeiras atividades inauguráram umha ludoteca, com grande participação, que ofrecia jogos de interior, ao ar livre e de mesa, além de uma tarde de jogos de pista por todo o bairro. Também se distribuiu o número 2 de *Curriculum Vite*. Todo isso levou a ECG a conceder um novo Cum Laude para a Coordenadora de

Bairro, assinalando no texto que *Curriculum Vitae* (sic): «es de primeira y motivo de sana envidia».

Igualmente no *ECG*, X.S.M. efetuava, em 9 de setembro, um «Acercamiento a uno de los colectivos más activos de la ciudad. La Coordinadora de Vite corre más y mejor que el caballo de Marlboro». Num pé de foto afirmava que «La Coordinadora de Vite demuestra que a veces no hay quien pare a la ilusión». Refere-se a Santomil como membro da banda de vaqueiros especializada em domar a desídia cultural. Salientava que na organização da Olimpíada trabalharam umhas 15 pessoas e explica como a convocatória inicialmente pensara-se para junho, mas passou a setembro como umha festa dos esforços de todo o ano. Reivindicam poder usar as dependências do centro sociocultural, pois as que tinham alugadas custavam-lhes 700.000 pesetas ao ano; confiavam que no Concelho lhes fizessem mais caso, numha altura em que a oposição tinha mais força.

A comunicação social noticiou das críticas desde Vite ao Concelho, por nom ceder cadeiras para a primeira jornada de cinema apesar de as ter prometido. Também informava na altura da catalogação da biblioteca popular de bairro: perto de 6.000 volumes, para os quais faltava um local ajeitado. Anunciava-se umha campanha de animação à leitura no fim do mês, que continuará em outubro.

Na Olimpíada houve atividades de brilé, chave, chapas, trompo, estornela, atletismo (no estádio universitário), futebol de salom, voleibol, basquetebol... Afinal, o Concelho cedeu as instalações do pavilhão para a Olimpíada, que se encerrou com umha verbena. Nos jogos desportivo-culturais participárom mais de 1.200 pessoas.

Em outubro, BNG acusou o PSOE de reprimir a Coordenadora de Vite e pediu umha mudança de atitude. Rejeitava que o Concelho combinasse em instalar um

palco, e um ponto de luz que pagaria a Coordenadora, e nom o fizo, apesar de estar assim acordado na Comissom de Governo o 25 de setembro. Apesar disso celebrou-se a verbena. Lembravam que nom era a primeira vez que algo assim acontecia. A edila Encarna Otero valorizava existir discriminaçom e repressom direta.

Nos primeiros dias de outubro as famílias do alunado solicitavam da Conselharia de Educaçom a modificaçom do horário do colégio, pois começar às 14.30 em lugar de às 15.00 fazia que escolares de zonas rurais apenas tivessem tempo para comer. Por isso protestárom, em solidariedade com o alunado da Peregrina, Fecha e Lamasal, segundo a AMPA, e organizárom umha marcha a pé desde Vite até San Caetano, levárom as crianças às aulas às 15.00 e fôrom recolhê-las às 17.00. O delegado de Educaçom argumentou a necessidade de reduzir custos e mostrou-se disposto ao diálogo sem ter que chegar a nengumha mobilizaçom.

Umha semana mais tarde continuavam os pais e as maes a protestar contra o aforro em transporte que prejudicava o alunado. Houvo mobilizaçoms cada dia perante o centro, em espera de que os recebessem. Umha mae pedia que se pensasse no horário de comida, nas necessidades das famílias quando chegava umha criança de 4 anos molhada e que havia que a mudar. A mudança horária só favorecia à empresa de autocarros, que assim podia fazer mais serviços no mesmo dia, além de que havia educaçom física pola tarde. O professorado cumpria o horário novo (até 16.30).

Em 24 de outubro, *LVG* e *ECG* salientam o início da escola de pessoas adultas em Vite, com aulas no Gelmírez II. Rosa Castro Bouzas, umha das docentes –que começara no ano anterior–, elabora esse ano o trabalho *Cuando escribir «Francisco» se convierte en una aventura*, apresentado na Universidad Nacional de Educación a

Distancia, alicerçado naquelas suas aulas de Vite. Explica que «El título está tomado de la primera sensación que tuve cuando conocí a mis alumnas: algo que muchos hacemos con normalidad, como es el de escribir “Francisco”, para otras personas es todo un mundo». Salienta Rosa Castro da Coordenadora a organizaçom de «actividades que me parecen interesantes dar a conocer, porque demuestran que es un barrio rico en búsqueda de nuevas y “sanas” experiencias. Se trata de un barrio que, pese a los muchos problemas, alberga gente muy participativa, así como una juventud que lucha contra la droga (la mayoría de estos luchadores conoce el problema muy de cerca, por problemas familiares)». Refere-se a Vite como «Un barrio problemático pero no desmoralizado». A educadora conclui ser Santiago «una ciudad preciosa pero también una gran desconocida para muchos de sus habitantes»; e refere reaçons do alunado adulto, que afirma «la hache es una letra inútil, como yo», ou como «Junto a la autculpa, intentan achacar a alguien su analfabetismo (curiosamente nunca a la situación ni a la época, aunque sí a su condición de mujer, pues desde niñas se las destinó para las tareas domésticas y agrícolas, mientras que sus hermanos varones acudían a la escuela [...] su mundo, el mundo cotidiano entrase en lo que para ella es un mundo inasequible y distante: la escritura y la lectura». Um alunado que admite sentir «Vergüenza [...] no quiere que las vecinas se enteren de su asistencia a las clases. [...] respeté su vergüenza. Ya que es injusto sentirla, pero si se siente, negándola no se consigue nada» e que «Escribían cosas como ésta: “Compréman za nas en latienda», ou que enfrentavam resistências, como umha das alunas que «Tenía una hija que le decía que a dónde va a ir con su edad» e que se dedicava a tarefas como «Los fines de semana visitar a sus hijos en la cárcel y el lunes está

muy pensativa». Rosa Castro concluía que «Creo que lo más importante en la educación de adultos es tener en cuenta las necesidades del alumno y no lo que los profesores creemos que necesita».

Rosa Castro lembra sobretudo três alunas, que em ocasiões tivo que ir buscar à casa para que continuassem. Manifesta, ao lembrar aquele tempo:

aprendim muito com elas, ao ver as dificuldades de umha pessoa maior que nunca escreveu para colher um bolígrafo, ou como era importante para eles poder ler o nome de umha rua: sempre passaram por diante dela mais nunca souberam entender o que dizia. O pior era a vergonha que sentiam, nom queriam que se lhes visse o caderno e que se soubesse que aos seus anos iam à escola. Um dia foi contar-lhes um conto Paula Carballeira, que eu conhecia. Houvo outras atividades, como umha visita à Casa de Rosalia em Padrom, à cidade, a museus. Via-se que aprendiam com emoção, que resultavam positivos os reforços. Eu tentava convencê-las de que todo se pode explicar, que é possível falar de todo, que nom havia que dar as cousas por supostas. Aprendiam a certificar umha carta, a ler um recibo da luz, ler a imprensa e cousas práticas; sem livros de texto nem currículos prévios. Há pessoas que nom temem necessidade de títulos, mas que precisam preparar-se para a vida quotidiana, para nom se sentirem “burras”. A posteriori contactei com algumas que assistiam àquelas aulas e que reconhecerom como lhes mudou a vida, alguma mesmo acabou por ser monitora, conseguiu a carta de conduzir, enfrentar a vida de maneira diferente.

Assim o refere ao ser consultada para esta monografia e rememorar aquela etapa em que trabalhou no bairro. Em meados de novembro, também o jornalista Nacho Mirás se ocupou no LVG desta atividade dinamizada por Rosa Castro.

O Programa de aproximação do teatro à juventude, promovido pela Associação de Atores, Diretores e Técnicos de Cena, com financiamento do Ministério da Cultura chegava a Vite naquela altura, em colaboração com a Coordenadora, com um curso no Gelmírez II, dirigido à juventude.

Porém, o acontecimento talvez mais destacável desse ano foi a luta por poder utilizar com normalidade para as suas atividades o Centro Sociocultural do bairro, situado ao pé do centro de saúde e do polidesportivo, ao que aspiravam havia sete anos sem êxito. A Coordenadora ameaçava com medidas de pressom se o Concelho persistia naquela marginalização. Assim, em 28 de outubro *LVG* indica que a Coordenadora reclamaria o seu uso com um feche indefinido. Reivindicavam poder usar os seus serviços, como fazia mesmo a vizinhança de outros bairros. Todos os meios da cidade informam no dia seguinte dos incidentes com a polícia como consequência de aquele feche, pois ficaram vinte pessoas para passar a noite no centro sociocultural. De madrugada houve enfrentamentos com a Polícia Local, que impediu que se somasse mais gente. O encerramento finalizava aquele dia. Chegárom a juntar-se 14 polícias, e o agente número 057 provocou magalhaduras a rotura dos óculos e parte da vestimenta de uma das pessoas mobilizadas, ao agarrarem-se, ao tempo que esta lhe rasgava a roupa. Desde a Coordenadora insistiam em denunciar discriminação a respeito de outros coletivos que utilizavam instalaçõs municipais. Os locais alugados pola Coordenadora nas praças de Belém, fizérom-lhes desistir de atividades, por nom reunirem condições, que sim havia no centro sociocultural municipal. Receberam o apoio de Encarna Otero e Néstor Rego, concelheiros do BNG, que os visitárom, mas indicárom que nada podiam fazer.

Alfredo Santomil e Gori lembram o apoio da vizinhança, de como lhes entregavam a comida pelas janelas do centro, ao não poder entrar; como se preocupavam pela sua situação naquele fim de semana, que resultou longo. Entre as pessoas fechadas estava Manuel Amor, docente do *Gelmírez II*: encontrava-se no interior quando fecharam as portas, pelo que decidiu ficar também. «Éramos umas 20 pessoas. Demoramos muito tempo na biblioteca e no local para aulas, e dormimos numhas colchonetas. Foi umha experiência muito interessante, polos apoios recebidos, entre eles identifiquei vários pais do alunado», afirma Manuel Amor. Este docente assegura que:

para o professorado, a má fama do centro era um pouco mítica, porque nunca percebemos os perigos e riscos que nos comentava gente de fora. Talvez porque a juventude mais problemática não chegava ao instituto. Tínhamos referências por situações familiares de casos de irmãos com sérios problemas de drogas, pessoas com poucos recursos económicos; mas mesmo se desconheciam circunstâncias de algum alunado. A situação do claustro favorecia isso, porque quase ninguém residia em Vite e não havia conhecimento do bairro desde dentro. Era graças à gente da Coordenadora e ao tratamento com os pais que se percebia algo. No centro, as pessoas da Coordenadora aceitavam-se bem, em parte porque se lhes enviavam os rapazes mais conflituivos, para que os atendessem.

Manuel Amor tardou um par de anos em ir demoradamente por Vite, depois começou a inserir-se e mesmo participou em programas de Rádio Kalimero. Lembra mobilizações da comunidade escolar para reclamar semáforos, passos de peões e medidas de segurança de trânsito; ou a constituição do grupo de teatro «Non temos tarima» para reivindicar mais meios para poderem

atuar. «A situação do Gelmírez II nos primeiros anos nom era fácil. Para entrar, partilhávamos porta com o Centro de Inseminación Artificial; e havia muito aludado. Até que funcionárom os dous centros de Fontinhas colhíamos umha zona muito ampla. Houvo cursos de 1.160 alunos, com várias aulas de mais de 40», refere este docente. A respeito do desenvolvimento do bairro, afirma que «em alguns instantes dava a sensação de que desde o Concelho se queria fazer competência com a Coordenadora, que só lhe interessava a estrutura em redor do centro sociocultural e tentava marginalizar todo o resto». No entanto, o trabalho notou-se «e a situação de Vite dentro de Santiago mudou radicalmente; e também o próprio Gelmírez II: deixou de estar num ermo, no meio de quase umha selva, e está agora rodeado de zonas verdes e bem urbanizadas. Penso que nessa mudança influiu também o estudantado universitário, de Económicas, de Magistério, de Psicologia, e o seu relacionamento com o bairro».

Finalizado o feche, o dia 29, o BNG apremiava no Concelho a procura de soluções para o conflito de Vite. Rejeitavam que se usasse a força em lugar do diálogo, apesar de que nas negociações programáticas entre PSOE e BNG, o PSOE tinha assumida a proposta do BNG de redatar um regulamento de uso dos centros sócio-culturais e que a vizinhança poderiam participar na sua gestão e usá-los para atividades.

No final desse mês, a Coordenadora insiste em usar o local social de Vite, com ou sem licença. Esse dia nom pudêrom e desplegárom umha faixa reivindicando o uso. Pediam diálogo e que se lhes explicasse a negativa para usá-lo os últimos quatro anos. Numha roda de imprensa valorizárom o feche. Alfredo Santomil esclareceu que, num primeiro instante, dixêrom que o feche ia ser indefinido. Achegárom-se o dia do início da protesta Sánchez

Bugallo e Xosé Baqueiro, concelheiros do grupo Socialista do Governo Municipal, mas nem sequer falárom com eles, só dérom ordens de que nom entrasse ninguém mais e de que nom se permitisse entrar comida. O alcaide estava em Japom e ao regressar, falou de umha ocupação nada regular de um local municipal e indicou que nom havia inconveniente em falar. Santomil insiste em que desde 1991 nom se atendérom as petiçons de Vite; as últimas em setembro, em que apresentaram um relatório de todas as necessidades e horários que precisavam. Outro edil do Grupo Municipal Socialista, Buergo del Río, responsável dos locais municipais, nom tira méritos ao labor que se realizava em Vite e admite que tinham o mesmo direito a usar as instalaçons como qualquer outra associação. Santomil anunciava novas mobilizaçons, para normalizar o uso do local, que julgava prioritário. Recebem apoio também do PP, do edil José Castro Giguirey, que promete levar o assunto ao pleno municipal.

As necessidades expostas, segundo informação do *EIG*, foram as de espaços para a formação pré-laboral, e para o ponto de informação juvenil, escola de pessoas adultas, gabinete psico-pedagógico, aulas de apoio, ensaio de gaiteiros, biblioteca popular, redaçom do jornal, local para celebrar juntas das associaçons de Vite, para a organizaçom de atividades meioambientais, ludoteca, escritório para o pessoal contratado e para materiais do plano sociocomunitário.

O BNG reclamou explicaçons polos incidentes de Vite e apresentou dous rogos. O edil Néstor Rego questionou que a Policía Municipal lhe impedisse entrar no centro apesar de se ter identificado como edil. O alcaide Xerardo Estévez replicou no desacordo em que o BNG apoiasse umha iniciativa «irregular» como aquela de Vite.

Após o conflito chegou, com efeito, o diálogo. Em 7 de novembro a comunicaçom social local salientava que

a Coordenadora de Vite e o Concelho discutiam o uso do pavilhão e do centro sociocultural, com Baqueiro e Buergo del Rio. Indicam-lhes que o polidesportivo podem usá-los os sábados, de 19.15 a 21.30, e em férias; num dia de segunda a sexta, de 20.00 a 23.00, por estar ocupado por competições da Agrupação de Veteranos. A respeito do centro, insistem na negativa a facilitar dependências para que a Coordenadora instale a sua sede, mas avançam que estudarão petições para atividades concretas.

Os dias 11 e 12 celebraram umha jornada em Herbom (Padrom). Acudírom porta-vozes da Coordenadora e diversos profissionais colaboradores e assessores. O encontro caracterizou-se por umha profunda e viva discussão durante muitas horas e buscava, segundo especificárom pouco depois numha memória apresentada à Conselharia de Sanidade, «aprofundar nas perspetivas, tanto a nível global como na súa repercusión nos programas concretos, sobre o pasado, presente e futuro» do projeto comunitário, para conseguir melhores resultados do trabalho que realizavam.

Em 23, 24 e 25 de novembro, em Vigo, Rosa Álvarez Prada, como diretora técnica do Plano Sociocomunitário, proferiu na sessão de encerramento a palestra *A experiencia de desenvolvimento comunitario local urbano: o caso do barrio de Vite*, na seqüência do *Encontro monográfico sobre experiencias e metodoloxías de desenvolvimento local. O desenvolvimento comunitario e local: um reto da sociedade civil*. Relatou como surgiu o projeto, como se materializou, o funcionamento, as atividades em andamento e previsões. Outras experiências valorizadas fôrom de Bretanha, Vilafranca del Penedés (Barcelona), Alcántara (Cáceres), comunidades urbanas como Madrid, Serra do Caldeirão (Algarve) e diversas atuações na Galiza, com representantes de associações

e institucións que traballavam en Vilardebós, Portodemouros, Cervantes, Arousa, Guitiriz, Allariz e Moanha, além do responsable de comarcalización da Junta de Galiza, Andrés Precado Ledo. Era un foro de diálogo com forte respaldo institucional.

Em 2 de dezembro, no *EIG*, Quique Chuvieco assinava que a A. VV. de Vite reclamava ao Concelho servios sociais básicos. A sede da Coordenadora permanecía aberta e com atividade entre as 9.00 e as 23.00 horas. O dirigente da A VV Anxo Castro defendia unha gestom conjunta com o Concelho.

Em finais de ano, de novo a Coordenadora pede brinquedos para 200 familias necesitadas de Vite e outros puntos da cidade. Observa menos doaçons que o ano anterior e reclamam solidariedade.

Em ANT Arantxa Estévez publica a reportagem «Vite, de poligono marxinal a bairro con vida». Alfredo Santomil explica aí que «A Coordenadora loita por um cámbio social, non só de infraestruturas, e iso asusta ao Concello». E Rosa Álvarez esclarece que a grande maioría da vizinhança nom tinham entrado ao Auditório por nom poderem pagar. Nem o Jacobeu nem a capitalidade cultural afetárom ao bairro, acrescenta. A psicóloga defende que Vite deixou de ser marginal pola uniom da vizinhança e a coordenação de asociacións. A gente, acrescenta Santomil, já se orgulhava de ser de Vite, de que saíssem atividades nos meios de comunicación; conseguira-se acabar coa identificación de rapazes delinquentes de Vite. Havia unha lenda negra sobre o bairro que rematou, insistia o dirigente vicinal.

LVG ocupa-se das aulas de apoio a alunado de EGB e a atención individualizada a menores com problemas, em meados de dezembro. O mesmo meio assinala unha reunión sobre o funcionamento da Federación vicinal, convocada por A Xuntanza e As Fontes. Acudírom também O

Castinheirinho, San Lázaro, Vite, Belém, A Gracia, Rio Salera, Carme de Abaixo, Fontiñas. Reagem com disconformidade com o jeito de atuar de Ramón Prol, com críticas para a sua gestom, segundo a informaçom.

Em 19 de dezembro, no *LVG*, Antón Canide publica o artigo «Solidaridad a flor de piel». Salienta que esse dia começava a recolhida de briquedos para famílias com escasos recursos, até ao 5 de janeiro, em horário de manhã e tarde no local da Coordenadora de Vite.

Em finais desse ano, a Coordenadora de Vite continuava a reclamar melhor horário para usar o pavilhom polidesportivo. Conseguírom duas manhás duas horas e outra umha hora, que dedicavam a atividades de mantimento de moços que acabárom a escolaridade e nom estavam integrados laboralmente; mas resultavam-lhes insuficientes. Queriam deixar de ser cidadaos de terceira categoria, que só lhes deixavam usar as instalaçoms do bairro quando nom as queria a gente de fora.

XIV.
NA REDE CONTRA A POBREZA

A declaração de 1996 como «Ano Internacional de Erradicação da Pobreza» nom passou despercebida em Vite, que participou na Rede Galega de Loita Contra a Pobreza e a Exclusión Social, integrando-se nela. Ampliava assim a projeção já atingida em Compostela e no exterior, chegando a representar o Estado Espanhol num encontro europeu, em que Vite foi posto como modelo de bom trabalho. Em janeiro desse ano a USC recebeu formalmente a alta de obra nova da residência do Burgo, que substituiu os antigos pavilhões.

A Junta de Galiza editou nesse ano o volume *Experiencias de traballo comunitario en Galicia*, preparado no ano anterior, com dupla versom, para Galego-Castelhano e Castelhana, da autoria de Marco Marchioni e outros nove autores, com ensejo do décimo aniversários do início dos planos comunitários. No prólogo, o conselheiro de Sanidade, José M^a Hernández Cochón, refere-se ao «principio de corresponsabilidade social», como inspirador dos planos, «que pola sua propia filosofía e metodoloxía de traballo están implantados en lugares onde a dinámica social intenta vertebrar respostas solidarias a problemas que, como o das drogodependencias, requiren de actuacións coordinadas e planificadas entre técnicos e comunidade». O «Comisionado do Plan Autonómico sobre Drogodependencias», Manuel Araújo Gallego, conclui que «o

feito debe darnos ánimos para continua-lo noso traballo, sobor de todo porque algúns resultados positivos xa se puideron constatar. Pero nada de todo isto podería levarse a cabo se non fose pola colaboración entre institucións, servicios, profesionais e movemento asociativo». Explica-se o modelo de traballo, com planificación, incidência nos considerados «factores estruturais dunha comunidade local», e metodoloxía e fases de intervención, e advértese-se que (p. 14):

A aplicación práctica dos programas comunitarios require dunha comunidade suficientemente vertebrada na que se poidan introducir intervencións de apoio social con drogodependentes en proceso de reinserción. Todo isto baixo os criterios de flexibilidade, compatibilidade e complementariedade de enfoques.

A psicóloga Rosa Álvarez Prada redixe o texto (pp. 81-94 e 201-214) sobre a experiencia realizada em Vite, os inicios e o posterior desenvolvemento do plano sociocomunitario nas diferentes fases, actividades realizadas e orientación das mesmas. Critica à Câmara Municipal, pola súa ausencia e falta de implicación, e assinala como obxectivo para 1996 (p.93) «acadar un convenio de colaboración coa institución municipal, que implique unha coordinación na actuación no barrio e poder dispoñer de espazos no Centro Sociocultural Municipal de Vite». Información, educación, saúde e actividades socioculturais e de tempo libre orientadas para todos os sectores da poboación eran prioridades para o futuro, alé de incidir no ámbito laboral «facendo fincapé nos veciños con maiores dificultades de integración derivada das diversas problemáticas sociais»; alé de fortalecer o nivel organizativo das entidades do bairro e da propia Coordinadora, sublinha Rosa Álvarez.

Em medados de janeiro de 1996 reiniciam-se as aulas de apoio, experiência que se soma às outras em andamento com o mesmo objetivo: ajudar os mais novos no ensino para prevenir o fracasso escolar, que se considerava como um dos primeiros passos para a queda no mundo da marginalização.

Em 5 de maio, Pello Guerra no jornal vasco *Egin*, e P. Fernández Larrea no *Diario de Navarra*, informam que a Rede Europeia contra a Pobreza celebrava o seu IV seminário em Pamplona, com 28 representantes de 14 países da UE (todos menos Suécia), que financiava aquele curso de formação. Finalizava o dia 9 de aquele mês. O objetivo, segundo Gabriela González, coordenadora da rede em Navarra, era «retomar la problemática de la pobreza y presentar actividades y redes de formación para crear lazos con la red europea [...], la unión de las organizaciones sociales para aprender nuevos métodos y erradicar los nuevos focos de pobreza». Pede melhor coordenação dos meios contra a pobreza.

O pessoal técnico do plano sociocomunitário de Vite recebeu nesse foro o reconhecimento europeu polos projetos de luta contra pobreza que defendêrom. Intervinhêrom como representantes de Espanha, junto com porta-vozes de Navarra. Vite participou com projetos particulares de zonas desfavorecidas no meio urbano, junto com outros de Génova, Lyon, Porto, Fráncfort e Irlanda. Vite, segundo se indicou, tinha mais parecido com Génova, pola atuação integral. Marco Marchioni manifestou que «Galicia posee la perspectiva más avanzada en el plan europeo de lucha contra la pobreza». Alfredo Santomil informou dessa reunião ao relator municipal de locais sociais e ao gerente do centro sociocultural de Vite, Enrique Vázquez, para reiterar a petição de uso de instalações. Havia dous meses que entregaram um relacionamento de atividades e horários, sem

obter resposta; e o 16 de maio, numha convocatória de imprensa salientárom como também a apresentárom polo registo municipal. Advertem que voltarám as protestas de nom haver resposta a curto prazo. A demanda de mais deporte base foi uma das principais reivindicacions de mais de 200 estudantes do Gelmírez II, num encontro com o alcaide, Xerardo Estévez, e com a edila Mar Bernal, segundo noticiou *ECG* em 21 de março, com uma fotografia de Fernando Blanco.

Em maio, por duas vezes, a experiência de *Vite* foi relatada em Lugo: os dias 9, 10 e 11 nas *III Xornadas Galegas de Educación para a Saúde*, organizadas pola Junta de Galiza, onde um representante da A. VV. e outro do Gelmírez II deixam constância de como o projeto de educación para a saúde que se desenvolvía no centro de ensino secundário estava em consonância com as alternativas mais progressistas e avanzadas sobre o assunto; e do 23 ao 25 do mesmo mês, dous membros da Coordinadora acodem às *II Xornadas sobre Drogodependencias e o papel das Familias*, organizadas pola Federación Galega de Asociacións de Ajuda aos Drogodependentes.

A Coordinadora editou em maio-junho o número 3 de *Curriculum Vite*. Esta vez dedicam o editorial ao assunto da necesidade de locais e à falta de acordo com o Concelho sobre a utilización do centro sociocultural, edificio que qualificam de «unha gran masa de cemento e ladrillos, rechea de grandes posibilidades sen desenvolver na realidade, de dar máis prosperidade ó barrio, proxecto para o que inicialmente estaba feito [...] A Coordinadora de barrio non se rinde en canto á súa protesta reivindicativa. [...] Isto tería que cambiar, xa que perdemos un pouco todos e todas». Um dos artigos insiste noutra velha reivindicación, sob o título «O Barrio quiere utilizar o Polideportivo», em que indicam

como, após umha entrevista com o relator municipal encarregado da gestom, conseguiram duas horas aos sábados, ainda insuficientes. Reclamam colaboraçom dos pais para os jogos que, como atividades extra escolares, se organizavam semanalmente de colaboraçom com a AMPA do colégio, orientados a crianças de 4 a 9 anos, ensinando-lhes «un xeito diferente de xogar, alleo á competitividade e ó individualismo dos xogos actuais».

Outros trabalhos referiam-se à participaçom nas jornadas de Pamplona, à organizaçom da nova Olimpíada, à saúde (com informaçom sobre as alergias); «Triquiñola»; a jornada em Herbol; a infrautilizaçom do centro sociocultural e a negativa do Concelho a podê-lo usar a Coordenadora para atividades educativas, juvenis, formativas, de orientaçom laboral, animaçom ao tempo livre, e recuperar a «Discoteca Light», entre outras propostas. Informam igualmente da constituicòm de um novo «Consello Asesor», com pessoas de fora do bairro, mas que conheciam o seu desenvolvimento, e com as que se reuniam, concluindo que: «Deste tipo de xuntas estamos a sacar moi boas ideas de cara a mellora-lo noso traballo nos distintos ámbitos de actuación. Moitas destas propostas refírense ó fomento do asociacionismo e á percura de alternativas socio-laborais para a mocidade de Vite».

Indicam igualmente que a experiêncía de Vite fora relatada em jornadas em Lugo, e os últimoss meses em reunions de traballo «en Pontecesures con alcaldes e concelleiros dese concello e dos limítrofes xunto con representantes das entidades sociais, que logo constituiron unha Comisión da bisbarra de loita contra a droga, para colaborar na elaboracòm dun programa de prevençòm e resinserçòm». Anunciam que as VI Colónias de Verao seriam esse ano no Colégio Público Carrasqueira, de Corujo (Vigo), e incluem umha crónica da «Carreira

pola Defensa da Lingua Galega» celebrada em 12 de maio na cidade, organizada entre a Mesa Pola Normalización Lingüística e a asociación cultural O Galo. O humor de Xosé Lois, um anúncio de umha carpintaria de alumínio e outro da Conselheria de Sanidade, e um poema, na secção de «Creación», de Pati Vilariño Quintero, fechavam este número. O poema intitulava-se «O meu barrio “Vite”», e dizia assim:

O meu barrio
ten algo de especial
sumérxese nun misterio
que se sae do normal.
A súa xuventude
está chea de vitalidade
por eso o meu barrio
é o millor da cidade.
Facemos grandes xogos
loitamos por un barrio millor
por iso sin darnos conta
Vite está cheo de amor.
Un amor entre veciños
Un amor entre amigos
Un amor entre colegas
é o que nos mantén unidos.
Unidos por unha causa
que avanza día a día
Vite é o meu barrio
no que abunda a alegría.

Um trabalho literário em que se observa como já a vizinhança começava a identificar-se e orgulhar-se de residir em Vite.

Em julho editou-se o estudo *O pobo oculto. Pobreza e acción social en Galicia*, de Ramón Muñiz de las Cuevas, um dos principais nomes da Rede Galega contra a Pobreza e a Exclusom Social. No volume, de grande interesse para conhecer a situação da pobreza na

Galiza, focado com a perspectiva nacionalista sobre o traballo social de que Muñiz de las Cuevas era um dos mais ativos teóricos, valoriza-se o plano socio-comunitario de Vite, e outros, do seguinte modo, na página 137:

Todos estes planos comunitarios de prevención e inserción social parten dunha metodoloxía semellante baseada na intervención comunitaria coa implicación e coordinación de persoas, grupos e institucións públicas e sociais, a participación de toda a poboación afectada, o seu protagonismo no proceso e o funcionamento estruturado e programado que permita un traballo sistematizado e avaliábel. A partir de aquí, en cada lugar, danse as adecuacións correspondentes, priorizándose determinadas problemáticas e sectores da poboación segundo as condicións específicas estudadas e en función diso establécense os proxectos, que soen xirar en torno á educación, a saúde, a cultura, o ocio, o deporte, a capacitación laboral e o emprego.

Ressalta o assessoramento de Marco Marchioni «vello coñecido dos profesionais do traballo social, co mérito de ter sido divulgador dunha metodoloxía avanzada na acción comunitaria xa nas difíciles épocas do franquismo».

Em «Xullo-Agosto 1996» editam o número 4 de *Curriculum Vite*. Dedicam a capa aos cartazes da 9ª semana de cinema ao ar livre e da V Olimpíada Deportivo-Cultural. No editorial afirmam que «Estamos a levar a cabo o de SEMPRE, e dito así parece sinxelo de facer, pero como temos dito outras veces, nada en Vite é fácil». Indicam como no local celebravam «xuntanzas amenizadas pola gaita galega» e «aínda que seguen a ser as cousas de sempre, todo é novo en canto a situacións, contidos, búsqueda de recursos, que tantos problemas nos representa [...] Coidamos que deste xeito estase a facer do barrio un lugar agradable para vivir, que debe ser tarefa de todos/as».

Outras seccións e artigos atingem a escola de persoas adultas, «Saúde» (doenças de transmisión sexual), Aulas de Apoio, o projeto do Gelmírez II (que continua neste curso, ao igual que nos cinco anteriores, con un programa de intervención psicopedagóxica. Julgam os resultados de moito satisfactorios e resaltan a implicación do profesorado. A Coordinadora valoriza moito positivamente a implicación do liceu con o barrio: «Enténdese que este é o camiño de cara a que, entre todos, servicios públicos e entidades sociais do barrio, contribuíamos, cada vez máis, a acadar unha mellor calidade de vida no noso barrio», afirman). Informan da «Semán de Cine»: inclúen o programa, e indícase que fora desenhado, como nos anos anteriores, por un vizinho, Victor Núñez; das Olimpíadas inclúen tamén a programación. Do centro sociocultural afirman que «O Concello segue a dificultalo uso» polos vizinhos, pois a principios de xuño pedíron unha reunión con o xerente do centro, Enrique Vázquez, sen resposta; em 17 de xuño, reiteráron o pedido em escrito rexistrado no Concelho, con o obxectivo de ver que actividades se duplicaban, para mellorar o esforzo. Do «Taller Ocupacional» indican que se consideraba «socialmente rendible», e relatam o proceso seguido desde a comisión da mocidade polo emprego em 1989, o Grupo Laboral Formigueiro, e desde 1992 con o «Taller Ocupacional Pre-Laboral», que funcionaba diariamente no local social da Coordinadora; de 115 persoas que estiveron nele durante este anos «58 atoparon algún traballo, 8 voltaron a estudar e actualmente hai 10 no taller», o que significaba que a 76 persoas (66% dos participantes) deulhes un «resultado positivo comprobable. De tódolos xeitos non nos damos por satisfeitos e seguimos tratando de acadar novas vías alternativas neste ámbito socio-laboral».

O exemplar do jornal do bairro finaliza com as secções «Parladoiro», «Colaboracións» (lembra colónias no colégio de Corujo, em Vigo; a festa ecológica no lago de Castinheiras e na praia de Aguete-Marim, em 1 de junho), e em «Creación» incluem um interessante texto de Maria Gigirei, que lembra como era Vite antes do polígono de vivendas, sob o título «Lembranzas esquen-cidas», em que refere:

as historias da miña avoa e dos meus pais sobre o desaparecido barrio de San Caetano, o fialato, a finca de Arguindey coa fábrica, o estraperlo..., éntrame gañas de imaxinar todo aquilo e trato de lembrar como eran as cousas cando eu era nena, pero os meus recordos están xa cheos de brétemas e téño-me que conformar con seguir escoitando eses formosos contos sobre outros tempos do noso entorno.

O Humor volta ser de Xosé Lois; e a publicidade, de umha carpintaria de alumínio e da «Conselleria de Sanidade e Servicios Sociais». O jornal do bairro espelha assim a atividade que se realizava, avalia e mesmo serve para refletir sobre a história e a evolução. O seu conteúdo resulta de enorme interesse sobre o dia-a-dia, redigido num estilo direto e de fácil compreensão.

Em setembro celebram-se a novena semana de cinema ao ar livre e a V Olimpíada. Pancho Tristán, no *LVG* indica que, além de desportos, haverá teatro e umha exposição, e desde o sábado 7 serão 21 dias de permanente dinamismo. O centro sociocultural acolhia alguma atividade, como a mostra *Vite, un barrio con futuro*, que revisita o movimento social promovido desde a Coordenadora. Gori explica que a demanda para participar na Olimpíada desbordou a Coordenadora polo que, além das equipas do bairro, só aceitárom duas de fora para cada atividade. A maioria dos participantes

tinham de 15 a 20 anos. No salom de atos do centro sociocultural também se encenárom as peças teatrais *Triste chegada* e *O Fotógrafo*. Participou o grupo do liceu Gelmírez. O Concelho concedeu ajuda para a volta ciclista de Vite, mas nom se efetivizou: o edil Sánchez Bugallo esclarecia que, por um erro, a ajuda da Policía Local chegou no domingo, e a corrida fora no dia anterior.

O encerramento da Olimpíada foi levado para a capa por LVG em 29 de setembro, salientado a participaçom de umhas mil pessoas, e de que por vez primeira a Coordenadora tinha usado o centro sociocultural, para sessions de teatro e a exposiçom. No encerramento atuárom Suso Vaamonde, e os grupos Anduriña, Lastradobardo, Os Carunchos e Taramela.

Em outubro dirixirám-se de novo ao Concelho para propor um uso mais assíduo do centro sociocultural. As aulas de pessoas adultas merecêrom o interesse de LVG, que numha reportagem de Nacho Mirás referia umha assistêcia de 40 alunas, com idades de 32 a 76 anos. Umha psicóloga (Rosa Álvarez) e duas pedagogas (Cruz Mallou e Rosa Castro) atendiam o seu funcionamento. Em 10 de outubro o conselheiro de Educaçom, Celso Currás inaugurou o polidesportivo do Gelmírez II, outra dotaçom de que se beneficiaria Vite.

Em 19 de outubro, M. G. R(eigosa) informa no LVG que sete AA. VV. de Santiago constituem umha coordenadora: Vite, As Fontes (de Fontinhas), A Xuntanza (do bairro de Sam Pedro), Raigame (do Ensanche), Álvaro Cunqueiro, Rio Sarela (do Carme de Abaixo) e Doutor Maceira (de Conxo). Alfredo Santomil especifica que um dos objetivos era conseguir o ansiado regulamento de participaçom vicinal, de que chegara a haver um rascunho e do qual mais nada se soubera. Da Federaçom, afirma que ninguém lhes comunicara a expulsom, mas havia anos que nom os convocavam para nada.

No último trimestre do ano, a Rede Galega de Loita contra a Pobreza e a Exclusión Social (REGAL) editou un número extraordinario do seu *Boletín*, em que informava das entidades que a integravam, entre elas a Coordinadora de Vite¹⁰, que esclarece a gènesese do projeto comunitario realizado em Vite, e as actividades desenvolvidas, concluindo destas que:

Estamos orgullosos delas porque cada ano vexa máis que cumprido o seu obxectivo inicial, facer de Vite un barrio que se mova como resultado de accións comúns e en beneficio de todos e todas e que ademais nos divirtamos facéndoo. [...] Non é traballo fácil sobre todo cando todo apunta o enriquecemento individual, sen embargo a nosa teima é: Disfrutar cantas/os máis mellor!!

A REGAL ainda integraría o Sindicato Labrego Galego e tería actividades diversas, mas esmorecería por causa de conflitos na Rede Estatal, segundo explica Ramón Muñiz de las Cuevas, um dos seus principais integrantes.

Em 27 de novembro, na publicación *Comunidad Escolar*, a educadora Ana T. Jack informava de que o alunado do Gelmírez II participava desde havia quatro anos no programa *Coastwatch*, limpando o litoral das rias Baixas e investigando cinco quilómetros. Esse ano, fora-lhes assinalada umha zona em Porto do Som.

Em 7 de dezembro, LVG salienta que, por terceiro ano consecutivo, em Vite haverá campanha de recolhida de brinquedos. Serám restaurados para entregar a famílias

10 As restantes, segundo referiam, eram a A. VV. Sésamo-Sueiro, Cruz Vermella-Ourense, Scouts de Galicia, Chavós, Plan Comunitario Distrito V (A Corunha), Asociación Galega de Traballo Social Comunitario, Movemento Junior Nenos/as en Acción, Comité Cidadán Anti-Sida da Corunha, asociación de mulleres de marinheiros Rosa dos Ventos, Confederación Galega de Minusválidos, Asociación para a Economía Social, Preescolar na Casa, Colectivo Galego do Menor, Cáritas Diocesana de Lugo.

com menos meios: bicicletas, bonecas e scalextrix eram os regalos mais anelados, aseguram. Vinte membros da Coordinadora encargávanse da campaña. Xesús Igrexas, Luqui, asegurava que as cartas que recibiam com pedidos da xente máis nova eran «alucinantes», ao tempo que facía un chamado para a colaboración.

Em 13 e 14 de decembro dese 1996, Rosa Álvarez Prada e Gori relatam a experiencia de Vite no I Encontro de Plans Comunitarios de Galicia, celebrado em Ribeira. Com o traballo «O tecido social como pilar do plan sociocomunitario de Vite», que expom Gori, indican que a incluso no Plano Autonómico de Drogodependencias produziuse «cando estabamos ao límite do noso aguante» e salienta-se o:

nivel de organización acadado, durante o ano 1992, coa implicación dun número importante de xente, e a base de moito esforzo, logrouse poñer en funcionamento unha parte importante dos programas e actividades proxectados xa dende hai anos e moitos aprazados debido a resultar materialmente inviables, a pesares de que seguimos contando con moi poucos apoios dende a Administración, para a realización dos mesmos.

Realizámonos unha revisión autocrítica do funcionamento das diversas comisións, aceptando que a «de deportes nunca chegou a consolidar o seu funcionamento», polo que finalmente se esqueceu e decidiu-se potenciar «un gran clube polideportivo que chegue a aglutinar todo o deporte do barrio, dando lugar o actual Club Deportivo Vite». E concluíuse que «estase actualmente pondo os medios necesarios para que a Asociación de Veciños retome o seu papel, tanto no barrio como no proxecto en si, dado que a dinámica a fora levando a diluírse completamente dentro da Coordinadora de Barrio».

INICIATIVAS PARA O EMPREGO

Em 27 de janeiro de 1997, a docente Maria Laura Illobre González, como coordenadora do projeto educativo de centro do colégio público de Vite, pede a colaboração da Coordenadora «por unha banda facéndonos chegar as súas inquiredanzas que poidan ter unha resposta dende o Centro e, por outra, a oferta de actividades que vostedes poidan realizar a nivel formativo, informativo, lúdico, etc». Afiançava-se assim um ano mais o trabalho do pessoal do plano sociocomunitário orientado a ajudar o alunado máis vulnerável.

Em finais desse mês a Coordenadora tramitou acolher-se a umha Orde da Conselheria de Educación para a alfabetización e formación de persoas adultas. Recebeu umha ajuda de 700.000 pesetas para umha atuação até ao mês de setembro.

Em 8 de fevereiro de 1997, a comunicação social noticiava do lançamento da Coordenadora do Movimento Vicinal de Santiago, em que estavam integradas a A. VV. de Vite e outras sete mais: as assinaladas em outubro, ao anunciar-se a sua constituição, e mais Avesma da zona de Choupana-Santa Marta. Anunciavam a tramitação de estatutos perante a Justiça, para ter personalidade jurídica. Na apresentação pública, onde estava Santomil, apresentáron o logótipo e cinco comissões de trabalho, que previam ter operativas em dous meses: urbanismo,

vivenda e meio ambiente; ensino e cultura; sanidade, trabalho e serviços sociais; tráfico e transporte; e desporto e juventude. Aquele movimento vicinal tentava assim reorganizar-se para recuperar a sua força de pressão em favor dos seus interesses.

Em março, a Coordenadora de Vite respondeu ao pedido de colaboração do centro escolar para o projecto educativo de centro. Após lembrar a trajetória de trabalho no bairro e enumerar possíveis intervenções, indicam que:

para lograr uns resultados óptimos na intervención proposta, resulta de suma importancia aunar os esforzos, acadar unha ampla colaboración entre os técnicos do Plan Socio-Comunitario e o profesorado do Colexio e viceversa nos momentos que seña precisa, logrando unha boa coordinación entre ambos, e incluso cos profesionais dos outros servicios do barrio, como se ven facendo cos do Centro de Saúde e do Instituto «Xelmírez II».

Em abril, o colégio foi a sede de um curso sobre brinquedos adaptados para escolares com incapacidades motóricas. Laura Illobre lembra que se escolhera Vite para esta atividade por escolarizar quatro irmãos que padeciam uma doença degenerativa e utilizavam cadeira de rodas, além de outro de Vedra também com incapacidade.

Rosa Álvarez Prada salienta a intervenção realizada em abril perante a Comissão do Parlamento de Galiza que investigava o mundo da droga na Galiza, onde a situação e a experiência de Vite se escitaram com interesse. E em junho, na memória que ela redigiu da intervenção no Gelmírez II durante esse curso, assinalava que «foi fundamentalmente dirigida á prevención de posibles inadaptacións escolar-social-familiar dos

alumnos/as, así como a orientar e asesorar aos alumnos/as, fomentando a relación do Centro co barrio e viceversa». Acrescenta que se trabalhou en colaboración com todos os estamentos da comunidade educativa, e concluía que «o programa de intervención do Plan Socio-Comunitario púidose realizar dada a participación e implicación, un ano máis, do profesorado no proxecto. A Coordinadora de Barrio valora moi positivamente a implicación e participación que o instituto Xelmírez II ten co barrio».

Na memoria do liceu correspondente a esse curso consta umha referêncía ao bom traballo de intervención que se fazia no centro desde a Coordinadora. Segundo assinala o diretor, José Luís Hospido:

havia um grupo de professorado mais implicado, e há de salientar nomes concretos como os de Felícia Estévez, Elvira Cienfuegos, Rosa Pumar ou Manuel Amor. O centro sempre foi respeitado, nunca sofreu graves problemas de roubos. Houvo um tempo em que umha pandilha que estava sem escolarizar provocou algumas moléstias, mas cessárom a sua atitude ao chegar a um pacto com eles para ceder-lhes as instalaçõs desportivas. A gente do bairro sempre se beneficiou das instalaçõs do centro em horário nom lectivo, para atividades tam díspares como ginástica ou informática. Rosa Álvarez cobriu um vazio durante anos, que agora nom há porque temos um Departamento de Orientaçom; tivo umha colaboraçom extraordinária, quase a considerávamos umha pessoa do próprio centro, serviu como nexo de uniom com a gente do bairro.

Hospido destaca que o Conselho Escolar aprovou a integraçom do Gelmírez II na Coordinadora, delegando a representaçom do centro em Felícia Estévez e Moisés Lozano, dous docentes mais relacionados com Vite.

Umha grande fotografia do bairro abria o número 5 do *Curriculum Vite*, editado em junho-julho. No «Editorial» valorizavam os dez anos decorridos desde que, em 1987, começaram as atividades comunitárias do bairro. Lembram o diálogo, as gestons, as resistências enfrentadas, sempre com um objetivo: «Que en Vite se viva mellor. Pero para iso houbo que organizarse e fixémo-lo», definindo a Coordenadora como «grande casa aberta a todos», e salientando como o mais importante:

que a xente saíra da apatía; que se interesara polo que ocorría ó seu redor. Durante estes anos fixemos entre todos e todas que ninguén tivera reparo en dicir onde vivía, que contara por aí adiante o que estabamos a facer. Agora sacamos o orgullo do barrio cando nos din “Oes, moitas cousas facedes os de Vite”. Isa fachenda temos que sacala moi a miúdo. Xentes doutros lugares e tamén xente entendida interésase polo noso traballo e chámannos para que lles contemos a nosa experiencia. O primeiro que lles dicimos é que de nada vala facer moitas cousas ou ter moitos cartos se a xente non ten claro o que quere e o xeito de facelo. Isa é a diferenca. Isto non é o final da viaxe. Queda moito por facer e sempre fai falta unha man para axudar. De seguro que seguirá a cambiar o conto.

Um artigo de saúde, em que se recomenda desconfiar dos «milagres»; trabalhos sobre as propostas para o projeto educativo do colégio Vite I-II e sobre o «taller de educación ambiental» do Gelmírez II; outros sobre o clube desportivo Vite; as colónias de verao, que nessa sexta edição foram do 7 ao 15 de julho em Ribadavia; e avançam a novidade do voluntariado para a celebração da VI Olimpíada Deportivo-Cultural do bairro, de que se estava a ultimar a programação. Indicam num artigo que «Co centro Socio-Cultural seguimos igual», afirmando que «O Concello segue a negarse a compartir coa

Coordenadora de Vite a organización de actividades no Centro Social, mentres este segue estando infrautilizado e nós seguimos pagando un aluguer polo local para poder facer as actividades». Na páxina final incluían traballos sobre a escola de persoas adultas; a sección «O Parladoiro», em que unha vizinha, que se nom identificava, indicava que «facendo unha especie de balance do que pensaba nun principio, e do que penso agora, quero decir que non cambiaría Vite por ningún outro lugar, porque Vite en si é tolerancia, diversidade, contraste, actividade, nunha palabra: Riqueza»; e em «Creación» escribía de novo Maria Gigirei, sobre a amizade. A publicidade, mantém-se a do número anterior.

Com data «Agosto-Setembro 1997» publicáron o nº 6 de *Curriculum Vite*. Dedicavam a capa à VI Olimpíada Deportivo-Cultural, com o lema «Participar, o mellor con*VITE». No «Editorial» esclareciam:

cando xa hai uns anos buscabamos un nome para o periódico, queriamos que reflexara todo o dinamismo que se respira no barrio, que fose coma un repaso a todo o que se fai en Vite, facer un historial do que ocorre por aqui. En definitiva, elaborar un curriculum. O curriculum de Vite. Ata agora non atopamos un nome mellor.

Incluían um trabalho sobre a escola de persoas adultas (com o aviso da inscricom para o novo curso); «Saúde» (sobre «Coidados en persoas con sonda urinaria»); as Festas de Belém (do 11 ao 14 de setembro, adiantavam parte da programación); um artigo sobre «Relacións dos pais/nais cos fillos e fillas» (indica-se que «deben manter e potenciar a comunicación persoal e emocional con elas e eles, compartir as responsabilidades, axudarlles nas súas contradicións a reafirmar a súa autoestima, falarlles con naturalidade dos temas que poden estar descubriendo

como sexualidade, alcohol-drogas e outros»). Faziam também um balanço dos dez anos de trabalho comunitário no bairro, e ao respeito valorizavam:

Coidamos que moito temos conseguido. O mérito é da maioría dos veciños e veciñas de Vite, uns polo exhaustivo traballo que se ven desenvolvendo día a día, outros pola comprensión e ánimo que sempre amosáchedes, e que nos anima a seguir, a pesar da incomprensión de Raxoi [o Concelho de Santiago]; como nos animan as demostracións de recoñecemento feitas en numerosos lugares de Galicia e do Estado Español, e incluso de carácter internacional; e como non algún premio á nosa labor, entre os que queremos destacar o Premio Xusticia e Sociedade.

O jornal do bairro ofrecía tamén un traballo demandado solucións para os «cheiros na Praza de García Lorca»; un artigo sobre «Tráfico e Viais en Vite»; os programas da X Semana de Cinema e mais da VI Olimpíada; «Parladoiro» (espazo assinado por «Un grupo de veciñas», com agradecimento para a escola de persoas adultas); e a colaboración «Si... ou si?», animando a participar na Olimpíada. Em «Creación» incluem o poema de Manuel Álvarez Torneiro, «Vin caído o eclipse no alzado das laranxas»; e mantem os anúncios de umha carpintaria de alumínio e de um café; e da «Consellería de Sanidade e Servicios Sociais».

Em 7 de agosto, *ECG* informa de como a fachada de um edifício do bloque número 6 da rua García Lorca, de Vite, se derrubou aquela noite sem causar vítimas. A vizinhança augurava a possibilidade de novos problemas semelhantes polas fendas que afetavam todos os blocos de vivendas. Nom houve desgraças pessoais. O edifício fora evacuado. Recolhem-se queixas, como que havia dous anos que acudiram a perguntar polo bairro sobre as deficiências e nunca mais se soubera. Polícias e

bombeiros relacionavam aquele sucesso com um efeito tardio de um tremor de terra que acontecera uns dias antes, ou com as abundantes chuvas desse dia; mas a vizinhança atribuía-o mais a causas estruturais, a que as casas estavam mal construídas e estavam a pagar as consequências. Ao dia seguinte, no *LVG*, a A. VV. reivindicava a melhora do mau estado das ruas. Desde que se levantara o polígono de vivendas nom se tinha feito nada, afirmam. Na avenida de Castela reclamava semáforos, para limitar a excessiva velocidade.

Em setembro celebrou-se a Olimpíada, entre os dias 5 e 27. Ana Iglesias, no *ECG*, anunciava o dia 4 que o centro sociocultural acolheria a sessão inaugural, com participação dos jogadores de futebol do Compostela Fabiano e Bellido; e do treinador, Fernando Vázquez (este último falhou). Informava que o Concelho contribuía com 100.000 pesetas para um orçamento de 900.000. Destacava como novidade a figura do voluntariado colaborador olímpico, para informar; e atividades para além das desportivas, como teatro, exposições, ludoteca ou o já habitual nessas datas do cinema ao ar livre. No dia seguinte a comunicação social salientava que a vizinhança de Vite afrontava três semanas de intensas tarefas para consolidar a unidade e coesão da comunidade. A respeito da intervenção dos futebolistas do Compostela, as moças de Vite, segundo recolhia *LVG*, queriam a presença de jogadores mais atrativos. Estivo no ato Encarna Otero. Em 6 e 7 desse mês, de novo A. Iglesias, no *ECG*, anunciava e informava do «feiróm de jogos», seguidos de umha encenação teatral. E a mesma jornalista, nos dois dias seguintes, dava conta de mais atividades da Olimpíada, entre elas as de badminton, que se trasladaram para o liceu Gelmírez II. Nesse seguimento, nos dois dias seguintes Iglesias salientava a massiva

participação das crianças nas provas, até ao ponto de que a organização dizia-se «desbordada».

No balanço final, apresentado por Alfredo Santomil, concluiu-se que na edição desse ano participárom perto de 1.100 pessoas; agradecia a colaboração das 20 pessoas voluntárias na maratona; e salientava como no fim de festa estivo o grupo musical Os Estalotes. As idades dos participantes eram de 15 a 35 anos, nom se conseguia implicar as pessoas maiores de 40; a maior presença fora em futebol de salom, com 376 participantes, seguido de voleibol, con 175; nataçom com 105; basquetebol, 59; e em badminton, na ludoteca e em tenis de mesa, entre 30 e 90. No encerramento entregárom-se camisolas e diplomas para todas as pessoas participantes.

Com data 13 de outubro a Coordenadora remete à Conselharia de Educação a memória de atividades da escola de pessoas adultas, que lhe fora subsidiada a começos de ano. Indica que de 32 pessoas que iniciárom a formação abandonárom sete; e o alunado repartiu-se em três grupos: alfabetização, educação primária e graduado escolar, conseguindo no final sete o certificado de escolaridade e duas o graduado escolar. As professoras foram Cruz Mallón Moure e Rosa Álvarez Prada, que ministraram um total de 600 horas lectivas entre o 7 de janeiro e o 31 de julho. Entre os resultados salientam que alumnas que aprovaram o graduado escolar decidiram continuar, num grupo «con contidos específicos», concluindo:

o grado de motivación pola escola foi en constante aumento ó longo do curso, en xeral entre todos/as participantes, descubriendo a diario necesidades novas. Este feito deuse motivado por que moitos coñecimentos xerais que foron adquirindo, os aplicaban dun xeito concreto na súa vida cotián. Todos/as participantes na Escola están actualmente

máis sensibilizados e implicados coa dinámica xeral de actividades de tipo cultural, educativo, sanitario, etc., o que para eles supón unha maior realización persoal. Supoñendo-lles tamén unha maior integración social e abrindo vías de integración laboral.

Realizam unha valorización positiva e indican a intención de continuar «a non ser que teñamos dificultades presupostarias». Em 27 de outubro principiou de novo a escola de persoas adultas, que insistía na orientación para quem tinham fracassado no período escolar, ou que nom tiveram a oportunidade de se formarem bem de novas, e às quais se lhes ofreciam diversas alternativas: desde a mais simples alfabetización (concebida de modo funcional) até preparação para um título académico.

Em 15 de outubro, nos locais da Confederação Galega de Minusválidos (Cogami), celebrava-se a primeira reunión para promover unha iniciativa que se revelaria de especial interesse nos anos seguintes para Vite: a Plataforma polo Emprego. A convocatória partia de Miguel Fernández Blanco, responsável do Departamento de Emprego de Cáritas de Santiago, e tinha como objetivo trabalhar pola inserção social de coletivos em situação de exclusom social na cidade de Santiago, mas com abertura à Comunidade Autónoma. A iniciativa suscitou o interesse inicial de numerosas entidades e associações, embora muitas abandonariam nos anos seguintes.

Em 26 de novembro, Vite participou no programa *Bis a Vis*, da Televisom de Galiza, apresentado por Serxio Pazos e Teté Delgado, e que nesse dia se subordinou ao tema «Sobrevivir a droga». Acodírom outras pessoas e entidades do país, que trabalhavam com as toxicodependências de diferentes maneiras. Alfredo Santomil reconheceu que tempo atrás Vite fora um foco importante de consumo de drogas, mas a problemática do bairro na altura pouco se parecia já àquela situação. Lembrou as

campanhas iniciais de sensibilização em Vite, e em Compostela, para combater a hipocrisia social, porque quando apareciam evidências do consumo e de pessoas drogodependentes num lugar, a gente costumava reagir violentamente para expulsá-las. Santomil explicou que umha atuação de relevo fora organizar atividades para que as pessoas tivessem o tempo livre ocupado e não pensassem na droga como alternativa, e manifestou-se a favor de estudar a legalização das substâncias tóxicas ilegais, para acabar com o negócio dos narcotraficantes, e assim acabar com a oferta que se fazia delas em lugares próximos a potenciais consumidores, para os captar, como nos centros de ensino ou nas discotecas. No mesmo programa intervén José Manuel Vázquez, de 28 anos, quem seguia um processo de reabilitação no grupo de formação pré-laboral de Vite, e relatou a sua experiência de dez anos como consumidor, que iniciara ao se divorciar, indicando que levava na altura mais de dois anos de abstinência. Salientou o apoio que tivera da sua mãe (quem chegou a abandonar o seu trabalho para assistí-lo), apesar de num momento abandonar o lar para sofrer só. Vázquez manifestou como mesmo esteve perto da morte, por umha dose adulterada; como chegara ao consumo inicial atendendo o convite de um colega; a sua participação em roubos e outras penúrias. Entre as intervenções do mesmo programa televisivo, o polícia Leopoldo Cabanelas sublinhou o sucesso que tinham em Vigo os quatro últimos anos as Olimpíadas que ele próprio organizava na cidade, que ultrapassaram na última edição os 3.000 participantes em diferentes desportos, apresentando a iniciativa como pioneira em Espanha, sem valorizar o precedente de Vite.

Em 12 de dezembro anunciou-se uma nova campanha de recolhida de brinquedos, sob o lema: *Repartindo ilusiones, compartindo xoguetes*. Em 16 de dezembro, no

LVG, numha reportagem de Serxio González, explicava-se o processo: elaborava-se umha lista de lares, de colaboración com os serviços sociais do bairro; falava-se previamente com eles, para indicar-lhes que se podiam beneficiar da campanha; recolhiam-se brinquedos, e os usados reparavam-se se era preciso. Se nom coincidiam com os pedidos polas crianças, escrevia-se-lhes umha carta, justificando a mudança, assinada polos reis magos, explica Luqui (Xesús Igrexas), o coordenador. Esse ano por vez primeira admitiam livros, nom de texto mas lúdicos; e transmitiam a ideia de que nom era uma recolhida de lixo de brinquedos inservíveis, mas de objetos que as próprias pessoas doadoras utilizassem.

XVI.
UM NOVO ESPAÇO PRÓPRIO

Com data de «Xaneiro-Febrero de 1998» publica-se o número 7 do jornal de barrio *Curriculum Vite*. Destacava na capa umha fotografía do novo local da Coordinadora, na avenida de Castela. Esse era o tema do «Editorial», em que se lia:

o ano novo vida nova. Renovarse a cada paso ven sendo un lema no espírito de Vite, e como que contacta, exténdese este ano agrandando o espacio social do barrio cun novo local para uso e disfrute dos veciños/as, e tamén para poder realizar actividades que estaban paralizadas ou se viñan realizando en condicións de suma prioridade dende a Coordinadora de Vite [...] Este novo lugar de encontro será de seguro un novo punto de referencia e apoio para o noso barrio. Nel desenrolaranse gran parte das actividades que a coordinadora ten programadas. Tamén estamos abertos a estudar calquer proposta que consideredes poidamos incluír. Por outra parte o Concello de Santiago continúa denegándonos a posibilidade de utilización dos locais do Centro Sociocultural ubicado na rúa Carlos Maside. En outubro do ano pasado entregouse no Concello unha solicitude de utilización, que nin siquera foi respóstada. Despois de todo este tempo decidimos desistir, non perder máis o tempo tratando de lograr que o Concello nos permita utilizar o local que ten en Vite. Por este motivo nos vemos obrigados a alugar este novo local para poder levar a cabo moitas das actividades programadas polas entidades da Coordinadora.

Tinham assim dous locais, pois mantinham o anterior, nas praças de Belém, e aos dous lhes imprimiam dinamismo cada dia. Nas páginas interiores incluem o artigo «Juana Cruz e Antonio Álvarez, do Centro de Saúde de Vite, exemplo de profesionalidade», com enxejo da sua despedida para ocuparem novos destinos. Salientam como, desde o primeiro instante, quando se gestava a Coordenadora nos finais da década de 80, aceitáram a ideia e apoiáram integrar-se nela para «aunar esforzos e aproveitar os recursos existentes en beneficio de toda a comunidade». Lembram o traballo em que participáram, que valorizam de «trascendental» para «todas aquelas cousas que significasen unha vida máis saudable, unha millor calidade de vida para o conxunto das veciñas e veciños de Vite», polo que deixam constância do agradecemento para com ambos. Juana ia de coordenadora da área social en atención primaria na área sanitaria, e António decidia exercer a medicina em Boqueixom, num centro de saúde bem diferente do moderno de Vite a que tantos esforços dedicara. A epígrafe de «Saúde» era sobre o catarro comum; ocupam-se mais umha vez do «Taller de Educación para a saúde do Xelmírez II», explicando o traballo que se realivaza nele e salientando que «serve para fomentar actitudes positivas e criterios persoais sobre temas de importancia; discutir con liberdade problemas, preocupacións e dúbidas propios da adolescencia; estimular a capacidade creativa responsable así como a capacidade de coidarse e de coidar o medio», para além da formação e informação que circulava nas sessões, sobre questões de interesse para o alunado. Informava-se também da constituição da Plataforma polo Emprego, com a participação do «Taller Ocupacional de Vite», indicando que «pretende ser un lugar de encontro; de intercambio de experiencias, de información, etc.; un lugar de coordinación e

colaboración mutua entre os colectivos que a com-
poñen». Outro artigo desse jornal ocupava-se da «Biblio-
teca do barrio e Ludoteca», sublinhando as posibilida-
des do novo local alugado pola A de VV, no número 22
da avenida Castelao: a biblioteca já funcionava diaria-
mente, de 16.00 a 18.00 horas, e os sábados iam comezar
com a ludoteca. Incluíam assim mesmo um inquérito
para a vizinhança, sobre o bairro, a Coordenadora e
aspiraçons. Na secçom «Parladoiro» publicavam umha
carta de umha vizinha (de quem nom figurava o nome),
de agradecimento; em «Si... ou si?», lembravam a traje-
tória de actividades e salientava o novo local; e «Crea-
ción» divulgava um trabalho de Antonio C. López Mos-
quera, que comentava o sinistro do Discoverer Enter-
prise no Ferrol; além de publicidade como no número
anterior. Estes trabalhos eram comentados na escola de
pessoas adultas, afirma a psicóloga Rosa Álvarez.

O N° 8 de *Curriculum Vite* publicou-se com data de
março-abril de 1998. A capa era irónica, respeitante às
eleiçons. No Editorial lembram a reivindicaçom de um
regulamento de participación da vizinhança e a negativa
do Concelho, apesar de estar recolhido na lei, polo que
entendiam que essa participaçom resultava um assunto
incómodo para quem governavam a Cámara Municipal.
«Sen participación cidadán calquera organización consi-
derada como democrática está condeada a distanciarse
da sociedade e perder esta condición, pois so vai servir
para ser utilizada ó seu propio antollo polos “persona-
xes” que en cada momento están gobernando. Exercite-
mos a democracia. Exixamos participación», escrevem.
No artigo «Vite perde unha praza de médico» informam
que tinham reclamado por escrito explicaçons sobre a
amortizaçom de umha praça de medicina de família no
centro de saúde de Vite, sem receber resposta da Gerên-
cia de Atençom Primária. A secçom «Prevención da

Saúde» estava dedicada a actividades preventivas para diagnosticar as doenzas cedo, na súa fase assintomática: «Queremos facer nosa a mensaxe de que os piares da loita contra as enfermidades baséanse na educación para a saúde e o diagnóstico temperán da enfermidade», dizem. Informam do servizo de Atención Psicológica, que atendía problemas de relación com os fillos/as e/ou com a parella: fracasso escolar, dificultades com a linguagem, sexualidade, ou calquera outro malestar. Apresentavam a «Escola de Pais/Nais» como un projeto educativo inovador: começou em novembro de 1997, como atividade da Coordenadora, com a AMPA do colégio do EGB, com sucesso até ao Natal. Pensavam em dar-lhe mais continuidade com colóquios abertos e tertúlias, no local da Coordenadora. Avançam:

os temas variarán segundo os intereses que se vaian mostrando, teremos cecais: charlas ou conferencias sobre a pequena infancia; a pubertade e a adolescencia, os seus mitos, «tabús», etiquetas, medos...; os nenos e nenas marxidados, que pasa con eles; a comunicación, os premios e os castigos, se serven para algo; o tema dos suspensos; cómo se viven; a familia. Como influe na nosa educación; as pandillas: amigos ou/e enemigos; o xogo: para que sirve; etc. Todo elo, sempre apoiado por experiencias vividas e contadas para nós, por medio de debates que nos ensinarán a coñecer outros puntos de vista; videos; contos animados; e xogos que axudarán a coñecer e compartir mellor a educación, en participar como pais dos nosos fillos/as.

Informam igualmente da presentación pública e dos fins da Plataforma polo Emprego, que principiara no ano anterior; da presenza de umha representación dos Comités de Defensa da Revolución de Cuba, que convidárom Vite para participar nun *Taller internacional sobre experiencias comunitarias e populares*, os dias 29 e 30 de

setembro desse ano; da preparação da X Festa Ecolóxica; umha Historia do Fútbol de Salom feminino no bairro; um artigo respeitante a Rádio Kalimero; o «Parladoiro», assinado por Toto, quem se apresenta como umha pessoa de 36 anos, que relata a sua experiência na escola de pessoas adultas do bairro; e a colaboración «Si... ou si?», que se ocupa dos primeiros vinte anos de Vite, que se cumpriam em agosto, segundo indicava. Nesta colaboración há referências aos tempos duros iniciais e encontram-se parágrafos como um respeitante à droga que, valoriza «por sorte, polo abandono duns, pola morte doutros, pola asunción do problema por moitas persoas e unha maior conciencia na xuventude» tinha na altura umha melhor situación em Vite. No final, repete-se a publicidade do número anterior e, em «Creación» um poema de Antonio C. López Mosquera, intitulado «Avenida de Castelao desde o bloque trinta», finaliza assim:

[...]

Cor de sentirte adentro, corazón

O mirar lonxano

constata leitos e montañas,

a mirada que se abre o ceo

e que morre nas entrañas.

Como non sentirte dentro, corazón.

Esse ano, o «Colexio Oficial de Diplomados en Traballo Social de Galicia» edita o volume *Guía de ONGs que interviñen en drogodependencias en la C. A. de Galicia*, de Francisco J. Lorenzo Alonso e três colaboradoras. Incluem o Plano Comunitario de Vite (pp.98-99), como integrante (p.51) da «Federación Galega de Asociacións de Axuda ó Drogodependente». Também se assinala outra entidade de Vite, PreSOS, embora nom colaborasse no estudo, ao nom responder o inquérito utilizado na sua elaboración.

Do Plano Comunitário de Vite salienta este volume as atividades de prevenção nos âmbitos Comunitário, Escolar e Laboral, e outras questões, como o seu pessoal, publicações ou financiamento, e que contava com voluntariado. Outra entidade colaboradora da Coordenadora, Chavós, figura igualmente no volume.

Ainda de 1998, Rosa Álvarez salienta o ter-se assinado, em junho, um convénio com a Faculdade de Ciências da Educação da USC, respeitante às práticas em Vite do alunado de Educação Social, que começaram naquele curso 1997-98, sendo Gori o coordenador; ou o ter participado, mais uma vez com a experiência do bairro, no VI Congresso Espanhol de Sociologia, do 24 ao 26 de setembro.

Também em 1998 se incorporou ao centro de saúde o médico Ricardo Iglesias Losada quem, através de uma ajuda do «Fondo de Investigación Sanitaria de la Seguridad Social» iniciou em Vite atividades pioneiras na Galiza de telemedicina, para assistência de problemas de olhos e de pele.

XVII.
TEMPO PARA PREMIAR

O ano 1999 vai representar o início de umha nova dinâmica com a Câmara Municipal de Compostela. Em maio, as eleições municipais dam como partido mais votado o PP, com 11 representantes, mas o PSdeG-PSOE podia formar governo municipal no caso de juntar-se com o BNG, ao contar com 9 e 5, respetivamente. Assim aconteceria, com efeito. O governo de co-ligação favorecerá um novo tratamento para com Vite, que verá reconhecido o seu trabalho de anos com um prémio entregado polo Concelho, e durante esse mandato municipal verá como se conta com o bairro e com a Coordenadora, e mesmo se chegará a assinar um convénio de colaboração, como levavam anos reivindicando. Será também um tempo de premiar, pois Vite premiará, receberá um prémio muito significativo da Câmara Municipal e, através de um prémio ficará o nome do bairro associado a José Saramago. Este acontecimento será consequência da visita do escritor português a Santiago, para recolher o prémio literário San Clemente, com que o galardoaram um júri de estudantes e que organizava o liceu de ensino secundário Rosalia de Castro, pola sua narrativa *Ensaio sobre a cegueira*. Ubaldo Rueda, diretor deste centro educativo, esclarece que Saramago aceitou vir a Compostela para recolher este prémio porque assim se comprometera

quando lhe comunicárom a distinçom, antes de ter recebido em outubro de 1998 o Prémio Nobel de Literatura; mesmo a Saramago lhe fizera ilusom o conhecer o processo de aquele prémio. A sua estada na cidade viu-se surpreendida e condicionada pola morte de Gonzalo Torrente Ballester o 27 de janeiro. Ao dia seguinte, após recolher o prémio, José Saramago renunciou à quantia económica e dixo que destinassem aquele dinheiro a algo útil em benefício do instituto: «Aproveitei aquela oportunidade para pedir-lhe que se pudesse associar o seu nome à cidade; e ao alcaide, Sánchez Bugallo, também lhe pareceu bem. Saramago aceitou, mas com a condiçom de que se relacionasse com um espaço de gente obreira». Foi assim que se pensou no centro sociocultural de Vite e na sua biblioteca, que agora levam o nome de José Saramago, como se formalizou pouco antes das eleiçoms municipais, refere Ubaldo Rueda.

Em 28 de abril de 1999 a Plataforma polo Emprego de Compostela apresentou um relatório ao Serviço Galego de Colocaçom, organismo de emprego da Junta de Galiza, com umha proposta de colaboraçom, relatando o seu relacionamento com 55 pessoas desde o ano anterior e especificando as demandas laborais, estudo das características desse coletivo, todo ele demandante de emprego, e do qual continuavam a trabalhar com 42 pessoas, pois 11 consideravam-nas baixas por terem encontrado trabalho, e 2 por outros motivos. Apesar das dificuldades que enfrentavam, por se desligarem algumas das entidades, a Plataforma caminhava de cara a se consolidar como umha alternativa para trabalhadores/as de difícil inserçom laboral: mulheres de avançada idade com baixa qualificaçom, mocidade sem estudos, pessoas de etnia cigana, imigrantes, emigrantes que tinham retornado, e pessoas desempregadas

maiores de 45 anos. Num documento de apresentação, a Plataforma afirma que começaram a somar iniciativas entre várias entidades e a trabalhar conjuntamente desde 1997 «consentes de que a coordinación entre nós e a presenza pública conxunta poderían ser bos instrumentos» para encontrar alternativas às «dificultades de inserción socio-laboral de grupos excluídos das nosas sociedades por razón de sexo, raza, minusvalía, drogadición, por determinados factores sociais vencellados co que se chama fracaso escolar, ambientes familiares non normalizados; escaseza de recursos económicos e/ou culturais, etc». Sublinhavam como finalidade prioritária a reclamación do reconhecemento desses colectivos «que moitas veces non figuran nas estatísticas oficiais de desempregados/as, como posuidores, o mesmo que o resto dos cidadáns e cidadás, do dereito a un traballo digno».

Assim se avanzava, pois, para atingir o objetivo da consolidación de umha entidade nova, que coordinasse experiéncias como as de Vite, Cáritas e outras asociacións, que trabalhavam desde a base e que conheciam as dificultades de colectivos-problema para chegar a umha mínima normalidade laboral.

Em 5 de setembro de 1999, LVG publica a información «Vite contra Portozás». Indica que Currás, Petróleo e Don Amancio, personagens da série de televisom e integrantes da equipa de chave de Portozás, o espaço em que decorria a na altura célebre série *Mareas Vivas*, da TVG, enfrentárom-se na véspera a Vite, na sequência da Olimpíada cultural. Ao dia seguinte começava a 12^a Semana de Cinema ao Ar Livre, na Praça de Belém, às 21.30 horas. A presenza em Vite de aquelas célebres personagens, que interpretavam os atores Miguel de Lira, Luís Zahera e X. Manuel Olveira, reforçava a imagem de normalidade do bairro, afastada da marginalidade.

Em 4, 5 e 6 de dezembro, dirigentes da A. VV. de Vite participam em Carmona (Sevilha) no *II Encuentro Estatal de la Asociación de planes y programas comunitarios*. Alfredo Santomil salienta que «fomos recebidos com expetaçom, mesmo éramos esperados, pois Marco Marchioni falara maravilhas da nossa experiênciã». Os representantes de Vite fôrom, pois, escuitados mais uma vez com interesse, num foro de âmbito estatal, em que participárom personalidades de relevo de administraçom, de universidades e da política.

Em 11 de dezembro, a Coordenadora de Vite, entregou no decurso de umha ceia, com caráter retroativo desde 1987, os prémios Choupiño de Honra, em reconhecimento de pessoas que realizárom um trabalho de relevo, desinteressadamente, colaborando com o Plano Sociocomunitário de Vite e os seus precedentes. Os galardons eram para pessoas de fora do bairro ou que deixaram de ser vizinhas do mesmo, ou que já nom desenvolviam o seu trabalho em relaçom com ele. Rosa Álvarez, oradora no ato, justificou «pequenas licencias no ano correspondiente a cada designación» pola retroatividade. O prémio consistia numha figura desenhada e realizada por um artesao da montanha de Lugo, André Navia, que recolhia a mascota do bairro, elaborada por Tomás Gómez Rodríguez, vizinho de Vite e membro da associaçom Ollomol.

Assim, o de 1987 correspondeu à A. VV. do Castinheiro, personalizada em Soledad González, Carmela Capeáns e Agustín Bueno, por saber dar umha resposta em positivo e oferecer alternativas perante problemas sociais de delinqüência que agromavam na altura no bairro, e que seriam o gérmem do PPDS; o de 1988 a Magda Meléndrez Fassbender, o de 1989 a Salvador Bará e o de 1990 a Manuel M. Barreiro, pola colaboraçom como integrantes do Conselho Assessor do PPDS, desde

os tempos dos inícios nas reunions na rua Batalha de Clavijo; os de 1991 e 1997 ao médico e excoordenador do centro de saúde de Vite, Antonio Álvarez, e à ex traballadora social do mesmo centro, Juana Cruz, pola sua participación na Coordinadora; o de 1992, a título póstumo, a Antóni Iglesias Toni, fundador de PreSOS e presidente da asociación até à súa morte; o de 1993 a Fran Fernández del Buey, um «talento exportado» do bairro, que se iniciou en actividades com os moços na década de 80 e cuja «inmensa creatividade» ultrapassou o bairro para dedicar-se a projetos «a nivel de toda a cidade ou de toda Galiza»; o de 1994 a Daniel López Muñoz, outra «mente lúcida» entre as que, desde o Consello Asesor «dende fora da dinámica de cada día, unha vez máis, colaboraron decisivamente na redifinición da nosa actuación»; o de 1995 a Rosa Castro, da Escola de Adultos, como «exemplo desa constancia e ilusión necesarias para afrontar os retos difíciles facendo que estes resulten fáciles»; o de 1996 ao ex presidente da AMPA, Manuel Rey Méndez, como representante de unha asociación «que historicamente xogou un papel decisivo na interrelación Colexio-Barrio e no propio traballo dende o Plan Comunitario no Centro»; o de 1998 a Moisés Lozano, pola participación no PPDS, os dez anos que estivo de docente no Gelmírez II e posteriores contributos no Consello Asesor; e o de 1999 ao ator Miguel de Lira, pola participación nas actividades da Olimpíada desse mesmo ano.

Esse día, persoas premiadas e outras asistentes ao ato de entrega dos Choupinhos de Honra assináron unha petición ao Concelho para que lle outorgasse o premio Vagalume, na súa sétima edición, à Coordinadora de Vite «como premio colectivo do presente ano a unha entidade de carácter social». Justificavam a iniciativa porque:

Ao longo dos últimos doce anos, a Coordinadora do Barrio de Vite desenvolveu unha labor sobranceira no campo da prevención e atención ás situacións de marxinação dende unha perspectiva comunitaria. Creou o promoveu espacios de encontro veciñal e potenciou de xeito decidido a implicación das entidades do barrio na detección das situacións de risco social e na posta en práctica de axeitados programas de actuación [para além de constituírem] unha iniciativa que hoxe é referencia de solidariedade veciñal non só en Compostela senon alén das nosas fronteiras [...] e unha peza fundamental para a construción dunha cidade máis humana, na que os propios veciños sexan activos protagonistas na prevención e atención solidaria ás situacións de exclusión social.

Essa proposta, acompañada de unha memoria de actividades, prosperou e o Concelho outorgou e entregou o prémio, reconhecendo assim a trajetória do traballo sociocomunitário em Vite.

XVIII.
**REPENSAR E REFORMULAR O
PROJETO**

Os prémios de finais de 1999 representavam também o final de umha época. A mudança em Vite era evidente e os problemas do bairro pouco se pareciam aos que havia em 1987, quando começou o trabalho comunitário. Por isso, no ano 2000 começam a repensar as atuações e a reformular o projeto, para tentar dar resposta aos novos reptos que apresentava o bairro. Continuava também o subsídio da Conselharia de Sanidade, como principal fonte de financiamento.

Esse ano 2000 vam manter umha intensa atividade, que privilegiou três ámbitos: o comunitário, o escolar e o sociolaboral. No comunitário, principiárom com a oferta de «Reis para todos» e mantivêrom a formaçom permanente através da Escola de Pessoas Adultas, a Escola de Pais e Maes, a Biblioteca Popular (que, apesar da falta de espaço, funcionava no local da avenida Castello) e as Aulas de apoio; persistia o ponto de informaçom juvenil «Triquiñola»; celebrárom a Olimpíada Desportivo-Cultural, atividades de educaçom ambiental, a semana de cinema, iniciativas de educaçom para a saúde e ambiental, organizam desportos, oferecem umha ludoteca... No escolar, efetuam seguimento do alunado, interrelacionam com os centros de ensino, oferecem orientaçom e intervençom socioeducativa para

prevenir situações de inadaptação social, escolar e familiar; e assessoram sobre a formação integral de estudantes. E no sociolaboral, mantêm ativo o grupo ocupacional pré-laboral, com seguimento individualizado de mocidade em desemprego, oferecem formação e assessoramento ocupacional, e continuam no projeto da Plataforma polo Emprego. Mantêm, portanto, as principais iniciativas; outras ficárom, o qual demonstrava como se trabalhou sem rigidezes, questionando, avaliando e reformulando a atuação em cada momento, segundo o que se visse mais positivo. Se algo nom funcionava como se esperava, deixava-se.

Dous acontecimentos desse ano merecem especial destaque: a assinatura de um convénio com a Universidade de Santiago e a participação nas primeiras jornadas do movimento de AA. VV. de Compostela.

O concerto com a Universidade rubricou-se em 14 de fevereiro, entre o presidente da A. VV., Alfredo Santomil, e o Reitor, Darío Villanueva. O documento representa a institucionalização das práticas de alunado da Faculdade de Ciências da Educação na sequência do Plano Sociocomunitário. Atinge a quatro estudantes por curso, em quatro programas: Formação, Informação, Animação do Tempo Livre, e Promoção Sociolaboral. Os estudos mais beneficiados eram os da titulação de Educação Social.

Este alunado costumava realizar o seu trabalho de investigação em Vite no segundo trimestre do curso. O convénio supunha formalizar o que acontecia de facto desde havia anos. E nom só nesta especialidade, também outras, muito em especial Jornalismo, em parte pola proximidade, aproximavam-se com curiosidade desde a década de 90 para conhecer a experiência de Vite mais de perto, e aproveitavam para realizar trabalhos e para iniciarem-se como pesquisadores.

Em 1 e 2 de dezembro, Vite participou muito ativamente nas «I Jornadas do Movimento Asociativo Veciñal de Compostela», organizado pola Concelharia de Relacións Vecinais. Dedicou palestras, mesas redondas e obradoiros sobre a historia do movimento, além de dialogar com experiencias exteriores, num intento de fazer balanço e avaliar a historia desde que começou a organizar-se, nos finais do franquismo, e as perspectivas para o novo século, no caminho de atingir umha democracia mais participativa e com maior protagonismo da vizinhança. No encerramento das jornadas, o relator municipal dessa área do Governo Local, Manuel Portas, frisou que as entidades vizinhais necessitavam assumir imperiosamente o trabalho de motores sociais de convivência, sem se converterem em apêndices de nengumha instituição nem de ninguém, fugindo da instrumentalização institucional e partidária, mas também da oposição por sistema ou da intransigência nos processos de negociação. Nessas jornadas, Vite contactou por vez primeira com um movimento estatal com o que manterá estreito relacionamento nos anos seguintes: Tomamos la Palabra, que se apresentava como «un programa de educación y sensibilización para la solidaridad, que coordina la ONGD Asociación para la Cooperación con el Sur ACSUR-Las Segovias, con colaboración de organizaciones solidarias del estado español y otros países de la Unión Europea y Centroamérica».

Merece igualmente destaque, do ponto de vista do movimento vicinal, que Gori e Salvador Bará elaboráram um documento sobre o funcionamento dos centros socioculturais, que foi assumido polas associações denominadas «os nom alinhados» (Vite, Sam Pedro, e outras que nom estavam integradas em nengumha federação). Também que durante o curso 2000-2001 alunado do Gelmírez II recolheu, com supervisom de tutores do centro,

dados em Vite, casa por casa, para fazer um estudo sobre o bairro e diagnosticar necessidades. O inquérito foi desenhado em estreita colaboração com Daniel López Muñoz, e pretendia-se complementar com outros estudos sobre escolaridade (conhecer a trajetória de muito antigo alunado de Vite) e de saúde; um trabalho que «está ainda por processar e tirar conclusões», afirma Gori. Também principiárom a organizar uma ceia anual para entregar o Choupinho de Honra, que esse ano recebeu Duarte Crestar, pola sua colaboração com o bairro, em especial favorecendo a melhor integração de pessoas de etnia cigana.

XIX.
**DEMOCRACIA PARTICIPATIVA
PARA O NOVO SÉCULO**

Em 2001, a Concelharia de Relações Vicinais de Santiago editou o volume *Unha historia con futuro. Experiencia dunha investigaci3n -acci3n- participativa co asociacionismo veci3nal de Santiago de Compostela*, redigido por umha equipa da cooperativa «Cidadania, Redes de Aplicaci3ns Sociais», formado por Marcos Lorenzo Galego (diretor, autor j3 de umha investigaç3m sobre a A. VV. do Castinheirinho, que acrescentava e ampliava para a Tese do Doutoramento, na Universidade de Santiago, entre outros trabalhos de especializaç3m neste 3mbito), Ana Lorenzo Vila e Concha Fern3ndez Fern3ndez. Trata-se do estudo mais ambicioso sobre o movimento vicinal de Compostela, elaborado com ensejo das jornadas celebradas no ano anterior. Nele afirma-se (p. 65) que, no per3odo imediatamente anterior 3s primeiras eleiç3ns democr3ticas municipais (1977-1979), e durante a constituiç3m da Federaç3m de AA. VV. da cidade (1986-1988) «podemos falar con garant3as da existencia dun aut3ntico movimento social [...] ter3n umha curta duraci3n produto de instrumentalizaci3ns partidistas ou institucionais, e vir3n sucedidos polo repregamento de boa parte das asociaci3ns nos seus territorios, co conseguinte decaimento do clima asociativo». H3 diversas refer3ncias 3 A. VV. Pol3gono de Vite. Na p3gina 85, indica-se:

Mención especial debe ter o caso da asociación Polígono de Vite, na que a relación entre a dispoñibilidade de recursos (neste caso sobre todo a achega de traballo profesional remunerado) e o compromiso con iniciativas sociocomunitarias de carácter integral é moi estreita. A intervención sociocomunitaria, no caso do plan comunitario de Vite, vén da man da contratación de técnicos (conta con 3 persoas) e dun orzamento que se achega aos vinte millóns de pesetas.

Insiste no facto (p. 94) de ser unha das dúas (de un total de 66 registadas) de Santiago que conta com persoal contratado. No libro fica constáncia de como reivindicacións de anos anteriores do movemento vicinal de Compostela se materializaram nos últimos anos, impulsadas por Manuel Portas como relator desta área do Goberno Municipal, entre elas a exigencia de inscrición num «Rexistro Municipal de Asociacións» (1999) ou a posta em andamento de um «Consello de Relacións Veciñais» (abril de 2000).

Em 12 de febreiro, a mesma concelharia informa às AA. VV. da programación de Tomamos la Palabra, numha carta assinada por Manuel Portas. Nela indica que já foram apresentadas as atividades nas I Xornadas do Movemento Asociativo Veciñal de Compostela, por Miguel Romero Baeza, quem assinalara que se procurava um esforço coletivo, com o objetivo de «afondar nos dereitos da cidadania e na participación democrática; e responsabilizarse solidariamente da consecución de dereitos políticos, económicos e sociais para toda as persoas».

Em 2, 3 e 4 de marzo, Vite participa no *Encuentro sobre Ciudadanía, Democracia y Desarrollo* organizado em Madrid por Tomamos la Palabra, ao que acode Gori. Neste foro internacional exponhem-se experiéncias que se valorizam como avanzadas em Latinoamérica, com

destaque para a brasileira de Rio Grande do Sul, no res-
peitante ao papel das instituições públicas no desenvol-
vimento da democracia participativa; ou as do movi-
mento associativo de base da Bolívia e a das organiza-
ções de mulheres do Perú. O trabalho de Santiago de
Compostela também se expom numha das mesas redon-
das, que tinha como objetivo aprofundar em temas de
cidadania, democracia e participação, à par de outras
de diferentes zonas do Estado Espanhol, com a finali-
dade de intercambiar ideias através do melhor conheci-
mento de experiências e «identificar los ejes comunes
de trabajo entre las distintas localidades y asociacio-
nes». Um programa ambicioso em que se deu relevo aos
problemas de género e da juventude.

Em 16 e 17 de março o contributo do plano comuni-
tário de Vite, focando de preferência a trajetória desen-
volvida desde a Coordenadora do bairro, foi valorizado
nas jornadas *Drogas e Comunidade. Corresponsabilidade
Social*, promovidas pola Junta de Galiza, sob direcção
de Jesús Morán, do Comisionado do Plan de Galicia
sobre Drogas. Foi um foro de relevo, com participação
internacional, e em que se trabalhou também sobre
experiências de Canarias, Madrid, Andaluzia, Catalunha
e Valência, além de diferentes lugares da Galiza.

Em 7 de maio de 2001 assinou-se umha *Acta* fundaci-
onal da associação Plataforma polo Emprego de Santi-
ago, com participação de AA. VV. de Vite, diversos
departamentos de Cáritas, Chavós, associações de
mulheres Recandea e A Lagoa, Asociación Galega de
Traballo Social Comunitario, Asociación para a promo-
ción social e cultural Chambo, Federação Itaca, Federa-
ção Espazo Aberto de Compostela, e as associações
vizinhas A Xuntanza (do bairro de Sam Pedro) e San
Lázaro. Xosé López Gori figura como secretário; e como
âmbito da entidade assinala-se o território da Galiza.

Com data de 26 de junho a Conselharia de Justiça da Junta de Galiza legalizou a Plataforma. Nos Estatutos figurava como o seu objeto «promocionar a formación e o emprego para a integración social de colectivos en situación de especial necesidade ou que sufran algún tipo de discriminación social, económica, política, relixiosa, por razón de sexo ou por calquera outra índole».

A Plataforma polo Emprego difundiu os seus fins e fizo um chamado à cidadania através do díptico *Participa con nós*. Nesse documento a Plataforma insistia no seu carácter de «órgano de participación e debate», indicava estar aberta a contributos sobre alternativas ao desemprego, e convidava à integração de pessoas e coletivos, e ao contacto com casos concretos de desempregados.

A Associação para a Defesa Ecológica de Galiza (Adega) iniciou em 2001 um programa de visitas centrado na Vagoada de Vite, que oferece a centros de ensino e grupos organizados, e que figura incluído entre a programação didáctica anual do Concelho. Elvira Cienfuegos, dirigente da entidade e docente no Gelmírez II, explica que há lugares de interesse muito diverso, como o rio do Corvo, que nasce em Meixom Frio, na rua do Lavadoiro, passa por junto do próprio instituto, está canalizado e desaparece, mas volta encontrar-se em Ponte Mantible, nos jardins do parque Pablo Iglesias, no parque Bouza Brei, no jardim da estátua Novo Milénio para encher o estanque do Auditório, continua polos jardins de Mosquera Pérez e os de Manuel Feijó e desaparece na rua Entrerrios para se deitar no Sarela nos jardins de Galeras. O parque de Ponte Mantible; o aqueduto, cuja história se remonta ao ano 917; houve um segundo, em tempos de Gelmírez; e novidades de relevo em datas como 1775, 1886-1897 ou 1893. Também se fala nesses itinerários da antiga curtiduria e, nos parques Pablo Iglesias, Bouça Brei, de Gijom e da Música em Compostela ensinam-se

espécies de interesse como camélios e ciprestes, érbedos, ginkgo, douglasias, acivros, olmos, bidoeiras, forsitia, álamos, faias, alfaneiros, cedros e teixos, além de dar explicações das esculturas ou de fauna de interesse. Segundo esta docente e naturalista:

Resulta de interesse que o alunado perceba as transformaçõs do rio em vários lugares; que conheça umha espécie como o ginkgo, umha árvore originária da China e Japom, considerada um verdadeiro fóssil vivente, muito resistente, com a que nem sequer acabou a bomba de Hiroshima; que reconheçam a importância da água; espaços ajardinados bem cuidados como o parque Pablo Iglesias, que aprendam a desfrutá-lo, a passear, porque o roteiro de Vite presta-se, com certeza, para isso, está feito com gosto e acerto, e magnificamente conservado.

Ainda no campo da ecologia, a Coordenadora de Vite colaborou esse verao com o Departamento de Meio Ambiente da Cámara Municipal de Santiago, promovendo umha campanha de reciclagem de resíduos, com distribuiçom dos contentores polo bairro e convidando a vizinhança a usá-los bem. Essa iniciativa satisfazia umha aspiraçom de anos anteriores e resultava mais umha demonstraçom de como desde o Concelho se conta agora com Vite e se reconhece o trabalho destes anos. O relator desta área do governo local, Néstor Rego, acudiu com tal ensejo para estar com eles e oferecer as prestaçõs necessárias para que essa iniciativa prosperasse bem.

Em dezembro, o número 1 da revista *O Pichel*, editada pola Concelharia de Relaçõs Vizinhais, dedicava a página 29 à associaçom de mulheres A Lagoa, de Vite, indicando que se formou «co obxectivo de ofrecer alternativas ás mulleres desa zona, obrígalas a saír da rutina diaria, do fogar, da televisión e atopar un sitio no que

ocuparse tan só de si mesmas». Felicia Estévez e outras representantes manifestam serem cientes «de que ao mellor non chegan a aquelas mulleres que realmente o precisan, ese é hoxe o seu obxectivo fundamental».

A Coordenadora de Vite tivo neste primeiro ano do século un orçamento de 18,9 millóns de pesetas, dos quais 10 millóns procedêrom do subsídio da Conselharía de Sanidade, 5,7 millóns da empresa para a qual traballa a mocidade do «Taller prelaboral»; 1,8 millóns de outras conselharis; 800.000 pesetas de un subsídio do Concelho de Compostela; e 460.000 das quotas dos asociados da A.VV., como principais fontes de ingresos. As despesas de persoal contratado e que atendía os diferentes servizos representárom quase a metade dessa cantidade; e 1,6 millóns o aluguer de locais, como cantidades de maior relevo. As actividades organizadas tiñan como destinatárias a unha de cada três persoas residentes no barrio, con especial incidência na infancia e na mocidade. Contavam con três persoas contratados a tempo total e unha parcial, e mais de 60 voluntárias (40 da vizinhança, 20 de persoal técnico de diversos servizos públicos do barrio e 6 que asesoravam desde o exterior) implicados na súa dinámica, segundo unha memoria realizada do período 1987-2001. Neste documento indican que os grandes obxectivos «están definidos a longo prazo, dada a complexidade da súa consecución», realizando avaliación continua das actividades e «unha avaliación final, onde se analiza o grao no que se acadaron os obxectivos concretos definidos e as intencións que tiñamos deseñadas anualmente a partir dos cales defínense novamente obxectivos. E volta a comezar co proceso».

RECOLHER OS FRUTOS

O ano 2002 será de recolhida de frutos, com o reconhecimento do trabalho anterior. A Coordenadora de Vite será reclamada em diversos lugares e colocada como exemplo. A experiência realizada chama a atenção no exterior, onde os requirem para que a relatem. Em Compostela vivirá-se momentos importantes para o movimento vicinal, que avançará para atingir umha presença social mais efetiva, no caminho de umha maior democracia participativa, o que se traducirá numha maior atenção por parte do Concelho. No âmbito municipal merece evidente destaque a almejada assinatura de um convénio de colaboração entre Vite e a Cámara Municipal, ao mais alto nível, com a presença do Alcaide, Sánchez Bugallo, que admitiu em público, na ocasião, o enorme interesse da atividade da Coordenadora.

Em 1, 2 e 3 de março de 2002 a Coordenadora participou como relatora na mesa redonda sobre «Seguimos reproducindo e transmitindo modelos bastante tradicionais de masculinidade e feminidade», nas *I Xornadas Muller, Xénero e Educación*, celebradas em Vigo, sob organização da AS-PG e CIG e com colaboração da Cámara Municipal da cidade.

Em 24 e 25 de maio, no Palácio de Villasuso, de Vitoria-Gasteiz, representantes da A.VV. Polígono de

Vite participárom num encontro sobre movementos vizinhais para relatar a súa experiencia. Essas jornadas buscavam fortalecer a democracia participativa ou democracia directa frente a outros modelos de democracia delegada.

Em junho de 2002, *LVG* informa que o Departamento Municipal de Educación, segundo o seu relator, o edil Xosé Manuel Iglesias, escolhera o colégio de Vite como um dos centros escolares para celebrar a primeira experiencia da Escola de Verán. Non foi possível, por se celebrar nele umhas oposicións, embora também se acabariam por deslocar para outro lugar. Vite, pois, já se tinha em conta polo Goberno Local para essa iniciativa, consistente em prolongar actividades educativas unha semana em junho e outra em setembro, fora de horario lectivo, para facilitar a conciliación das familias, por ser época de férias escolares.

A revista mensal *Tempos Novos* dedicou esse mês o assunto principal de debate ao tema «A Galicia alternativa. Activando a cidadanía», com quase trinta páxinas monográficas, nas quais tenhem especial protagonismo as experiencias do movemento vicinal de Compostela e Vite e os restantes planos sociocomunitarios. Marco Marchioni, asesor do Plan Galicia sobre Drogas, indica num traballo aí publicado:

o que aprendemos dos plans comunitarios é que a participación empeza sempre desde o diagnóstico e non cando este está feito (pola vangarda de turno ou polos técnicos), e á xente só se lle pide participar en algo xa decidido. [...] Outra lección é que o proceso de participación require organizacións abertas e flexibles, profundamente democráticas, que actúen á luz do sol, dando ampla información do seu funcionamento, actividades, propostas, etc.

Xosé López, Gori, participou numha mesa redonda sobre «Tecido social e democracia en Galicia», em que o educador de Vite defendeu que:

As experiencias comunitarias no agro do noso país son evidentes ó longo da historia, e iso dalgún xeito se foi perdendo, pero creo que na memoria de moita xente do urbano que procede do rural pervive ese recordo. O que se facía hai corenta ou cincuenta anos no rural era xuntar esforzos e aproveitar recursos, que é o que se fai hoxe en día no traballo comunitario. Non estamos descubrindo nada novo.

Um depoimento em que este técnico lembrava a sua primeira atividade, no sindicato Comisións Labregas, e em que transparecia o transfondo nacionalista da metodologia aplicada em Vite.

Outra revista, *Agália*, publicación internacional da Asociación Galega da Língua, escolheu esse verao Vite para a sua sede, ao igual que a entidade editora, que começárom a funcionar na rua Castelao.

Em julho, no LVG, numha informação sobre o encerramento do curso da Academia Médico-Quirúrgica de Santiago, que abordou a assistêncià à terceira idade, falou-se de problemas em Vite, de pessoas velhas que viviam sós, em edifícios sem elevador, a quem resultava difícil que chegassem os serviços sociais. Assinalava-se que, naquela altura, havia umha população envelhecida no bairro; e da recente morte da avó do mesmo, de 103 anos. Umha mudança, depois de 25 anos desde que se começaram a ocupar as vivendas, que espelhava a transformação do bairro, que se enfrentava a novas demandas para a sua gente.

Nesse mês inaugurou-se oficialmente a Escola Oficial de Idiomas de Santiago, que começou a funcionar a princípios de ano na sede do antigo centro escolar Vite

II. Era uma consequência de aquela transformação: já nom se precisava espaço para escolares de infantil e primária, e o edifício era reutilizado para outro uso. O ato contou com a presença do presidente da Junta de Galiza, Manuel Fraga (quem anos antes inaugurara no colégio de EGB a campanha autonómica *A mellor viaxe, un libro*); o presidente da Cámara Municipal, Sánchez Bugallo, altos cargos dos governos autonómico e local; e personalidades compostelanas, especialmente de centros de ensino nom universitário. No discurso proferido na ocasiom, Sánchez Bugallo manifestou que certos visitantes lhe perguntaram se Vite era a «zona residencial» de Compostela, sublinhando a evoluçom e transformação do bairro. Este foi o último centro de ensino inaugurado até agora, dous anos depois de que principiasse a funcionar também a nova Faculdade de Jornalismo da USC.

Em 22 de julho, a Comissom de Governo do Concelho de Santiago aprovou o *Convenio Marco de colaboración entre o Concello e a Asociación de Veciños Polígono de Vite*. Este assunto é focado, em 3 de agosto, no LVG, por Joel Gómez, numha informaçom em que salienta como no bairro levavam 15 anos de trabalho comunitário e prevençom social, e indicam-se as entidades que integram a Coordenadora, que nessa semana se reuniu e valorizou muito positivamente o documento aprovado polo Governo Local. Alfredo Santomil declara que era muito necessária a colaboraçom do Concelho, porque as restantes instituiçoms públicas com presença no bairro já participavam na Coordenadora. Manuel Portas, relator de Relaçoms Vizinhas e mediador para o convénio, afirma que as associaçoms vizinhas devem ter utilidade pública e serem motores da sociedade, pola sua proximidade, e confiava que este convénio marco fosse precedente para outros. Também manifestava que «A Coordenadora de

Vite é modélica na intervençom social e na capacidade de resolver problemas».

Em 13 de setembro, um grupo de scouts alemans visitam Vite e conhecem a experiênciã do plano sociocomunitário, por recomendaçom de Luís Cuntín, quem man-tinha o contacto com Vite desde os tempos do PPDS. O diállogo resultou frutífero para as duas partes «e eles reagírom muito surpreendidos do que se fizera, pergun-tavam muito, interessavam-se por como e com que recursos trabalhamos», assinala Rosa Álvarez Prada.

Em 6 de outubro, Luís Cristobo entrevista no LVG a Alfredo Santomil, quem qualifica de «feito histórico» o convénio com o Concelho. Ao lembrar a trajetória do bairro, o dirigente da A. VV. resume-a deste modo:

Habia moitos problemas urbanísticos, de vivenda e sociais. Afortunadamente, solucionáronse favora-blemente e agora Vite é un barrio máis, integrado de cheo na dinámica da cidade con servicios e tamén cun certo atractivo. [...] Hai xa 15 anos que estamos a desenvolver pola nosa conta un plan comunitario sen ningunha intervención do Concello. Agora do que se trata é de coordena-las accións para mellora-la calidade de vida dos veciños.

Era um discurso mais optimista, esperançado numha nova dinámica de trabalho. Em 7 de outubro assina-se o convénio entre a A de VV de Vite e o Concelho. Partici-párom Alfredo Santomil, Manuel Portas e Sánchez Bugallo, quem se referiu na ocasiom à mudançã experi-mentada por Vite. Atribuíu-na à dupla atuaçom de, por um lado, as instituiçoms, com fortes investimentos no bairro para solucionar carências, mas também reconhe-ceu o trabalho desde a Coordenadora, propiciado polo plano sociocomunitário. O presidente da Câmara Muni-cipal lembrou os tempos em que «ser de Vite» supunha

um estigma de marginalidade na cidade, e relatou como Felipe González, quando visitou o Auditório de Galiza para umha inauguração, qualificou Vite, polas primeiras impressons, como «bairro residencial»; e como se escolhera Vite para designar como José Saramago o centro sociocultural e a biblioteca de Vite. Sánchez Bugallo dixo que sentia orgulho da nova percepçom que oferecia Vite para as pessoas visitantes, bem longe de aqueles tempos conflitivos e de marginalidade.

Em finais de outubro, no local da Coordenadora da rua Castela, reuniu-se a Associação Galega de Planos Comunitários, que tentava somar esforços para reivindicar um tratamento diferente e mais favorável por parte das instituiçons. Aspiravam a que se partisse de um reconhecimento da sua atividade para ter preferência no acesso a certas prestaçons contempladas nos orçamentos públicos.

Em 16 de novembro, Xesús Igrexas Luqui, e Gori dialogárom sobre a transformaçom do bairro com alunado de Animaçom Sociocultural do IES de Sarria, que se achegou para conhecer a experiênciade Vite. «Nós consideramo-nos sempre como libertados ao serviço da vizinhança, nom como técnicos no sentido de tecnócratas», manifestou Gori, quem lhes explicou como desde os primeiros instantes apresentavam projetos em todos os lugares que era possível para tentar conseguir ajudas. Os dous lembrárom a marginalidade que caracterizava o bairro quando começou o projeto sociocomunitário: «a mocidade tinha problemas para sair de noite, pois os táxis nom queriam vir aqui, pensavam que todos os de Vite eram ionquis ou quinquis e nom queriam expor-se a problemas», relata Luqui, quem pormenoriza como nom se precisa muito dinheiro para organizar atividades. Os dous insistírom na necessidade de trabalhar com um grupo organizado, recolher diferentes sensibilidades

e integrá-las numha dinâmica de atividades orientadas para melhorar o bem-estar e a qualidade de vida. «Isso devia ser um serviço público, mas se a Administração nom o fazia, tinha de ser a própria comunidade a que se autoorganizasse. Havia que tentar conetar com a gente com problemas, o que supom esforço, mas é a única maneira de conseguir efetividade; nom esperar que essas pessoas venham a ti ou passem polo local, porque isso seguramente nom acontecerá», indica Gori. Luqui explica como organizavam a Disco-Ligth, como procuravam discos, locais e apoios «para oferecer o mesmo que umha discoteca da zona nova, mas sem álcool. Isso era importante, porque a bebida era umha porta para outras drogas, por mais que muitos pais nom lhe prestassem atençom. Havia pais que aceitavam que o filho se embebedasse, consideravam-no normal; mas indignavam-se muito se lhe encontravam umha *china* [dose] de haxixe». Luqui ressalta a «necessidade de estar com as pessoas, saber buscar a vida, implicar a gente mais favorecida para que devolva à comunidade parte do que ganha colaborando de diversas maneiras; mas também que os participantes saibam o que custa conseguir as cousas».

Em 22 e 23 de novembro a Cámara Municipal de Santiago organizou, no Auditório de Galiza, as *II Jornadas do Movimento Asociativo Veciñal de Compostela*, subordinadas ao tema «Construíndo a democracia participativa». Participárom de forma ativa porta-vozes da A. VV. Polígono de Vite e a Coordenadora. Alfredo Santomil mais umha vez insistiu nesse foro numha velha aspiraçom, muitas vezes reivindicada nos últimos anos: a necessidade de coordenar esforços entre o Concelho e a associaçom para nom esbanjar energias e obter um maior rendimento social. Com ensejo das jornadas difunde-se o número 3 da revista *O Pichel*, publicada pola Concelharia de Relaçons Vizinhas, que dedica a

página 9 à informação «O Concello e os veciños de Vite únense para potenciar o tecido social do barrio». Nesse lugar informa-se do convénio assinado no mês anterior, indicando que as actividades a realizar deviam dirigir-se a toda a povoação do bairro, considerando-se setores prioritários a juventude e a infância, e conclui-se que «buscárase a coordinación con todos os recursos sociais existentes no seo da propia comunidade. O Concello de Santiago facilita o emprego das instalacións municipais existentes no barrio de Vite para desenvolver todos os programas e actuacións que teñan lugar dentro do Plan comunitario». Desse modo se reconheciam aspiracións muitas veces reivindicadas e reiteradas desde a Coordenadora.

De 27 a 29 de novembro, em Cee, a asociación Neria organizou as *VI Xornadas de Prevención das Drogodependencias*, com apoio da Junta de Galiza, Deputación Provincial e Cámara Municipal: nesse foro, o diretor da Unidade Municipal de Tratamento de Drogodependentes de Riveira [sic] assinalou Vite como um bom exemplo de atuação para abordar o problema das toxicodependências, desde a própria organização da comunidade, e insistia em que nom havia receitas preventivas de maior sucesso para a abordagem desse problema sociosanitário.

De 27 a 30 de novembro, Gori deslocou-se a Valência, esta vez a convite do movimento Tomamos la Palabra, para explicar mais umha vez a experiência de Vite, mas desde a perspectiva de umha atuação do movimento cidadám, na seqüência de umhas jornadas internacionais sobre «Educación para la participación». O trabalho de Vite foi também exposto em vários painéis.

Enquanto se mantém esta atividade exterior, no bairro funcionavam os dous locais da Coordenadora. O mais antigo, nas praças de Belém, acolhia a formaçom prelaboral, colaborando com a empresa Televês; e fun-

cionava também para outra formação, como por exemplo que os participantes aprendessem a fazer o reparto do dinheiro que lhes correspondia, um trabalho que supervisava Gori e que nom resultava fácil para alguns, que tardavam por vezes muito tempo nos cálculos. E o local da rua Castelao mantinha a escola de pessoas adultas, das associaçõs e iniciativas para a juventude, reuniões diversas... mas também nele estão boa parte dos volumes da biblioteca popular; cartazes, autocolantes e outras amostras do trabalho destes anos; computadores, prateleiras com documentação. Abre com frequência entre as 10.00 e as 23.00 horas para acolher ocupaçõs de pessoas do bairro. A entrada preside-a umha grande mesa, para reuniões e aulas; o interior está mais orientado para o trabalho do pessoal técnico e dirigentes vizinhos, e preside-o um grande autoretrato de Castelao, um símbolo que representa muitas cousas vivas em Vite, dizem.

UM FUTURO PARA GANHAR

O ano 2003 oferece as melhores perspectivas para Vite. Mantendo os convênios com a Conselharia de Sanidade e com a Universidade de Santiago, e vecinda a resistência do Concelho e juntando esforços também com ele, todo parece indicar que se dam as circunstâncias propícias para enfrentar novos reptos. Será num ano em parte especial, depois de 25 anos desde que chegarom os primeiros moradores ao Polígono de Vite.

O Plano Sociocomunitário insiste em diferenciar dous níveis de intervençom interrelacionados: um preventivo e outro de incorporaçom social. Com três áreas de atuaçom específicas: comunitária, escolar e sociolaboral. Isto concreta-se em questons como a Escola Dinâmica de Pessoas Adultas para maiores de 16 anos; a Escola de Pais/Maes; Biblioteca do bairro e Aulas de apoio; manter o ponto de informaçom juvenil «Triquiñola»; editar mais números do *Curriculum Vite*, potenciar a ludoteca, educaçom ambiental, reativar a exitosa Discoteca Ligth, pôr em andamento um videofórum, o programa «fai deporte no teu barrio», comemorar as festas tradicionais; organizar a XIII Olimpíada Deportivo-Cultural e a XVII Semana de Cinema ao Ar Livre (que valorizam mudar para junho); programas de atuaçom psicopedagógica, medidas de apoio em situaçons de difícil inserçom sociolaboral, potenciar a formaçom e orientaçom laboral, dedicar

um educador a tarefas de educação de rua, colaborar com a Plataforma polo Emprego para o fomento da incorporação ao mercado de trabalho... Som atividades em que querem implicar a numerosos departamentos municipais, como os de Cultura e Centros Socioculturais, Desportos, Desenvolvimento Económico, Educação, Meio Ambiente, Mulher, Relações Vizinhas ou Serviços Sociais.

Esta programação mantém atividades que demonstraram resultar bem sucedidas na experiência destes anos, resgata outras que não tiveram continuidade por falta de locais, e formula novas propostas, tentando contar com mais apoios, e coordenação com os recursos municipais.

No entanto, o mais importante é ter conseguido o reconhecimento da totalidade das instituições que operam diretamente e têm competências no bairro. Atinge assim a plenitude a metodologia para trabalho social de linha nacionalista que sempre esteve atrás o projeto de Vite e cujos principais teóricos, como Daniel López Muñoz, Muñiz de las Cuevas, Luís Cuntín ou Salvador Bará continuam com estreito relacionamento com a experiência, que mantém os mesmos técnicos de finais da década de 80, pois souberam desenvolver os reptos, sem rigideces, com continuadas revisões, e sobretudo com um diálogo permanente e com a implicação participativa. Assim, a comunidade de Vite se autoconstruiu progressivamente e alcançou um alto nível de identificação e satisfação, melhorando o nível de vida e esquecendo as penúrias do passado.

Vite afronta novos reptos. Mas no bairro pouco parece dizer hoje as notícias sobre o problema da delinquência noutras zonas da cidade. Em Vite de Compostela experimentáron como só a repressom não é o caminho e que a alternativa mais eficaz parece mais próxima ao que eles fizeram neste tempo: implicar a

toda a vizinhança, promocionar a participação, dar voz e promover foros de diálogo, trabalhar enfim entre todos por objetivos que unem para melhorar a qualidade de vida. Cada um segundo as suas possibilidades, e tendo em conta as necessidades de todos, numa sociedade diversa e plural. A sua experiência vale a pena para ter muito em conta.

AVALIAR O FEITO, CONTINUAR PARA A FRENTE

Em 2003 o bairro de Vite completa os 25 anos desde que se começou a ocupar o polígono de vivendas que o originou. Fôrom muitas as mudanças neste tempo e som muitos os reptos. Incluem-se na continuação opinions para valorizar, desde dentro e desde o exterior, esta intensa etapa em que a comunidade se (auto)construiu até chegar à atual situação, de um bairro com forte identificação. Em definitivo, avaliar o feito, antes de continuar para a frente.

Manuel Portas, relator de Relaçõs Vizinhais no Governo Municipal de Santiago, quem participou decisivamente para formalizar o convénio assinado em outubro de 2002 entre Vite e o Concelho, valoriza de Vite o possuir umha A. VV. que se preocupou por ter enraizamento no entramado social do bairro, nom só em reivindicações como o ponto de luz o outras melhoras «de que também se ocupou, por certo. Mas, sobretudo, é de relevo o que se soubesse constituir num ponto de encontro e de coesom social, de facilitar a participação da gente. Trata-se de um trabalho que se deve ter muito em conta e espero que o convénio assinado em outubro com o Concelho se note e beneficie ainda mais o bairro, ao somar esforços e recursos».

Jesús Morán, do Plano Autonómico de Drogodependências da Conselharia de Sanidade, que subsidia desde 1990 o trabalho sociocomunitário de Vite, afirma:

este plano é, dos 8 aprovadas no país, o que destaca quiçá mais pola atividade diária de mobilizaçom. Desde a conselharia tentou-se que confluíssem os interesses do Concelho e da Coordenadora, e espere-mos que se consiga com o convénio assinado em outubro de 2002, pois é bom que haja recursos coordenados, que nom se desperdicem esforços e energias. Vite é dos planos que estão melhor e a ideia é estabilizá-lo. Aquela tensom que havia no bairro calmou-se e nom existe, mas segue havendo consumo de drogas. Nom é tam rechamante como resultava a heroína; agora é mais difícil, porque o consumo de pastilhas e cannabis nom é tam público, mas através dos contactos que tenham com os centros de ensino, sobretudo com o Gelmírez II, seguramente terám detetado inícios de consumo, desde o ensino secundário, como acontece noutros lugares do país, para os que se precisam respostas e novas focagens, para que chegue a mensagem preventiva a esse consumo mais recreativo, mas do que se podem derivar situaçons muito problemáticas.

Morán assinala que todas as iniciativas comunitárias de drogodependências figuram no Plano de Inclusom Social da Conselharia de Assuntos Sociais, e no futuro haverá que delimitar a qual dos dous departamentos do Governo Autónomico pertencem, Sanidade ou Assuntos Sociais. «As experiências atuais funcionam, mas nom é questom de estendê-las indiscriminadamente. Ainda que a metodologia é a mesma, e é válida, Marco Marchioni é bem conhecido; mas a forma de aplicá-la varia segundo as necessidades de cada lugar. O importante é consolidar o que há e que cada lugar consiga umha resposta mais global para os seus problemas», defende Morán.

O magistrado **Carlos López Keller**, hoje no Tribunal Superior de Justiça de Galiza, apesar de assistir a algunha reuniom no tempo de elaboraçom do PPDS manifesta nom ter participaçom ativa no documento. Ao rememorar as suas opinions sobre a conflitividade

social de 1987, na sua despedida de Compostela, afirma que as defendeu sempre, pois a maioria dos problemas que chegavam aos julgados da cidade, onde tivo muito trabalho, eram por motivações socioeconómicas das classes mais desfavorecidas que, com efeito, estavam a ser sentadas no banco dos acusados pelas classes mais poderosas, como tinha dito naquela altura. Qualifica os casos de droga que lhe chegavam como umha desgraça, e afirma que observou como muitas de aquelas pessoas que ele julgava morrerem, e como nos inícios do século XXI a droga move-se já a níveis diferentes.

O magistrado **Fernando Seoane Pesqueira** assinala que, na atualidade, com o Código Penal, é mais fácil para a Justiça afrontar casos como o de António Rial, sobretudo por estar regulada a possibilidade de trabalhos em benefício da comunidade e outras alternativas «que evitam que algumas pessoas voltassem a consumir droga na cadeia ou se expugessem à sida». Em Compostela, nos anos em que ele exerceu como juiz de Primeira Instância e Instrução, «a falta de polícia judicial era um problema sério; de existir podia servir de nexo com a A. VV. de Vite». Até 1995, esclarece:

umha preocupação dos juizes nestes casos de pessoas drogodependentes reabilitadas, ou em processo de reabilitação e com condenas pendentes, era nom pilhar os dedos com a legalidade vigente, porque se se aplicava estritamente nom havia base para deixar em liberdade e devia decretar-se o reingresso em prisom. Por vezes amparávamo-nos mesmo no direito à reinserção social recolhido na Constituição, que nom se garantia suficientemente nos cárceres. O nom haver associações privadas nem públicas suficientes para a reinserção era outro grave impedimento; hoje a maioria de aqueles reclusos nom ingressariam no cárcere.

Os delitos de drogas mudárom, acrescenta este magistrado, e hoje já se julgam mais relacionados com dinheiro, mas «na altura a policía tinha pouca preparación, por isso a maioría dos delitos que chegavam ao xulgado eran relacionados com o patrimonio, delinqüência menor. Aínda que hoje os medios na Administración de Xustiza nom están tam desenvolvidos como devera; há medios que se podían pôr em práctica e com os que nom contamos. Na Audiência Nacional traballan até com videoconferência, mas no meu Xulgado hoje aínda nom há algo tam elemental como informática em rede», resalta Fernando Seoane Pesqueira.

Marco Marchioni, asesor dos oito planos comunitarios galegos, afirma que nom há dous que sejam iguais, pois cada un adapta-se à súa realidade, mas destaca como «experiencias clave» as de Vite e Carança (Ferrol), que representárom proxectos inovadores, ao surtirem desde AA. VV. que tentárom incorporar todas as forzas sociais que querían traballar no territorio. «Hasta entonces, en España, hubo intentos hegemónizados por AA. VV, pero en Vite rápidamente tomó el protagonismo la Coordinadora, lo que supone una innovación en España», explica. Para Marchioni:

Vite significa tres cosas: en primer lugar, la gestión asamblea del plan, las reuniones con salas llenas de gente en las que se hablaba y discutía lo que había que hacer; el intento por parte de la Coordinadora de implicar todos los recursos que actuaban en el barrio, sin exclusiones, con una actitud incorrecta de no colaborar por parte del Ayuntamiento; y el dedicar atención al trabajo, a la preparación para el empleo, plantear el futuro de la juventud en términos de ocupación, una cuestión que no trabajaban los planes comunitarios, que pensaban que el trabajo era algo que cada uno debía buscarse por su cuenta y no valoraban el aspecto laboral como desarrollo

local. [...] La experiencia de Vite debe superar el barrio y trasladarse a otras zonas de la ciudad, y de España, donde la participación ciudadana está muerta, o casi, y la política va por otros derroteros. Esta es una cuestión clave, porque uno de los peligros de los planes comunitarios es caer en el localismo, en la visión endogámica. También deben actualizarse para los cambios que ha habido en Vite, ver el nuevo perfil sociológico del barrio respecto a la ciudad [...] Sin hacer ningún tipo de triunfalismo, fue mucho lo que se logró en Vite, a pesar de trabajar sin dinero. Cuando un chaval del barrio tiene un problema viene a la Coordinadora, no a los servicios sociales municipales: creo que eso lo dice todo y es un elemento clave para explicar el trabajo realizado.

Valoriza Marco Marchioni que Galiza acertou ao tomar a dianteira no Estado, desde os tempos do Goberno autonómico tripartido, no desenvolvemento dos planos comunitarios, aos que se une desde há quatro anos sobretudo Catalunya, porque «los planes hacen prevención inespecífica, crean condiciones de vida mejores y reducen las posibilidades de que la gente se enganche en las drogas. Hasta que una persona no ve posible una alternativa a la realidad que tiene no hay nada que hacer. Si ve que es más feliz con alternativas que puedan dársele desde los planes comunitarios, entonces se controla el tema de la droga». Umha das explicações à toxicodependência, acrescenta, é que «se vea la droga como una reacción contra el descontento que provocan la familia y la forma como está organizada la sociedad. Hace años el problema era muy evidente, porque la heroína se detectaba fácilmente; ahora las drogas de diseño son más complejas, al no verse es más difícil actuar y exigen otros planteamientos. En una sociedad individualista, muy competitiva, donde prima la ideología del Gran Hermano, mantener valores es muy complicado para todos. También para los

adultos. Lo que pasa es que el adulto busca soluciones como beber en solitario, y la borrachera individual no es un fenómeno social que cree problemas; sí lo es que se junten los jóvenes para beber, entonces surge el problema del botellón». Marco Marchioni propone que Vite «promueva un gran encuentro público, abierto, para explicar su experiencia, los logros y los pasos dados, ahora que se abren nuevas perspectivas por las posibilidades de coordinación con el Ayuntamiento. Y que busque otros apoyos, como la Diputación. Si se usa el centro sociocultural para ofrecer servicios, el local alquilado de la calle Castelao puede utilizarse para una ciberaula o servicios de informática que atraigan a los jóvenes. La dinámica debe cambiar, para adaptarse a los nuevos retos».

Miguel Romero, coordinador del movimiento Tomamos la Palabra, valoriza Vite como «una experiencia bastante excepcional, por el trabajo realizado en un barrio que partía de una situación de marginalidad, de mala imagen y con dificultad para ofrecer respuestas sociales y políticas». Para Romero, hubo dos claves que explican el éxito alcanzado:

por un lado, el punto de partida de la Asociación de Vecinos, que renunció a tener protagonismo y tuvo un papel de entidad impulsora de un movimiento asociativo, delegando en la Coordinadora del Barrio. Frente a otras experiencias en las que la asociación vecinal mantiene con el vecindario un papel de subordinación semejante al trato que la propia entidad recibe del Ayuntamiento, en este caso dejó el protagonismo en una red de asociaciones que logró una capacidad de interlocución importante con el propio barrio y con las instituciones. En segundo lugar, fue importante el papel de los técnicos, que no se arrogaron un papel de directores, sino que actuaron al servicio de la Coordinadora, integrándose en ella y trabajando desde dentro del movimiento, con una colaboración y apoyo efectivo. En Tomamos la Palabra

seguimos con mucho interés lo que ocurre en Vite, porque creemos que se trata de una experiencia válida, que se puede tener en cuenta para otros lugares, tanto de España como del extranjero.

É assim, segundo este especialista, porque «aunque las realidades culturales y socioeconómicas sean diferentes, hay unos puntos en común y unos problemas que no difieren mucho, como las situaciones de marginación, el tejido social deprimido sobre el que se debe intervenir, o los problemas de relación con instituciones y técnicos. La respuesta y la experiencia de Vite merecen ser tenidos en cuenta, por eso nos preocupamos de conocer mejor su trabajo», afirma Miguel Romero.

Ramón Muñiz de las Cuevas, na atualidade funcionário de Serviços Sociais da Junta de Galiza e presidente da Associação Galega de Trabalho Social Comunitário, salienta que a promoção de um modelo para o trabalho social desde Galiza, que é o aplicado em Vite com sucesso. Valoriza Muñiz:

via-se como umha necessidade quando, com o desenvolvimento da primeira Lei de Serviços Sociais autonómica, aprovada em 1987, observamos que cada um fazia o que queria no seu Concelho; era preciso sistematizar e coordenar os esforços. Pola situação de desenvolvimento de Galiza, pensávamos que aqui tinham mais utilidade experiências de Latinoamérica que as europeias; no nosso país faziam falta serviços sociais mais dinâmicos, que se implicassem na mudança, na linha do defendido por Paulo Freire e outros.

Durante a etapa do governo tripartido, Muñiz de las Cuevas foi chefe do serviço de planificação, dentro da Direção Geral de Serviços Sociais «e no final dêrom-se condições favoráveis para tentar aplicar aquela metodologia. Começou-se a contratar gente, à que se lhe oferecêrom

cursos de formação, convencendo-os de que não deviam fazer assistencialismo só, mas meter-se no campo socioeconómico, trabalhar de colaboração com especialistas em sociologia, psicologia e mais profissionais». Lembra que «Aquilo tivo a oposição de trabalhadores sociais, que pensavam que se lhes usurpava o emprego. Apoiava a Associação de Trabalho Social Comunitário, a cujas reuniões ia muita gente, havia muita efervescência e interesse. Mas só durou quatro meses, porque depois ganhou as eleições o PP de Fraga Iribarne e acabou todo. Introduziu-se o salário social e a lei da Risga, mas nunca se funcionou com equipas comarcais, partindo desde a realidade da paróquia. Agora chega dinheiro da UE e fazem-se cousinhas; mas pouca coisa para os problemas que há».

Daniel López Muñoz, hoje funcionário da Conselheira de Pesca, com destino temporal em Namíbia para tarefas de formação, afirma que Vite demonstrou o benéfico que resulta quebrar a dualidade de umha A.VV. que reivindica soluções para problemas de luz e semelhantes, e outras entidades com intervenção pública ou privada relativa aos problemas sociais: «ao integrar o trabalho conseguiu-se umha perspectiva comunitária e umha síntese que pudo dar melhores resultados de não haver umha dupla rede de atuação por parte do Concelho. Esperemos que agora, com o convénio assinado em outubro, se veja a luz no final de um longo túnel de divórcio metodológico e se integre todo». Segundo este especialista «as instituições tendem a esclerotizar o trabalho, a criar compartimentos estanques, a não deixar nada fora do controlo dos técnicos; e há que procurar trabalhar de outra maneira, não burocratizar-se, isso resulta difícil». Defende que «Vite não deve renunciar à capacidade autoorganizativa, à solidariedade, à autoajuda espontânea; deve apoiar mais essa

riqueza comunitária que conseguiu, nom dar costas a iniciativas que tivérom boa resposta e que están na base social existente na paróquia galega desde sempre».

Teresa Vilaseco e Beatriz Cedrón, técnicas da Plataforma polo Emprego, em que também as acompanha **Nadia Álvarez**, acodem a Vite um dia por semana, onde dedicam especial atençom ao coletivo do Taller Pre-Ocupacional da Coordenadora, ao que ajudam para a procura de emprego. Os meses finais de 2002 é um período importante, porque están formando duas pessoas para umha iniciativa empresarial, de transformaçom de azeites sobrantos de estabelecimentos hostaleiros. «O objetivo é pôr a empresa em andamento e que o pessoal seja autónomo, ao cabo de um período de ajuda. Desde esses azeites podem-se fazer produtos como sabom, detergentes e outros; trataria-se de crear umha empresa para todo Santiago, para o que se tentará chegar a acordos com o Concelho e a Associaçom de Hostalaria», explica Teresa Vilaseco, a quem se lhe valorizou o seu trabalho na década de 80 em Vite para ser seleccionada pola Plataforma. O projeto, segundo explicam, constará de diversas fases, como a recolhida de azeite para levar a reciclar a umha empresa de Vilagarcia, a compra de recipientes, a adaptaçom de um veículo para transporte, com as medidas de segurança correspondentes. A sua companheira, Nádia, estuda a viabilidade empresarial; Beatriz contacta com empresas e realiza um trabalho de mediaçom; e Teresa centra-se mais nos labores de orientaçom. Tomam esta iniciativa com especial dedicaçom porque «é o primeiro projeto empresarial que emerge na Plataforma, que trabalhou noutro tipo de propostas e em alternativas de autoemprego. Assim, formárom-se camareras de pisos para trabalhos em hoteis, e todas están empregadas, nas empresas onde realizárom práticas; e tentamos formar escaiolistas, encofradores, albanéis,

fontaneiros, eletricitistas e outros empregos orientados à construção, para os que há demanda», indica Beatriz Cedrón. A Plataforma preocupa-se sobretudo das pessoas de mais difícil inserção laboral, o que oferece muita complexidade, indicam. Apesar de nascer com a ideia de ter âmbito autonómico, está centrada exclusivamente em Compostela, e nela colaboram de forma estável, além da A. VV. e da Coordenadora de Vite, Cáritas, a A.VV. A Xuntanza de Sam Pedro, a associação de mulheres Recandea do Castinheirinho; Chavós e Dom Bosco. Participam também, embora menos intensamente, a associação Alecrin, o centro de formação Forga-CIG; a UMAD e os serviços sociais do Concelho. Teresa e Beatriz ressaltam que cada vez recebem mais pessoas a quem lhes recomendam que contactem com a Plataforma ex-usuários da mesma, o que vem como um bom indício dos resultados do seu trabalho.

O sociólogo **Luís Cuntín** valoriza que os redatores do PPDS nos finais da década de 1980-1990:

tivemos a capacidade de sonhar com os pés na terra, trabalhou-se bem, com generosidade. Havia um alento e um compromisso social com este país. Eu hoje sigo crendo, como antes, no trabalho social comunitário, ainda que sejam precisas novas estratégias. E Vite demonstrou que se trata de umha alternativa acertada. Santiago perdeu umha oportunidade: se trocassem a política, se cressem no PPDS e o desenvolvessem como aconteceu em Vite, hoje poderia ser um exemplo para Europa de atividade social e participação vicinal.

Considera Cuntín que hoje poderia repensar-se aquele plano, mas vê-o difícil «pola mudança ideológica destes últimos anos. Agora há muito protagonismo da ONG. E eu creio no voluntariado, ainda que no trabalho social deve-se diferenciar bem o que é labor para o voluntariado e

para profissionais». Este sociólogo critica falta de reflexão teórica suficiente na atualidade, e a tendência a abordar os problemas por separado, isoladamente «como umha cebola à que se lhe vam tirando as capas. Falta originalidade para abordar problemas concretos. Para fazer um lugar mais habitável em todas as dimensões som precisas intervenções integrais, nas quais nom todo o tenhem que fazer os profissionais, é preciso contar com voluntariado. E desenvolver tecnologia para aumentar a privacidade das pessoas, porque a gente vive de maneira diferente, há mais mobilidade povoacional». Afirma também que falar de bairros nas cidades galegas «é muito relativo, muito diferente a outros lugares. Nom é o mesmo o Castinheirinho a respeito de Compostela que Vallecás e Madrid. Aqui, os rapazes dos bairros divertem-se e tenhem atividade no centro, e isto, como outros elementos, há de ter-se em conta à hora de atuar e procurar alternativas».

Salvador Bará, agora professor da USC, afirma que, «com o PPDS muitos escoitamos falar por vez primeira de equipas multidisciplinares colaborando com AA. VV., e conhecíamos as possibilidades do trabalho de profissionais da psicologia, pedagogia, trabalho social ou educadores e educadoras. Foi um momento importante, polo que pudo abrir de perspectiva para esses especialistas, cujas profissões estão hoje bem estabelecidas». Valoriza que a atitude do Concelho «evitou que o PPDS fosse a mais e assim perdeu-se umha oportunidade de ouro. Ou nom entendêrom ou nom quigêrom entender». Este representante do movimento vicinal, referente do bairro de Sam Pedro, valoriza Vite como:

a experiência mais rica de trabalho social comunitário da História da cidade e um exemplo de trabalho social, um exemplo único do que se pode fazer. A

orientaçom que seguírom foi a correta e nom é de estranhar que agora suscite mesmo interesse internacional. Vite demonstrava-nos que estavam fazendo realidade o que muitos pensávamos que era desejável, víamos como era possível; em Sam Pedro estivemos sempre muito atentos e valeu-nos de muito o seu trabalho, funcionárom como umha referência.

As iniciativas de Vite «fôrom umha experiênciã chave para nós e desde a A. VV. A Xuntanza seguimos algumas das suas iniciativas», admite Salvador Bará.

Magda Meléndrez, quem trabalhou nos inícios do PPDS, valoriza que «Vite representou um referente importante para o trabalho que realizamos no bairro de Sam Pedro, onde também houve coordenaçom de entidades como Chavós, Dom Bosco, a A. VV. A Xuntanza ou a biblioteca. Vite significava que se podia trabalhar socialmente, sem pensar só em festas. Para mim, aquela etapa de trabalho no PPDS foi umha experiênciã enriquecedora, algo único, polas situaçoms que conhecim». Assegura que «nunca tivem medo em Vite, pois sabia que contava com o respaldo da A. VV. Em Sam Pedro, como em Vite, deu-se umha merma de populaçom importante por causa de Fontinhas, para onde foi residir muita gente com trajetória importante no bairro, mesmo dirigentes vizinhais».

Para **Agustín González**, **Carmela Capeáns** e **Soledad González**, da associaçom vicinal do Castinheirinho, um dos grandes éxitos do PPDS foi que ninguém o pudesse capitalizar. No Castinheirinho também se fizo labor de prevençom e assistênciã, abrírom-se bibliotecas e houve outras respostas sociais que tivérom o seu antecedente no melhor conhecimento do que era o trabalho social, que começou por aquele tempo, afirmam.

A advogada **Isabel Castillo** vê a experiênciã de Vite como «absolutamente positiva e muito gratificante.

Houve muita ilusom por todo o mundo e muita juventude viu que podia ter umha saída na vida, pudo sentir-se protagonista de muitas cousas».

Duarte Crestar, da associaçom Chavós, valoriza positivamente o contacto com Vite, porque:

ajudou a mocidade cigana com atuaçons no Gelmirez II e, sobretudo, com o talher para formá-los para o mundo laboral. Foi também um lugar para a integraçom, mesmo as Olimpíadas, onde ao princípio havia equipas só de pessoas de etnia cigana, e com o tempo formárom com outra gente. Hoje há que salientar como, felizmente, desapareceu a Aula de Educação Compensatória [promovida desde o Concelho de Santiago para ensinar habilidades sociais básicas] e todo o alunado da etnia está em centros integradados. Vite tendeu-nos pontes para podermos funcionar nos duros tempos iniciais.

Depois, quando Chavós contou com um local próprio, na Costa do Veedor «o contacto continuou, assistindo a reunions da Coordenadora, que sempre acolheu os moços que enviávamos para aprenderem no talher, ainda que nom fossem de Vite».

Patrícia Pena, Jaime Subiela e Ana Trigo, ex residentes nos pavilhons do Burgo, admitem que agora há espaços de maior qualidade, mas que nom permitem a autoorganizaçom que existia nos pavilhons «e que era outra forma de aprender. A nossa luta para que se mantivesse, mas melhorando-o, nom prosperou, ainda que sigo convencida de que seria o melhor», manifesta Ana. Patrícia ressalta que «o contacto com a gente de Vite serviu-nos a muitos e muitas estudantes para conhecer a realidade. Lembro que por volta do ano 90 vinhérom um grupo de seropositivos dar umha palestra e foi um momento importante, porque depois comemos com eles, partilhámos utensílios, e assim para muitos foi um

conhecimento extraordinário sobre a sida». Jaime coincide nesta ideia: «o conhecer e ter relacionamento com a mocidade de Vite serviu a um bom número de alunado universitário para sacar muita tonteria do corpo; para ver como havia mocidade que controlavam muitas cousas e tinham muito boa formaçom para a vida e nom se lhes passava pola cabeça ir à Universidade, apesar de tê-la ao lado da casa, que havia cousas diferentes à endogamia que favorecia a USC. Foi muito o que aprendimos de Vite». Patrícia insiste na defesa dos antigos pavilhões do Burgo. Afirma:

foi terrível o acoso que suportamos os residentes e muito injusto o trato que se nos deu. Dizia-se que nos pavilhões havia droga, amor livre, festas todo o tempo, e outras cousas incertas, enfatizando sempre o mais negativo; mas nunca se dizia, ponhamos por caso, que para ter direito a umha praça no Burgo havia que ter um bom expediente académico, que éramos bons estudantes, que havia muito diálogo e autoorganizaçom com o que isso representava também de aprendizagem e preparaçom para a vida.

Patrícia, Ana e Jaime valorizam como lhes assistia boa parte de razom nas suas reivindicaçoms, porque nos 37 pavilhões que funcionárom havia 900 praças para residentes, mais do duplo que as atuais, polo que o novo modelo favoreceu interesses particulares em lugar de privilegiar os do estudantado universitário.

Para **Moisés Lozano**, docente do Gelmírez II entre 1988-1998, «O trabalho comunitário era algo que intuíamos na década de 80, quando trabalhávamos no PPDS, mas nom sabíamos exatamente como resultaria, por falta de experiência. Transcorridos todos estes anos, aquelas ideias que inspiravam inicialmente o PPDS, desenhado polos movimentos vizinhais e um grupo de técnicos, tenhem felizmente a sua continuaçom em

Vite, sob a forma de Plano Sociocomunitário». Valoriza que «o labor dos educadores e da psicóloga, arroupada polo movimento vicinal e com a colaboración de numeroso voluntariado, vem sendo muito positiva e tenta de ir respondendo aos reptos e desafíos, e às problemáticas dos novos tempos».

Laura Illobre, diretora da escola de infantil e primária de Vite, afirma que a mudança experimentada polo bairro foi radical: «frente aos mais de mil escolares que havia quando eu cheguei, no curso 2002-2003 há só 150, e de nom ser polos que venhem de Vista Alegre, A Peregrina e de outros lugares diferentes à zona de influéncia, este colégio mesmo correria o risco de fechar por falta de alunado. Isso tem explicaçons, como que antes havia muitas famílias numerosas, de até 13-16 membros, e este curso só temos umha de 3; antes os parques eram como um formigueiro, agora están quase vazios». Para Laura, Vite é agora «um bairro velho. Muitas pessoas novas formárom famílias e residem fora, em Briom, Sigüeiro, Milhadoiro e outros lugares; alguns enviam aqui os filhos porque tenhem em Vite os avós, que lhos cuidam. A grande mudança começou com Fontinhas, para onde fôrom muitas famílias. Ao abrir o colégio de Fontinhas, no primeiro ano tivemos em Vite umha merma de 90 escolares, e outros tantos no seguinte». A respeito da integraçom do centro na Coordenadora de Vite, afirma que «no ano 1995, após uns anos de distanciamento, recuperamos o relacionamento. Agora vem sobretudo Luqui, que oferta algunhas atividades. Ainda que a configuraçom do centro é muito diferente, porque os escolares de mais idade agora vam ao Gelmírez II. E está também o centro sociocultural, com o que temos bom contacto, que organiza atividades e se preocupa por ter na biblioteca ao dispor dos rapazes as leituras recomendadas». Laura desempenha cargos diretivos no

estabelecimento de ensino desde 1995, em que começou como secretária; e desde 1998 é a diretora. Durante esta etapa salienta acontecimentos como as dificuldades com o pavilhão polidesportivo no curso 1995-96, continuação de problemas que caracterizaram esta instalação por estar num lugar inadequado, afetado por um coletor; e que se encerrasse o antigo centro Vite II: «este é o terceiro curso em que estamos todos aqui, no que antes era o Vite I, que foi adaptado pelo Concelho, com um parque infantil e outras dotações. Era lógico juntar os dois, é o melhor. Agora somos 18 docentes, e conta com instalações magníficas, pois o ter pouca matrícula possibilita que haja salom de atos, laboratório, aula de idiomas, aula de informática, de educação física, sala de jogos para os mais pequenos, sala de vídeo, bibliotecas para os pequenos e para os grandes... O edifício está bem, há transporte escolar; funciona um comedor desde há três anos, ao acolher-se a AMPA à oferta do serviço propiciada pelo Departamento Municipal de Educação... Desde o curso 2000-2001 somos centro de referência para escolarizar alunado com defices motores, com um transporte especial, e isso favorece que venham desde Milhadoiro, Fontinhas, rua de Sam Pedro, Ámio; e isso também possibilitou a dotação de um docente dedicado a Pedagogia Terapéutica e outro a Audição e Linguagem, além de pessoal cuidador, adaptação de serviços higiénicos e professorado de apoio. No claustro apenas há docentes com veterania no centro, mas os que estamos trabalhamos para que todos estejam integrados e bem atendidos».

José Lodeiro, conserje do colégio, afirma que a muitos escolares que abandonaram o centro perdeu-se-lhes o rasto; mas com outros continuou o contacto. É o caso de Fran Fernández del Buey «que era muito bom estudante, lembro que escrevia poesia, e trabalhava como

um artista para solucionar problemas de eletricidade: desde que se foi tenho-o chamado e tem vindo para resolver mais de umha avaria». Agora nom se detetam problemas económicos como o de aquelas crianças que muitas vezes ficavam a meio dia sem comer no centro «e também se nota que venhem mais limpos, e asseados como é devido; antes via-se de todo».

O diretor do IES Gelmírez II, **José Luís Hospido**, afirma que nada resta hoje da conotação muito negativa que percebiam nos primeiros anos do liceu, quando as pessoas de fora se referiam a ele indicando ser «esse que está por Vite». O instituto conta no curso 2002-2003 com colaboração de pessoal da Coordenadora de Vite e de Chavós. Segundo Hospido:

houvo muitas famílias que, neste tempo, conseguírom melhorar o seu estatus social; muitas famílias de Vite que enviárom os filhos à Universidade. Mais que um problema generalizado do bairro, para mim haveria que falar de casos pontuais de marginalidade extrema, de famílias com grandes dificuldades e alunado com problemas sérios; o que acontece é que os meios de comunicação muitas vezes faziam de um caso umha geralidade. O funcionamento do Auditório e as novas faculdades resultárom muito positivos, para acrescentar a consideração social da zona.

A respeito do professorado, afirma que «a média de idade sempre foi inferior a 40 anos, houve gente com vontade de fazer as cousas bem e um ambiente bastante relaxado. Considero que o centro tem hoje umha conotação muito positiva. A integração dos mestres resolveu-se com acerto, em 1998, quando chegárom dez docentes do colégio de Vite. Aqui estivemos muito massificados, houve até seis grupos só do COU. Agora há 14 grupos de Secundária e 10 de Bacharelato e esperamos

que as novas vivendas que se constróem na zona puxem polo alunado e nom tenhamos problemas».

Felicia Estévez continua como docente do Gelmírez II e como dinamizadora da asociación de mulleres A Lagoa. «A asociación surgiu num instante de especial dinamismo, naquele 1991 em que aparecêrom também iniciativas como o grupo Formigueiro, Olhomol ou Pre-SOS, e mantém-se. Agora o que mais se potencia som as atividades de ócio e tempo livre. No ano 2001 organizamos um cursinho de Informática, no Gelmírez II, que pola novidade tivo especial sucesso. A nossa relação com o Concelho foi sempre boa, e participámos nas atividades que organizam em especial os departamentos de Mulher e de Serviços Sociais, como as de ginástica de mantimento ou de uso de Internet, trata-se de que nom haja duplicidade de esforços, de aproveitar os recursos que há». A Lagoa também se inseriu na Plataforma que trabalha em Compostela para conseguir melhores condições laborais das empregadas domésticas e que desfrutem de melhores condições na Seguridade Social, entre outras mejoras. Felícia foi também representante do Gelmírez II na Coordenadora, participando ativamente na sua Comissom de Ensino e transmitindo acordos ao Claustro do liceu; valoriza como muito positivo o trabalho de orientação no centro de ensino secundário; ou a educação para a saúde, de colaboración com pessoal do centro de saúde e com a psicóloga Rosa Álvarez. Afirmo Felícia Estévez:

Estivem na Comissom de Ensino da Coordenadora e o mais interessante era o trabalho para reforçar o alunado e prevenir o fracasso escolar. O talher de saúde no Gelmírez II tivo programas variados, mas os mais participativos fôrom os de Nutrição/Alimentação, Drogodependências e Sexualidade, especialmente este último, que ajudou muitas alunas no

plano pessoal e evitou situações de gravidez não desejada. Não foi fácil o labor, pois apesar de que o diretor, José Luís Hospido, e um amplo grupo de professorado apoiavam, havia também docentes contrários, que se falasse do preservativo supunha problemas. No Gelmírez II não lembro que houvesse conflitos por roubos nunca, em parte porque trabalhava como conserje uma mulher do bairro que conhecia as pandilhas, e também porque o centro soubo chegar a acordos com moços conflitivos, que num princípio punham entaves às aulas de educação física, mas que deixáram essa atitude quando se lhes permitiu utilizar as instalações desportivas fora de horário letivo.

Felicia fala com interesse da sua experiência na Coordenadora de Vite, sublinhando a colaboração entre os diversos estamentos do bairro, que se traduziu mesmo em êxitos, como as campanhas de vacinação no Gelmírez II contra a meningite ou contra a hepatite, facilitando que os pais autorizassem e facilitassem a cartilha sanitária, o que se traduziu em elevada participação. «Agora Vite tem outra infraestrutura e existe uma sensibilidade diferente, desapareceram velhas etiquetas do bairro e das suas gentes. O que demonstrou o trabalho destes anos é que resulta fundamental que uma comunidade tenha os seus recursos organizados e coordenados», insiste esta docente. Dos dois projetos em que mais decididamente se implicou, Felícia salienta como as atividades de saúde, ou as de orientação, em que participava a psicóloga Rosa Álvarez, no Gelmírez II ultrapassáram o bairro «pois mesmo nos chamáram outros centros de ensino da cidade, ou de Bertamiráns, de Melide ou de Briom para participar em atividades semelhantes». Não aconteceu o mesmo com A Lagoa «que colaborou com outras associações da cidade, mas não se conseguiu atuar coordenadamente com o exte-

rior, e isso que umha vez tentou-se especialmente, com umha associaçom de Coia (Vigo)».

Júlio Parente, ex dirigente da AMPA, salienta como mudançã de relevo que «antes havia vizinhos de Vite que mandavam os filhos a estudar a outros lugares da cidade, e agora acontece ao revés, venhem de outras zonas a Vite, porque dispom de muito boas instalaçoms e serviçoms». Ao valorizar o seu trabalho na AMPA, na qual seguiu enquanto tivo filhos em idade escolar, conclui que «perseguíamos que os nossos rapazes tivessem a mesma consideraçom que o alunado dos restantes centros, que nom houvesse etiquetas pejorativas por serem de Vite». **Manuel Rei**, ex presidente da AMPA, manifesta que «em Vite houvo um professorado de bom nível, salvo algumha exceçom, mas isso acontece em toda a parte. Conseguiu-se que o sambenito de baixo nível e de maldito que tivo o centro em algum instante desaparecesse por completo. Isso foi labor de muita gente, que trabalhou muito». **María García Vázquez**, outro nome de relevo da AMPA, salienta a solidariedade com as famílias de menos recursos («consequiam-se fundos para esses casos em parte cobrando mais nas atividades aos nom sócios», relata) e o facto de que «hoje há universitários de Vite, alguns em boa posiçom, que começaram no colégio e prosperárom, há vários casos. Trabalhar na AMPA supujo muitas vezes deixar a comida quando a estava fazendo e ter que ir à escola por um problema, ou estar às 4.00 da manhã trabalhando para o centro de ensino».

O coordenador do centro de saúde, **Manuel Bacariza**, afirma que tenhem agora um quadro de pessoal inferior, com só cinco médicos gerais, que atendem umha média de 1.750 tarjetas sanitárias individuais; um único pediatra, com umhas mil crianças no seu cupo; 8 profissionais de enfermagem, 4 de administraçom, um de trabalho

social e um auxiliar de enfermagem. A praça do médico António Álvarez nom se cubriu; e o mesmo aconteceu com a de um pediatra falecido. Também diminuiu a presença de residentes que se formam na especialidade de Medicina Familiar e Comunitária: inicialmente passavam todos por Vite, agora oferece-se essa formação nos outros três centros de atenção primária da cidade e no da Estrada, polo que em 2002 só há dous, embora o coordenador, que agora é José A. Ferreiro, continue em Vite. No entanto, o centro iniciou outra atividade pioneira: a formação de alunado de Odontologia, à que espera acrescentar de Medicina, polo que nom só acolhe pós-graduados, mas também pré-graduados, afirma, algo que se concretou através de um convénio entre o Sergas e a Universidade de Santiago. Sempre houve, e continua, o trabalho de investigação; o centro está informatizado e foi um dos 11 eleitos na Galiza para iniciar, em 1998, um programa de autogestom. Bacariza afirma que a população de Vite mudou e isso nota-se na consulta, pois hoje mais do 20% das pessoas do bairro ultrapassam os 65 anos. Se nos primeiros anos cada médico atendia umha média de 8 a 10 consultas, agora recebe de 35 a 40. Respeito às pioneiras iniciativas de teleoftalmologia e teledermatologia em Vite, os resultados fôrom expostos em vários congressos e foros especializados, recebendo mesmo algum prémio, e salientando o seu interesse para reduzir a lista de espera e agilizar a consulta dos doentes nessas especialidades, umha situação de que se favorecem vários médicos de Vite, mas que ainda se desenvolveu muito pouco na Galiza, sendo Vite umha experiência quase isolada, favorecida por umhas circunstâncias de ajudas muito concretas. «Vite hoje nom é nengum getho; a imagem do bairro melhorou, porque houve gente que trabalhou muito para conseguirlo», afirma Bacariza.

Fran Fernández del Buey, porta-voz de PreSOS, relata que a associação esteve em Vite até 1993. Depois, deslocáram-se durante dois anos ao pé da UMAD, quando a sede deste centro municipal de atenção a pessoas drogodependentes estava na rua Castanheiros, nos Pelámios, muito perto da Praça do Obradoiro. Ali abriram o bar O Talego, «com a intenção de nos aproximarmos mais a Santiago e que a nossa protesta fosse mais global». Era um bar diferente: com biblioteca, talher, assessoria jurídica e outras prestações para ex enganchados na droga. Desde 1995 radicáram-se na Casa Encantada, no bairro de Sar, onde apoiáram o projeto okupa. Nesse local funcionam com normalidade, e dispõem de página web: www.casaencantada.org/pre-sos. Fran admite que «o nome ter ido eu à cadeia foi casualidade», pois pudo ter esse fim. Valoriza que, na década de 90, «umhas 300 pessoas moças morreram em Compostela por causa da droga; há toda umha geração afetada». A ele morreu-lhe um irmão; no caso de Toné eram três irmãos «e estão todos mortos». Na sua memória está o enterro de algum desses moços «em que ninguém queria botar-lhe a mão à caixa»; pessoas que passaram oito anos no cárcere, que andavam pelo bairro com um peso de 40 quilos «e aguantáram 3 ou 4 meses, via-se-lhes a morte na cara». Afirma Fran que de todo aquilo «há responsáveis» e acha que «Compostela tem umha dívida histórica pendente com Vite, pelas tentativas de divisão do bairro, por nome ter apoiado, por negar locais, pelas desatenções». PreSOS surgiu como «umha associação pela vingança», que nome esquece «os que morreram, que hoje estariam governando esta sociedade. É duro pensar que temos sete anos mais dos que eles nunca chegaram a viver, eles que nos pareciam super-maiores, imagino o que seriam hoje com mais de 30 anos». A associação inicial «Ajuda aos

Presos» é hoje PreSOS Galiza, passou a ter inicialmente âmbito autonómico, depois mesmo estatal, estão na Comissom de Sida e Cárcere de Espanha, viajam todos os meses a Madrid para se coordenarem com outros grupos, têm pleitos na Audiência Nacional, impugnam ordens ministeriais, fazem o relatório anual contra a tortura... Reivindicam a «nom individualizaçom» e Fran manifesta-se convencido de que a droga afasta-se quando as pessoas têm oportunidade de outro tipo de vida, ele pudo verificá-lo na sua experiência.

Anxo Castro, ex dirigente da A. VV. e da associação Choupiño afirma que «a primeira geraçom de adolescentes de Vite, que começou com a minha, foi a mais complicada de todas. Palpava-se a marginalizaçom, para a gente nova nom havia nada, havia que ir a outros lugares para todo. A gente baixava para estar na rua, tínhamos pouco relacionamento com outros bairros. Por vezes vinham os de Sam Caetano e pelejávamos». A época de maior número de sócios da A. VV. «foi entre 1987-1992, havia uns 480, que pagavam sempre umha quota pequena, umhas 600 pesetas por ano; agora som 6 euros. Faziam-se poucas gestons, a gente estava mais implicada por arranjar o das obras necessárias para as vivendas. Ao se constituir a Coordenadora, a A. VV. começou a ter maior dinâmica, ainda que se diluisse nela, estava mais na sombra». Anxo, como secretário, ocupava-se das atas das numerosas reunions «fazia-se um calendário para todo o ano, de outubro a outubro. As reunions eram quase sempre nas sextas-feiras, polas 21.00 horas. Ao acabar, a diretiva ia muitas vezes ao Mesón do Pulpo». Apesar do recente convénio de outubro com o Concelho, julga que «continua a desconfiança a respeito do Concelho, o enfrentamento de tantos anos marcou». Nom lhe resultou fácil deixar o cargo «porque hoje é difícil encontrar pessoas para relevos, a gente

nom intervém no associacionismo, na vida coletiva. Nestes anos bem vim como se queimou muita gente por ter que participar em todo, enquanto outros nom faziam nada». O trabalho na A. VV. de Vite tivo muitos instantes de desgaste «pelo desencontro com o Concelho: fazíamos umha proposta, negavam-na e depois faziam-na eles. Por exemplo, um pedido que fizemos para reciclagem de resíduos: negarom-nos o que pedíamos e ao cabo de dous anos começárom eles, por mais que depois deixárom morrer o trabalho iniciado. Parecia que se algo nom faziam desde o Concelho nom queriam que o fizesse outra gente». Lembra como um instante de revulsivo a entrada de Manuel Blanco na diretiva, quem se notabilizou por organizar atividades de xadrez ou pola participação na rádio: «ele queria outro talante no tratamento com o Concelho, mas na primeira reunião negociadora a que assistiu já se convenceu de que era quase impossível, saiu decepcionado pola atitude negativa que encontrou». Anxo valoriza como muito importante a experiência e o conseguido nestes anos «por mais que passamos de vendê-la, nunca lhe demos importância. Em parte também nos cansávamos de ver como se salientava o mais negativo do bairro».

António López Mosquera é o atual secretário da A. VV., em substituição de Anxo Castro. É um antigo aluno da escola de adultos, que depois mesmo ajudou nos trabalhos da mesma a Rosa Álvarez, embora tivesse que deixar esse labor «por motivos familiares». Observa que há muito trabalho para fazer «mas existem já os pilares, há muita base, muito bem organizada» desde a que avançar, julga António.

Aureliano Villalonga, um dos fundadores de associação juvenil de Vite e da associação de tempo livre Ollo-mol, afirma que «em contra do que nós fazíamos, observamos que a mocidade agora nom se associa, conforma-

se com ser simples consumidora de atividades que outros organizam. Desde Ollomol creamos um grupo de ajudantes de monitores, mas nom prosperou. Eu agora ministro cursos de monitores, em que verifico como o 90% da gente assiste nom com a intençom de trabalhar, mas para conseguir créditos na carreira universitária, ou pontos para participar numha oposiçom; agora há muita comodidade, nom se fai nada polo prazer de passá-lo bem».

Xesús Igrexas, Luqui, admite que «a sida e o cárcere tivérom um papel definitivo para acabar com a droga. Hoje em Vite ficam sete pessoas enganchadas, mas som veteranas, levam anos com o problema. A nossa maior contribuiçom, e a da Coordenadora, foi na prevençom: a maioria dos que participárom nas nossas atividades e de quem hoje temos conhecimento, tenhem umha vida normalizada, sem droga. A prevençom pensamos que funcionou ao 100%, permitiu que as pessoas mais novas conhecessem outras realidades, e isso ajudou a que hoje entre os novos nom haja casos de drogodependência como os que nós testemunhamos. Nós desfrutávamos com o que fazíamos e isso transmitia-se e resultou positivo para que outros se convencessem de que o que nom dá o trabalho nom o dá ninguém; que nom há futuro se se escolhe a marginalizaçom e nom se luta por sair dela». Em finais de 2002 Luqui assegura que «está quedando muita gente maior só em Vite, cada vez mais; e estamos estudando o campo para umha possível intervençom, porque há pessoas com dificuldades para subir a bolsa da compra, polo que talvez se poda negociar com algum supermercado para que lha leve em certos momentos; fazer que essas pessoas nom passem tanto tempo sós e ver como se lhes pode fazer companhia. Também observamos que agora a gente nova nom colabora, nom se integra, gosta que lhe dem todo feito. A

algun perguntas-lhe de onde vem o leite e responde que do tetrabrik, e assim. Em lugares como Catalunha ou Euskadi existem políticas de integração da mocidade que conseguírom cousas, aqui nom há nada e temos que ver como intervir».

EM MODO DE CONCLUSOM

Vite nasceu como umha zona muito conflitiva de Compostela, ao acolher famílias de muito diversas procedências, sem vínculos prévios, com fortes problemas sociais e económicos, que passárom a ocupar vivendas construídas com deficiências e encravadas num lugar hostil, sem serviços mínimos para as atenções que precisavam, nem sequer para comprar o mais elementar ou poderem reunir-se.

O deterioro da convivência levou a que, desde a Associação de Vizinhos (A. VV) de Belém, se propiciassem atuações para melhorar a qualidade de vida, que se alicerçárom na uniom da vizinhança e no aproveitamento de oportunidades que surgíron na cidade, e que favorecerom a elaboração do Plano de Prevenção da Delinquência de Santiago (PPDS). Essas atuações reforçárom-se desde o segundo semestre de 1987, com dificuldades por falta de umha implicação decidida das instituições, umha situação que mudou em 1990 ao ser incluído o bairro de Vite dentro dos planos sociocomunitários promovidos polo Plano Autónomico de Drogodependências da Conselharia de Sanidade da Junta de Galiza. O trabalho realizado ao abrigo desse apoio evidenciou a efetividade da participação na organização comunitária como alternativa às toxicodependências.

O desenvolvimento das atuações transformadoras realizou-se desde a Coordenadora de Vite, em que se

integrou a própria A. VV., e outras entidades do bairro e mesmo do exterior mas que atuavam nele, com supervisão e assessoramento de técnicos que desenharam e/ou se implicaram no projeto do PPDS, e com colaboração de representantes de profissões relacionadas com o trabalho social, que procuravam um lugar na sociedade por serem novas ou por iniciarem-se em novos âmbitos de atuação.

O desencontro com o Concelho, instituição de que se requeriu continuado apoio por ser a mais próxima, dificultou muitos dos objetivos marcados e levou a situações de conflitividade. No fundo estava a diferente concepção metodológica sobre os serviços sociais, ao dar desde a Câmara Municipal maior protagonismo aos técnicos e à planificação institucional; enquanto em Vite reivindicavam mais o protagonismo da comunidade e do trabalho desde a base.

Isso levou a uma continuada ação de mobilização, que teve resposta desde as Administrações, com investimentos que dotaram o bairro dos serviços que precisava. Esta resposta positiva chegou mesmo apesar de inicialmente negar-se em ocasiões, sobretudo desde o Concelho, a pertinência das aspirações da vizinhança. Também houve continuidade durante anos de atividades exitosas para a melhoria da qualidade de vida, que se acrescentaram com novas propostas para consolidar, e melhorar, o objetivo de ganhar qualidade de vida para a vizinhança.

A transformação atingida em Vite é valorizada como um sucesso, e uma experiência para ter em conta em lugares da Galiza e do exterior que, apesar de terem realidades diferentes, partilham muitos problemas comuns.

O bairro espera com expectativa o desenvolvimento do convénio assinado em outubro de 2002 com o Concelho de Santiago, e que se soma aos pactos que têm vigentes desde antes com a Junta de Galiza e com a

Universidade de Santiago. A nova situação prevê-se que propicie novas oportunidades para dar respostas aos reptos surgidos nos finais do século XX e inícios do XXI, como o envelhecimento da população ou as novas manifestações do consumo de drogas; com um trabalho mais coordenado, que permita um melhor aproveitamento dos recursos do bairro e assumir as iniciativas necessárias para responder às necessidades das pessoas residentes que precisem ajuda, para consolidar umha melhor convivência e qualidade de vida.

Santiago de Compostela,
dezembro do 2002

IMAGENS

Estas imagens podem ser consultadas em





Colónia de verão para menores de Vite promovida pela Coordenadora, em 1992.



Colando cartazes para a campanha *Non invITE ás drogas*, em 1992.



Colando cartazes para a campanha *Non invITE ás drogas*, em 1992.



Mural para a campanha *Non invITE ás drogas*, em 1992.



ANTONIO HERNÁNDEZ

La plana mayor del deporte gallego apoya la lucha de Vite contra la droga

El deporte como medio para prevenir la drogadicción fue el mensaje que lanzaron ayer en Santiago dos de los más destacados miembros de la élite del deporte en Galicia: Francisco Javier González Pérez, Fran, y Daniel Martinazzo. Ante una representación vecunal del barrio de Vite, el futbolista del Deportivo y el jugador de hockey del Liceo participaron en una charla-coloquio que bajo el título de *Deporte e Saúde* abrió en el instituto Xelmírez II la campaña *Non in Vite ás Drogas*. En la charla intervinieron también el profesor de instituto Moisés Lozano y Antonio Álvarez, médico del Centro de Saúde de Vite.

Página 33



Fran y Martinazzo participaron en una charla sobre actividad física y salud

Vite apuesta por el deporte como alternativa a las drogas

La importancia del deporte como medida de prevención contra la drogadicción fue puesta de relevancia por partida doble por los deportistas Daniel Martinazzo, jugador de hockey del Liceo y por el deportivista Fran en una charla coloquio que se

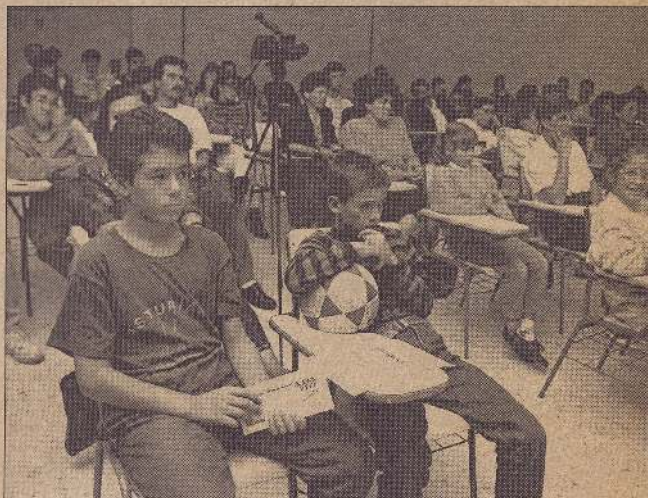
celebró en el instituto Xelmírez II. En el acto, programado dentro de la campaña «Non inVITE ás Drogas», que organiza la Coordinadora de Vite, intervinieron también el profesor Moisés Lozano y Antonio Álvarez, médico del Centro de Saúde de Vite.

SANTIAGO, N.M.
Redacción

Deporte e Saíde fue el tema que reunió ayer en el salón del instituto Xelmírez II a unos cincuenta vecinos de Vite. Al debate, moderado por Alfredo Santomil, presidente de la Coordinadora do Barrio de Vite, asistió la concejala del BNG Encarna Otero.

Aunque la charla comenzó sin la presencia de las dos estrellas anunciadas, Fran y Martinazzo, los dos jugadores llegaron finalmente alrededor de las diez de la noche. Ambos deportistas actuaron de portavoces de la Asociación de Deportistas Contra la Droga, y pusieron de manifiesto la importancia de toda la actividad deportiva para prevenir «conductas desviadas» que puedan conducir a la juventud a las drogas. «El Estado tiene la obligación de que impida que exista la marginación, y de llevar el deporte hasta todos los niños», afirmó el argentino Daniel Martinazzo.

La figura más esperada de la charla, el deportivista Francisco Javier González, Fran, se mostró visiblemente nervioso por su intervención en público, y, aunque fue breve, manifestó su convicción de que «os grandes problemas da droga empe-



Los vecinos de Vite recibieron con entusiasmo las opiniones de los deportistas

ANTONIO HERNÁNDEZ

zan nas cidades, onde non hai sitio para practicar deportes». «Criarse nun pobo é distinto, ningún te ofrecerá que te metas neses vicios», añadió.

Tanto Antonio Álvarez, médico del Centro de Saúde de Vite, como Moisés Lozano, profesor del Instituto Xelmírez II, pusieron de manifiesto la importancia de que los barrios puedan disponer de unas bue-

nas escuelas municipales «que fomenten as actividades deportivas, sexan ou non competitivas». «Sempre hai exercicios para tódalas idades, o caso é non quedarse parado», afirmó Antonio Álvarez.

La charla de ayer fue el primero de los actos de la campaña *Non inVITE ás Drogas*, que organiza la Coordinadora do Barrio de Vite, y que tiene

como objeto concienciar a la población del barrio compostelano de la importancia del problema de las drogas en la vida cotidiana de Vite.

La campaña, junto con la *Olimpiada do Barrio de Vite*, que se celebrará del 23 al 30 de este mes, centrará la actividad cultural y deportiva del vecindario durante el mes de septiembre.

Noticia no jornal *La Voz de Galicia*

da palestra de desportistas contra a droga no IES Gelmírez II.



Participaçom vicinal numha atividade da Coordenadora de Vite.



Participantes na Olimpíada do bairro de 1992, com os seus diplomas.



Las asistentes a estos cursos de formación tienen entre treinta y sesenta años

MERCE ARES

La «escuela de adultos» de Vite cuenta con veinticinco alumnas

Mamá va al colegio

SANTIAGO. TERESA ABUÍN

Redacción

Ya no sólo se preguntan «¿qué cocino mañana?». La eterna preocupación del ama de casa ha dejado un hueco a los quebrados y a los verbos en el pensamiento de las mu-

nuestrós hijos en los estudios».

Esta experiencia se inició en Vite el año pasado. Casi todas las mujeres que se han apuntado en esta ocasión son *reincidentes*, y por ello se ha dividido la clase en grupos con diferentes niveles de conocimientos. Hay cinco alumnas que

realizan en conjunto, como debatir los temas que se proponen. «Lo que más nos anima a venir —dicen— es el compañerismo».

Rosa Álvarez trabaja como psicóloga en el plan sociocomunitario de la coordinadora de barrio, y es la encargada de

Olimpiada deportiva y cultural para lograr un 'Vite saludable'

A partir del lunes habrá desde cine hasta un macrofestival

SANTIAGO, Redacción

La Coordinadora del barrio de Vite ha organizado una serie de actividades deportivas y culturales que se desarrollarán entre los días 6 y 26 del presente mes bajo el lema *Vite Saudable*.

El objetivo de la coordinadora, organizadora de este segundo certamen de la Olimpiada Vite 93, es el de lograr del barrio compostelano "que en un futuro sea saludable", según indicó en la presentación del certamen el presidente del colectivo, Alfredo Santomil.

Entre las actividades programadas se encuentra la VI Semana de Cine al Aire Libre, que se celebrará desde el día 6 hasta el

9 en las plazuelas de Belén a partir de las nueve y media de la noche.

Asimismo, el sábado, día 25, tendrá lugar un macrofestival que reunirá a quince grupos, en su mayoría noveles, en el Polideportivo a partir de las cuatro de la tarde con una duración aproximada de unas ocho horas.

Además de estas actividades, la coordinadora tiene prevista la celebración de varios campeonatos de fútbol, baloncesto, baloncesto, volea, llave, juegos de mesa, maratón popular, vuelta ciclista y exhibiciones de patinaje. Tae Kwon Do y baile gallego. También están previstas varias charlas a cargo de personajes famo-

sos del mundo del deporte.

En los actos programados dentro de esta II Olimpiada, pueden participar todos los vecinos/as que lo deseen, sin límite de edad. Así, las personas que quieran competir en las pruebas deportivas, tanto para las individuales como las colectivas, tendrán que inscribirse en el local social de la Coordinadora a partir del lunes hasta el día 10, en horario de 12 a 2 y de 8 a 10.

Por último, el acto de clausura de la II Olimpiada Vite 93 tendrá lugar el domingo, día 26, a partir de las 5 de la tarde, con la entrega de premios, medallas y diplomas a todos los participantes en el certamen.



EL CERTAMEN SERÁ CLAUSURADO EL DOMINGO, DÍA 26 N. Santás

Noticia
no jornal
El Correo Gallego do
lançamento
da Olimpíada
de Vite de
1993.



Atividade de xadrez, que organizava a Coordenadora de Vite.

**III Olimpíada
Deportivo-Cultural
"Vite'94"**

Vite, un barrio saludable



Cartaz da Olimpíada de Vite de 1994.



Alfredo Santomil, presidente da A. VV. de Vite,
com o ciclista Álvaro Pino, numa atividade da Olimpíada.

“Ahora la gente se siente orgullosa de vivir en Vite”

Xosé López es un lucense afincado en Compostela, ciudad a la que llegó como estudiante. Con una amplia experiencia como educador social, Xosé desarrolla su trabajo desde el año 88 en la Coordinadora del Barrio de Vite.

SANTIAGO. A.I.

La Coordinadora del barrio de Vite es un proyecto del año 87 hecho realidad en el 88, al mismo tiempo que el educador social Xosé López, entró a formar parte del colectivo “creado, —según comenta—, por la propia asociación de vecinos de este barrio compostelano, ya que fueron ellos quienes pagaron nuestros sueldos hasta el 90, cuando alguna administración se preocupó y comenzó a darnos una subvención que actualmente ronda los 7 millones, y que es precisamente lo que hace que nuestro trabajo sea ahora más estable”.

“Lo más gratificante de la experiencia, —dice—, ha sido ver la transformación del barrio, un lugar muy castigado en el que ahora, la gente, se siente orgullosa de vivir. Además, hoy en día el sentimiento de unión es más palpable en Vite”.

Con respecto a la labor desempeñada por la coordinadora, Xosé López comenta que “los tres grandes temas son la información y el asesoramiento, la educación, y la promoción de iniciativas

de formación laboral”.

Entre las actividades que se desarrollan en el barrio se encuentran, además de un servicio de información, un programa de radio, un periódico, obradoiros de tiempo libre, escuela de ajedrez, deportes, una escuela para adultos, y una discoteca light.

Xosé afirma que “las actividades puntuales sirven para que la gente se conozca, e incluso muchas de ellas se integran en la Coordinadora”.

Xosé López insiste en destacar como una de las labores más importantes de la coordinadora, el taller ocupacional, “creado para que los jóvenes del barrio aprendan una profesión, saquen algo de dinero y, sobre todo, se encuentren atados durante unas horas a un trabajo”.

Conseguir avanzar requiere, según Xosé, “mucho trabajo y mucha calma. Las campañas también han ayudado a solucionar algunos problemas acuciantes”.

Sobre las instituciones, Xosé afirma que “las ayudas son tristes, especialmente a nivel de ayuntamiento, cuya actitud es lamentable”.

XOSÉ LÓPEZ, EDUCADOR SOCIAL

“Ahora la gente se siente orgullosa de vivir en Vite”

Xosé López, un lucense afincado en Compostela, ciudad a la que llegó como estudiante. Con una amplia experiencia como educador social, Xosé desarrolla su trabajo desde el año 88 en la Coordinadora del Barrio de Vite.

La Coordinadora del barrio de Vite es un proyecto del año 87 hecho realidad en el 88, al mismo tiempo que el educador social Xosé López, entró a formar parte del colectivo “creado, —según comenta—, por la propia asociación de vecinos de este barrio compostelano, ya que fueron ellos quienes pagaron nuestros sueldos hasta el 90, cuando alguna administración se preocupó y comenzó a darnos una subvención que actualmente ronda los 7 millones, y que es precisamente lo que hace que nuestro trabajo sea ahora más estable”.



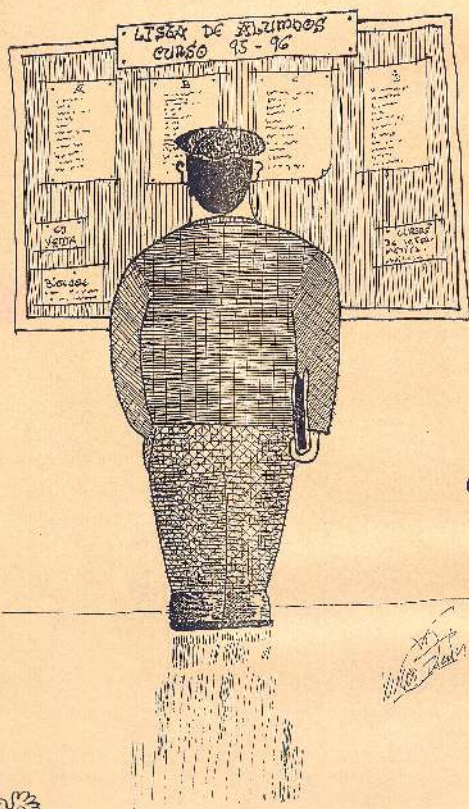
“En el barrio se puede respirar un aire nuevo”

Entrevista no jornal El Correo Gallego com Xosé López, Gori, técnico da Coordinadora de Vite.



Reuniom em Herbolom, em 1995: Pili Requejo, Xosé López (Gori), Manuel Anxo Castro, Míngos Taboada, José Manuel Rio (Che), Mabel Requejo e Rosa Álvarez.

ESCOLA DE ADULTOS DO BARRIO DE VITE CURSO 95/96



NIVEIS:
alfabetización
educación primaria
graduado escolar
para calquera que sexa
maior de 16 anos

INSCRICIONS:
ata o 9 de outubro
no Local Social da
Coordenadora de Barrio
ou no teléfono
57 39 42

COMENZO:
martes día 10
de outubro
ás 7 horas
no Local Social
da Coordinadora de Barrio





ESTÉVEZ DURANTE SU INTERVENCIÓN ANTE LOS ALUMNOS DEL XELMÍREZ II

Fernando Blanco

♦ EXPUSIERON SUS PROPUESTAS EN EL ENCUENTRO CON EL REGIDOR LOCAL

Doscientos alumnos del Xelmírez II piden que se diversifique el ocio

Estévez, que tenía previsto acudir al instituto Xelmírez II para hablar con los alumnos del programa de la capitalidad del 2000, tuvo que hacer frente a las reivindicaciones y pre-

guntas que los jóvenes le expusieron. En una animada charla, trataron desde el fomento del deporte de base hasta la construcción en la ciudad de un carril de circulación específico para bicicletas.

SANTIAGO. Redacción
Más de doscientos alumnos de COU del Instituto Xelmírez II asistieron con sumo interés a la conferencia que ofreció el alcalde sobre el programa de actividades previsto con motivo de la celebración del último Año Santo del milenio y de la Capitalidad Europea de la Cultura del 2000.

Xerardo Estévez, que comentó lo que iban a suponer para los compostelanos tanto a nivel de creación de infraestructuras como de oferta cultural, e incluso de la imagen que ofrecerá la ciudad a los millones de turistas que previsiblemente la visitarán, quiso in-

volucrar a todos los asistentes en la participación en dichos acontecimientos. No en vano, el regidor local ha señalado en múltiples ocasiones que serán precisamente ellos, los jóvenes de entre 16 y 18 años, para los que especialmente están pensadas determinadas actividades.

Acompañado por la concejala de Educación, Mar Bernal, el alcalde fue preguntado por numerosas cuestiones en las que estaban interesados los alumnos del Xelmírez II. En este sentido, cabe destacar que se mostraron muy preocupados por el deporte de base y fueron varios los que intervi-

nieron para solicitar a Estévez un mayor apoyo por parte del gobierno municipal. Además, reivindicaron el cuidado de las zonas verdes y el fomento de las rutas de senderismo, pidiendo al regidor local que se proceda a la construcción en la ciudad de un carril de circulación específico para las bicicletas, y que aumente la frecuencia del tránsito de los autobuses por el casco urbano.

En relación con las peticiones de los alumnos, hay que decir que el regidor local les fue explicando detalladamente la situación de viabilidad en la que se encuentran cada una de ellas.

Intervención de Xerardo Estévez,
presidente da Cámara Municipal de Santiago, no IES Gelmírez II.

12^a

SEMANA DE CINE

AO AIRE LIBRE



OS DÍAS

7-8-9-10

DE SETEMBRO - 98
NAS PRACIÑAS DE "BELEN"

A PARTIR DAS 21,30h.



VITE
CINEMA DE VITE

Vite-98

Cartaz da 12ª semana de Cinema ao Ar Livre de Vite.

Curriculum VITE

Segunda Xeira

Número 8

Marzo - Abril de 1998

Edita: Coordinadora do Barrio de Vite

A expresión dun Barrio con Futuro



Editorial

A participación cidadána é un dos pilares básicos da Democracia. Unha forma de participación que a todos e a todas nos pode ser honrosamente. A cidadanía non se manifesta nos procesos electorais, nos votos procedentes a elixir a unha determinada persoa para que nos represente e tocan diante as tarefas de goberno.

Unha non se se reduce ao aspecto político ou de representación institucional senón tamén en aqueles espazos e asociacións de base veciñais das que se reúnen numerosas cidadáns para compartir ou

reunirse sobre mellor calidade de vida.

A participación debe ser un feito permanente. Así o recolle a Constitución e máis as do 1981 que a desaconsellan. Así como non a nos, para de todas e todas, é preciso que se pulten máis nos que chegan ao poder non son protixidos a atender as opinións e críticas dos veciños e veciñas. Un exemplo desta situación é a mala no noso Concello onde se denomina "Participación Pasiva". É así pola súa natureza e é o un deses veciñais do noso Barrio onde máis

nos vemos unhas que un grupo de asociacións de veciños da nosa cidade, entre as que se atopaba a nova asociación do Concello que se aprofundar no "Regulamento de Participación Cidadá". Así de singular en canto des que poderían utilizar os veciños e veciñas do Concello para participar en todos aqueles asuntos que fan do seu interese. A pesar da sbrigatura, dade que nosa a lei, dos anos pasados, de que a maior parte dos concellos xa contan con un departamento ou Concello, segue a facer sur-

dos tardar a unha zona. Nasal-za, evidente que a participación veciñal para a grupo de pedidos do Concello non é un tema de interese senón, máis ben, inexistente.

Se a participación cidadána, sempre organizada, como, ámbra como democrática, crea confianza e poder esta condición, pois se non secer para ver utilizada a seu propio in-terese, "participación" que en cada momento a están gobernando.

Exercitamos a democracia. Existimos participación

SUMARIO

(Editorial)

Vite perde unha praza de médico

Prevenção da Saúde

Atención Psicolóxica

Escola do País nos

Plataforma polo Emprego

Os CIDR de Cuba en Vite

X Festa Ecolóxica

Historia do Fútbol Sala

Ferminho no barrio

Radio Kallmero

Parladoiro

Colaboracións

Creación



Miguel de Lira, premiado pola Coordinadora de Vite.

O CONCELLO E OS VECIÑOS DE VITE ÚNENSE PARA POTENCIAR O TECIDO SOCIAL DO BARRIO

A asociación de veciños "Polígono de Vite" xestiona desde hai tempo o "Plan comunitario do barrio de Vite", un programa que ten por obxectivo promover a vida social, cultural e educativa do barrio. Á vista do interese e da grande utilidade social que está tendo este traballo, o Concello de Santiago colaborará a partir de agora no Plan comunitario.



O Concello e a asociación de veciños traballarán conxuntamente para potenciar o traballo comunitario no barrio de Vite. As actuacións que ambas as partes porán en marcha están dirixidas á poboación en xeral, entre elas hai actividades de lecer, formativas, educativas, preventivas de hábitos de consumo nocivo, sociais e culturais.

Segundo recolle o convenio subscrito entre as partes, a asociación "Polígono de Vite" deberá presentar no derradeiro trimestre de cada ano unha proposta de actividades a desenvolver, cada unha delas debe ir acompañada do seu respectivo orzamento. A Comisión de Coordinación, na que están representados os veciños e o Concello, será quen

avalíe os proxectos e decida cáles se poñen en marcha. Con todo, teñen que cumprir unha serie de requisitos: as actividades deben dirixirse a toda a poboación –son sectores prioritarios a xuventude e a infancia–; os seus obxectivos terán que estar ben definidos, así como a dotación de recursos e a metodoloxía necesaria; e buscarase a coordinación con todos os recursos sociais existentes no seo da propia comunidade.

O Concello de Santiago facilita o emprego das instalacións municipais existentes no barrio de Vite para desenvolver todos os programas e actuacións que teñan lugar dentro do Plan comunitario.



com as enfermeiras e, segundo dados que nos facilitavam no hospital, programávamos umha visita ao lar onde havia umha nova criatura. Havia pediatras colaboradores, o que permitia promocionar a lactância materna ou facilitar no domicílio a prova de metabopatias. Aquilo era como ir vender Bíblia, ainda que nom havia comissão; tratava-se de procurar trabalho. Os profissionais de trabalho social nom eram conhecidos, sobretudo no campo sanitário; eu buscava trabalho, tentava fazer-me útil e necessária, e penso que o conseguimos".

Entre os médicos que estreárom o centro de saúde estava o actual director, Manuel Bacariza, quem lembra que "inicialmente nom se cubrírom todas as praças ofertadas polo Insalud, os médicos tinham medo ao novo modelo, por desconhecimento". Ressalta as consultas programadas, as actividades de promoçom da saúde, a consulta de enfermagem, o control de receitas médicas e a falta de apoio desde o Sergas ao Conselho de Saúde da zona "que tentava responder às demandas dos usuários".

Também nesse mês o Concelho aprovou umha dotaçom de relevo que colmava umha importante aspiraçom de Vite: construir um polideportivo cuberto, com um subsídio de 55 milhons de pesetas que outorgada a Deputaçom Provincial, e anunciava novas actuaçoms urbanísticas para o bairro.

Em 6 de Novembro, representantes municipais e colectivos vizinhais chegaram a um acordo para desenvolver o plano de prevençom da delinqüência. O Concelho, representado por cinco edis, afirma assumir o programa, mas nom a contrataçom de pessoal dedicado a tempo completo ao seu desenvolvimento como solicitavam os vizinhos, mas assume reforçar os serviços de que dispom, com a contrataçom de algum técnico mais. Na semana seguinte constitui-se a Comissom Mixta para o seguimento do PPD, com 5 concelheiros e técnicos de Benestar Social além do pedagogo, por parte do Concelho. Continuava igualmente a apresentaçom do documento em Compostela. Em 11 de Novembro, no IG. Ángel Varela sauda num artigo de opiniom o princípio de acordo Concelho-vizinhos sobre o PPDS. E em informaçom sobre assunto indica que a equipa interdisciplinar estaria composta por dous educadores especializados dedicados ao trabalho de prevençom, dous mais ao trabalho de reinserçom, dous assistentes sociais dedicados à gestom de recursos, e um psicólogo para assessoramento técnico, seguimento individual de casos e terapia familiar, além de um pedagogo para seguimento escolar. Seis dias mais tarde, na VDG informa-se que o Concelho dotou o

publicar e todos os estudos do Camus!

Comissão de
2º - Oros: Guina

3º Mental continue o desenvolvimento do PPMC (trabalho de interesse)

- Tema: (1º) Actividade paralela do Concelho de PPDXC

- Fórum do associativismo e voluntariado de criação do Departamento de Bienestar no Colégio

(2º) ~~Comissão de~~ - Filha reside

- Seguimento de incidência em problemas de adaptação social
- Redefinição do projecto
 - em base às características do bem e as suas condições sociais, logo de rematado de se de diagnóstico comunitário a finais de observ. Perdi

*10 para nova redacção

deve pressionar, e julga-se o instante de especial relevo, perante a mudança que se ia produzir na Administração autonómica, após a maioria absoluta conseguida por Manuel Fraga Iribarne e polo PP. A junta directiva presidida por Alfredo Santomil apresenta a demissom, que nom lhe é aceiteada, e decide-se umha aproximaçom com os novos gestores autonómicos e manter reunions cada 15 dias. Na assembleia critica-se que os quatro contratados para o PPDS nom vaiam polo bairro e desconheçam o problema da mocidade. Também se decide estudar a possibilidade de colocar em mans da Fiscalia a situaçom das vivendas, e solicitar um informe do Concelho para ver se reuniam as condiçoms exigidas de habitabilidade. A situaçom era patética: existiam edificios reforçados por rais do trem, 24 vivendam careciam de esgotos e a fosa séptica era esvaziada polos serviços municipais e os piores de todos eram os números 26 e 28 da rua Carlos Maside. Transparece o enfrentamento entre as associaçom Polígono de Vite e Rio do Corvo e manifesta-se que a Delegaçom da conselharia com competências em vivenda ficou em avaliar as deficiências, mas nom se apresentar.

A10

auspiciado
Helo Conde

Em 18 de Janeiro celebra-se no colégio de EGB umha reuniom para a creaçom do Departamento de Orientaçom, convocada por Xosé M. Arca Pichel. Com data de 24 de Janeiro, desde o Concelho responde-se ao escrito de Santomil de 27 de Dezembro, que provocara umha reuniom a primeiros do novo ano, em ambos os casos com o mesmo resultado: os representantes municipais defendem o processo seguido a assinalam que, ao se tratar de umha contrataçom temporal "a idoneidade para o posto de traballo han de demostrála na práctica, que é o modo mais seguro e imparcial de avaliación"

ARMAS

Nos finais desse mês a A. VV. Polígono de Vite reclama de Rio de Corvo e da 12 de Agosto da Almáciga (esta tinha incidência na zona de alguns dos blocos) umha actuaçom conjunta, ultrapassando personalismos; e entidades como o Colégio Oficial de Psicólogos criticam através dos meios a forma de selecçom de pessoal por parte do Concelho para o PPDS, solicitando que se mantenha e se potencia tal como fora desenhado.

As gestons perante os novos cargos autonómicos vam ter um surpreendente sucesso. Alfredo Santomil relata que "por um casual inteiramo-nos do telefone de José Cuiña Crespo e contactamos com ele. A verdade, nom tínhamos muita esperança numha boa receptividade. E, para grande pasmo, encontramos que o conselheiro nom só atendeu a nosa chamada, mas prometeu umha visita em breve para tentar soluçoms aos

← Mentar
Rose e bon
continuar
fulcillando
no bairro
seguinte
de bases

no índice etc. os fundos que na redifiniçom do projecto, e quando o
alguns nos características de Vite e nos resultados da análise

Explicar p/ que a escola de adultos

O amparo da Conselharia de Sanidade incutiu umha nova dinâmica e deu cobertura a numerosas iniciativas que continuárom as que já vigoravam incipientes. Algumas mantêm-se no novo século, como a escola de adultos, para a que nos inícios de 1991 desde a Coordenadora se procurava ajuda oficial. Esta actividade tentaram-na sem sucesso no curso escolar anterior, e solicitavam apoio da Conselharia de Educação, apresentando um projecto em que explicavam que se desenvolveriam nela cursos de alfabetização, educação de base e graduado escolar, além de ensino de Corte e Confecção, economia doméstica, fontanaria e electricidade domésticas, e Cozinha. Por falta de local, as charlas-colóquio que se organizavam com periodicidade celebravam-se no centro de saúde e no centro escolar.

Em Janeiro de 1991 a Coordenadora apresenta um plano de actuação à Junta de Galiza, em que assinala necessidades de 5,1 milhões de pesetas para contratação de pessoal, 9,5 milhões para actividades (Escola de Adultos, Aula Aberta, sobre meios de comunicação e educação meio-ambiental, e actividades pontuais para o resto do ano), 2,2 milhões para infraestruturas (aluguer e materiais diversos) e 800.000 pesetas mais para "Gastos xerais de imprenta"; em total algo mais de 17,7 milhões.

Em 30 de Janeiro, a Comisión Cultural da Coordenadora somava-se ao Dia Mundial pola Paz, com outras 33 organizações, que programaram umha manifestação contra a guerra, na Praça Vermelha, entre outras actividades. No dia seguinte, no colégio de EGB, promovêrom umha palestra sobre o fracasso escolar, com Moisés Lozano e Rosa Álvarez.

exp.

Em 1 de Fevereiro, mais umha vez no colégio de EGB, celebrou-se umha reunião de um grupo de mulheres de Vite que promovia umha associação com o objectivo de participar mais na vida do bairro e integrar-se na Coordenadora. De aí surgiu A Lagoa, nome que adoptou do lago do Auditório, segundo explica Felicia Estévez, docente no Gelmírez II e organizadora do acto. Prosperou e organizou numerosas actividades, ainda que acabou por sair da Coordenadora "para poder conseguir subsídios do Concelho", indica Felicia Estévez. Lembra ter assistido a "algumha reunião muito tensa com Xerardo Estévez, para pedir-lhe um local e deixar de pagar aluguer".

Caso não a Associação

Poucos dias depois, em entrevista com Manolo Fraga para LVG, Felicia Estévez, já como presidenta de A Lagoa explicava que "a cultura deste concello vai dirixida às elites, polo que nos barrios temos que facer a nosa propia cultura (...). A mala sonda de

novas de todo o director da Lagoa

Sugestões, emendas e destaques no rascunho inicial desta monografia, que se realizárom em finais do ano 2002 e inícios do 2003.

EXPLICIT

Este livro saiu do prelo
o 15 de fevereiro de 2023
em Compostela,
Galiza.

Foi
desenhado,
diagramado e impresso
na Cooperativa Gráfica Sacauntos.

Utilizamos 100% software livre
— GIMP, Inkscape, Scribus e LibreOffice —
no sistema operacional Ubuntu GNU/Linux,
e a família de tipografias abertas
Source Serif, *Source Sans* e
Source Code.

O papel
do miolo é reciclado de 90g/m²
e o da capa a mesma coisa em 300g/m².
Evitamos laminar as capas
deste livro para reduzir
o consumo de
plástico.

Forman parte da colección
Anaina:

1. *Huellas de la Memoria*. 2011.
Gianotti, C. e Dabezies J.M. (eds).

2. *Ons: unha illa habitada*.
2014. Ballesteros-Arias, P.
e Sánchez-Carretero, C.

3. *As outras caras do
patrimonio. Debates sobre
o patrimonio en Vilaserío*.
2014. Sánchez-Carretero, C.
e Ballesteros-Arias, P.

4. *Diversa. Arqueoloxía desde
o Incipit alén Europa*.
2017. Fábrega-Álvarez, P.
e Criado-Boado, F. (eds).

5. *As outras caras do
patrimonio. Reflexións
sobre o patrimonio en Oia*.
2018. Jiménez-Esquinas, G.

6. *Cinco Vidas, unha historia.
A metalurxia do Bronce Final
na colección arqueolóxica
da Universidade de Santiago
de Compostela*.
2020. Armada, X.L (ed.).

7. *Arqueorecrea:
crea, recrea e divértete*.
2021. Tejedor-Rodríguez, C.;
Cabrejas, E.
e González-Álvarez, D.

Vite de Compostela: a comunidade (auto-)construída estuda as transformações de Vite entre 1978 e 2002, nos primeiros 25 anos da ocupação do bairro. Da conflitividade e descontentamento inicial derivou num espaço residencial muito bem valorizado polos seus residentes e na cidade. Foi uma experiência considerada modelar na Galiza e em Espanha e que conseguiu mesmo projeção internacional. Na mudança influiu que se deixasse de pôr o foco na delinquência e marginalidade e se situa-se na integração e inclusão das pessoas residentes, com dotações e serviços para melhorar sua qualidade de vida. Para os progressos efetuados resultárom decisivas as mobilizações da população; e o plano sociocomunitário do bairro, em andamento desde 1990, que impulsou a associação de vizinhos Polígono de Vite. Esse plano favoreceu a organização de atividades culturais, educativas, de saúde, de ócio e tempo livre, desportivas, formação laboral, procura de emprego, cuidado do ambiente e outras, orientadas para toda a comunidade, com apoio das Administrações Autonómica, Estatal e Local.

Esta monografia realizou-se com a consulta de documentos muito diversos, dando especial relevo ao jornalismo de proximidade; e através do diálogo com numerosas pessoas, vizinhas do bairro e do exterior (profissionais e especialistas da Justiça, Ensino, Sanidade, Serviços Sociais, do movimento vizinhal de Compostela, funcionariado e da Política...) para ajudar a compreender o processo, culminado com êxito nesse período.

Este texto, escrito nos inícios dos anos 2000, sai agora à luz com *ViteArquiva*, projeto que recolhe, arquiva e comparte a memória social de um bairro, deste bairro de Vite.



CSIC



incipit



978-84-124477-9-8

com

VITE
ARQUIVA

COMPANHIA EDITORA — www.companhia.gal